

Jakeline Duque de Moraes Lisboa

**O DIVERTIMENTO NOS ESPAÇOS ASSOCIATIVOS DE IMIGRANTES ALEMÃES  
E TEUTO-BRASILEIROS EM JUIZ DE FORA - MG: do último quartel do séc. XIX ao  
fim da II Guerra Mundial**

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2017

Jakeline Duque de Moraes Lisboa

**O DIVERTIMENTO NOS ESPAÇOS ASSOCIATIVOS DE IMIGRANTES ALEMÃES  
E TEUTO-BRASILEIROS EM JUIZ DE FORA - MG: do último quartel do séc. XIX ao  
fim da II Guerra Mundial**

Tese apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Doutorado em Lazer -, da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Lazer, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2017



### ATA DA 25ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

#### JAKELINE DUQUE DE MORAES LISBOA

Às 14h00min do dia 31 de julho de 2017 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "O divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e luso-brasileiros em Juiz de Fora-MG: do último quartel do séc. XIX ao fim da II Guerra Mundial", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (Orientador)	X	
Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz (UFSC)	X	
Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias (UFMG)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Profa. Dra. Rosa Lydia Teixeira Corrêa (PUC-PR)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: \_\_\_\_\_

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente

ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 31 de julho de 2017.

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Rosa Lydia Teixeira Corrêa \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à minha querida filha, Alice Guilhermina, que deu novo sentido à minha vida e que me faz, a cada dia, uma pessoa melhor

## AGRADECIMENTOS

Confesso que escrever esta parte da tese me traz uma emoção muito grande. Tantos foram aqueles que estiveram estes longos quatro anos ao meu lado, me incentivando e torcendo para que eu chegasse até este momento. Estarei sendo injusta ao deixar de agradecer algumas pessoas, mas tenho certeza que não faltarão oportunidades; as linhas são poucas, infelizmente, mas valho-me deste espaço para identificar orgulhosamente algumas delas.

Nestes anos percebi que a família realmente é um esteio, nossa fortaleza. Não estaria aqui senão tivesse o apoio dos meus familiares. Uma homenagem especial ao meu marido, que acompanha minha vida “estudantil” desde o ensino médio, me apoiando, incentivando, e sabendo, desde o início, que o doutorado era um dos meus maiores objetivos, se tornando o nosso sonho comum. Construímos nestes dezessete anos juntos uma linda história, uma relação de amor que culminou com o nascimento de nossa querida filha, Alice Guilhermina, meu maior motivo para enfrentar a vida! Minha companheira na construção desta tese.

O que dizer da minha mãe! Ô mãe, muito obrigada pelos ensinamentos de toda uma vida, pelo apoio incondicional a todos os meus sonhos e projetos. Aos familiares que sempre me apoiaram: meu pai, Sebastião, avó Aparecida, irmãos Bianca e Pedro, Júlio e demais tios, sobrinhos, primos, cunhados, ao meu sogro, Salvador, e a minha sogra, Lucia, ficam minha gratidão e carinho.

Aos amigos de toda a minha vida, peço desculpas pela ausência e distanciamento dos últimos tempos. Agradeço, em especial, às minhas amigas Elaine, Simone, Flavia, e ao casal Adilson e Ana, pelos momentos em que apenas se dispuseram a me ouvir e a todos do Grupo do Dança Over Jazz e do Grupo de Danças Folclóricas Germânicas Schmetterling.

Muitas foram as pessoas que me ajudaram na construção desta tese, doando ou emprestando parte de sua história, registrada nas diversas fotografias e documentos. A uma delas, quero agradecer com muito carinho: Da. Climene Evangelista de Almeida, que desde minha pesquisa na iniciação científica se mostrou disposta a ajudar e contribuir.

Aos colegas da Escola Municipal Prefeito Dilermando Cruz Filho, deixo meu carinho e agradecimento pela compreensão nesta fase. Em especial, os professores

Paulo Quiossa e Alexandre Mograbi, coordenadores, aos ex-diretores da escola, Marcus Vitoi e Ivan, e aos atuais, Rogério, Débora e Maria Luiza.

Ao meu orientador, Marcus Taborda, que há quatro anos me aceitou como orientanda, confiando no meu potencial, me incentivando a buscar sempre o meu melhor. Obrigada pelos ensinamentos e aprendizados.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, pelos ricos momentos em sala de aula, nos eventos científicos e nos momentos de descontração. Saibam que contribuíram muito para meu amadurecimento profissional e pessoal.

Aos professores que aceitaram fazer parte da minha banca examinadora: Profa. Dra. Rosa Lydia Teixeira; Prof. Dr. Alexandre Fernandes Vaz; Prof. Dr. Cleber Gonçalves Dias e Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva. Meu sincero agradecimento ao Prof. Dr. Elcio Cornelsen, que contribuiu com a avaliação do meu projeto, mas, que infelizmente, não pôde estar presente como professor titular. Aos professores suplentes Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior e Profa. Dra. Maria Cristina Rosa, por aceitarem participar deste processo.

Aos colegas de turma e do NUPES (Núcleo de Pesquisas sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades), pelos momentos de aprendizado, discussão, reflexão, além, é claro, da descontração. Agradeço aos amigos que conheci durante as várias caronas a Belo Horizonte, em especial ao Fábio Fortes. Também fica meu carinho e agradecimento à Marina, ou melhor, Profa. Dra. Marina Nakayama, por me apresentar e me incentivar a participar do processo seletivo do curso de doutorado, e pelo companheirismo na estrada - e foram muitos quilômetros! -, de longos bate-papos ao telefone, compartilhando dúvidas, incertezas, alegrias. Enfim, meu muito obrigado.

À minha querida Ana Gabriela Lara, que me presenteou com seu conhecimento, realizando a revisão inicial deste trabalho, e à Marise Reis, uma revisora-anjo que se dispôs a me ajudar com a revisão final do texto em um curto período de tempo.

Aos funcionários do Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora, do Arquivo Municipal e do setor de memória da Biblioteca Municipal de Juiz de Fora, pelo acolhimento e pela atenção.

*"Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,  
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram  
conquistadas do que parecia impossível."*

*(Charles Chaplin)*

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo compreender, no tecido urbano de Juiz de Fora/MG, o divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros. A escolha de Juiz de Fora se deu em função do fluxo migratório deste grupo étnico para a cidade, pela sua participação econômica e, principalmente, por sua contribuição na construção de uma sociabilidade urbana através da oportunidade de divertimentos oferecidos nos espaços associativos localizados em diferentes pontos da cidade nas décadas finais do século XIX e a metade do século XX. Até o momento, verificamos a existência de poucos trabalhos que se propuseram analisar estes espaços, mas em nenhum deles identificamos a temática proposta neste trabalho. Para tanto, foram analisadas as formas de diversão oferecidas nas cervejarias dos imigrantes, assim como o processo de fundação de clubes, motivado pelas práticas ali usufruídas, utilizando-se como fonte de pesquisa jornais, fotografias e documentos diversos. Observa-se que os espaços associativos dos imigrantes foram essenciais na manutenção de sua cultura e que os divertimentos oportunizados possibilitaram à sociedade local o conhecimento e o convívio com diferentes práticas, promovendo a sociabilidade urbana, impulsionando o dinamismo cultural da cidade.

**Palavras-chave:** Divertimento. Associativismo. Imigrantes. Juiz de Fora.



## ABSTRACT

This thesis aims to understand, within the urban fabric of Juiz de Fora, a city in the state of Minas Gerais, the entertainment at associative spaces of the German and German-Brazilian immigrants. Juiz de Fora was chosen due to the migratory flow of this ethnic group to the city, to its economic participation and, mainly, its contribution to the construction of an urban sociability through the opportunity of entertainments offered at the associative spaces located at different places in the city between the final decades of the nineteenth century and the first half of the twentieth century. Until now, we have seen few studies intended to analyze these spaces, although in none of them we could identify the topic proposed in this work. Therefore, we analyzed the forms of entertainment offered by breweries of immigrants as well as the process of starting clubs, motivated by the practices enjoyed in these spaces, using newspapers, photographs and various documents as research sources. We have observed that the associative spaces of immigrants were essential in maintaining their culture and that the entertainments provided allowed the local society the knowledge and socialization of different practices by encouraging the urban sociability and, as a result, boosting the cultural dynamism of the city.

**Keywords:** Entertainments. Associativism. Immigrants. Juiz de Fora.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Jornal de 1913, escrito em alemão .....	31
FIGURA 2 - Banda de Música da Colônia D. Pedro II -1865.....	33
FIGURA 3 - Visita do Presidente de Estado ao Bosque.....	38
FIGURA 4 - Fábrica de Cerveja de José Weiss.....	50
FIGURA 5 - Cervejaria Weiss e sua roda gigante.....	53
FIGURA 6 - Parque na Cervejaria José Weiss- década de 1910.....	55
FIGURA 7 - Proprietários da Cervejaria Poço Rico, década de 1900.....	56
FIGURA 8 - Fábrica de Cerveja e Águas Minerais Poço Rico - anos 1900 ....	57
FIGURA 9 - C. Stiebler - década de 1900 .....	61
FIGURA 10 - Parque Stiebler- década de 1910 .....	65
FIGURA 11- Participantes de piquenique na Cervejaria Stiebler.....	66
FIGURA 12 - Pista de corrida de cavalos do Prado Juiz de Fora.....	76
FIGURA 13 - Vencedores do torneio anual de tiro aos pombos – 1912 .....	87
FIGURA 14 - Campeonato Brasileiro no stand do Club de Tiro aos Pombos ....	92
FIGURA 15 - Atiradores no Campeonato Brasileiro no RJ .....	92
FIGURA 16 - Club de Tiro Juiz de Fora -1923 .....	94
FIGURA 17 - Anúncio da venda de bicicletas .....	96
FIGURA 18 - Divulgação de atividade no Velódromo .....	97
FIGURA 19 - Anúncio de aparelhos de ginástica .....	102
FIGURA 20 - Primeira diretoria do Turnerschaft e alunos -1910 .....	107
FIGURA 21- Entrada do Clube Ginástico - Juiz de Fora, anos 1920 .....	112
FIGURA 22 - Sala de ginástica da Escola D. Maria do Carmo .....	113
FIGURA 23 - Largo do Riachuelo - década de 1910 .....	116
FIGURA 24 - Quatro efes alemães .....	120
FIGURA 25 - Diretoria e sócios do Turnerschaft –1914.....	121
FIGURA 26 - Alunos durante exercícios com bastões - década de 1910 .....	122
FIGURA 27 - Primeira turma de alunas do Turnerschaft com uniforme-1913.....	124
FIGURA 28 - Ginastas do Turnerschaft -1914.....	126
FIGURA 29 - Livro comemorativo -1916.....	129
FIGURA 30 - C. Evangelista nas barras paralelas assimétricas - anos 1920 ....	132
FIGURA 31 - Jogo de basquete no Colégio Americano-Mineiro - anos de 1910...	137

FIGURA 32 - Equipe de basquete e prof. C. Evangelista (em pé, à direita) -1929..	144
FIGURA 33 - Alunos da turma de basquetebol infantil - década de 1930 .....	140
FIGURA 34 - Evangelista no salto com vara e lançamento de dardo, anos 1910...	145
FIGURA 35 - Mapa da Corrida do Balão - 1936 .....	146
FIGURA 36 - Desfile cívico de alunos do Turnerschaft Club Gymnastico -1915...	153
FIGURA 37 - Festa junina - década de 1940 .....	157
FIGURA 38 - Bolonistas e familiares – década de 1930.....	162
FIGURA 39 - Convite aos associados do Kegel-Club, década de 1920.....	166
FIGURA 40 - Bolonistas e familiares em 1927.....	166
FIGURA 41 - Novas canchas de bolão – 1939.....	174
FIGURA 42 - Envelope-Convite do Kegel-Club -1940.....	176
FIGURA 43 - Bolonistas e familiares em Petrópolis (RJ), década de 1930 .....	177
FIGURA 44 - Grupo de jovens do Deutsch-Brasilianische Jugend – 1936 .....	181

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

OASE - Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas

IAAF - Federação Internacional de Atletismo Amador

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 - AS CERVEJARIAS EM JUIZ DE FORA: espaços de sociabilidade</b>	24
1.1 Cervejaria José Weiss .....	41
1.2 Cervejaria Poço Rico.....	55
<b>CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS NAS CERVEJARIAS: expandindo o divertimento</b> .....	68
2.1 Turfe .....	71
2.2 Tiro ao Alvo .....	79
2.3 Ciclismo.....	94
<b>CAPÍTULO 3 - TURNERSCHAFT-CLUB GYMNASTICO JUIZ DE FORA</b> .....	100
3.1 Processo de Criação no Parque da Cervejaria Dois Leões.....	103
3.2A Ginástica como Prática Inicial Principal .....	118
3.3 A Inserção de Novas Atividades.....	135
3.3.1 <i>Basquetebol</i> .....	135
3.3.2 <i>Atletismo</i> .....	142
3.3.3 <i>Outras práticas</i> .....	147
3.4 Aspectos Culturais: identidade, símbolos e rituais .....	149
3.5 O Clube e as Organizações Festivas .....	155
<b>CAPÍTULO 4 - JOGO DA BOLA OU BOLÃO ALEMÃO?</b> .....	159
4.1 O Surgimento do Kegel-Club.....	163
4.2 Perfil Social dos Associados .....	168
4.3 Características Estatutárias.....	169
4.4 Infraestrutura .....	172
4.5 Intercâmbios com Sociedades Congêneres .....	174
4.6 Questões Cívicas: nacionalização e repercussões à II Guerra Mundial.....	179
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	184
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	188

## INTRODUÇÃO

Juiz de Fora, cidade mineira localizada na Zona da Mata, recebeu nos anos de 1856 e 1858 imigrantes alemães vindos de diversas regiões da Europa, entre elas, Prússia, Hessen, Tirol, Holstein, Baden, Baviera, Hanover, Pomerânia, Wurttemberg, Saxônia e Nassau. O primeiro grupo de alemães chegou à região em 1856, com o objetivo de trabalhar na construção da estrada União e Indústria, contratado pela companhia de mesmo nome, dirigida pelo engenheiro Mariano Procópio Ferreira Lage<sup>1</sup>, idealizador e responsável pela obra. Já o segundo, estabelecido em 1858<sup>2</sup>, teve como propósito a formação da Colônia D. Pedro II, que visava o abastecimento agrícola do mercado interno. (STEHLLING, 1979; CASTRO, 1987).

Segundo Castro (1987), a Estrada União e Indústria foi a primeira construída no Brasil com características modernas, e significou o início de uma era de desenvolvimento marcante para a região. Castro (1987) escreveu, à época, sobre o pequeno povoado local: “Juiz de Fora tornar-se-á a cidade mais importante da Província” (CASTRO, 1987, p. 60). Corroborando com as ideias relacionadas ao processo de desenvolvimento da cidade e sua relação com a estrada, destaca-se também o trabalho de Wilson Cid (1987) que aponta sua percepção sobre a importância da estrada para o dinamismo citadino:

A União e Indústria – que não era apenas a maior do País, mas uma das melhores do mundo, permitindo escoamento, a conquista de mercados e a atração de riquezas, levando-nos a desempenhar o papel de movimentadíssimo empório, destinado a atender não apenas a província e ao Estado, mas também a outras regiões cujos interesses econômicos aqui aportam. (CID, 1987, p.73).

---

<sup>1</sup>Mariano Procópio Ferreira Lage nasceu em Barbacena, Minas Gerais, no dia 23 de junho de 1821. Desde criança, manifestou interesse por ciências e novas tecnologias. Com o apoio do pai, Mariano José Ferreira Armond, foi à Europa para complementar os estudos. Depois, nos EUA, conheceu o processo de pavimentação do leito de estradas e a cobrança de pedágios, interessando-se também por ferrovias. De volta ao Brasil, idealiza e constrói a Estrada de Rodagem União e Indústria, ligando Rio a Minas. A nova estrada impulsionou a economia das duas regiões e, conseqüentemente, do próprio Império. Recebeu de D. Pedro II o título de barão, que transferiu à sua mãe, Dona Maria José Ferreira Lage. Mariano Procópio faleceu no dia 14 de fevereiro de 1872, aos 51 anos de idade. (LISBOA, 2010, p.28).

<sup>2</sup>A vinda desses imigrantes para Juiz de Fora não ocorreu da mesma forma que a primeira leva que desembarcou em 1856. Muitas foram as dificuldades encontradas pelo grupo desde a saída da Alemanha até a chegada à cidade. Existem registros de falsas promessas e propagandas dos agentes de recrutamento, do racionamento de água potável e de péssimas condições de higiene durante a viagem, o que ocasionou a grande incidência de tifo. (LISBOA, 2010, p.40).

A formação da Colônia D. Pedro II (compreendida pela Colônia de Cima, atual bairro São Pedro; Colônia do Meio, atual bairro Borboleta; e Colônia de Baixo, atual bairro Fábrica) era parte da política imperial civilizatória do século XIX de criar um núcleo colonial composto por imigrantes contratados, em 1857, a pedido da Companhia União e Indústria pela Casa Mathias Christian Schroder, de Hamburgo, Alemanha. (CASTRO, 1987). Segundo Arantes “A Colônia D. Pedro II aparece como uma exceção no quadro nacional, sendo a única instalada em região de concentração escravista [...], recebeu subsídios do Estado Imperial, que mais tarde, iria socorrê-la quando de sua falência”. (ARANTES, 2000, p. 93).

De acordo com a historiografia local a travessia destes europeus foi realizada em cinco embarcações. Eram elas: Tell, Rhein, Gundela, Gessner, Osnabrück. Porém, de acordo com um livro de registro de imigrantes encontrado na Igreja Luterana, outros colonos chegaram nas barcas Elise, Caesar, Erbpsinz Friedrich August e Brigadeiro Antílope. (BASTOS, 1961; STEHLING, 1979; GIROLETTI, 1988).

Não existe um consenso sobre o número de imigrantes que chegaram para constituir a Colônia D. Pedro II, conforme dados apontados por Lisboa (2010):

Luiz José Stehling (1979), um dos grandes estudiosos da imigração alemã na cidade, defende a hipótese de que chegaram na cidade 1.162 colonos. De acordo com um levantamento realizado no Porto de Hamburgo por Manfred Lewalter, em 2007, no ano de 1858 saíram da Alemanha com destino ao Brasil 3.378 imigrantes, sendo 1.188 colonos (número obtido com o somatório dos colonos das cinco barcas) que aportaram no Rio de Janeiro com destino a Juiz de Fora. Há ainda o registro de um “recenseamento” do ano de 1887 que se encontra nos arquivos da Igreja de Confissão Luterana de Juiz de Fora, que contém os nomes de 1.190 colonos alemães. (LISBOA, 2010, p.46).

Em uma dimensão mais ampla, percebe-se que as condições encontradas pelos imigrantes na chegada ao Brasil não foram aquelas apresentadas pelos agentes de emigração na Alemanha, tendo o grupo enfrentado dificuldades desde sua saída da Europa. Por exemplo, o transporte não era adequado para o número de pessoas a bordo nos navios, e os contratos de trabalho não condiziam com os apresentados pelos agentes. (STEHLING, 1979; ARANTES, 2000; DIEGUES JUNIOR, 1964). Instalados em terras americanas, tiveram que, primeiramente, se organizar tanto economicamente quanto politicamente, para prover sua subsistência e, após alguns

anos, já melhor estabelecidos, criaram diversos espaços associativos e oportunizaram diferentes divertimentos.

Não é pelo fato destes imigrantes terem saído de seus locais de origem antes do processo de unificação da Alemanha que eles deixariam de se considerar alemães ou não seriam reconhecidos como tal. Vieram sim de diferentes regiões, trazendo consigo toda uma história de vida e cultura, e se tornariam, com o tempo, alemães naturalizados e cidadãos brasileiros. Torna-se pertinente destacar, nas próximas linhas, alguns estudos sobre a presença dos imigrantes alemães no Brasil, com a tentativa de melhor elucidar os motivos pelos quais este grupo étnico foi escolhido como objeto de estudo.

De acordo com Basto (1970) e Quitzau (2011), a imigração alemã no Brasil ocorreu a partir do ano de 1818, quando se instalou o primeiro núcleo agrícola, a Colônia Leopoldina, no sul do estado da Bahia. Quatro anos depois, no mesmo estado, fundou-se a *Colônia Frankental*, no Vale do Peruíbe, que recebeu este nome devido a seus povoadores serem naturais da região de Francônia. Um ano depois da formação da Colônia Leopoldina, em 1919, estabeleceu-se o município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, também formado por alemães e suíços.

Em diversos estudos, Oberacker Junior (1975), Müller (1984), Seyfert (1997), Rambo (1998) e Santana (2010), entre outros, o ano de 1824 é encontrado como marco de criação da primeira colônia de imigrantes alemães, datada de 25 de julho, em São Leopoldo, estado do Rio Grande do Sul. Para Santana (2010), este grupo era dotado de uma organização social bastante fechada, possuindo um modelo patriarcal e mentalidade tradicionalista. Outros dois períodos são identificados, quando desembarcaram dois grupos de imigrantes diferenciados entre si.

O segundo grupo chega ao país em meados do século XIX, com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849. Seus integrantes eram militantes liberais e representantes da intelectualidade de alguns estados alemães e da Áustria, que haviam partido em busca de novas perspectivas no Novo Mundo [...]. A terceira leva de imigrantes é composta de artesãos e operários forçados a sair da Europa em razão das crises do começo do século. Mesmo que vindos de estados diferentes, estes imigrantes tinham em comum a identidade germânica. (SANTANA, 2010, p. 1).

Já na década de 80 do século XIX, intelectuais brasileiros influenciados pelo racismo científico oriundo nos Estados Unidos e na Europa, identificaram na



imigração a possibilidade de uma mudança da raça<sup>3</sup> brasileira. Pois, pelos preceitos da época, a raça branca era a mais desenvolvida, sendo que se argumentava que a falta de desenvolvimento no Brasil se devia ao grande número de escravos que aqui compunham a população. (SCHWARCZ, 1993).

Esta teoria racial acaba se transformando em um novo argumento de sucesso para o estabelecimento de diferenças sociais. De um lado, este modelo parecia justificar cientificamente as organizações e hierarquias tradicionais, e, de outro, tais teorias acabavam por inviabilizar um projeto nacional que mal começava a se montar. (SCHWARCZ, 1993).

Corroborando com esta ideia, encontra-se Gasparetto Junior (2013), para quem,

[...] o trabalhador estrangeiro, em geral, era considerado superior ao nacional. Nessa escala de importância, ainda era preciso ressaltar a especialidade do imigrante branco europeu, cuja política imigratória brasileira se dedicou com mais afinco a partir de 1875. O trabalhador de cor negra, por exemplo, chegou a ter sua entrada proibida no Brasil, assim como ocorreu com os chineses. (GASPARETTO JUNIOR, 2013, p.31).

De acordo com Seyferth (2002), a imigração passou a ser considerada e divulgada como um amplo processo civilizatório, e como forma mais racional de ocupação de terras devolutas. Para esta autora, a escolha dos alemães para a efetivação do projeto colonizador não tem relação com premissas raciais, pois, na Europa, já estava acontecendo um fluxo imigratório para a América.

Para Santana (2010), esta relação de superioridade dos imigrantes europeus, surge em decorrência do próprio processo social, já que ao chegar ao Brasil, este grupo encontra um sistema escravocrata e latifundiário; e quando se insere em uma das regiões culturalmente mais simples do país – já no primeiro período imigratório de 1824 –, o imigrante revela um sentimento de superioridade e desprezo pelo nativo caboclo que aqui habitava, “a quem considera indolente, supersticioso e atrasado”. (SANTANA, 2010, p.239). Assim, definiu-se ao longo do processo de colonização esta relação.

A escolha por este grupo étnico estava relacionada também ao imaginário sobre o imigrante ideal, neste caso o alemão agricultor, trabalhador e honesto, mas

---

<sup>3</sup>O termo raça, antes de aparecer como conceito fechado e natural, é entendido como objeto de conhecimento, cujo significado é constantemente renegociado e experimentado num contexto histórico específico. (SCHWARCZ, 1993).

que, paralelamente, tornou o grupo resistente ao processo nacionalizador da década de 1930. Porém, nem todos os imigrantes iam para o campo, pois houve uma elite urbana que se estabeleceu nas grandes cidades do Brasil e que se interessava por uma cultura homogênea alemã e pela preservação da língua de origem. Este segmento acaba criando instituições de cunho associativo, educacional, religioso, esportivo e de lazer.

Em Juiz de Fora, a permanência de grupos de imigrantes na cidade, em regiões centrais, não correu de forma diferente, e alguns deles foram protagonistas de diversos empreendimentos industriais, como malharias, curtumes, mecânicas, tipografias, entre outros. Apropriaram-se também da prática associativa como forma de manutenção de seus laços sociais e culturais com a Alemanha.

Assim, em 1872, fundaram as associações mutualistas, como a *DeutscherKranken-Unterstützungs-Verein* (Sociedade Alemã de Beneficência) e a Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã, em 1894; no âmbito religioso trouxeram a religião luterana, através da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, e criaram outras sociedades religiosas, como a *Frauenvereine*, em 1909 – hoje com o nome de Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE); na música, formaram bandas, que, conforme Esteves e Lage (1915), já existiam, desde 1861, quando da inauguração da Estrada União e Indústria; criaram escolas étnicas, como a Escola alemã<sup>4</sup>, em 1861; promoveram um dinamismo social e cultural através das diversas festas e reuniões realizadas em vários espaços associativos, como parques das cervejarias e, principalmente, nos clubes, que são apresentados e discutidos no decorrer deste trabalho.

Percebe-se que esses tipos de associações surgiram em diversos estados<sup>5</sup> e “não se desenvolviam apenas em grandes centros urbanos (São Paulo, Santos e Rio de Janeiro)”<sup>6</sup>. (FURNALETTO, 2007, p. 67). Em Minas Gerais, estas instituições

---

<sup>4</sup> A Escola Alemã foi um ambiente de instrução dos filhos dos imigrantes, tanto sobre assuntos referentes à cultura alemã quanto à nacional, visto que nos currículos ambas estavam contempladas. Suas atividades foram encerradas na Segunda Guerra Mundial.

<sup>5</sup> O sul do país, berço da imigração alemã no Brasil, possuiu diversas associações étnicas. De acordo com Adhemar Lourenço da Silva Junior (2005), o Rio Grande do Sul, entre os anos de 1854-1940, possuiu cerca de 127 mutuais étnicas, sendo a maioria pertencente aos italianos (66 mutuais), seguidos dos alemães (15 mutuais).

<sup>6</sup> Em pesquisa realizada no Arquivo Nacional, Ronaldo Pereira de Jesus (2007) encontrou oito tipos de associações beneficentes (mutuais) no Rio de Janeiro entre 1860-1889: irmandades; religiosas; literárias e de instrução; científicas; dramáticas, recreativas e desportivas; providenciárias e Montepios; seguradoras e cooperativas. Em relação às beneficentes, foram encontradas cinco instituições.

surgiram dentro do processo de expansão do capitalismo, acompanhando a crescente produção cafeeira da época, e constituíam redes organizativas e estratégicas, tendo, no caso das mutuais de imigrantes, principalmente a função de sobrevivência e de afirmação social do sentimento identitário na sociedade de adoção.

Segundo Diegues Junior (1964), o associativismo, prática comum na Europa e transplantada pelos imigrantes para o Brasil, assumiu a função de reforçar a identidade do grupo, no caso, o germânico. Assim, uma associação alemã era o resultado do desejo de pessoas que tinham interesses comuns, criando espaços associativos, como é o caso das cervejarias e dos clubes, onde podiam se divertir, além de se dedicar a outras atividades e interesses. Para reforçar este argumento, adota-se o conceito de cultura associativa da forma como foi apresentado por Roche (1969), como uma característica da comunidade alemã.

Já Rambo (1998 *apud* BATALHA, 2004, p. 99) entende esta cultura associativa como um “conjunto de valores compartilhados [...]”.<sup>7</sup> Neste sentido, o associativismo fomenta uma ligação entre os imigrantes e suas raízes, com a ocorrência marcante de práticas que remetiam à terra deixada para trás.

Verifica-se a existência de poucas pesquisas que abordam o lazer sob o olhar historiográfico, com exceção daquelas de Almeida (2006), Soares (2010), Lisboa (2010), Mororó (2012) e Nakayama (2016). Sobre os espaços associativos de imigrantes, identificou-se poucos trabalhos, sendo a pesquisa de Antonio Gasparetto Junior (2014) a única que se propôs a analisar os espaços associativos de imigrantes (alemães, italianos e portugueses) em Juiz de Fora, com enfoque para aqueles de características mutualistas, não abordando, portanto, a temática proposta nesta tese.

Assim, buscamos através das fontes pesquisadas analisar no tecido urbano desta cidade o divertimento oferecido e usufruído nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros nas décadas finais do século XIX e a metade do século XX. E nesta esteira compreender o associativismo alemão e os motivos que levaram a fundação de clubes através das práticas desenvolvidas em locais como as cervejarias, que aliavam produção, consumo e divertimento.

---

<sup>7</sup> Cf. Rambo (1998 *apud* BATALHA, 2004). Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Orgs.). **Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

Esta tese se justifica por analisar o divertimento como um elemento importante na constituição de uma sociabilidade urbana pelos alemães e seus descendentes, e que resultariam, posteriormente, no surgimento de iniciativas institucionalizadas, com a criação dos clubes, como foi o caso do *Turnerschaft Club Gymnastico*, fundado em 1909, e do *Kegel Club*, fundado em 1919, e que permitiam, assim, a vivência dos costumes e práticas de origem alemã.

O recorte temporal sobre este tema tem como marco inicial o último quartel do século XIX, momento em que as nove cervejarias pertencentes a imigrantes alemães funcionaram na cidade, finalizando-se no século XX, mais precisamente no ano de 1945, quando termina a Segunda Guerra Mundial, e que fecha, num primeiro momento, todo um processo de “germanofobia” que se voltava contra grupos de alemães e teuto-brasileiros no Brasil.

No que se refere ao uso dos termos lazer, divertimento ou diversão, autores na atualidade discutem e defendem o uso de um termo ou outro. Optou-se pela expressão divertimento/diversão em grande parte do trabalho, por ser este o vocábulo utilizado na maior parte do período recortado pela presente análise, encontrado principalmente nos jornais e documentos primários.

Percebe-se, além disso, que o termo “*sport*” passou a ser utilizado para substituir práticas que então eram reconhecidas como divertimento, numa tentativa de aproximação com o modelo desenvolvido na Europa, mas que, devido as características periféricas do Brasil, acabou por chegar aqui antes do esporte propriamente dito, percebido muitas vezes como um divertimento “útil”, uma forma de identificação com o “mundo civilizado europeu”. (MELO, 2015, p. 52).

Melo (2011), em alguns de seus trabalhos, tem adotado o termo “diversão”, sem abandonar as discussões sobre o lazer, pois, para ele, “esse é um possível arranjo da diversão, não o único, talvez nem mesmo na modernidade”. (MELO, 2011, p. 74). Complementa o autor que a diversão é um fenômeno histórico como qualquer outro, e os estudos sobre este tema permitem recortes temporais anteriores à modernidade, período este associado ao surgimento do lazer moderno e não necessariamente da diversão.

A palavra lazer neste trabalho é citada para se referir ao mesmo fenômeno, pois conforme afirma Dias (2009, p.29), “a simples existência de um signo linguístico não necessariamente atesta a existência de um fato social”. Inversamente, a sua

ausência também não impede sua ocorrência. A articulação entre as palavras e as coisas é um fenômeno bem mais complexo. E ainda acrescenta o autor que, “de outra forma, a ausência da palavra de um determinado contexto não significa que o seu conteúdo também o esteja, ou que a sua aplicação analítica àquela circunstância não seja nunca possível”. (DIAS, 2009, p. 29).

Esta pesquisa optou por analisar o divertimento oferecido nos espaços associativos, os quais definimos como indiretos, pois, se tratando das cervejarias, estas possibilitaram a construção de uma forma de sociabilidade que aliava a produção, o consumo e o divertimento, assim como as diversas práticas desenvolvidas em outros espaços, como nos clubes fundados pelos imigrantes alemães e teuto-brasileiros.

Associado à pesquisa bibliográfica sobre a história dos imigrantes alemães e teuto-brasileiros no Brasil e aos desdobramentos desta relação, parte-se para a reunião de todas as fontes disponíveis no intuito de atingir os objetivos propostos neste estudo como documentos, fotografias, estatutos, jornais, almanaques. Muitos já haviam sido organizados em pesquisa de mestrado realizada por Lisboa (2010), que, ao realizar entrevistas com ex-sócios do *Turnerschaft*, recebeu como presente alguns documentos e registros fotográficos.

Elegeu-se, para tanto, algumas fontes de pesquisa para uma exploração mais aprofundada do tema. Entre elas, alguns jornais, mas, principalmente, *O Pharol*<sup>8</sup>, o *Diário Mercantil* e o *Jornal do Commercio*; os almanaques de Juiz de Fora, revistas e documentos, como atas, estatutos e inventários, além de registros fotográficos.

Em relação aos jornais, Musse (2008) destaca que,

Em Juiz de Fora, o aparecimento da imprensa está intimamente ligado à consolidação do núcleo urbano, na segunda metade do século XIX. Nesse período, mais de trinta publicações pontificaram na cidade, a maioria de vida efêmera. Na virada do século, em que o município ganha investimentos na construção de fábricas e na urbanização, cresce a influência e o número de publicações em circulação. (MUSSE, 2008, p. 4).

---

<sup>8</sup> A busca de informações no jornal *O Pharol* foi feita através de palavras-chave, procurando-se pornoticias publicadas no período de 1876 a 1933, arquivos estes disponíveis no site da Biblioteca Nacional Digital Brasileira. As palavras utilizadas inicialmente foram ‘cervejaria’ e ‘cerveja’. Feito isto, a procura se deu pelos nomes das próprias cervejarias, pelos proprietários das mesmas e pelos divertimentos em questão.

Já o objeto fotográfico é um recurso metodológico de recorte de determinado espaço/tempo, sobre algo ocorrido na realidade concreta. Por meio de sua materialidade e expressão, o artefato fotográfico reconstitui uma fonte histórica, como meio de comunicação e registro das atividades humanas, memória visual do individual e do coletivo. (KOSSOY, 2001).

Utilizar estas fontes possibilitou desvendar a diversidade de práticas que a população de Juiz de Fora vivenciou nos espaços associativos urbanos e suburbanos, com o intuito de conhecer os diferentes divertimentos outrora existentes, assim como o processo de institucionalização que resultou das práticas desenvolvidas nestes locais.

As fontes, portanto, são imprescindíveis para a pesquisa historiográfica, pois é nelas que se encontra o acontecimento, mas é sabido que não se expressam por si mesmas. Precisam ser “provocadas”, “desveladas”, pois somente assim elas poderão permitir a produção de informações essenciais na compreensão do objeto historiográfico. Cabe ao pesquisador isolar, agrupar, reagrupar, relacionar e formar conjuntos, a partir de uma massa de elementos, e buscar novos problemas, nova abordagens, novos objetos.

E nesta esteira, se encontra o trabalho do historiador/pesquisador na produção da fonte, sendo ele o operador intelectual e o responsável pelo estatuto de fonte dado determinado “vestígio”, pois conforme aponta Bloch (2001), todos são valiosos, sendo a fonte uma “construção do historiador”. (LE GOFF, 1984, p. 6).

Sobre as cervejarias, foi catalogada uma média de duzentas notícias contendo informações sobre as atividades desenvolvidas nestes ambientes, onde além da produção da cerveja, havia os parques de recreio, constituídos de espaços abertos ou fechados, onde a sociedade usufruía de diferentes práticas de diversão como turfe, ciclismo, patinação, tiro ao alvo, teatro, grupos musicais, festas, ginástica, boliche, entre outros.

Dentre os documentos foram analisados os livros de atas - num total de três fontes -, do *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fora*, e mais um livro arquivo. Este último trouxe importantes informações sobre a fundação do clube, sobre as atividades neles desenvolvidas, contendo diversos recortes de jornais que divulgavam os acontecimentos. Nos outros livros de atas trabalhou-se na leitura e análise de cento e duas reuniões de diretoria e assembleias. Além disso, foram utilizadas diversas

fotografias que indicaram as práticas realizadas ainda no parque da *Cervejaria Stiebler*, onde eram realizados, além de torneios, campeonatos com outras instituições da cidade, da região e outros estados.

Sobre o *Kegel Club*, analisou-se as atas referentes ao período de 1939 até 1945. Nestas atas, foi possível identificar nomes de sócios, as principais discussões realizadas nas assembleias, fossem elas ordinárias ou extraordinárias, as atividades desenvolvidas dentro do clube, os intercâmbios com clubes congêneres de outros estados, as prestações anuais de contas, estatutos, regimento internos, entre outros dados. Infelizmente, quando a pesquisa se iniciou, não foi encontrado o primeiro livro de atas sobre o clube, no entanto, foram identificadas importantes informações no *Diário Mercantil*, além da utilização de registros fotográficos.

Além disso, diversos arquivos particulares foram cedidos ao estudo, principalmente o de Salcio Del Duca, historiador e presidente da Associação Alemã de Juiz de Fora, e de Climene Evangelista de Almeida, filha de Caetano Evangelista, professor e esportista que contribuiu para o desenvolvimento de diversas atividades na cidade.

Todas estas informações completaram a construção desta tese, que está organizada em quatro capítulos. No primeiro deles, intitulado “As cervejarias em Juiz de Fora: espaços de sociabilidade”, é abordado um pouco da história de nove cervejarias pertencentes aos imigrantes alemães e teuto-brasileiros, com destaque para três delas: José Weiss, Poço Rico e Dois Leões, pela sua importância na oferta de divertimentos, que resultou na formação de uma dinâmica social e cultural que acabou por gerar uma nova sociabilidade urbana.

No segundo capítulo, denominado “Práticas de diversão nas cervejarias”, destacam-se os diferentes divertimentos oferecidos nos parques das cervejarias, com enfoque para o turfe, o tiro ao alvo e o ciclismo.

O terceiro capítulo, “*Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora* e suas práticas de diversão”, versa sobre a prática da ginástica na cidade. Descreve também o processo de criação do clube e as atividades oferecidas, como ginástica, basquetebol, atletismo, festas entre outras, além de suas características estatutárias e seus aspectos culturais, como a identidade, símbolos e rituais.

Por último, se encontra o capítulo “Jogo da Bola ou Bolão Alemão?”, que analisa a presença do “jogo da bola” ou “bolão alemão” no ambiente citadino, além

dos motivos que levaram a fundação do Kegel Club Juiz de Fóra; perfil dos associados; as características estatutárias; espaços de prática e reflexos da Segunda Guerra Mundial.



## **CAPÍTULO 1 - AS CERVEJARIAS EM JUIZ DE FORA: espaços de sociabilidade**

As cervejarias de origem alemã instaladas por imigrantes e seus descendentes no Brasil - e em Juiz de Fora não foi diferente -, além da diversidade na produção etílica e, nesta esteira, das mudanças ocorridas ao longo do tempo no processo de fabricação da cerveja, contribuíram para a construção de um ambiente cidadão dinâmico. Através da oferta de divertimentos, as cervejarias favoreceram o surgimento de espaços comuns de convivência, que vieram de encontro das expectativas da população de diversas cidades brasileiras na transição do século XIX para as décadas iniciais do século XX.

Esses espaços tornaram a cidade mais viva culturalmente, pois passaram a representar para as pessoas novas formas de desfrutar das emoções, ativa ou passivamente, através das diversas práticas de diversão que puderam ser ali reunidas, contribuindo para formação de uma dinâmica social. Estes tipos de cervejaria, dotados de espaços associativos<sup>9</sup> indiretos possibilitaram a construção de uma forma de sociabilidade, aliando a produção, o consumo e o divertimento em um mesmo local.

Destarte, da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX elas se transformaram em um espaço para além da simples produção de produto não-durável (no caso das bebidas), oportunizaram também opções de divertimento para a sociedade da época, modificando, assim, o panorama do lazer cidadão.

Neste período de reformas de costumes, o Brasil conhece a expansão do processo de urbanização, o desenvolvimento da industrialização, a abertura do país às vanguardas estéticas do mundo dito civilizado, além de se desenvolver uma retórica do trabalho como benfazejo para o país e sua população, com a conseqüente organização dos trabalhadores. (OLIVEIRA, 2011, p. 44).

---

<sup>9</sup>Esse espírito associativo não surgiu quando o grupo étnico germânico instalou-se no Brasil, pois já existia na Europa, como lembra Diegues Júnior (1964). Sendo transplantado para o Brasil, assumiu uma nova função de reforço da identidade. Para reforçar esta ideia, identifica-se a cultura associativa da forma como apresenta Roche (1969), como uma característica da comunidade alemã. Essa cultura, conforme a concepção de Batalha (2005), comporta um duplo significado: o primeiro se refere ao hábito de associar-se à tendência de conferir certa institucionalidade a formas de sociabilidade diversas; o segundo se refere à cultura das associações com práticas e rituais que mostram como os membros das associações percebiam o mundo e a si mesmos.

Estes ambientes possibilitaram, contudo, a criação de um novo repertório cultural em locais às vezes deslocados da região central, descentralizando assim os espaços de lazer, tornando-os uma oportunidade de passeio para muitos, ofertando “divertimentos adequados”.

Historicamente, um dos primeiros registros de produção de cerveja no Brasil data dos anos trinta do século XIX, no Rio de Janeiro, de acordo com o *Jornal do Commercio*, de 27 de outubro de 1836. (SANTOS, 2003). Mas esta fonte infelizmente não consta informações mais detalhadas sobre o estabelecimento – se ele apenas vendia ou se também fabricava o produto.

Vende-se na rua Matacavallos n. 90 e rua Direita n.86, a CERVEJA BRAZILEIRA acolhida favoravelmente e muito procurada. Esta saudável bebida reúne barateza a hum sabor agradável e a propriedade de conservar-se muito tempo, qualidades estas que serão mais apreciadas à medida que o uso da dita cerveja se tornar mais geral. Comprão-se as garrafas vasiaas a 60 rs. Cada huma. (DIAS, 2011, p. 35, grifos do autor).

Na obra “*Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*”, Tiago de Melo Gomes (2004) mostra um pouco do que foi esse processo de produção do divertimento no Rio de Janeiro, no início do século XX, com riqueza de detalhes. Dentre esses espaços era possível encontrar diferentes tipos de diversão, e o autor afirma que as cervejarias estavam entre eles, observando que: “Na região da avenida Rio Branco poderiam ser encontrados entre 1919 e 1922 [...] cinco cervejarias que exibiam filmes [...]”. (GOMES, 2004, p.51).

Vê-se que a cerveja se incorporou aos hábitos cotidianos brasileiros desde início do século XX, apresentando-se como uma bebida industrial, leve, propícia ao convívio social ameno, sem os impulsos violentos provocados pela aguardente e ainda dotada de propriedades nutritivas. Se havia, de um lado, indústrias a proferir discursos para legitimar seus produtos, havia, de outro lado, uma sociedade receptiva à mensagem, aspirando a ingressar no universo das nações civilizadas e industriais. (MARQUES, 2014, p. 244).

Na Colônia de São Leopoldo, no sul do país, de acordo com Willems (1980), em 1827, novos elementos tecnológicos foram introduzidos na manufatura teuto-brasileira, tornando-se parte integrante da cultura do grupo, e com eles surgiram novas ocupações, como a de cervejeiros. Assim, surge a primeira fábrica de cerveja, fundada em 1868, por George Henrich Ritter, que havia aprendido a profissão de cervejeiro ainda na Europa. (REISER, 2009).

[...] a cerveja, que é importada da Inglaterra e de Hamburgo, é horrivelmente cara por causa do transporte e dos impostos constantemente crescentes. De fato, a fabricação de cerveja de todos os tipos e qualidades difundiu-se de tal maneira que hoje dificilmente se encontra uma localidade teuto-brasileira onde não haja pelo menos uma pequena cervejaria. (WILLENS, 1980, p.165).

As cervejas vindas da Alemanha tornaram-se preferência nacional dentre as cervejas importadas até o final do século XIX, pois estas vinham engarrafadas e em caixas, em detrimento da cerveja de origem inglesa, até então transportadas em barris. (SOUZA, 2004). Com o aumento dos impostos sobre as bebidas estrangeiras com o passar do tempo, o produto acabou sendo preterido pelo paladar do brasileiro, que, neste momento, dá preferência as cervejas nacionais em detrimento das estrangeiras.

Assim, as cervejarias foram ganhando novos adeptos entre segmentos de diversas faixas de renda da população, se consagrando nas duas últimas décadas do século XIX, período difusor do mercado produtor de cerveja no Brasil, principalmente com o surgimento de grandes cervejarias da Brahma, no Rio de Janeiro, e da Antártica, em São Paulo.<sup>10</sup>

Em Juiz de Fora, *locus* da presente pesquisa, as cervejarias também foram responsáveis por uma mudança nos hábitos de desfrutar o tempo por parte da população, principalmente nos finais de semana, fazendo parte dos novos costumes inseridos no repertório cultural<sup>11</sup> da comunidade. Este contexto tem como consequência uma nova dinâmica urbana em finais do século XIX e, mais intensamente, nas primeiras décadas do século XX, período da *belle époque*.

Localizadas em diferentes pontos, no centro ou na zona suburbana, as cervejarias vieram a ser beneficiadas pelas melhorias introduzidas nos meios de transporte como um todo. Fosse com os bondes de tração animal ou com os movidos a eletricidade, com automóveis particulares ou transporte público, a evolução dos transportes urbanos favoreceu também os inúmeros frequentadores das cervejarias e

---

<sup>10</sup>No livro 'A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro', de autoria de Teresa Cristina de Novaes Marques (2014), encontra-se uma riqueza de informações sobre o percurso da indústria da cerveja no Brasil. Sua pesquisa contribui para compreender como os cariocas incorporaram a cerveja aos seus rituais de lazer e de que forma as principais cervejarias daquela cidade, como a Brahma, e, em parte de São Paulo, como a Antártica, favoreceram para este cenário.

<sup>11</sup>De acordo com este estudo, o repertório cultural é o conjunto de experiências vivenciadas pelas pessoas nas cervejarias e que contribuíram para a formação de novos hábitos e costumes entre seus frequentadores. Podem ser destacadas dentre as experiências oportunizadas nas cervejarias diversos divertimentos como a música, a dança, o esporte, o teatro, além da sociabilidade de modo geral, que consubstanciavam as novas relações interpessoais.

apreciadores da cerveja vindos de todos os lugares da cidade, ávidos por novas experiências sociais e por espaços de divertimento.

A produção de cerveja juiz-forana iniciou-se pelas mãos de imigrantes alemães<sup>12</sup> e de teuto-brasileiros que se instalaram na cidade nos anos de 1856 e 1858 para ajudar na construção da Rodovia União e Indústria<sup>13</sup> e para a formação da Colônia D. Pedro II como já foi apresentado. Outros imigrantes e teutos chegaram posteriormente, como é o caso de *Carl Stiebler*, dono da Cervejaria Dois Leões, que nasceu em Hamburgo-Alemanha, em 14 de março 1868 (FAZOLATTO, 2001) e que já na década de 1890 atuava na cidade como cervejeiro na fábrica Poço Rico. (STEHLING, 1979).

Com base em autores que estudaram o desenvolvimento germânico na cidade (STEHLING, 1979; ARANTES, 2000; CASTRO, 1987; LESSA, 1985; OLIVEIRA, 1966), percebeu-se, inicialmente, que a diversificação das atividades culturais (esporte, ginástica, festas, cinema, música, entre outras) promovidas pelos alemães foi possível graças a sua capacidade empreendedora em diversos setores. Alguns anos depois de sua chegada a Juiz de Fora, podem ser arroladas várias indústrias pertencentes ao grupo, entre elas: a Mecânica Kascher; o Curtume Krambeck; a fábrica de carruagens a vapor Henrique Faulhaber & C.; Fábrica de Máquinas e Fundação George Grande e Fábrica de Pregos São Nicolau (STEHLING, 1979).<sup>14</sup>

Não é possível, devido à escassez de fontes, determinar qual a origem do capital com o qual alemães e seus descendentes geriram seus empreendimentos. Segundo Girolletti (1988) uma das hipóteses que explica este desenvolvimento está ligada ao fato de que,

---

<sup>12</sup>Um dos principais grupos de imigrantes a se instalarem na América foi o dos alemães. Seu principal destino no século XIX foi a América do Norte, principalmente os Estados Unidos e a América do Sul, onde tinha preferência o Brasil. Enquanto teriam emigrado para a América de Norte, até a Segunda Guerra Mundial, cerca de 5 milhões de alemães, o Brasil teria recebido apenas algo em torno de 250.000, ou seja, 5% daquele número. (GERTZ, 2008).

<sup>13</sup>A escolha de Juiz de Fora para a construção da estrada está diretamente relacionada à localização intermediária da cidade, entre a província de Minas Gerais e a capital do Império, Rio de Janeiro. Como a mão de obra escrava, característica da região, não era suficiente para suprir os trabalhos para a construção da estrada, foi preciso contratar na Alemanha, no ano de 1856, cerca de 150 trabalhadores de diversas especialidades, como engenheiros, pedreiros, fundidores, ferreiros, oleiros, pintores, segeiros, seleiros, mecânicos e carpinteiros para complementar esta demanda.

<sup>14</sup> Cf. matéria extraída do **Jornal do Commercio**, 1979.

[...] os imigrantes-artífices, cujas cláusulas do contrato eram mais favoráveis do que aquelas dos colonos, além de receberem um salário mais elevado, estavam livres das despesas de passagem e alimentação durante a vigência contratual e da aquisição dos prazos de terra. Foram, sem dúvida entre os imigrantes, os que tiveram maiores condições de conseguir maior poupança. (GIROLLETTI, 1988, p. 74).

Girolletti (1988) e Arantes (2000) observaram, em suas obras, que grande parte dos empreendimentos alemães que surgiram na cidade pertenciam àqueles de religião protestante, e que este grupo teve importante participação no processo de industrialização e modernização que ocorreu em Juiz de Fora entre os anos finais do século XIX e primeiro quartel do século XX. Neste sentido, conforme Girolletti, quase 50% das indústrias existente entre 1889 e 1930 foram fundadas por imigrantes ou seus descendentes. (LISBOA, 2010).

Este grupo de imigrantes foi protagonista de diversos empreendimentos ao longo de sua permanência na cidade como já citado, favorecendo o dinamismo cultural, introduzindo diversos tipos de divertimentos no espaço de lazer das cervejarias alemãs, entre as quais se destacam a José Weiss, Poço Rico e Dois Leões. Além destas fábricas outras completavam este cenário de produção/divertimento/sociabilidade: Henrique & Sebastião; Augusto Kremer & C.; Borboleta; Estrella; Winter e Schubert, todas elas fundadas nas últimas décadas do século XIX, com exceção da primeira, que foi fundada em 1861. (STEHLLING, 1979).

Diferentes práticas foram incrementadas nestes espaços associativos indiretos ligados as cervejarias, assim como divulgadas em diversos jornais locais,<sup>15</sup> demonstrando o surgimento de um novo mercado de divertimentos, considerado importante para aquele momento de expansão cultural pelo qual a cidade passava, passando a constituir, desta maneira, símbolos de *status* e distinção social.

Juiz de Fora, com a expansão cafeeira e com os investimentos decorrentes deste desenvolvimento, viu surgir um novo “Eldorado”. E o imigrante alemão, que já estava instalado desde meados da década de 1870, exercendo diversas atividades, fosse como empreendedor ou como mão de obra mais qualificada, obteve um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas atividades. Nesta esteira, conforme

---

<sup>15</sup>O Jornal O Pharol foi um dos principais jornais de Juiz de Fora. Fundado em 1871 ficou em atividade até 1939, quando foi fechado. Na cidade em fins do século XIX esteve em circulação além deste os jornais: Diário de Minas, Gazeta da Tarde, Correio de Minas, Jornal do Comércio. Já no século XX destacamos: O Inominável, O Sarilho, O Dia, A Batalha, O Lince, O Parafuso, Gazeta Comercial, O Lampadário, A Tarde, A Tribuna, O Medium, Folha Mineira, Folha da Manhã.

assinala Christo (1994), até a década de 1920 a cidade “é apontada como o centro cultural do estado, seja pelo seu número de jornais e teatros, seja pela expressão de suas escolas e instituições culturais” (CHRISTO, 1994, p.1).<sup>16</sup>

A título de exemplificação deste cenário cultural, em várias edições do jornal *O Pharol* depara-se com as seguintes atividades realizadas no espaço das cervejarias, e que eram divulgadas à população: circo (22/06/1876); baile (21/03/1878); teatro (27/02/1876); ginástica (25/07/1878); tiro ao alvo (31/07/1888); quermesse (31/10/1885); orquestra (04/10/1877) e lutas (25/05/1882).

Os imigrantes alemães proprietários de cervejarias construíram e organizaram em seus estabelecimentos espaços que ficaram conhecidos com nomes de parques, jardins, bosques, salões, entre outros, e que dispunham de amplo leque de atividades destinadas ao público, onde este pagava, dependendo da ocasião, apenas o que seria consumido, ou os convites colocados à venda para participação em algum evento específico da própria cervejaria ou de entidades da cidade. Eram locais que aliavam produção-consumo-diversão como observou Marques (2014), ao analisar as cervejarias no Rio de Janeiro.

Usualmente, uma fábrica de cerveja de alta fermentação, dispunha de um salão de vendas onde se bebia, jogava e comia. Alguma atração musical podia animar os frequentadores que, quase sempre eram operários e artesãos. Pessoas assim compunham a massa trabalhadora da cidade, imigrantes e brasileiros. [...] A rusticidade do ambiente, tornava esses espaços atraentes aos homens de modo simples que jamais ousariam entrar numa confeitaria da Rua do Ouvidor, ainda que o chope servido ali pudesse custar quase o mesmo tanto do que pagavam pelo copo de cerveja. (MARQUES, 2014, p.130).

Em notícia encontrada no jornal *O Pharol*, de 25 de novembro de 1882 - e para ratificar a nomenclatura que designava o espaço de lazer das cervejarias da época -, foram encontrados os termos “recreio” e “parque” utilizados, por exemplo, pela Cervejaria José Weiss, que durante muitas décadas ofereceu à população diversas opções de divertimentos, tornando-se referência para passeios familiares, principalmente, os dominicais.

Interessante que, além da população natural juiz-forana, vinda de diversas regiões, nota-se a presença de outros grupos étnicos que se identificavam, por

---

<sup>16</sup>Por estes vários motivos e outros que não foram mencionados, a cidade acabou sendo apelidada por parte de personalidades locais como “Manchester Mineira, Princesa de Minas e Atenas Mineira”.

exemplo, com a Cervejaria José Weiss, assim como com outras. Entre eles podem ser citados os italianos e portugueses, e também as instituições ligadas a estes grupos, como é o caso do Club União Luzo-Brasileira, de origem portuguesa, e da Sociedade Umberto I, de origem italiana.

A escola italiana Regina Margarida, comemorando o aniversário natalício de s. m. a rainha Margarida realizou ontem um passeio de bond, para o qual recebemos gentilíssimo convite, que agradecemos. Depois dos exames prestados pelos alumnos da escola, dirigiram-se estes [...] à fabrica de cerveja do sr. José Weiss, em quatro bonds especiais. (O PHAROL, 1897, p.1).

Dentre as cervejarias já citadas, foram elencadas neste estudo apenas três, devido à importância de divertimentos oferecidos à sociedade, mas também pela permissão de acessar diferentes fontes que possibilitaram as análises mais detalhadas. São elas: Cervejaria José Weiss, Cervejaria Poço Rico e Cervejaria Dois Leões. As outras cervejarias: Henrique & Sebastião; Augusto Kremer & C.; Borboleta; Estrella; Winter e Schubert também se enquadraram como espaços de sociabilidade, realizando diversos eventos, mas a dificuldade de acesso a estas fontes dificultou a realização de uma análise empírica aprofundada.

Com base nas fontes consultadas, percebe-se o quanto era festivo o “povo alemão mineiro”. Até o momento de sua afirmação social, poucas foram as festas divulgadas, cenário este que se modificou principalmente nas duas últimas décadas do século XIX, com a organização de eventos pelas cervejarias, não só sob a sua responsabilidade, mas também de diferentes instituições, muitas delas ligadas ao imigrante germânico, como escolas, igrejas, clubes entre outras.

Festas organizadas por esse grupo étnico não ocorriam apenas nas cervejarias, podendo ser, portanto, encontradas também dentro da própria colônia com festejos relacionados a diversos objetivos como no caso da divulgação a seguir de uma festa em comemoração aos 25 anos do Império de Guilherme II, escrita em alemão e demonstrando que a Colônia D. Pedro II, mesmo após mais de 50 anos de sua instalação ainda mantinha laços com a terra natal através da sua língua.

FIGURA 1 - Jornal de 1913, escrito em alemão



Fonte: Arquivo particular de Salcio Del Duca.

O primeiro registro festivo identificado nas fontes consultadas – e realizado em alguma cervejaria da cidade-, foi um baile organizado pelo *Club União Luso-Brazileira*, na cervejaria José Weiss, datado de 31 de outubro de 1882, tendo se disponibilizado na ocasião até bondes especiais para conduzir os interessados. (O PHAROL, 1882). Entretanto, observa-se que isso não quer dizer que outras festas não tenham sido organizadas anteriormente, haja vista que a primeira cervejaria foi fundada em 1861.

As festas veiculavam a afirmação e criação de um *ethos* burguês, em razão da presença de uma classe abastada, ao mesmo tempo em que permitiam à população, de uma forma geral, participar desses acontecimentos. Nesse sentido, as festas mais populares eram momentos ideais de reafirmação desta distinção social, mas também a oportunidade de ingressar nestes ambientes, onde a escolha do lazer passava a ser um espelho da posição social.

Os alemães e teuto-brasileiros contribuíram de forma peculiar na organização de diversas festas, fossem elas restritas a um grupo específico ou as mais populares. Segundo Giacomini (2006), trata-se de um momento de sociabilidade por excelência, de encontro do grupo, momento de fruição dos outros e de si mesmo. Reconhecida como manifestação popular correntemente considerada “lúdica”, de acordo com Gomes (2003), as festas, juntamente com jogos, brincadeiras, danças e dramatizações “são construídas socialmente e refletem os valores, regras, tradições



e costumes de um determinado grupo. Por essa razão, são considerados tipos de manifestação cultural sempre presente em nossa sociedade”. (GOMES, 2003, p. 60).

Na sequência, são pontuadas informações consideradas relevantes sobre algumas cervejarias, mas que em função das restrições encontradas para acessar as fontes, o que já foi mencionado antes, não permitiu uma análise mais rigorosa de informações que dessem conta do objetivo da pesquisa. Assim, optou-se por identificar apenas informações a respeito da criação das cervejarias e das suas práticas de diversão.

Sobre a Cervejaria Henrique & Sebastião,<sup>17</sup> localizada no atual bairro São Pedro, afirma-se que foi “a primeira indústria que os imigrantes instalaram por conta própria [...]”. (STEHLING, 1979). O local fazia parte da Colônia D. Pedro II, que posteriormente, com a formação dos outros núcleos habitacionais germânicos, ficou conhecida também como Colônia de Cima. (LESSA, 1985, p. 75).

Segundo Stehling (1979) foi fundada em 1861, pelos imigrantes Henrique Peters e Sebastião Kunz esta indústria produzia as cervejas conhecidas como barbante, de alta fermentação,<sup>18</sup> sendo um ponto de referência para os moradores da região que também aproveitavam o espaço, participando dos eventos ali realizados ou simplesmente em reuniões de amigos.

A produção da cerveja não era a única atividade desenvolvida pela firma Henrique & Sebastião. Reconhecida em inventário como “Casa de Negócios de Henrique & Sebastião”,<sup>19</sup> o estabelecimento vendia diversas bebidas nacionais e estrangeiras. Pelas características ainda rurais da então colônia, acredita-se ser esta localizada próximo à fábrica de cerveja, uma espécie de ‘venda’, que foi também “um

---

<sup>17</sup>É recorrente na produção historiográfica a respeito desta cervejaria delegar apenas a Sebastião Kunz, toda esta produção etílica, não mencionando seu sócio Henrique Peters. Percebe-se que nestes trabalhos a referência principal é a obra de Luiz José Stehling (1979), a *Companhia União e Indústria e os alemães*, ou seja, as pesquisas apenas reproduzem a informação sem uma análise mais criteriosa ou empírica.

<sup>18</sup> “Por não ser pasteurizada, essa cerveja deve ser consumida em poucos dias, porque o líquido no interior da garrafa continua se expandindo, levando à expulsão da rolha ou tampa que veda a garrafa. Como habitualmente, usava-se a rolha amarrada com barbante para selar as garrafas, esse tipo de cerveja ficou conhecido como cerveja barbante”. (MARQUES, 2014, p. 37). Ainda segundo a autora, era necessário investir nos seguintes itens de produção: “[...] um moinho, uma cuba de infusão de cevada e filtragem, uma panela de cozimento, um tabuleiro para refinar o extrato de cevada, tinhas, tonéis, peças de engarrafar, um motor, uma bomba d’água e garrafas”. (MARQUES, 2014, p. 49).

<sup>19</sup> Cf. ARQUIVO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA /UFJF. *Inventário*, Processo 85, caixa 308 – ID: 370, 1896.

elemento de intermediação mercantil e financeiro entre o colono e o centro urbano [...]”. (FLORES, 2004, p. 97).

O local era frequentemente referência dos moradores da região para a prática de atividades, principalmente aos finais de semana. Para a construção da capela e do cemitério católico em terreno doado por Sebastião Kunz, foi necessária a realização de eventos de arrecadação de fundos para as obras, com a participação da cervejaria e/ou de seus proprietários, além dos investimentos auferidos pela província sob a rubrica ‘obras públicas’.

Capella de S. Pedro, Ex-Colônia D. Pedro II-No dia 30 do corrente, das 10 horas da manhã em diante, terá lugar um leilão das prendas offerecidos para a construção de S. Pedro no lugar denominado Henrique & Sebastião. Tocarà a musica da sociedade allemã. Espera-se a concorrencia do publico. (O PHAROL, 1884, p. 2).

Atividades como dança, música, espetáculo com fogos de artifícios, grandes fogueiras e diversos leilões foram oferecidos e prestigiados pelo público presente nestes eventos. A música ficava sob a responsabilidade da banda, composta por moradores da região e regida por João Nepomuceno da Rosa ou, em outras ocasiões, por Henrique Falhauber.

Segundo Stehling (1979), estes imigrantes chegaram a formar seis bandas de música, a saber: Banda Tirolesa, da Companhia, Alemã, Faulhaber, São Pedro e Borboleta. Para ele, alguns colonos que chegaram à cidade em 1858 trouxeram instrumentos musicais, tendo a Companhia União e Indústria comprado outros que faltavam para as apresentações da banda de música. (LISBOA, 2010).

FIGURA 2 - Banda de Música da Colônia D. Pedro II-1865



Fonte: VAZQUEZ, 2000.

A Cervejaria Henrique & Sebastião foi, durante muitos anos, pioneira na fabricação de cerveja na cidade e no estado de Minas Gerais, proporcionando aos moradores da Colônia de Cima, conforme Stehling (1979), além do emprego, a oportunidade de divertimento nos espaços deste empreendimento.

Uma das cervejarias mais representativas na cidade de Juiz de Fora, quiçá do estado mineiro, quando se refere ao processo de produção foi a Augusto Kremer & C., sendo reconhecida também por outras cervejarias do Brasil. Foi fundada em 1867 pela firma Augusto Kremer & C., sob a direção de Augusto Kremer,<sup>20</sup> filho de Henrique Kremer, que havia adquirido o terreno da Companhia União e Indústria, para montar a filial de sua fábrica de cerveja na cidade, uma vez que já era proprietária de outra na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Esta foi construída por Henrique Leiden em 1854 e adquirida quatro anos depois por Henrique Kremer. (MELO; SCHWAN, 2014).

A firma de Augusto Kremer divulgava sua marca nos jornais de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Na tentativa de atingir o público consumidor e ainda atender as características culturais de algumas cidades como Petrópolis (de colonização germânica), enviava informações para os jornais escritos na língua alemã. (DEUTSCHES ZEITUNG, 1882).

Em julho de 1891, houve uma mudança oficial no nome da firma, que passou de Augusto Kremer & C. para Kremer & Cia, da qual Catharina de Castro é “commanditaria e os srs. Henrique Kremer e Manoel José de Castro solidarios e interessado o sr. Manoel José Machado, ficando todo o activo e passivo da extincta firma a cargo da nova sociedade”. (O PHAROL, 1891, p. 2).

Os locais de venda da Cervejaria ultrapassavam os muros da fábrica, chegando a estabelecimentos da cidade, como o comércio Christovam de Andrade & C. que vendia a Cerveja Kremer Especial com casco a um réis, e os demais tipos (branca, preta e dupla) a oitocentos réis. (O PHAROL, 1895).

Como a fábrica estava em processo de crescimento e buscando fazer uso das modernas tecnologias de mercado, novas preocupações surgiram quanto à utilização das mesmas, principalmente em 1889, com a chegada da luz elétrica na

---

<sup>20</sup>Nasceu na cidade de Westfalia-Alemanha, naturalizado brasileiro e de religião cristã evangélica. Cf. ARQUIVO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA/ UFJF. **Inventário**, Processo 2, Caixa 138, ID-716, 1878.

cidade e, posteriormente, quando da mudança ocorrida no processo de produção de uma cerveja de baixa fermentação. (OLIVEIRA, 1987).

Diferentes discussões vêm acompanhando este processo industrial e comercial, como aquelas relacionadas à rotina do empregado, ou melhor, tratando da necessidade de diminuição do tempo de trabalho nas fábricas. Refere-se aqui à mobilização realizada por representantes trabalhistas que defendiam o fechamento das portas dos estabelecimentos aos domingos e dias de festa nacional, duas horas da tarde, solicitação encaminhada à Câmara Municipal de Juiz de Fora.

Era a necessidade de descanso reivindicada por diversos rapazes, caixeiros e operários, na década de 1890, e que mesmo com a aprovação em última discussão, no dia 16 de agosto de 1894, tornou-se alvo de violentos protestos por parte de comerciantes. Interessante que na Resolução nº290, às fábricas de cerveja era permitido o funcionamento aos domingos (OLIVEIRA, 2010), assim como o comércio da cerveja, aliado à produção e também ao divertimento, porém, tal medida, não atingia igualmente toda a classe de trabalhadores do comércio.

Da mesma forma que ocorreu com a Cervejaria Sebastião & Henrique, houve, por parte da Kremer, a oferta de atividades como uma das alternativas para venda do produto. A Companhia de Ferro-Carril contribuiu para a formação desta cultura de consumo-divertimento nas cervejarias, pois suas linhas de bondes, fosse inicialmente de tração animal ou, mais tarde, movidos a eletricidade, chegavam até o Morro da Gratidão, levando os moradores da cidade para a fábrica.

Faz-se a seguir, um paralelo com a alegria e o prazer proporcionados por um dos eventos mais populares na sociedade brasileira: o Carnaval. Este, tal como se conhece hoje no Brasil, tem na cerveja um dos maiores atrativos, sendo uma das bebidas mais consumidas, por associação a sensações corporais positivas. Esta relação já era estampada nos jornais juiz-foranos, em 1907, ao falarem sobre o Carnaval daquele ano, citando versos alegres, pronunciados pelas pessoas que festejavam nos carros ornamentados, e que traziam em suas fantasias uma homenagem à cerveja. Assim, se fantasiou de Germânia<sup>21</sup> Martha de Castro, filha de Catharina Kremer de Castro e de Bernardo José de Castro, com a fantasia de Lúpulo, vestida por Virginia Costa, e que espalhava os seguintes versos:

---

<sup>21</sup>Em 1906, a Cervejaria passou a ser chamada de Germânia (*O Pharol*, 5 maio 1906), mudando para Americana, em 1917, devido a Primeira Guerra Mundial. (*O Pharol*, 22 abr.1917).

“Cervejaria Germânia!  
 Não é, senhores, ironia  
 Affirmar-se em tom profundo  
 Que a CERVEJARIA GERMANIA  
 É a primeira do mundo.  
 Então, a marca Triumpho  
 Para o calor sempre peças;  
 Cahindo, jogos e o triumpho  
 Nunca te sai as avessas.

Ao bebel-a, a gente sonha  
 E mais dez copos deseja;  
 Faz engordar; e o Noronha  
 Só bebe desta cerveja.

A outra marca Germania  
 Tambem é supimpa; olé!  
 Faz-nos a Musa espontanea  
 E o genio melhor, até

A quem não bebe tal marca,  
 Eu nem lhe tiro o chapéo,  
 E quando vier a Parca  
 Não acha o rumo do céu.

Meu corpo, por isso, almeja,  
 Que ao descer á cova fria,  
 Seja em barril de cerveja,  
 Mas desta CERVEJARIA. ”  
 (BEGÊ, ? /02/1907, p. 2).<sup>22</sup>

A Cervejaria Americana, antes Germânia e Kremer, mantinha ainda em 1939 essa aproximação com a Festa do Momo, chegando até mesmo a produzir paródias com as marchinhas de Carnaval, “Florisbella” e “A Jardineira”. Abaixo, exemplo de uma delas:

Música da Florisbela:  
 Das cervejas que aqui irmana  
 Ao prazer aqui se diz:  
 Beba marca Americana  
 E serás, sempre feliz

Ella é a que se deseja  
 Pelo sabor excellente:  
 Americana é a cerveja  
 Bebida por toda gente

E, aqui, em Juiz de Fora  
 Donde a alegria se emana  
 Em todo bar, toda hora  
 Só se pede Americana.  
 (*Diário Mercantil*, p. 2, 17 fev.1939)

---

<sup>22</sup> O PHAROL

Também é importante observar que o futebol neste mesmo período começava a sua trajetória de sucesso, e já era moda na cidade em 1905. Quanto a isto, a cervejaria não deixou passar despercebido.

As notícias sobre o futebol começavam a ser frequentes a partir do final de 1900. O futebol toma conta das notícias que o Pharol publicava sobre as práticas corporais. A cidade recebe equipes argentinas para disputa de jogos, o futebol organiza-se nos bairros que dão nome aos times e são várias as notícias de fundação de clubes: *New Foot-Ball Club*, *Halley Foot-Ball Club* (1910), *Club Sportivo*, *Tupynambás* (1911), *Tupi Football Club* (1912). (CUNHA JUNIOR *et al.*, 2014, p.26).

No decurso deste processo, a cervejaria produz marcas de cervejas que levaram os nomes de times de futebol da cidade, como Tupi, Sport Club, Tupynambás e Renato Dias. (O PHAROL, 1918), mantendo as marcas como a Americana e Germania alguns anos depois. Era uma forma de amenizar as relações entre a fábrica e a sociedade juiz-forana, acirradas em consequência da Primeira Guerra Mundial.

Beber cerveja era uma tradição apenas das pessoas de ‘bom paladar’, conforme a cervejaria afirmou em anúncio que também divulgava as novas instalações da fábrica com a construção de um novo edifício de quatro andares, que incrementava assim a produção. “Esses melhoramentos visam augmentar a producção, afim de attender á extraordinaria procura que têm os productos dessa conceituada companhia”. (O PHAROL, 1924, p. 2).

Infelizmente, as fontes não dão indícios de muitos divertimentos ali praticados. Foram identificados, dentre estes, um piquenique realizado no bosque da cervejaria pelos sócios do *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fora*, em junho de 1914 (O PHAROL, 20 jun.1914), e um registro de um almoço realizado no bosque, em comemoração à visita do presidente do Estado de Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro da Andrada, na década de 1920, conforme ilustração abaixo.

FIGURA 3 - Visita do Presidente de Estado ao Bosque



Fonte: Arquivo particular de Salcio Del Duca.

Localizada na Colônia D. Pedro II, surgia em 1880 a Cervejaria Borboleta, instalada na Colônia do Meio,<sup>23</sup> hoje bairro Borboleta, e que tinha como proprietários os irmãos Nicolau e Jacob Scoralick. Devido à localização mais afastada do centro e à dificuldade de acesso para os frequentadores de outros bairros, não teve o mesmo sucesso que outras cervejarias.

Como forma de manter a boa relação com as sociedades de origem alemã e as teuto-brasileiras e reforçar o fator identitário, a fábrica figurava entre os doadores de prendas para a festa de inauguração do estandarte da Sociedade Beneficente Brasileira-Alemã, segundo o jornal *O Pharol* (1894). De fato, o costume era comum entre estes tipos de empreendimento, ávidos também por adquirir novos simpatizantes e consumidores. Esta mesma cervejaria era também escolhida por outras sociedades para a arrecadação de dinheiro, através do pagamento pelo uso do espaço de diversão: “Realiza-se hoje, na Colônia de Cima, na fabrica de cerveja Borboleta, a segunda *kermesse* em benefício da *Sociedade Allemã de Soccorros Mutuos*”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897, p. 1).

As fontes não apontam o ano em que surgiu a Cervejaria Estrella. Sabe-se que era localizada no Morro da Gratidão, atual Avenida dos Andradas, e pertenceu à

---

<sup>23</sup>Este nome surgiu com o passar do tempo, pois a localização da cervejaria ainda era confusa neste período, e alguns documentos informavam estar instalada na Colônia de Cima.

família Griese, em especial a Henrique Julios Griese, chefe da família, ficando depois sob a responsabilidade de seu filho, Guilherme Griese.

Henrique Griese comprou parte de um terreno da Companhia União e Indústria, situada à rua da Gratidão e organizou inicialmente um empório que vendia gêneros do país além de “grande sortimento de sementes de hortaliça chegado directamente da Europa”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897, p. 2). Neste mesmo espaço, havia um salão em que eram realizados eventos e festas familiares como o “Grande baile familiar- No salão de Henrique Griese no morro da Gratidão.” (O PHAROL, 1883, p. 2).

A fábrica de cerveja Winter foi fundada em 1888 pelo imigrante Frederico Winter, e noticiada pelo jornal *O Pharol* da seguinte forma: “Informam-nos que o sr. Frederico Winter pretende estabelecer uma fabrica de cerveja nesta cidade”. (O PHAROL, 1888, p. 1). A cervejaria também possuía um espaço utilizado para fins de divertimento e para reuniões, como a que foi realizada pelo *Club Gymnastico Riachuelo*, “recentemente organizado nesta cidade”. (O PHAROL, 1890, p. 1).

No bairro Tapera, localizado em área suburbana da cidade, nos anos finais da década de 1880, existia uma fábrica de cerveja de propriedade da firma Assis, Bello & Cia de Produção, também no sistema de alta fermentação, com os devidos cuidados e análise do produto a cargo da inspetoria de higiene do estado. (O PHAROL, 1889).

A firma Tristão, Bello & Comp. tornou-se responsável pela cervejaria de mesmo nome, com inauguração datada de 5 de abril de 1891, passando a fabricar cervejas de diversas qualidades, como a preta, branca e a dupla, além de água gasosa, produtos comuns em outras cervejarias já citadas.

E para este dia, se anunciava, segundo *O Pharol*:

[...] o edifício da fabrica e as dependencias da mesma ostentarão vistosa ornamentação, de folhagens e galhardetes, e a excelente banda de musica do Club Democratico Primeiro de Janeiro se fará ouvir, espalhando alegria nos corações, que se conservem insensíveis á acção da cerveja. (O PHAROL, 1891, p. 1).

Para se chegar à margem esquerda no rio Paraibuna, onde estava localizada, as pessoas eram transportadas pelos bondes de tração animal (extensão da linha realizada após a inauguração, em 1889, do Hipódromo Ferreira Lage). Os visitantes passeavam no jardim ali existente conhecido como um ponto de diversão,



(ALMANAK DE JUIZ DE FORA, 1897) para praticarem também o “jogo da bola”, o tiro ao alvo, velocípedes, além da patinação. Segundo Stehling (1979), aos domingos, o parque da cervejaria era frequentado pela elite juiz-forana “que ali desfilava com sua elegância”. (STEHLING, 1979, p. 356).

Segundo Lessa (1985), a extensão desta linha ocorreu um ano depois da inauguração do Hipódromo, no dia 20 de julho de 1890, e para a festa “foram postos à disposição do público cinco bondes especiais”. (LESSA, 1985, p. 249). A linha de bonde da Tapera da Companhia Ferro- Carril saía da Estação Central e chegava ao seu ponto final, na fábrica de cerveja da Tapera. (ALMANAK DE JUIZ DE FORA, 1897).

No trajeto até a cervejaria, os bondes foram acompanhados pela banda de música dirigida por Carlos Alves, e no salão principal da fábrica foi servido um copo de cerveja aos convidados, entre os quais, figuras de nome como o Dr. Fernando Torres, Dr. Vaz Pinto, barão de São Marcellino, Comendador Bernardo Halfeld. Nota-se, pelo que fica dito abaixo que, paralelo à manufatura da cerveja, havia necessidade de apresentar aos consumidores um espaço diferenciado, uma verdadeira opção social para a sociedade juiz-forana, que já usufruía de divertimento em regiões habitadas principalmente por imigrantes.

Os proprietários da fabrica de cerveja alli estabelecida estão construindo um parque magnífico, com lagos, cascatas, etc. e pretendem proporcionar aos visitantes velocipedes para corridas, jogo de bolas, aparelhos de gymnastica e mais divertimentos congeneres.

Em breve teremos, pois, um optimo ponto de passeios e de passatempos, de que aliás tanto necessitamos, para compensar a monotonia do centro da cidade. (O PHAROL, 1890, p. 2)

Grande parte destas atividades era oferecida pela firma de propriedade de Alfeld & Preyer, onde havia além do *rink* de patinação, um botequim que vendia “finíssimas bebidas e excellentes mortadella, peixe roast-beef, salada, etc.” (ALMANAK DE JUIZ DE FORA, 1891, p. 163).

Nota-se que havia uma cessão de uso do espaço da cervejaria para a firma de alemães Alfeld & Preyer. Ou seja, mesmo no início das atividades da cervejaria, por mais que a produção e administração tivessem ficado sob a responsabilidade de outros grupos, como os italianos e portugueses, os alemães asseguravam o divertimento naquele “local aprazível”, semelhante ao que ocorreu nas outras cervejarias.

A cervejaria mudou novamente de proprietário em 1895, passando agora para as mãos do imigrante alemão Pedro Schubert, que continuou a produzir cerveja e ofertar atividades à sociedade. (ARQUIVO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, 1895).

Festas também foram realizadas por instituições que iam ao jardim da Tapera aproveitar o espaço ao ar livre, arborizado no evento realizado pela colônia alemã, no dia 2 de setembro, “em comemoração da batalha de Sédan”. (O PHAROL, 1895, p. 1). Era um festejo relacionado à história política da Alemanha, já que se tratava de um conflito ocorrido durante a Guerra Franco-Prussiana, sendo este tipo de comemoração comum nas cidades onde os imigrantes alemães se instalavam. Além das festas, o *rink* de patinação era um investimento em evidência, pois somada à patinação, havia “uma excelente banda de musica italiana”, e que tocava também em alguns eventos realizados no local. (JORNAL DO COMMERCIO, 1895, p. 2).

A finalização das atividades do *rink* de patinação em finais de 1890 induz ao fechamento da fábrica. Além disso, o encerramento da Hospedaria Horto Barbosa<sup>24</sup> fez as atividades daquele bairro declinarem, quando até os bondes deixaram circular no bairro. (O PHAROL, 1911).

Como foi mencionado antes, as seis cervejarias citadas acima tiveram sua importância como opção de divertimento na sociedade juiz-forana, mas, devido à escassez de fontes, optou-se por aprofundar a pesquisa em outras três cervejarias, como é possível ver adiante.

### 1.1 Cervejaria José Weiss

Dentro do primeiro núcleo habitacional alemão conhecido como *Villagem* (localizado afastado do centro da cidade), surgia, em 1879, a Cervejaria José Weiss, pertencente ao imigrante alemão Joseph Weiss, ou José Weiss.<sup>25</sup> Este empresário

---

<sup>24</sup>Criada em 1888 em uma área distante da cidade, a Hospedaria Horto Barbosa foi responsável por abrigar os imigrantes recém-chegados ao Estado, estando em funcionamento até 1906. (CHRISTO, 2000).

<sup>25</sup>Este chegou à cidade em 1858 com cinco anos de idade, era natural da cidade de *Dalberg*, estado da Saxônia na Alemanha e veio para o Brasil com seus pais Joseph Weiss e Elisabeth Shrunck e seus quatro irmãos menores: Agnes, Elisabeth, Susanna e Phillip. (LEWALTER, 2007; LIVRO DE REGISTRO DE CASAMENTO DO CURATO DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, 1858). Em Juiz de Fora, casou-se com Henriqueta e teve onze filhos: José Weiss Junior, Jacob, Eduardo, Guilherme, Elisa, Catharina, Sophia, Gabriella, Dorotéia, Henriqueta e Maria Elisa. (ARQUIVO CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, COMISSÃO DE ARQUIVOS PERMANENTES, SETOR DE MEMÓRIA SOCIAL, INVENTÁRIO PROCESSO 37, CAIXA 13, ID-1806; 1903).

havia trabalhado na produção de cerveja durante quase oito anos na Fábrica de Augusto Kremer, atuando também como sócio da firma.

Com a morte do proprietário da cervejaria Augusto Kremer, em 1878, a sociedade que havia entre eles é dissolvida, em 14 de janeiro de 1879, retirando-se José Weiss com o valor de seis contos de réis, que era o seu capital, acrescido de mais dez contos de réis entre valores em caixa da cervejaria e o depósito que havia na cidade de Barbacena, Minas Gerais.<sup>26</sup>

Meses depois de deixar a sociedade da firma Augusto Kremer & C., José Weiss anuncia no jornal *O Pharol* a instalação de sua nova fábrica de cerveja, situada na antiga chácara do barão de Pitangui,<sup>27</sup> a qual estava aberta para arrendamento desde 1877, sob a responsabilidade da Companhia União e Indústria. (O PHAROL, 1877).

A nova cervejaria da cidade é anunciada em 1879:

Atenção

Fabrica de cerveja nacional e de Aguas Mineraes.

JOSÉ WEISS, ex-sócio e gerente da fabrica Augusto Kremer & Com. Tem a honra de annunciar ao publico, que estabeleceu na antiga chacara do Barão de Pintangui uma fabrica de cerveja nacional e de aguas mineraes, onde póde satisfazer plenamente aos seus freguezes, já pela modicidade dos preços e já pela qualidade dos seus productos.

O annunciante que tem a longa pratica de mais de 7 annos no fabrico de taes productos, está perfeitamente habilitado para bem servir aquelles, que o honrarem com sua confiança. (O PHAROL, 13/09/1879, p. 2, grifos do autor).

Acredita-se que um dos grandes problemas iniciais que afetaram o crescimento da fábrica foi a dificuldade de acesso, pois os bondes naquele período não chegavam até a *Villagem*, na Colônia D. Pedro II. Conquanto, a sociedade não deixou de frequentar o estabelecimento que, assim como as outras cervejarias, passou a oferecer diversos divertimentos.

O transporte de passageiros surgiria no início da década de 1880, através dos bondes de tração animal, com a Companhia Ferro-Carril, que recebeu autorização tanto do governo provincial quanto da Câmara Municipal para o assentamento dos trilhos. (OLIVEIRA, 1966).

---

<sup>26</sup>Cf. ARQUIVO CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Comissão de Arquivos Permanentes. Setor de Memória Social. **Inventário**, processo 2, caixa 138, id-716, 1878.

<sup>27</sup>O barão chamava-se Marcelino José Ferreira Armond. (BASTOS, 1987).

Começaram a partir de 1882 as discussões dentro da Companhia a respeito da necessidade de prolongamento da linha até a fábrica da José Weiss, instalada no subúrbio de Juiz de Fora. A proposta não foi aceita por alguns acionistas, que justificavam o atendimento prioritário para as ruas centrais, finalizando os assentamentos e concluindo a rede na região central, já que a expansão até a *Villagem* significaria grande dispêndio.

Mesmo com a inexistência de uma linha oficial até a fábrica, circulavam, dependendo dos eventos, bondes especiais colocados pelas entidades organizadoras dos mesmos (O PHAROL, 1882). Assim sendo, este serviço de transporte, em certos momentos, era viabilizado:

Foi transferido o baile projectado pelo club e que deveria ter lugar no dia 31 do corrente. Amanhã farão os membros do club um passeio em bond especial á fabrica do Sr. José Weiss, para o que e convidada a banda de musica, que deve achar-se nos salões respectivos ás 3 horas da tarde. " (O PHAROL, 1882, p. 2).

A Companhia Ferro-Carril de propriedade do alemão Felix Schmidt e de Eduardo Batista Roquete Franco ofereceu o primeiro serviço de transporte público urbano de Minas Gerais, atendendo inicialmente as ruas centrais da cidade, como a Imperatriz (atual Marechal Deodoro), Comércio (atual Batista de Oliveira), Espírito Santo, entre outras. (STEHLLING, 1979). Posteriormente, com o crescimento da cidade e com a extensão dos bondes até a cervejaria, viu-se a possibilidade de reestruturação viária, pois o bonde se estenderia conforme Oliveira (2001) aos dois extremos: José Weiss e Lamaçal (atualmente bairros Fábrica e Bom Pastor).

Para justificar a negativa da extensão dos bondes à *Villagem* e também como forma de criar uma imagem depreciativa daquele local, foi divulgado na mesma notícia de *O Pharol*, de 31 de dezembro de 1882, uma queixa dos moradores sobre "[...] abusos praticados alli constantemente por certos indivíduos que vão alli passear com damas galantes, e afrontão impunemente a moral publica." (O PHAROL, 1882, p. 1).

Neste contexto, observa-se que não havia ainda a valorização de determinadas práticas públicas, ou seja, havia relativa restrição quanto à exposição corporal, assim como uma dificuldade em aceitar e valorizar o tempo fora do ambiente de trabalho, as horas que não eram efetivamente utilizadas para produzir. Esta produção do "sentido negativo" do lazer dos trabalhadores foi bastante pontuada por

Edward Thompson em duas obras suas: “*Costumes em Comum*” (1998) e “*A formação da classe operária inglesa*” (1987).

O ‘passeio’ era, naquele período, uma das poucas práticas de divertimento vivenciadas pela população, principalmente, para a classe trabalhadora, que geralmente utilizava os domingos ou até mesmo as noites para usufruir de seu “tempo livre”, que, segundo Oliveira (2011, p. 40), “é uma condição necessária do lazer”. Este tempo livre era, de certa feita, a oportunidade de fruição das áreas verdes, de conversas e passeios agradáveis, e que, no contexto da cidade na época, eram oportunizados pelo espaço da cervejaria. Além disso, a possibilidade de explorar a *Villagem* conferiu à locomoção um novo sentido social, onde o ‘passear’ para alguns moradores daquele local, exprimia um risco iminente à manutenção da ordem pública.

O divertimento, como um novo costume, apresentava, neste caso, portanto, uma ambiguidade, estando uma parcela da população a favor e outra contra, uma consequência da redefinição de valores e das transformações sociais que ocorriam na sociedade daquele período, mas que, apesar da inovação, ainda tendia à desaprovação do ócio e à valorização do trabalho. Não era uma característica peculiar daquela sociedade, pois, semelhante à observação apontada por Vitor Melo (2010), no Rio de Janeiro, a sociedade “se abria para uma maior vivência pública, mas que ainda mantinha antigos padrões familiares que valorizavam mais as experiências privadas”. (MELO, 2010, p. 56).

Assim, na *Villagem* do final do século XIX, estava florescendo uma nova dinâmica. Cresciam a produção de manufaturas, o comércio, a oferta de serviços, como a profissão de tanoeiro, e o transporte particular de passageiros - além dos serviços já oferecidos pelos imigrantes alemães que residiam naquele local. (O PHAROL, 1885). Grande parte das pequenas fábricas e manufaturas da cidade se localizavam naquele bairro, dentre elas as olarias, as oficinas de fundição e curtumes.

Essa nova remodelação social modificou a forma como os indivíduos vivenciaram e utilizaram aquele lugar, mudando assim o cenário e a status da *Villagem* e também “a representação da urbe como o palco da ascendente burguesia”. (GOELLNER; MAZZO, 2010, p. 176).

A questão do prolongamento do transporte perdurou durante alguns meses, com a realização de diversas assembleias para discutir a proposta, até a aprovação, pela Companhia Ferro-Carril, em dezembro de 1882:

São convidados os Srs. Accionistas desta companhia a se reunirem em assembleia geral no dia 24 do corrente, á 1 hora da tarde, no escriptorio da mesma, para tratar do prolongamento da linha até a colonia de D. Pedro II e outros assumptos de interesse. (O PHAROL, 1882, p. 4).

Em nota no jornal *O Pharol*, repugnando a extensão da linha de bondes até a fábrica de José Weiss, escreveu Francisco Antonio Brandi afirmando novamente a conveniência de melhorar os assentamentos para as linhas centrais de bonde, pois beneficiaria o comércio e os negócios da região. O ponto mais curioso da notícia sobre o pedido de prolongamento das linhas até a fábrica, é o fato de Brandi assinalar que o interesse por trás do pedido está relacionado não ao interesse do comércio, mas por razões de divertimento (distração e passeio) e, já enunciando uma das características da fábrica tradicionalmente conhecida: a oferta de lazer à população da cidade. (O PHAROL, 1884).

Novamente, identifica-se a dualidade existente na aceitação do lazer pela sociedade juiz-forana. Aqui, outra questão importante pode ser constatada para uma análise histórica do desenvolvimento do lazer local: as mudanças ocorridas na cidade para que a população pudesse usufruir do tempo livre e dos espaços de lazer, assim como as alterações nos sentidos e significados deste 'lazer' a partir das experiências vividas. Ou seja, a cidade muda em função deste novo desfrutar do lazer, e esta prática, por sua vez, acaba por produzir uma nova dinâmica social e econômica na cidade.

Aprovada a extensão das linhas, o contrato para a obra e assentamentos dos trilhos até a fábrica foi feito entre a Companhia Ferro Carril e Mattos & Irmão, com um prazo de sessenta dias para a execução dos trabalhos. (O PHAROL, 1885). A inauguração da linha ocorreu no dia 5 de abril de 1885, com direito a música tocada no trajeto e solenidade na cervejaria. Uma nova relação começava a se estabelecer com os melhoramentos urbanos e com a valorização imobiliária de áreas periféricas ao centro, o que a *priori* não foi identificado pelos moradores da localidade adjacente à fábrica, como observava o jornal.

Além disso, nota-se a relação inicial entre negócios de diferentes naturezas; ao se concretizar os melhoramentos urbanos realizados pela empresa de bondes, criou-se uma relação, mesmo que indireta, com as oportunidades de divertimento

oferecidas então pela cervejaria. Institui-se, portanto, mesmo que de forma embrionária, uma nova relação negócio-lazer, tão presente hoje na sociedade.

Segue abaixo notícia divulgada no *O Pharol*:

Inaugurou-se no dia 5 do corrente o trecho da linha de bonds compreendido entre a estação de Marianno Procopio e a fabrica de cerveja do Sr. José Weiss.

À uma hora da tarde partirão oito bonds cheios de convidados, indo em um delles a directoria da companhia e em outro a banda de música do Club Democrático Primeiro de Janeiro.

Com excepção do Sr. José Weiss, que tinha enfeitado o seu estabelecimento, os habitantes daquelle bairro mostrarão-se em geral indiferentes á realisação de tão melhoramento, que tem de dar forçosamente maior valor aos seus terrenos.

Ao chegarem os bonds á fabrica de cerveja, o Sr. Dr. Fernandes Torres, juiz de direito da comarca, saudou os habitantes da colonia dando vivas á directoria da companhia, á provincia de Minas e a Sua Magestade o Imperador.

Em um dos salões da fabrica foi servido um pequeno *lunch* aos convidados. Resta agora que o publico corresponda, com a sua frequencia aos esforços que faz a directoria para bem servir-o. (O Pharol, 1885, p.1).

Esta viagem da linha de bondes Passos-Fábrica, segundo Lessa (1985), era um delicioso safari,

[...] seguido da gostosa cervejinha no passarinho "Parque José Weiss", e a reclamação, no dia seguinte, pelos jornais, de que o último bonde da noite não chegara até lá, voltara da estação de Mariano, e os bohêmios tiveram de enfrentar o percurso de volta a pé, com a pança empanturrada de cerveja e sujeitos aos assaltos no morro da Gratidão.

Para Oliveira (2001), a passagem do bonde dava direito a "fazer o nó", que era o itinerário compreendido entre a Fábrica José Weiss e o local chamado de Lamaçal, chegando à descida da rua Espírito Santo, passando pela estação Ferroviária, subindo a Marechal Deodoro, e ganhando, de novo, a avenida Barão do Rio Branco - trajeto este para quem vinha, segundo o autor, "do Zé Weiss". (OLIVEIRA, 2001, p. 25).

Dentro de um projeto de urbanização característico das cidades em crescimento do final do século XIX e das décadas iniciais do século XX, ávidas por se tornarem modernas e civilizadas, e, imersas neste contexto urbano e social em constante mudança, o bonde passou a proporcionar uma vivacidade à cidade, pois propiciou novas relações sociais e, com isso, a aquisição de novos costumes e modos de vida.

Novos espaços passaram a ser ocupados, facilitando a expansão da cidade, e, conforme afirma Lucena (2001), o meio de transporte “por certo configura um processo que leva o ambiente urbano a se modificar, tanto pelas relações cada vez mais intensas entre as pessoas, quanto pela formação de novos lugares e espaços”. (LUCENA, 2001, p. 25). Ainda completa o autor que o bonde foi um “elemento de comunicação entre diferentes, de aproximação de contatos e de deslocamentos que favoreceu, de modo característico, o aparecimento de espaços e lugares urbanos”. (LUCENA, 2001, p. 141).

A fábrica de cerveja de José Weiss foi tão importante que, aos poucos, sua produção foi se destacando, semelhante às Cervejaria Kremer, Dois Leões e Poço Rico, pois seus produtos passaram a ser exibidos também nas diversas exposições industriais da cidade e região, como a Exposição Sul-Brazileira de 1883. A identificação do bairro com a cervejaria foi tão grande que o bonde que fazia o seu trajeto até ela levava o nome ‘Fábrica’ estampado no letreiro situado na parte superior da condução, identificando o trajeto, e que ainda permanece nos atuais ônibus urbanos da cidade. Além disso, atualmente, o bairro em que existiu a cervejaria de José Weiss também se chama Fábrica. Coincidência? Não. Segundo Lessa (1985), a cervejaria era o “ponto final da linha de Bondes Passos-Fábrica. Essa “Fábrica” era a fábrica de cerveja José Weiss.” (LESSA, 1985, p.138).

Visitantes de outras cidades e pessoas públicas não deixavam de visitar e conhecer as cervejarias em Juiz de Fora. Fato aconteceu em 1885, com o ministro da Agricultura, que ao pernoitar na cidade depois da inauguração dos trabalhos da estrada de Ferro *The Minas Central Railway of Brazil*, resolveu conhecer os arrabaldes da mesma, não deixando de dar um passeio à Cervejaria José Weiss. (O PHAROL, 1885). O local, recebeu também a visita do ministro Japonês Tukashi Sughimura e de seu secretário Kunraichi Hourigoutchi, que percorriam Minas Gerais em viagem de “recreio” (JORNAL DO COMMERCIO, 1905). Da mesma forma aconteceu com o Dr. Lauro Müller, que se tornou ministro das Relações Exteriores durante a Primeira Guerra Mundial. (O PHAROL, 1906).

Na programação de diversos festejos da cidade, por exemplo, havia um momento de passeio ao parque da fábrica, a exemplo do que foi realizado em comemoração à Proclamação da República, conforme observa-se abaixo:



Terminaram ante-hontem os festejos com que nesta cidade foram acolhidos os importantes acontecimentos do dia 15. Como na véspera, desde pela madrugada, começaram estrugir os foguetes: fizeram-se ouvir bandas de musica e a população entregou-se a ruidosas expansões de jubilo.

O entusiasmo popular foi immenso durante todo o dia e em todos os semblantes divisavam-se signaes de contentamente.

A's [sic] 11 horas, partiram da rua direita, em direcção á fabrica de cerveja Weiss, 6 bonds que a comissão de festejos havia posto á disposição do publico.

As pessoas que para alli se dirigiram, encheram litteralmente os vastos salões Weiss e organisaram um baile, que prolongou-se por algumas horas.

No intervallo das danças, foram proferidos varios discursos, acolhidos todos com grande profusão de aplausos [...]. (O PHAROL, 1889, p.2).

Diversas outras festas foram realizadas na cervejaria e organizadas por diferentes instituições, como as muitas quermesses promovidas pela banda Euterpe Mineira (JORNAL DO COMMERCIO, 1897), pela Sociedade Beneficente Brasileira-Alemã (O PHAROL, 1911) e pela Associação Beneficente dos Conductores e Motorneiros. (O PHAROL, 1912).

Deseja-se aqui destacar também uma festa realizada em benefício da Liga Mineira Contra Tuberculose, no dia 1 de setembro de 1901, divulgada pelo jornal *O Pharol*. Além de chamar atenção por ser uma festividade em prol de uma instituição em crescimento na cidade e que foi crucial para o desenvolvimento do *Turnerschaft Club Gymnastico*, percebe-se que houve uma movimentação voluntária na sua organização. Na mesma noticia, identifica-se também a preocupação em afirmar que o jardim da fábrica era um espaço público aberto, sendo necessário apenas apresentar o bilhete de bonde para entrar no Prado local, onde foi sediada parte da festa. Toda a arrecadação da ocasião foi destinada à Liga.

Também foi identificada com base nas fontes consultadas, a realização de diferentes atividades que eram raramente oportunizados em eventos internos da cervejaria, tais como ascensão de balão, fogos de artifício, roda da fortuna, campeonato de ciclistas, saindo da rua Halfeld, no centro da cidade, com destino à fábrica, além de “outros e variados divertimentos e surpresas que serão postos á disposição do publico. Flores em profusão, iluminação electrica e a giorno, bandeiras, bandas de musica, etc.” (O PHAROL, 1901, p. 2).

Além do imposto pago sobre Indústrias e Profissões a cada ano, havia a cobrança por parte do município do imposto que incidia sobre os espetáculos e eventos realizados no município. Para um dos eventos que foi realizado na cervejaria pela Sociedade de Beneficência Alemã, foi solicitado à Câmara Municipal, em 1905,

um pedido de isenção desta taxa, e que foi autorizado pelo órgão competente. (O PHAROL, 1905).

A arrecadação deste imposto alcançou o valor de 2:510\$000 (dois contos e quinhentos e dezréis) entre os meses de janeiro e junho de 1909, um valor significativo se comparado a arrecadações sobre veículos, por exemplo, de 3:335\$000 (três contos, trezentos e trinta e cinco mil réis); e do mercado 3:135\$000 (três contos, cento e trinta e cinco mil réis), demonstrando a dinâmica destas práticas de lazer na primeira década do século XX. (O PHAROL, 1909). Esta cobrança já demonstra que o próprio poder público identificava no divertimento uma possibilidade de arrecadação de impostos, haja visto que a sociedade juiz-forana naquele momento demonstrava interesse para o lazer, ratificado pelas diversas possibilidades de divertimentos estampados nos jornais e a frequência da população nos parques das cervejarias. Novamente, depara-se, nesta conjuntura, com a relação entre negócio e lazer.

A Cervejaria José Weiss participou das diversas exposições que aconteciam na cidade e região, assim como em outros estados. Ao lado das cervejarias de Augusto Kremer & Com. e Freesz & Irmãos, esteve presente como já exposto, por exemplo, em 29 de agosto de 1886, no Paço da Câmara Municipal com apresentação de seus produtos na Exposição Municipal. (O PHAROL, 1887). Sobre esta exposição, escreveu o jornal *Le Brésil*, diversos elogios à cidade de Juiz de Fora, descrevendo a região de Mariano Procópio<sup>28</sup>o “arrabalde mais interessante de Juiz de Fóra” e onde havia a fábrica de cerveja de José Weiss, que era “o *rendez vous* dos habitantes do lugar” pois ali se encontravam “jogos de argolinhas, salões de baile e outros divertimentos.” Era, de fato, um centro da vida social da cidade. (O PHAROL, 1886, p. 1).

---

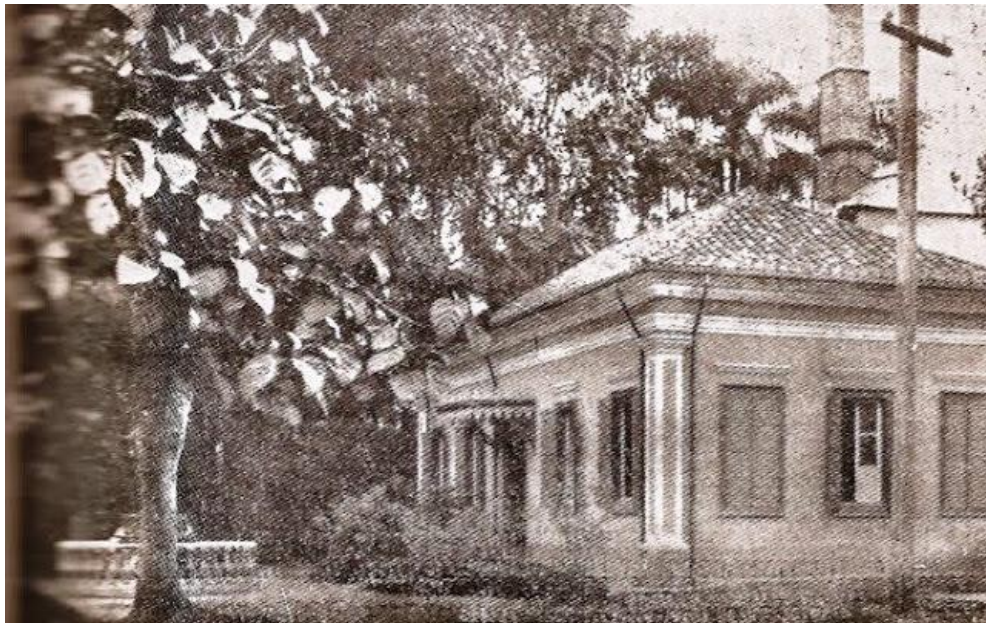
<sup>28</sup>Cf Stehling: “Após o falecimento do fundador da Companhia União e Indústria, Mariano Procópio Ferreira Lage, houve a iniciativa da diretoria da empresa em dar ao novo bairro o nome de Marianópolis, o que efetivamente não ocorreu, passando o local a ser chamado atualmente de ‘Bairro da Glória’”. (STEHLING, 1979, p.203). Mas a extensão desta região na segunda década do século XIX abrangia também os bairros que conhecemos atualmente como Vale do Ipe, Mariano Procópio, Fábrica, Borboleta e São Pedro. Informações estas ratificadas por Lessa (1985) que também chama a atenção para a imensa área à margem direita do rio Paraibuna, que Mariano “adquirira de diversos proprietários, desde antes do Curtume Krambeck, pela rua Bernardo Marcarenhas - ainda existente-em toda sua extensão, terras onde estão os quartéis do exército, a estação da estrada de ferro, o Parque do Museu o quartel-general [...]” (LESSA, 1985, p. 71).

A fabricação de cerveja crescia significativamente na cidade. Além das cervejarias de origem alemã, estabelecidas em diferentes pontos da cidade, surgiam novos fabricantes do produto e uma nova competição no mercado. Fato é que, na mesma rua da Cervejaria José Weiss, além do Empório de Botequim, de propriedade de seu filho José Weiss Junior (1898), surgiram novas cervejarias pertencentes a Rodrigues Counto & Cia (1898) e Bernardino Gomes de Figueiredo (1900).

O proprietário José Weiss faleceu em 22 de julho de 1903, deixando bens no valor de 80:000\$000 (80 contos de réis). O patrimônio foi dividido entre a viúva Henriqueta e seus onze filhos, assumindo a direção da fábrica os herdeiros mais velhos: José Weiss Junior, Jacob Weiss e Eduardo Weiss, sendo este último o responsável pelo pagamento de Imposto sobre Indústrias e Profissões. O patrimônio se constituía de diversos bens móveis localizados na rua Bernardo Mascarenhas, em um terreno de quatro alqueires, contendo a fábrica, casas e terrenos sem edificação. A fábrica de cerveja era assim composta:

[...] de casa sob o número cento e vinte e nove, coberta de telhas, assoalhada e forrada com uma porta e quatro janellas, e uma outra armação sob o número, cento e trinta e um, coberta de telhas, assoalhada e forrada com uma porta e duas janellas [...].(ARQUIVO DA UFJF, 1903).

FIGURA 4 - Fábrica de Cerveja de José Weiss



Fonte: ESTEVES; LAGE, 1915

Em 1905, a cervejaria foi chamada pelo jornal *O Pharol* de “logradouro de diversão” (O PHAROL, 1905, p. 2); “convitativo ponto de recreio” (O PHAROL, 1905, p. 2), pois era destaque pelas diversas atividades que ali aconteciam, promovidas por diferentes instituições, como Clube dos Planetas, Clube Democrático Primeiro de Janeiro, Club Sportivo Juiz de Fora, Sociedade Beneficente Brasileira-Alemã, Sociedade Alemã de Beneficência, Banda de Música da Tapera, Colégio Granbery entre outros.

Das indústrias estabelecidas em Juiz de Fora, de acordo com Censo de 1907, a Cervejaria de José Weiss possuía dez funcionários, com valor de produção estimado em 52:800 (cinquenta e dois contos e oitocentos réis), na época ainda não utilizando novos maquinários, pois a força motriz da fábrica ainda era manual, <sup>29</sup>possuindo um capital de 500:000 (quinhentos contos de réis), ou seja, ¼ do valor da Kremer & Comp. Numa escala de produção manufatureira era a terceira colocada, atrás da Kremer & Comp. e da Dois Leões. (ANDRADE, 1987). No intuito de continuar afirmando a qualidade de sua produção, a cervejaria também participou de uma nova exposição realizada na cidade do interior mineiro de Leopoldina, em 1907, e de outra nacional, realizada no Rio de Janeiro, em 1908.

A partir daí, nota-se que os jornais da cidade passam a dar maior atenção para as marcas de cerveja preta, branca, Perl-Brause (bebida espumante sem álcool) e ao refrigerante. Conforme descrição das características e dos ambientes de lazer da fábrica, feita pela imprensa local na época, a começar pela sua localização, a fábrica estava situada,

[...] no ponto terminal dos bonds e tem um aprazível parque dispendo de muitos divertimentos: Croquet, Lawn-tennis, Foot ball, Velodromo, Tiro ao Alvo e aos Pombos, jogos de bolas allemão e italiano, etc, etc., Dispõe de grandes salões para familias, bailes e sessões de sociedade. (O PHAROL, 1908, p.12).

Os salões da cervejaria abrigaram diversas reuniões de associações e instituições, entre as quais: Sociedade de Beneficência Brasileira-Alemã, Culto Cathólico de Mariano Procópio, Sociedade de Beneficência, Club Sportivo Internacional, além de reuniões de classe, conforme convite feito em 31 de agosto de

---

<sup>29</sup>Os jornais, assim como algumas pesquisas consultadas utilizaram a palavra manual para se referir a um tipo de trabalho anterior à utilização de maquinários de refrigeração que produziam cerveja de baixa fermentação.

1911 a todos os operários da cidade no intuito “de tomar medidas contra o excessivo trabalho de 12 horas exigido por algumas fabricas da cidade.” (O PHAROL, 1911, p.1). Ora, em um mesmo espaço associativo que aliava produção, consumo e divertimento, há aqui outra relação exposta, a de organização social e política no tempo livre dos trabalhadores, através das reuniões de classe, que eram feitas em uma cervejaria que já tinha construído no imaginário social a ideia de um espaço para o lazer e o consumo de cerveja.

Outro convite foi realizado aos mestres e operários da fábrica de tecidos de Mariano Procópio para “uma conferência em favor da classe.” (O PHAROL, 1911, p.1). Toda esta movimentação da classe operária culminou com a greve de 1912, em Juiz de Fora, a qual

[...] teve como principal objetivo de reivindicação a luta pela redução da jornada de trabalho para oito horas diárias. O movimento paredista iniciado em 16 de agosto se estenderia por cerca de 15 dias, levando fábricas e oficinas a fecharem suas portas ou a reconduzirem consideravelmente sua produção. [...] Logo no primeiro dia de paralisação assistiu-se a uma passeata pelas ruas da cidade, composta por cerca de 500 operários mobilizados em greve pacífica. (ALMEIDA, 2011, p. 243-244).

Diferente da Cervejaria Kremer, a Cervejaria José Weiss não modificou seu nome durante a Primeira Guerra Mundial, mantendo o nome de seu primeiro proprietário e de seus diretores e funcionários. Contudo, não deixou de ser alvo de críticas e perseguições por parte da sociedade motivada pela atmosfera do conflito, assim como aconteceu com outras instituições e indústrias de origem alemã.

A participação da fábrica na Exposição de Londres, foi destaque no Almanak de 1922, através de uma carta redigida por Antonio Torres e enviada à Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Nela, destaca-se o cenário industrial da cidade de Juiz de Fora, que tinha na fabricação de cerveja um dos empreendimentos mais importantes da região, fazendo uso de tecnologias desenvolvidas e aperfeiçoadas, que podiam ser comparadas com as marcas mais reputadas da indústria inglesa. Sobre a Cervejaria José Weiss, o jornal cita o seu desenvolvimento, a capacidade produtora e a rigorosa organização técnica pelas mãos de *R. Vünsche* e direção de Eduardo Weiss.

José Weiss realizou diversos beneficiamentos no terreno, desde a compra da chácara de Pintangui: construção da fábrica de cerveja; criação do parque, onde instalou uma roda gigante - a primeira na cidade; criação da pista de boliche e “um

amplo salão de festas com diversos jogos onde realizavam-se bailes que marcaram época na cidade”. (STEHLING, 1979, p. 352).

A cervejaria foi palco também de prado de corridas, velódromo, espaço para jogo de tênis, prática de críquete, *stand* de tiro ao alvo e um campo de uso do Tupinambás Futebol Clube com a realização de diversos campeonatos, principalmente na década de 1920.

Abaixo, o registro da cervejaria em 1885 e um dos seus divertimentos: a roda gigante.

FIGURA 5 - Cervejaria José Weiss e sua roda gigante- 1885



Fonte: STEHLING, 1979

O parque de recreio da José Weiss se destacou na cidade por diversos motivos, tendo sido noticiado em jornais locais com enfoque voltado, na maioria das vezes, pelas diversões oferecidas, mais do que propriamente pela sua produção. Na memória de muitos apreciadores da cerveja e *chopp*, é impossível não se lembrar do Chopinho Weiss, vendido em garrafas e encontrado em muitas festas, juntamente com a soda. Afirma Oliveira (2001), em suas crônicas, que a indústria não participou tão intensamente da guerra de propaganda na década de 1930, como a fábrica da Americana, pois esta se preocupava em vender mais a sua afamada “soda” do que concorrer com as cervejarias que dominavam o mercado.

Este espaço foi lembrado também nas obras de memorialistas da cidade, como Pedro Nava. Em seu livro, “*Balão Cativo*” (1977), encontra-se uma passagem

referente àquele espaço da cervejaria que relembra: [...] Foi nesse meio tempo de noivos-entre-si que minha tia organizou, com outras moças, chaperonadas pela D. Cecília Andrews, aquele piquenique na cervejaria Weiss, que ficou famoso em Juiz de Fora”. (NAVA, 1977, p. 71).

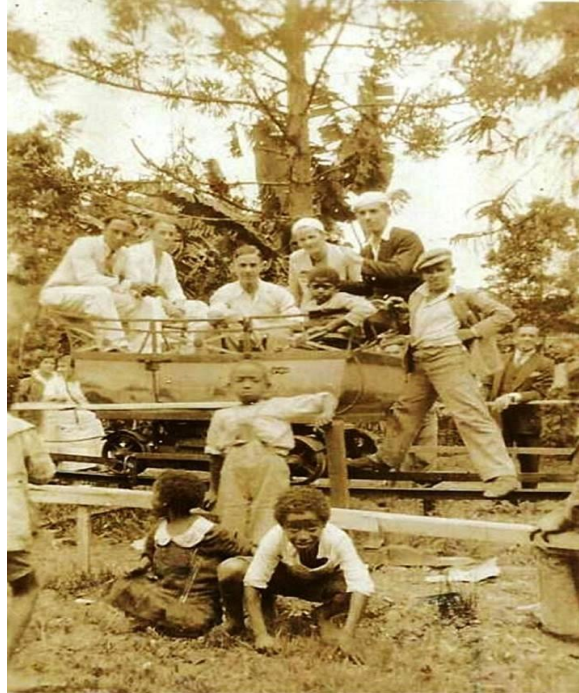
A cervejaria, portanto, além da atividade de produção da cerveja e do refrigerante, se destacava pelo parque e pelo aproveitamento que a sociedade juiz-forana fazia do seu espaço, usufruindo das diversas formas de entretenimento, desde o simples lazer e visitas até às festas, principalmente nos fins de semana, quando acontecia, além destas, apresentações do circo equestre,<sup>30</sup> de teatro de bonecos, ginástica, boliche, quermesse, tombola, entre outras promoções das entidades. Segundo Lessa (1985), os piqueniques eram animados; dançava-se, embriagava-se e apostava-se em corridas de cavalos; tomava-se a melhor soda da cidade, podendo-se patinar ao som de uma orquestra.

Na imagem a seguir, um registro de festividade no parque na década de 1910. Observa-se, um dos brinquedos instalados para que o público usufrísse daquele espaço: um carrinho que aparentemente se deslocava em uma estrutura suspensa, lembrando um trilho e carregando um grupo de pessoas. Era uma oportunidade também de famílias de classes sociais distintas de socializarem em um mesmo ambiente, como é possível observar, pois são identificados homens, mulheres e crianças de grupos étnicos diferentes numa mesma vivência lúdica. Em volta, um lugar bem arborizado, ao ar livre, ratificando assim o perfil do parque.

---

<sup>30</sup>Segundo Silva (2010), os circos de cavaleiros estiveram presentes no século XIX na maior parte das cidades brasileiras, tornando em alguns casos “a única diversão da população local”. (p.128).

FIGURA 6 - Parque na Cervejaria José Weiss, anos de 1910



Fonte: Arquivo particular de Nelson Weiss

Ou seja, neste contexto, se descortinavam para a população novas opções de divertimento que poderiam agora ser vivenciadas também em espaços abertos, livres, como no “parque de recreio” da José Weiss, já que, até então, os recintos fechados eram os mais comuns, na maioria das vezes, oportunizados para usuários com melhores condições financeiras. Este cenário é consequência do surgimento de uma “nova sociedade”, ávida por práticas modernas e urbanas. Enquanto espaço associativo “indireto”, a Cervejaria José Weiss permitiu grande sociabilidade por parte da população, compartilhando experiências através do lazer.

## 1.2 Cervejaria Poço Rico

A Fábrica de Cerveja de Freesz & Irmão era propriedade de Matheus Kascher e dos irmãos Francisco Freesz, Antonio Freesz e João Freesz.<sup>31</sup>(O PHAROL, 1897). Foi fundada em 1881 e situada inicialmente na região central da cidade, no Caminho União e Indústria, hoje atual avenida Getúlio Vargas. (STEHLLING, 1979). A figura abaixo registra os quatro donos da cervejaria degustando seu próprio produto.

---

<sup>31</sup> A família Freezs é oriunda da cidade alemã de Udenheim, no Estado da Renânia-Palatinado. Vieram em 1858 na barca Gessner. (LEWALTER, 2007).



Nas fontes pesquisadas foi possível identificar fotografias de diversos imigrantes e teuto-brasileiros apreciando em alguns momentos a cerveja. Estas nos levam a algumas inferências: a degustação da bebida em momentos de lazer ou até mesmo forma de autopromoção e divulgação do produto. Certo que é a apreciação da cerveja por este grupo étnico, marcando assim uma de suas características culturais.

FIGURA 7 - Proprietários da Cervejaria Poço Rico, década de 1890



Fonte: Arquivo particular de Salcio Del Duca.

O ano de 1881 aqui é utilizado por referência à fundação da Freesz & Irmão, mas, podem ser encontradas algumas propagandas desta cervejaria em jornais com uma data diferente, mostrando uma divergência cronológica, haja vista que o ano de 1880 também foi associado ao mesmo fato. (O PHAROL, 1907).

Segundo Stehling (1979), os proprietários da cervejaria compraram do barão de Bertioga uma parte do “Sítio do Resto”, localizado na entrada da cidade, onde construíram o prédio da fábrica e a residência da família, numa área suburbana da cidade. (O PHAROL, 1906). Esta área passou a ser conhecida como Poço Rico, um “aprazível arrabalde, às margens da ex-União e Industria”. (ESTEVES; LAGE, 1915, p. 177). Segundo os autores, tornou-se, já em 1883, a Cervejaria Poço Rico, instalada à rua do Cemitério, sendo que, a Resolução n.579 de 16 de julho de 1906, mudou definitivamente a sua denominação para rua Osório de Almeida, que permanece até hoje. (ESTEVES; LAGE, 1915, p. 177).

FIGURA 8 - Fábrica de Cerveja e Águas Minerais Poço Rico-anos 1900



Fonte: FAZOLATTO, 2001.

Dois anos após sua instalação, a fábrica de cerveja do Poço Rico já figurava respeitavelmente entre os estabelecimentos da cidade, sendo citada como uma das promissoras indústrias a serem representadas na Exposição Sul-Brasileira, ao lado das cervejarias José Weiss e Kremer. (O PHAROL, 1883).

Sua participação em exposições foi semelhante à de outras “grandes” cervejarias da cidade, destacando-se na Exposição Industrial realizada em Juiz de Fora em 1886, onde recebeu medalha de ouro, ao lado da Cervejaria José Weiss (O PHAROL, 1887) e na Exposição Nacional de 1908, recebendo premiação. (O PHAROL, 1908).

Paralela à produção de cerveja, realizada através do processo de alta fermentação, a Cervejaria fabricava o *chopp*, distribuído também em barris. Para facilitar a venda de seus produtos, oferecia um espaço para a realização de eventos e degustação do produto, e que era visitado por instituições e outras sociedades, como foi o caso do Club Democrático Primeiro de Janeiro, corporação musical que participava de diversos eventos na cidade e também da Escola Italiana Umberto I (O PHAROL, 1890), que frequentaram este espaço. (O PHAROL, 1886).

A produção da cervejaria do Poço Rico passou a se destacar e chamar a atenção de autoridades que queriam conhecê-la, tendo recebido a visita do então presidente do estado de Minas Gerais, Afonso Pena. (O PHAROL, 1894).

Nota-se que assim como aconteceu coma Cervejaria José Weiss, o espaço desta fábrica também se transformou em local de passeio ao ar livre: “C.D. Primeiro de Janeiro- Deve realizar-se amanhã, ás 4 horas da tarde um passeio do socios desse club á fabrica de cerveja Poço Rico. Para a noite de 26 do corrente está marcada uma partida do mesmo club [...]” (O PHAROL, 1890, p. 2).

Na crônica de C. Jackenfor publicada pelo *Almanak de Juiz de Fora* (1891), o local escolhido para as instalações da fábrica no Poço Rico era designado pelo cronista como uma região aprazível, sendo a Cervejaria Freesz parte integrante e harmoniosa de sua paisagem, considerada parada obrigatória para os que por ali passassem.

Não sei porque o chamam, porém acho que acertaram, em tudo e por tudo. Fabrica-se alli a bella bebida aurea e cheirosa, a predilecta do rei de Brabante [sic], que deu ao Freez uma verdadeira popularidade, naquelles bons tempo... regnante barbante!  
É também para aquellas bandas que o Paraybuna dá umas voltas tão remansosas e apresenta nas margens tão aprazíveis e arejados sitios, que talvez dahi venha a fraciosa denominação do arrabalde, bem como... o vezo de ir flunar para alli, aos domingos, sozinho ás vezes, e outras mais ou menos bem acompanhado. [...]  
Cá por mim, se ocaron quizesse sempre pintar na mesma corda, como dizem os paturebas, podia contar commigo para ajudal-o a apanhar aquella soelheira senegalesa, que na mesma téia parece empoeirar de fogo o ambiente, - comtanto que, á volta de cada sessão, passassemos na fabrica do Freez, a dar um pequeno cavaco amistoso, diante de um schoppen espumoso e loiro, lembrando a um tempo de Goethe e as barbaças de Gambrinus! [...]. (JACKENFOR, 1981, p. 97)

A cerveja estava cada dia mais no paladar popular e se inserindo em diferentes classes sociais e locais da cidade, se enraizando entre os hábitos cotidianos da população de Juiz de Fora. A ida aos salões e espaços das cervejarias acabou se incorporando à identidade do morador da cidade, como aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, reafirmando a característica associativa das cervejarias e que acabou por reunir grupos de interesses comuns, fosse pela bebida ou pela possibilidade de desfrutar de seus espaços agradáveis. (MARQUES, 2014).

Além de estar entre os produtos vendidos no Mercado Municipal (JORNAL DO COMMERCIO, 03/05/1901), a cerveja podia ser encontrada também, como já foi

pontuado, em uma das mais tradicionais confeitarias, a Rio de Janeiro, “ponto escolhido pela high-life juiz-de-forense”. (O PHAROL, 1892, p. 1).

Estava a cerveja local, então, na mesa e no cotidiano da população, considerando que, naquele momento, o mercado estava aberto para a chegada tanto quanto para a disputa com as grandes cervejarias: “Nas horas caídas do dia é deliciosamente suave, recostado em confortavel divan, sorver um copo de boa cerveja Weiss ou do Poço Rico e apreciar o movimento da grande freguezia da Confeitaria Rio de Janeiro”. (O PHAROL, 1892, p. 1).

Em 7 de janeiro de 1897, falece um dos proprietários da fábrica, Matheus Kascher, “um impulsionador da industria local” passando então a firma a pertencer apenas aos irmãos Antonio, Francisco e João. Naquele momento, Kascher possuía ainda outro estabelecimento de bebida, ao lado de sua oficina, na rua Quinze de Novembro, antiga rua do Imperador. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897, p. 2).

As participações em eventos, assim como as doações feitas para as instituições locais, eram uma forma das cervejarias divulgarem seus produtos e obterem créditos na sociedade. Uma destas participações beneficentes foi efetuada no evento da Associação Typográfica Beneficente Mineira no Parque Halfeld, quando se anunciava “um héracles sobre dois toneis presidirá a venda de *chopps* e cerveja das fabricas de Juiz de Fora: Germânia, Dois Leões, Poço Rico”. (O PHAROL, 1907, p. 1)

Até 1908, o transporte até a fábrica era feito a pé, por carroças ou carros de praça e passeio, pois a linha de bondes não havia estendido seu trajeto para algumas áreas suburbanas, como era o Poço Rico. Os donos da fábrica Freesz & Irmão se propuseram a pagar a mão de obra para a construção da linha, e paralelamente a isso a Companhia Mineira de Eletricidade iria realizar a instalação de energia para o funcionamento dos bondes, pois “era um trecho de muita luz, de vegetação verde e forte, de ar oxygenado e cigarras em cantar á beira do caminho [...]”. (O PHAROL, 1908, p. 2). A inauguração desta linha até a cervejaria aconteceria quatro anos depois. (O PHAROL, 1912).

As melhorias no transporte de passageiros era uma condição *sine qua non* para que a comunidade pudesse, mais facilmente, usufruir do espaço ao ar livre encontrado na cervejaria. Fato é que foi iniciativa dos próprios proprietários empregarem capital neste setor.

Os investimentos realizados pelos proprietários não chegaram a significar melhorias na transição do processo de fabricação da cerveja, de alta para baixa fermentação. Ainda em 1907, a cervejaria fabricava sua cerveja utilizando-se da força manual de oito funcionários, investindo um capital de 60:000 (sessenta contos de réis), bem abaixo do montante aplicado pelas cervejarias Germânia e Dois Leões, que chegavam a valores de 200:000 (duzentos contos de réis) e 100:000 (cem contos de réis), respectivamente.

A produção de cerveja e águas minerais da Cervejaria Poço Rico se manteve após a morte de Pedro Antônio sob uma nova denominação: Freesz & Sobrinhos, da qual fizeram parte o antigo proprietário Francisco Freesz e os sobrinhos - filhos de Pedro Antonio -, Rodolpho, Olga, Leonor e Reynaldo. (O PHAROL, 1913).

Ao longo do tempo, mudanças ocorreram na direção da cervejaria, que passou para as mãos de Freesz, Irmão e Cia. Há uma ampliação em seu mercado consumidor<sup>32</sup> que chegou a atingir também o estado do Rio de Janeiro. Com base nas informações obtidas pelas pesquisas documentais, neste momento, o espaço aberto da cervejaria, deixa de ser um local de passeio e outros lugares passam a ser mais atraentes, como a cervejaria Jose Weiss, principalmente após o prolongamento das linhas de bondes.

As informações sobre a cervejaria do Poço Rico levam apenas até o ano de 1916, o que a *priori* pode sugerir o momento em que a fábrica deixa de produzir e encerra suas atividades.

### 1.3 Cervejaria Dois Leões

Carl Stiebler ou Carlos Stiebler foi o responsável pela instalação da fábrica de cerveja alemã situada na margem esquerda do rio Paraibuna<sup>33</sup>, um local ainda pouco povoado se comparado à margem direita, que segundo *O Pharol* (1906, p. 2) era também uma opção de “passeio fora da cidade”, sendo instalada na rua Botanágua - que posteriormente ficaria conhecida como avenida Garibaldi -, atual

---

<sup>32</sup> Cf. Esteves e Lage (1915), em 1914, a produção da fábrica passou de manual para elétrica - de 10 HP -, mantendo a importação da matéria-prima da Alemanha, o que leva a crer numa mudança do processo de produção de cerveja para a de baixa fermentação, já utilizado pelas Cervejarias Stiebler, José Weiss e Germânia.

<sup>33</sup>A cervejaria Tapera também ficava na margem esquerda do Paraibuna, mas, quando o alemão Pedro Schubert a adquiriu, 1895, ela já havia se estabilizado há alguns anos pelas mãos de outros proprietários.

avenida Sete de Setembro. O alemão foi proprietário também de uma malharia fundada em 1907, que funcionava ao lado da cervejaria.

Esteves e Lage (1915) observam que, em relação ao nome da rua,

[...] asseguram os velhos que antigamente, quando a vargem era deserta e abundavam os malfeitores, os assaltos eram constantes e o fim comum a todos os assassinatos. Matavam um homem: - E agora? Bota nagua dizia o outro. E assim era. *Si non é vero*[...]. (ESTEVES; LAGE, 1915, p.161).

A identificação da cervejaria com a ideia de passeio também era constante, assim como ocorreu com a Cervejaria José Weiss, pois ficavam em locais afastados do centro da cidade e que, num primeiro momento, não eram atendidos pelos serviços e pelo transporte público de passageiros, o que dificultava o acesso das pessoas às atividades ali oferecidas.

Semelhante ao registro fotográfico realizado pelos proprietários da Cervejaria Poço Rico, Carlos Stiebler também aparecia, na década de 1900, ao lado de amigos, saboreando a cerveja como na foto a seguir, onde aparece de chapéu, à esquerda.

FIGURA 9 - C. Stiebler - década de 1900



Fonte: Arquivo particular

A Cervejaria Dois Leões iniciou sua produção em 1894, e para tanto Carlos Stiebler fez um convite à toda a sociedade para conhecer a sua cerveja, inicialmente produzindo dois tipos, dupla preta e simples.

Fabrica de Cerveja Nacional de Carlos Stiebler

O proprietário desta nova fabrica de cerveja participa ao publico que tem sempre em deposito grande quantidade de cerveja dupla preta e simples e que recebe pedidos, para a cidade e para fora que serão aviados com prontidão. Rua Botanagua. Juiz de Fora. (O PHAROL, 1894, p. 2).

Além da fabricação de cerveja, a instalação fabril produzia sodas e *brauses*, equipada com maquinário para arrolar e engarrafar as bebidas, além de filtros, pasteurizadores, bombas, caldeiras, tinas, barris e garrafas. A matéria-prima era importada da Alemanha, da Áustria e da Espanha. (LIMA; LACERDA, 2003).

A avaliação dos produtos pelo inspetor de higiene da cidade era um fator importante de valorização, “credenciando-o”, assim, para o consumo. Carlos Stiebler enviou então amostras de sua fabricação ao inspetor de higiene municipal, Gama Cerqueira, que emitiu o seguinte parecer sobre os produtos:

Declaro que, examinando amostras de lupulo e cevada germinada remetidas a esta inspectoría pela fabrica de cerveja Stiebler como representando os productos nella empregados para a fabricação de sua cerveja, verifiquei serem puras e de excellente qualidade, bem como que não foi encontrado acido salicylico nas amostras de cerveja fabricada e remetidas juntamente com as primeiras. Juiz de Fora, 15 de março de 1897: - Dr. Gama Cerqueira, inspetor de hygiene municipal. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897, p. 2).

Solicitou, no mesmo ano, a câmara duas penas d água<sup>34</sup> para fabricação de sua cerveja (O PHAROL, 1897). Nas propagandas de sua marca enaltecia a qualidade de seus produtos, informando que produzia sua cerveja de acordo com processo nacional, no caso, de alta fermentação, e que sua produção estava livre de substâncias nocivas, como atestou em 1897 o inspetor de higiene. (O PHAROL, 1900).

A Cervejaria Dois Leões<sup>35</sup> era um dos poucos estabelecimentos comerciais e industriais encontrados do Botanágua. O lugar não recebia a mesma atenção do poder público se comparado com áreas localizadas na margem direita do rio,

---

<sup>34</sup>Refere-se a uma ligação de água.

<sup>35</sup>A organização financeira da fábrica ficou sob a responsabilidade em 1898 do guarda-livros Izaltino Ferreira da Costa. (CORREIO DE MINAS, 1898).

beneficiadas com maior número de obras. A fábrica passou então a ser uma espécie de porta-voz daqueles moradores, realizando solicitações, como melhoramentos urbanos, que foram enviadas à Câmara Municipal ou também veiculadas pela imprensa local. Assim escreveu Carlos Stiebler ao *Jornal do Commercio*:

Rogo-vos o especial obsequio de mais uma vez solicitar do digno sr. Presidente da Camara providencias no sentido de melhorar o estado da parte alta da rua do Botanaqua, ordenando ao menos encher com cascalho os enormes buracos existentes, que, com qualquer chuva, se tornam em verdadeiros conjuntos de miasmas. Muitas vezes têm sido feitas reclamações nesse sentido, porém nada tem sido feito. (JORNAL DO COMMERCIO, 1900, p. 1).

Diversificando sua produção, a fábrica de cerveja passa a fornecer, em 1898, águas minerais e a limonada gasosa. (ALMANAK DE JUIZ DE FORA, 1898). Em 1899, além da cerveja, armazenada em barris de 18 a 80 litros,<sup>36</sup> passa a destinar estes tonéis também ao armazenamento de *chopp*, vendido a 440 (quatrocentos e quarenta) réis o litro, com respectivo selo e com pagamento em dinheiro a vista. Surge, neste momento, a marca *Dous Leões*, que se tornou reconhecidamente nome da fábrica.

Com o crescimento do mercado e das disputas entre as cervejarias da cidade, assim como em outros estados, alguns serviços acabaram se tornando diferenciais na compra do produto. Para além deste, destaca-se a preocupação imagética, que se materializava nos rótulos, com a presença de um rico processo litográfico contribuindo para a construção da imagem positivada cerveja, em detrimento de outras bebidas que não possuíam esta “roupagem” estética, como a aguardente, por exemplo, estigmatizada como bebida de predileção de escravos. A Cervejaria Dois Leões “embarcou” nesta nova fase mercadológica

---

<sup>36</sup>Como forma de atender ao mercado de vendas, passou a oferecer aos compradores um novo serviço, disponibilizando as bombas juntamente com os barris. A produção da cerveja e *chopp* em barris aumentaram para 100 litros em 1900. (JORNAL DO COMMERCIO, 20/12/1900).



A Cervejaria Dois Leões “embarcou” nesta nova fase mercadológica, investindo na criação de rótulos produzidos por Pietro Biancovilli<sup>37</sup>, responsável também por outros rótulos das diversas cervejarias na cidade. Sua litografia anunciava a venda de rótulos para bebidas, “de todas as qualidades a preços sem competidor.” (O PHAROL, 1914, p.2).

Uma dinâmica social e cultural estava sendo conformada do lado esquerdo do rio Paraibuna, principalmente com a instalação do Parque Stiebler ou Parque de Recreio, espaço este com as mesmas características daqueles encontrados nas demais cervejarias, com objetivos semelhantes e justificados, sobretudo, pela necessidade de venda das cervejas de alta fermentação.

O parque foi inaugurado em abril de 1903, próximo à fábrica de cerveja. Ali se construiu um prédio destinado ao público, com um grande salão e salas espaçosas para bailes e festas. À frente da casa, foi construído um jardim, e, ao fundo, um parque com caramanchões, “installando no mesmo local jogos athleticos e outros divertimentos”, como a casa do “jogo da bola”. “Com attractivos taes, o aprazivel bairro Botanagua vae se tornar o ponto obrigatorio dos passeios á tarde, mormente no tempo de verão [...]” (O PHAROL, 1903, p. 2).

---

<sup>37</sup>Pietro Ângelo Biancovilli (1848-1921), cidadão italiano nascido em Pádua, chegou a Juiz de Fora, segundo o registro de sua entrada na Hospedaria Horta Barbosa, no dia 31 de outubro de 1888, aos 40 anos de idade. Aparentemente, sua vinda estaria ligada às oportunidades profissionais de seu ramo em uma cidade em franco desenvolvimento industrial. Biancovilli era professor de caligrafia, formado na Áustria, além de gravador e litógrafo, atividades essas que desenvolvia e praticava no seu país de origem na oficina gráfica de seu pai. Veio para o Brasil acompanhado por sua família. No mesmo ano de sua chegada, contando apenas com as prensas e as pedras que encontrou abandonadas na oficina do jornal *O Pharol*, Biancovilli instala sua primeira oficina, na rua Marechal Deodoro - o *Estabelecimento Lithographico a Vapor P. Biancovilli*. (LIMA; LACERDA, 2013, p. 5-6).

FIGURA 10 - Parque Stiebler - década de 1910



Fonte: ESTEVES; LAGE, 1915

O espaço recebeu diversas festas, realizadas também por instituições ligadas ao grupo étnico germânico e divulgadas pelo *O PHAROL*, como a Escola Alemã (09/07/1903); Sociedade Alemã de Socorros Mútuos (24/04/1904); *Turnerschaft Club Gymnastico* (01/01/1911) e outros como Club dos Planetas (05/01/1904), Club Gymnastico Força e Coragem (26/09/1906), além de algumas bandas de música que tocavam no parque, geralmente nas tardes de domingo.

Para as festas, havia antecipadamente a divulgação nos jornais, convidando a população, e posteriormente, registrando as notícias sobre os eventos. Era uma forma de destacar a atuação destas instituições na cidade, e afirmar os trabalhos desenvolvidos por elas, bem como a identidade dos imigrantes alemães e descendentes. Em uma das festas realizada pela Escola Alemã no Parque da Cervejaria, o jornal *O Pharol*, trouxe de forma detalhada a programação e os eventuais acontecimentos:

Festival escolar- Realizou-se hontem no Recreio da cervejaria Stiebler a festa em beneficio da Escola Allemã.

O parque achava-se garridamente ornamentado com bandeiras, escudos, ramagens, etc.

A´s (sic) 2 horas da tarde houve sorteio de tombola e em seguida Kermesse. A´ tarde foi soltado um bellissimo balão imitação da aeronava n.9 de Santos Dumont.

A´noite houve illuminação a giorno, marcha aux flambeaux e demais festejos. Tocou a banda de musica Cortez & Irmãos.

A concorrência foi numerosa. (*O PHAROL*, 1903, p. 2).

FIGURA 11 – Participantes de piquenique na Cervejaria Stiebler



Fonte: REVISTA DA SEMANA, 1912

Com o tempo, as festas realizadas tomaram maiores proporções e se tornaram destaque em revistas e jornais de outras cidades. Acima, o registro de um piquenique realizado no parque da Cervejaria Stiebler, divulgado pela *Revista da Semana* do Rio de Janeiro. Essa integração homem e natureza, que se dava nos espaços ajardinados foi bem retratada no trabalho por Terra (2010), intitulado “*O prazer no jardim*”. Além disso, afirma, “essa prática se tornará, mais frequente no século XIX, período em que se procederá à transformação da paisagem natural, baseada nas soluções características dos países que têm uma herança significativa na arte dos jardins”. (TERRA, 2010, p. 82)

Houve uma iniciativa particular de construir uma ponte sobre o rio, facilitando o acesso das famílias visitantes ao parque para assistir as apresentações de ginástica, ouvir a música da Banda Carlos Stiebler, e acompanhar também as competições de jogo da bola, as quermesses, participando de tombolas, além de outros divertimentos. Portanto, o parque afirma-se como espaço associativo que possibilitava o encontro de diversas pessoas com finalidade *a priori* semelhante: o divertimento principalmente nos finais de semana.

Tem sido muito frequentado por famílias e cavalheiros o recreio da fabrica de cerveja do sr. Carlos Stiebler.

O parque, que está sendo jardinado e onde se acham em construção elegantes caramanchões, vae ficar muito chic e tornar-se-á dentro em breve um dos pontos mais pittorescos e aprazíveis da cidade, não faltando para tanto o bom gosto e capricho do sympathico industrial acima mencionado. [...]

Sabemos que o sr. Carlos Stiebler tratará breve da construção de uma ponte sobre o Paraybuna, facilitando o trajecto para a fabrica. Pena é que, não tenhamos bond para aquelle bairro, mas bond puxado a ...eletricidade... (O PHAROL, 1903, p. 2).

O bonde de tração animal eram o transporte público que chegava mais próximo ao parque, no local onde hoje está a ponte da atual rua Halfeld. Ainda assim, notícia do jornal da época atentava para a necessidade de uma linha direta: “[...] já houve quem lembrasse ao Sr. Dr. Azarias de Andrade a conveniência de estabelecer uma linha de bondes electricos para o parque Stiebler.” (O PHAROL, 1905, p. 1).

Porém, o espaço não era utilizado somente para diversão. Reuniões de sociedades e entidades foram realizadas e divulgadas no *Pharol*, assim como a dos Empregados do Comércio (14/04/1904); a reunião de fundação do Grupo de Aquáticos (01/11/1904); encontros dos oficiais da sapataria de Caetano Chiantia (15/01/1907) e dos membros da União Mercantil dos Varejistas (09/10/1907).

As experiências proporcionadas à população neste “ponto de recreio” atendiam diversos tipos de público. (O PHAROL, 1908), desde as festas frequentadas por pessoas da alta sociedade, até aquelas mais populares, como a realizada pelo *Grupo dos Graphos* que, no intuito de comunicar a característica do festejo, traz no enunciado da notícia divulgada pelo jornal *O Pharol* (1905), a palavra “popular”.

Diversos foram os divertimentos realizados no parque da Cervejaria Dois Leões, atraindo determinados grupos de praticantes influenciados também por iniciativas ocorridas no Brasil, e incentivando a criação de instituições esportivas e práticas de diversão, muitas vezes comuns em seus países de origem. Pode-se citar como exemplo a fundação, em 1909, do *Turnerschaft Club Gymnastico*, no próprio parque da cervejaria, e do *Kegel Club*, em 1919, ambos os clubes de iniciativa dos frequentadores do parque. Nos capítulos seguintes, se discute com mais profundidade a fundação e desenvolvimento destes clubes.

Não é possível afirmar o período de fechamento da cervejaria, mas, a partir do falecimento de seu proprietário, Carlos Stiebler, em 1918, não mais foram encontradas notícias nos jornais e almanaques da cidade falando da fábrica nem das atividades desenvolvidas no parque. Sabe-se apenas que foi anunciada a falência da firma Viúva Stiebler & Filhos, em 1929, pelo Diário Mercantil (1929), e ainda, conforme Oliveira (2001), que existia, em 1930, apenas duas cervejarias na cidade: a Americana e a José Weiss.

## CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS NAS CERVEJARIAS: expandindo o divertimento

No capítulo 1 foi possível, através das fontes consultadas, identificar que as cervejarias tiveram um importante papel como espaços associativos que proporcionaram divertimento à sociedade juiz-forana, entre as décadas finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Permitiram o contato do público com diferentes práticas de diversão como as festas, quermesses, piqueniques, tombolas, teatros, músicas, patinação<sup>38</sup> entre outros, em pontos distintos da cidade. Entre as atividades que foram oferecidas pelas cervejarias, elenca-se algumas delas com o objetivo de analisar com mais profundidade a questão do entretenimento social promovido pelas fábricas de bebidas, haja vista que a interdição de algumas das fontes foi um empecilho para o estudo de todas estas ações.

As principais cervejarias que ofereceram estes divertimentos se localizavam em áreas suburbanas, gerando, ao longo do tempo, uma necessidade de transformação urbana com a reestruturação física da mesma. Por exemplo, além da criação de um ambiente que promovesse a sociabilidade da comunidade, era de interesse que diferentes segmentos sociais fossem contemplados.

Neste sentido, se discute e analisa neste capítulo as práticas de turfe, tiro ao alvo e ciclismo, sendo esta última modalidade, enfocada brevemente, de modo apenas a observar o seu registro pelas fontes. As práticas de ginástica e bolão, que também foram desenvolvidas nos espaços públicos das cervejarias, são discutidas

---

<sup>38</sup>Em Juiz de Fora, a prática de patins foi uma experiência pioneira de *sport*. Os primeiros registros encontrados a respeito da patinação remetem ao ano de 1879 com a presença do *Skating-Rink* na praça Municipal. (O PHAROL, 1879). Uma nova etapa de desenvolvimento da patinação na cidade ocorreu com a (re) inauguração da fábrica de cerveja na Tapera, em 1891, sob a direção de Tristão, Bello & C. Neste “[...] será também inaugurado o salão de patinação que os mesmos senhores resolveram annexar a seu estabelecimento, para provar, talvez, que a sua cerveja é tão boa que não tira o equilíbrio aos que tem o bom gosto de bebel-a”. (O PHAROL, 1891, p. 2). Esta atividade se manteve quando a cervejaria passou a ser de propriedade de Pedro Schubert, em 1895, e, neste período, a patinação se desenvolve ainda mais, sendo que alguns fatores podem estar associados a esse cenário, como a presença de imigrantes, entre eles, os alemães frequentadores da cervejaria e a oferta de outras atividades naquele mesmo espaço, como o tiro ao alvo e o jogo da bola, que trazem estreita ligação com a cultura germânica. A importância dada a essas práticas era destacada nos anúncios que apregoavam que o “divertimento é o melhor remédio para todas as molestias”. (O PHAROL, 1895, p. 2). Na Cervejaria José Weiss, nas instalações do Velódromo Mineiro, a patinação também era oferecida ao público frequentador, além das corridas, demonstrando, assim, uma ampliação geográfica na oferta dessa atividade, agora localizada na margem direita do Paraibuna, em outra área suburbana. Sua apreciação era tanta na cidade que muitos patinadores foram homenageados pela música a Marcha de Patins de Castro Alves, um verdadeiro “hino do rink de Juiz de Fora”. (O PHAROL, 1906, p. 1).

respectivamente nos capítulos 3 e 4. Para tanto, foram encontradas diferentes referências nos jornais sobre a divulgação de tais práticas de diversão, uma aspiração social comum naquele período, pois outras atividades como touradas e corridas de saco também se enquadraram nestas categorias. Foram estas práticas que, conforme apontou Rodrigues (2010), em Belo Horizonte, se apropriaram da cidade e foram por ela apropriadas.

No Brasil, a cidade do Rio de Janeiro foi *locus* de diversas mudanças sociais, políticas e culturais, consequência da busca pela identificação e consonância com o moderno, com o “mundo civilizado europeu”. Neste contexto, Melo (2001) e Lucena (2001) analisaram o surgimento do esporte na cidade do Rio de Janeiro, com destaque para uma atividade que segundo os autores se tornou o primeiro esporte no sentido moderno do termo, a ser organizado no Brasil e que segundo Melo (2001) adquiriu um caráter próprio, específico e peculiar: o turfe, seguido de outras atividades como o remo e, posteriormente, o futebol.

Sobre esse conceito de esporte abordado por Melo (2001), Dias (2011) destaca um problema. Essa definição “parece atribuir pouca importância aos modos de uso e classificação mobilizados por vários grupos sociais que se enfrentavam na época para a legitimação de suas respectivas práticas” (DIAS, 2011, p. 266), pois ao longo de quase todo século XIX, o uso do vocábulo *sports* foi utilizado para designar diversas práticas e costumes como patinação, touradas, dama, corridas a pé, dentre outras. O uso do termo e seu conceito ao longo do tempo sofreram alterações de significado, recebendo estudos mais específicos.

Um dos questionamentos de Dias (2011) é saber analisar até que ponto as práticas “desorganizadas”, ou seja, aquelas que não possuem instituições que as regulamentam e organizam, desautorizam de fato a classificá-las como esportivas, mesmo que fossem assim reconhecidas à época. Para o autor, as “origens históricas do esporte não necessariamente correspondem com as origens de um campo esportivo”, estruturado e “organizado”, conforme entende Melo (2011, p. 267).

Rodrigues (2010) também salienta que, mesmo o turfe sendo considerado um esporte, ele

[...] não possuía as características de uma prática esportiva moderna, pois não exigia exercícios físicos salutar e higiênicos de seus *sportmen*, uma vez que este não era o que se envolvia diretamente nas provas, montando os cavalos, mas o criador dos animais, financiador e organizador dos páreos, que da tribuna dirigia o espetáculo. (RODRIGUES, 2010, p. 112)

A intenção com as informações que foram levantadas e apresentadas neste capítulo é demonstrar que os estudos no campo do esporte ainda estão por ser mais explorados e aprofundados, com diferentes elaborações teóricas, e não se propõe aqui optar por uma ou outro estudo e conceituação proposta pelos autores citados.

A presença do esporte no Brasil tem relação com diversos fatores, como a importação de modismo e de bens culturais europeus, além da influência exercida pelos imigrantes ao introduzirem na sociedade local seus hábitos de origem, costumes e gostos. Segundo Melo (2001), os imigrantes também trouxeram o “hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições esportivas e até mesmo ensinar práticas ligadas a atividades físicas e esportivas”. (MELO, 2001, p.24)

Nesse mesmo sentido, Lucena (2001), observa que os imigrantes contribuíram para a crescente urbanização ocorrida nas cidades brasileiras, mas, sobretudo, com a introdução de diferentes costumes. “Se é certo que esses imigrantes foram responsáveis também por alterações na estrutura social, com atitudes diferenciadas frente ao trabalho e aos valores com relação à família, isso se reflete nos divertimentos e passatempos.” (LUCENA, 2001, p. 72).

O contato mais íntimo entre as famílias europeias e as classes “abastadas” locais produziu também novas relações sociais e o aparecimento do gosto por novas atividades, comuns a este grupo étnico em seu país de origem. Governantas/criadas de origem alemã são um exemplo desta aproximação, sendo as mulheres solicitadas de maneira aberta e específica em anúncios de jornais da cidade de Juiz de Fora como: “ Precisa-se de uma criada alemã para um casal de filhos [...]”. (O PHAROL, 1885, p. 3).

A elite local passava agora a ditar os costumes, as novas regras de sociabilidade, e os divertimentos compartilhados como grupo de imigrantes alemães acabou por influenciar a mudança no cenário da cidade. Isto não quer dizer que as camadas populares tivessem o acesso negado a tais práticas, e nem que as manifestações mais populares tivessem sido banidas da comunidade, pois muitas ainda resistiram neste novo ambiente. Só que, agora, novos adereços, novas percepções, olhares mais atentos e controladores resguardam uma conduta social permissível e considerada adequada ao país, ávido por ser tornar moderno, semelhante a cidades europeias. Muitos grupos continuaram com seus divertimentos

e festejos, como “as festas religiosas, as touradas, ou os que aconteciam nas ruas e nos bares, e sempre foco de perseguição policial.”. (RODRIGUES, 2010, p. 106-107).

Juiz de Fora, de modo semelhante ao que ocorreu no Rio de Janeiro, buscou também esta aproximação com os costumes europeus e respirou ares do projeto de civilização de nação brasileira idealizado no período republicano. A urbanização, a nova arquitetura, os novos hábitos dos cariocas teriam atravessado as estradas que ligavam as duas cidades e influenciado diretamente os habitantes de Juiz de Fora. A cidade do Rio de Janeiro tornou-se, durante muitos anos, uma caixa de ressonância [...]. (MELO, 2010).

Como cidade do Século XIX, Juiz de Fora não participa da cultura colonial mineira. A proximidade e o maior intercâmbio econômico e cultural com o Rio de Janeiro, assim como a luta política contra o predomínio da zona de Mineração, provocam na cidade um maior cosmopolitismo uma abertura mais acentuada se a compararmos com o antigo centro do ouro. (CHRISTO, 1994, p. 1).

As mudanças na organização e estruturação de Juiz de Fora, a abertura de ruas, os projetos de saneamento, a efetivação de códigos de postura, a chegada da eletricidade, o aparecimento dos cafés e teatros, principalmente nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX, sugerem uma cidade mais viva, mais “civilizada”, moderna, enfim, são sinais de um novo tempo e neste ínterim, os divertimentos realizados nas cervejarias adquirem novos significados, imprimindo na cidade a imagem do espetáculo e dando uma nova configuração do divertimento através da sociabilidade ali inscrita.

## 2.1 Turfe

No Brasil, o turfe começou a se desenvolver na cidade do Rio de Janeiro a partir da construção do Prado Fluminense e com o início da atividade em 1849, no bairro de São Francisco Xavier. Essa prática, reconhecida como um esporte moderno (MELO, 2001; LUCENA, 2001), inaugurou no contexto carioca uma nova configuração esportiva relacionada à regulação, estruturação e organização de atividades com modelos de competições copiados da Europa.

Mas as corridas de cavalos já faziam parte do cotidiano da população carioca e de outras cidades brasileiras desde o início do século XIX. Para Lucena (2001), o cavalo que, “por muito tempo, foi meio de transporte predileto de nossos



barões, era nobre animal das guerras e muito mais valioso para seus patrões que a maioria de seus negros escravos”. (LUCENA, 2001, p. 105).

No Rio de Janeiro, com a presença dos imigrantes e negociantes ingleses, as corridas se integravam ao cenário das areias da praia da Saudade em Botafogo, na década de 1810. (MELO, 2001). No Rio Grande do Sul, o turfe tem na sua história uma relação de sentimento regional, com a presença das carreiras, corridas de cavalos em cancha reta, numa verdadeira parceria entre homem e animal, influenciado também pelo desenvolvimento desse esporte em terras cariocas. (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014) e que teve seu primeiro prado fundado mais ao final do século XIX. (PEREIRA; MAZZO; LYRA, 2010).

Em Minas Gerais, ainda não existem estudos aprofundados sobre essa prática, mas com base em algumas fontes, pode-se dizer que o primeiro prado na cidade de Juiz de Fora foi construído em 1889, o Hipódromo Ferreira Lage. (ALMANAK DE JUIZ DE FORA, 1897); o segundo em 1897, o Prado Juiz de Fora. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897). Na atual capital mineira, o turfe foi iniciado após diversas tentativas, com a inauguração do Prado Mineiro, em 1906. (RODRIGUES, 2010).

O prado ou hipódromo era o campo em que acontecia o espetáculo turfístico. Para a autora supracitada, faz-se,

Importante esclarecer que, ao consultarem-se dicionários da língua portuguesa, também se pôde encontrar o emprego dos conceitos de hipódromo e prado. De acordo com Bissón (2008), o termo prado teve sua origem em razão das amplas áreas verdes onde eram construídos os hipódromos no estado do Rio Grande do Sul. Em função disso, os frequentadores começaram a denominar esses locais de prado, já que todos eles se situavam a campinas planas, cobertas de pastagens. (RODRIGUES, 2010, p. 2).

Um fator primordial para o desenvolvimento do turfe foi o ar “aristocrático” identificado nos eventos, e a necessidade para aqueles que ali participavam de serem vistos e reconhecidos como membros da elite, o que, conforme assinala Melo (2001), era “uma oportunidade para alinhar e fechar contatos e negócios”. (MELO, 2001, p. 60). A presença de membros da alta direção do governo nas corridas de cavalos dava dimensão necessária ao evento para legitimar o turfe. A presença feminina era reconhecida também nesses espaços, pois as mulheres buscavam naquele momento de efervescência cultural citadino uma reivindicação de novos espaços sociais.

A organização das corridas era responsabilidade da elite nacional, que utilizava como justificativa para esse tipo de prática o propósito de “melhorar a raça cavalar”, tornando-se esse o esporte de excelência do patriarcalismo brasileiro. (LUCENA, 2001, p. 105).

Nesse íterim surge um novo nome já destacado por Rodrigues (2010) para designar também essas pessoas – *sportmen* -, este centralizado na figura dos grandes barões, proprietários dos cavalos, e que acabavam por estabelecer uma nova forma de divertimento mais individualizada, mas que, ao mesmo tempo, em certa medida, tornava-se mais acessível, pois para participar era necessário apenas prestigiar as corridas, diferentemente do jóquei, que era um “protoprofissional”. (RODRIGUES, 2010, p. 100).

Outro aspecto importante sobre o turfe está relacionado ao surgimento de um ambiente de apostas, principalmente no quartel final do século XIX. Segundo Melo (2001), na cidade do Rio de Janeiro havia um movimento crescente de valorização das diversas formas de apostas, afastadas do divertimento familiar, e nesse sentido, o campo esportivo - denotadamente o turfe -, desde o início, era, devido a suas características, adequado a tal tendência, reforçando uma mudança na postura da cidade. Tal hábito passou a se ajustar ao gosto popular através principalmente de “*poules*” (bilhetes de apostas). Com o tempo, e com o processo de moralização e controle social, esse jogo começa a ser combatido.

Todas as características relacionadas ao surgimento e desenvolvimento do turfe, aqui apresentadas, principalmente no Rio de Janeiro, verificadas nas pesquisas de Melo (2001; 2010) e Lucena (2001; 2010) são semelhantes às que foram identificadas nos registros sobre a introdução e prática do turfe em terras mineiras, mais especificamente em Juiz de Fora.

As corridas de cavalos já era uma prática comum na cidade, tanto em seus arredores, de características rurais, quanto no centro urbano, como atração oferecida entre as atividades circenses, como as da Companhia Equestre de P. Bragazzi. (O PHAROL, 1888). Além disso, o cavalo também fazia parte do cotidiano da população local, fosse como meio de transporte individual ou coletivo através dos bondes de tração animal.

Além da proximidade com o Rio de Janeiro, a presença, é claro, de imigrantes europeus na cidade compartilhando desse gosto esportivo, contribuiu para

que parte da população conhecesse esse esporte. Além disto, um fato a ser destacado é a presença de um personagem com papel central no desenvolvimento da cidade, e que figurava nos setores elitizados do turfe carioca: o engenheiro Mariano Procópio Ferreira Lage, primeiro presidente do Jockey Club carioca, fundado em 1868, e que se instalou nas dependências do Prado Fluminense. (MELO, 2001).

Para o autor, Mariano foi um conhecido criador de cavalos de Minas Gerais e um dos membros da Companhia União e Indústria. “Sob sua direção, o clube deu grandes passos, se desenvolveu, paulatinamente foi aumentando seu prestígio e transformando sua popularidade em condições de sobrevivência”. (MELO, 2001, p. 59).

O primeiro espaço reservado para a prática do turfe foi o Hipódromo Ferreira Lage, localizado no bairro Tapera, próximo à fábrica de cerveja de Assis, Bello & Comp., fundado em 1889 e explorado depois pelo *Derby Juiz de Fora*<sup>39</sup>, um clube de corridas de cavalos criado no ano de 1892, segundo registro do jornal *O Pharol* (1892).

Preocupações das autoridades surgiram com o crescimento da realização de apostas em função de sua forte característica de jogo de azar, e também pelos altos valores obtidos com esta prática, tendo a comissão de orçamento da cidade realizado um pedido de cobrança de impostos sobre os bilhetes comercializados pelas loterias em corridas, *bookmakers*, *poules* entre outros. (O PHAROL, 1892).

Nas pesquisas documentais realizadas, principalmente na imprensa local, as informações sobre o Hipódromo Ferreira Lage cessaram em 1893, podendo-se afirmar que este teve uma vida efêmera na cidade. Não há informações também sobre os motivos para a escolha do nome do hipódromo, mas acredita-se que tenha sido uma homenagem a Mariano Procópio Ferreira Lage, importante também cafeicultor da cidade.

Cada vez mais o público participava dos espetáculos de corrida, que se tornaram, aos poucos, eventos que mudavam o cenário do bairro Tapera e acabavam por sugerir novas reestruturações urbanas, como a extensão dos bondes até o hipódromo. Segundo Lucena (2001), que pesquisou esta prática no Rio de Janeiro - e

---

<sup>39</sup>No Rio de Janeiro, surgiu, no último quartel do século XIX, um clube chamado *Derby Club* que ocupou uma dimensão importante no desenvolvimento do turfe, pois ajudou na compreensão de mudança de sentidos no contexto das corridas de cavalos e do campo esportivo como um todo. (MELO, 2001).

que se acredita que tenha influenciado no significado que o esporte adquiriu em Juiz de Fora -, “[...] frequentar as corridas de cavalos era, assim, uma forma de se mostrar mais civilizado, mais próximo ao gosto dos povos cujos passatempos tinham um sentido muito mais regulador e individualizador”. (LUCENA, 2001, p. 114).

Além disso, segundo Corbin (2001), o “[...] Jockey-Club é um exemplo canônico de mutação da sociabilidade”, mesmo que permanecendo dominado pela burguesia. Nas palavras do autor, “talvez seu dispositivo afirma-se como mais igualitário, uma vez que todos os membros têm o mesmo estatuto: embrião dessa sociabilidade democrática que se instala lentamente no século XIX”. (CORBIN, 2001, p. 237).

Uma nova iniciativa, por parte de José Lino Ribeiro de Sá (JORNAL DO COMMERCIO, 1897), surgiu para retomar o desenvolvimento do turfe na cidade, com a fundação do Prado de Minas, que tempos depois foi denominado Prado Mineiro, para, então, em 1897, ser oficialmente chamado de Prado Juiz de Fora, sendo localizado nos terrenos da Cervejaria José Weiss através de um contrato de arrendamento. Seus fundadores foram: “Eugenio Fontainha, Leonel Rosas, Albino Machado, Theodorico de Assis, e Lino Ribeiro de Sá com José Weiss e sua mulher, conforme a escriptura de 21 de outubro de 1897”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897, p. 1).

A eleição da diretoria do Prado Juiz de Fora ocorreu no *Club Cynegetico*, e ficou assim formada: presidente: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada; tesoureiro: Albino Machado; gerente: José Lino Ribeiro de Sá; conselho fiscal: Eugenio Fontainha, Mariano Pinto Monteiro e Oscar Vidal; suplentes: Tobias Tollendal, Afonso Penna e João Francisco Alves. (ESTATUTO DO PRADO JUIZ DE FORA, JORNAL DO COMMERCIO, 1897)<sup>40</sup>. Essa diretoria se compunha de pessoas que exerciam na cidade diferentes ocupações, como major, capitão, médico, advogado, entre outras.

A justificativa para a formação de uma diretoria com estas características sociais pode ser identificada nos estatutos da sociedade, onde sobressai o cargo de presidente, pois “[...] para ser director é necessario a posse de cinco acções. Estas acções tornar-se-ão inalienaveis durante o exercicio do respectivo proprietario e servir-lhe-ão de caução.” (ESTATUTO DO PRADO DE JUIZ DE FORA, 1897). O

---

<sup>40</sup>Cf. Jornal do Commercio, de 12 dezembro 1897.

capital social para os trabalhos iniciais foi de 15:000\$000 (quinze contos de réis, dividido em 150 ações de 100\$000 (cem mil réis) cada uma, que devia ser paga pelos acionistas, sendo que o direito ao voto, na assembleia geral, era garantidosamente aos acionistas que obtivessem pelo menos cinco ações.

O Prado ocupou um grande espaço da cervejaria, com uma estrutura de raias ovais, arquibancadas, casa de *poules*, “com proporções a prestar-se também a corridas de bicycletas e a pé, ocupando a vasta area que fica atraz da fabrica de cerveja José Weiss” (JORNAL DO COMMERCIO, 1897). Observa-se que era um espaço arborizado, e aparentemente organizado para acomodar os diversos divertimentos ali praticados, adaptado para que os frequentadores e visitantes que por ali passassem pudessem saborear a cerveja e se divertir.

FIGURA 12 - Pista de corrida de cavalos do Prado Juiz de Fora



Fonte: FON-FON, 1914

A inauguração do Prado Juiz de Fora<sup>41</sup> ocorreria com a realização da primeira corrida de cavalos, em 25 de dezembro de 1897. As inscrições foram realizadas em carta fechada na farmácia Britto, à rua Halfeld, nº 160.

Para o dia 25, foram organizados cinco páreos de corridas de cavalos e três páreos de bicycletas, sendo que cada páreo recebia o nome de algum homenageado pelo clube, possuindo distâncias diferentes: 600m, 800m, 1.200m e

---

<sup>41</sup>Em 12 de dezembro de 1897 foi eleita a seguinte diretoria: Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (Presidente); José Lino Ribeiro de Sá (diretor-gerente); Albino Machado (diretor-tesoureiro). Membros do conselho fiscal: Eugenio Fontainha, José Mariano Pinto Monteiro, Oscar Vidal Barbosa Lage. Suplentes: Tobias Tollendal, Affonso Augusto de Oliveira Penna e João Francisco Alves. (ALMANAK JUIZ DE FORA, 1898).

1.609m. Nesse caso, os páreos se chamaram: Dr. Frederico Alves, Prado Juiz de Fóra, Dr. Antônio Carlos, Jornal do Commercio (principal veículo de divulgação do clube, juntamente com o jornal Correio de Minas) e Eugenio Fontainha.

A inauguração inicialmente estava marcada para dia 5 de dezembro, mas, por motivo de falecimento de Guilherme Halfeld, sogro de um dos fundadores, a corrida foi adiada (JORNAL DO COMMERCIO, 1897) e novamente remarçada para dia 16 de janeiro de 1898, devido ao tempo ruim. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898).

Por motivos que fogem à compreensão, para a corrida inaugural que ocorreu efetivamente no dia 16 de janeiro de 1898, foram realizados cinco páreos com animais de propriedade de Albino Machado, Ubaldo Bastos, Domingos de Azevedo, Sebastião Tavares, Eduardo de Menezes, Antonio Bastos, Manoel Vidal Barbosa Lage e J.B. Correa e Castro. Aos vencedores eram dadas medalhas identificadas com o nome do cavalo e do páreo, sendo que este era nomeado com base nas características dos animais: marchadores, peludo, meio puro sangue, puro sangue e até mesmo utilizando nomes de diferentes países. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898).

Sobre o dia da inauguração, escreveu o *Jornal do Commercio*:

Não podia ter melhor estréia o Prado Juiz de Fora: grande numero de espectadores, muita animação, entusiasmo, etc. Uma bella festa, em summa, a que a directoria do Prado Juiz de Fóra proporcionou hontem ás pessoas que assistiram á corrida de experiencia. O prado foi bem lançado e será, não há duvida, um dos pontos predilectos da nossa sociedade. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898, p. 2).

A prática do turfe na *Villagem Alemã* e outras atividades já realizadas na cervejaria resultaram na mudança da paisagem e dinâmica social dos arredores. Novas configurações urbanas foram surgindo, como a oferta de diferentes serviços para atender ao público turfístico, pois, além da cerveja produzida na cervejaria onde se instalava o Prado, podia-se saborear a comida feita no restaurante em frente a fábrica, na Chácara do Paraíso, de propriedade de Melchior & Comp. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898).

Interessante notar que em relação aos jóqueis, muitas vezes aqueles que vinham de outras cidades para participar das disputas em Juiz de Fora tinham seus nomes divulgados nos jornais. Os participantes locais não tinham seus nomes mencionados, as informações faziam referência apenas ao proprietário do cavalo ou

ao nome no animal, como por exemplo, o cavalo Aquidaban de Eugenio Fontainha, excluindo, assim, o nome dos jóqueis. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898).

Para a corrida a ser realizada no dia 23 de janeiro de 1898, estavam escalados animais de puro sangue e dois *sportmen* da cidade, Eugenio Fontainha e Theodorico de Assis, além dos jóqueis de São Paulo: Bento Marques e José Mendes. Nota-se na notícia divulgada pela imprensa, a relação que vai sendo construída entre o esporte e a festa, através dos termos escolhidos para designar o evento:

Os pareos serão disputados por animais superiores, de puro sangue, o que nos faz crer será uma festa excellent, a que todos, certamente, não deixarão de assistir. A respectiva raia está sendo preparada convenientemente para que as curvas não prejudiquem a velocidade dos animais. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898, p. 2).

Não havia publicações esportivas em Juiz de Fora, sendo essas adquiridas no Rio de Janeiro, onde já circulavam as revistas *A Canoagem*, *O Remo*, *O Cyclismo* e as específicas de corrida de cavalo: *O Turf*, *Revista Sportiva*, *O Sportman* e *o Sport*, além de publicações que tinham o esporte como conteúdo central, entre elas, *O Binóculo* e *A Arena*. (MELO, 2001).

A imprensa que no momento já era o principal canal de comunicação, dava maior atenção à divulgação das corridas, tentando atrair, assim, mais público para os espetáculos. Percebe-se que nos anos finais da década de 1880, o termo *Sport* surgiu como uma coluna no *Jornal do Commercio*, o qual tratou inicialmente dos eventos ligados ao turfe, demonstrando com isso a ideia de que a prática passava a ser identificada como um esporte, mas as notícias não deixaram de ser publicadas também em outras colunas, como “*Onde se diverte*”. Por esses e por outros motivos, o Prado Juiz de Fora não deixava de render alguns privilégios e homenagens ao jornal.

Notícias sobre o desenvolvimento do turfe mineiro chegaram em terras cariocas por diversos jornais, como *O Debate*, na coluna “*A vida turfista*”, que divulgou a venda em Juiz de Fora de dois animais de corrida, que chegaram a ser citados, Nicthéa, de originário da Argentina e Lowining-cup, do Brasil, acompanhados pelo jóquei Francisco Teixeira. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898).

A revista *Semana Sportiva*, que começou dedicada a corridas de cavalo e gradualmente abriu espaço para outros esportes, o Prado Juiz de Fora também foi motivo de destaque. Nota-se um investimento por parte dos organizadores locais para

divulgar as corridas e motivar *sportmen* de outros lugares. O *Jornal do Commercio* (1898) republicou a notícia da revista sobre as corridas realizadas no Prado Juiz de Fora:

A população da adeantada cidade mineira recebeu as corridas hipicas com bastante *sympathia*, o que faz crer que o *turf* alli medrará rapidamente, devendo-se esse serviço a um grupo de amadores que iniciaram a construção do excellente prado.

A segunda corrida realizar-se-á no dia 30 deste mez. Pelo projecto que publicamos em outra secção, se vê que há um pareo cujo premio é de um conto de réis, o que, realmente, convida a irem daqui parceiros disputar corridas em Juiz de Fôra. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898, p. 2).

Somente até o ano de 1899 foi possível encontrar notícias referentes à pratica do turfe na sociedade Prado Juiz de Fora, o que remete ao ano de 1900 como o período em que a prática deixa de ser realizada na Cervejaria José Weiss. Seu fechamento pode estar relacionado ao surgimento de outras práticas na cidade e também ao momento conturbado pelo qual passava, de “perseguição” às apostas, casas de *poules* e *bookmakers*, assim como aos jogos de azar, como foi o caso do jogo de bicho, numa tentativa de controle social e restrição a certos divertimentos. Iniciativas de retorno da atividade ocorreram, quando, em 1923, o engenheiro Christiano Degwert se propõe a organizar um projeto de construção de um prado de corridas novamente no Parque Weiss, (O PHAROL, 1923). Porém, essa empreitada não chegou a ser concretizada.

O turfe se destacou na cidade por ser uma atividade condizente com um nascente sentimento de ser e participar do moderno, originado nas décadas finais do século XIX e início do século XX. A cidade tinha no imaginário social o desejo de aproximação com as práticas desenvolvidas na Europa e, assim, ganhar um ar de distinção, adquirir *status* e participar de negócios, se distanciando das camadas populares da sociedade, e ao frequentar o espaço da cervejaria alemã, fundada por um imigrante alemão, esta aspiração estava se materializando.

## 2.2 Tiro ao Alvo

Nas diversas comunidades brasileiras formadas por imigrantes alemães e/ou que tiveram a influência desta cultura, era comum a prática de tiro ao alvo. A atividade estava relacionada, a princípio, a questões de sobrevivência, por conta do distanciamento e isolamento em que se encontravam muitos desses lugares no



extenso território nacional, principalmente na Região Sul. Posteriormente, seria também um divertimento.

Ao se analisar de uma perspectiva histórica os motivos que levaram o grupo de imigrantes alemães a alimentar o gosto pelo tiro, pode-se remeter aos diversos eventos ocorridos na Europa -revoltas e guerras ao longo dos séculos -, e que exigiram dos mesmos a destreza no manejo das armas. No Brasil, demonstraram esta qualidade, por exemplo - e principalmente-, quando da chegada de 1.800 legionários conhecidos como Brummers, para serem engajados, em 1851, segundo Tesche (2011), na luta contra Rosas, na Argentina. Eram veteranos das guerras entre Prússia e Dinamarca e das barricadas de 1858.

Não se pode deixar de citar também a presença dos exercícios ginásticos difundidos na Europa do século XIX, através dos diversos Movimentos Ginásticos como os que surgiram na Alemanha e França. Segundo Soares (2010), em estudos sobre a ginástica francesa desenvolvida por Amoros e Demeny, o uso de armas fazia parte daquelas atividades, representando meios de sobrevivência, transporte e trabalho. Nas diversas atividades ginásticas deveriam estar presentes os exercícios militares baseados no princípio de economia de força.

Na Alemanha, no sistema de exercícios ginásticos propostos por Guts Muths, Jahn e Adolph Spiess, e com base nas obras produzidas por alguns autores sobre este tema (SOARES, 2001; TESCHE, 2002) não foi identificado o manejo de armas como uma atividade adotada pelo método ginástico alemão. Isto leva a inferir que o gosto pela atividade aparece mais como um traço marcadamente cultural, a exemplo da caça de animais, que não teria vinculação direta com os “idealizadores” de tais métodos ginásticos alemães. Assim, e anterior ao tiro ao alvo realizado pelo exército (numa preocupação de adestrar os soldados e prepará-los para o combate) estava o costume da caça, comum ao cotidiano de diversos países europeus.

Para Ferreira (1986), um dos motivos para a evolução do tiro enquanto atividade cotidiana, desde os exercícios militares até o surgimento de clubes e associações neste esporte, foi o aperfeiçoamento da pólvora e o avanço tecnológico pelo qual passaram as armas, com o surgimento de fábricas especializadas durante a Revolução Industrial, o que teria motivado a prática do tiro em diversos espaços, de onde surgiu os concursos de pontaria.

Interessante destacar que a atividade de tiro encontrada em clubes e associações de origem alemã no Brasil, em sua maioria não tinha a *priori* o objetivo militar, mas sim aquele relacionado ao divertimento de seus associados. Dentro desta perspectiva, os imigrantes que chegaram ao sul do Brasil em 1824 foram um dos principais responsáveis pela fundação de associações de tiro ao alvo, sendo que apenas na segunda metade do século XIX surgiram as primeiras sociedades de atiradores no Rio Grande do Sul. (ASSMANN; MAZZO, 2012).

Segundo as autoras, as *Schützenvereine*, sociedade de atiradores foi utilizada como uma estratégia de manutenção, representando um espaço de construção de identidade étnico-cultural alemã, bem como de sociabilidade e lazer. Nelas, os imigrantes praticaram o esporte, cultivaram suas raízes e afirmaram sua etnicidade. Ao mesmo tempo, nos clubes, havia a busca pela manutenção dos bons costumes e pela seleção social, ou seja, uma preocupação com a conduta e, principalmente, de aceitação de pessoas pelo seu destaque na sociedade local.

A primeira sociedade fundada no Rio Grande do Sul foi a *Schützengilde*, em 1863, na cidade de Santa Cruz do Sul. Novas sociedades surgiram depois na Região Sul, como a *Deutscher Turnerbund Schützvereine*, em 1869, em Porto Alegre constituindo então a Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro. (ASSMANN, 2010). “Esse novo interesse tornou-se, com o passar do tempo, o centro dos acontecimentos da associação, resultando num certo abandono dos exercícios de ginástica [...]” (SILVA, 1997, p. 20).

Muitas práticas encontradas no Brasil no século XIX e XX têm na sua origem influência alemã, até mesmo porque este grupo étnico contava com um contingente expressivo de imigrantes. De acordo com Seyfert (1994), aqui chegaram 250 mil imigrantes, que proporcionaram, paulatinamente, a afirmação das colônias teuto-brasileiras.

Eles ajudaram a criar novas oportunidades de convívio social com os habitantes das cidades onde se instalavam, introduzindo diferentes divertimentos. Observou-se, nas fontes pesquisadas, a presença do tiro ao alvo em Juiz de Fora nas casas comerciais e até mesmo em espaços específicos para o desenvolvimento de tais atividades, além do surgimento de clubes e sociedades de tiro posteriormente.

O primeiro registro dessa prática na cidade foi divulgado no Jornal *O Pharol* e data do dia 31 de julho de 1888, com a fundação de uma sociedade chamada

*Gremio Recreativo* cujo fim “era oferecer partidas mensaes e proporcionar todos os domingos, aos socios e suas familias, alguns divertimentos, como sejam tiro ao alvo, bibliotheca e diversos jogos”. (O PHAROL, 1888, p. 1). Já em 17 de novembro do mesmo ano, se inaugurava o salão de tiro denominado *União Mineira*, localizado na rua Imperatriz, nº 66, de propriedade de J. Cateysson com a realização de um concurso cuja premiação foi uma carabina de precisão, conforme registrou a edição de *O Pharol* de 22 de novembro de 1888. Outro tiro ao alvo foi inaugurado em 21 de novembro, chamado *Espingarda Grande*, de propriedade de Hermes & Montreuil. (O PHAROL, 1888). Nota-se que nesse período a cidade já demonstrava certo gosto pelo tiro ao alvo, devido ao surgimento da prática em diversos locais, principalmente na região central.

Cada vez mais, o tiro ao alvo estava presente no cotidiano da sociedade juiz-forana, e a intensificação desta prática fez com que surgisse a cobrança de imposto específico. Assim, já em 1892, foi cobrado ao empresário de casa de tiro ao alvo o valor de 75\$000 (setenta e cinco mil réis) para se estabelecer na cidade; e 32\$000 (trinta e dois mil réis) para aqueles instalados em outros lugares, sendo, portanto, a cobrança incluída na terceira classe do Imposto sobre Indústria e Profissões. (ARQUIVO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, 1892).<sup>42</sup>

Naquele momento, o comércio já apresentava algumas casas que vendiam materiais específicos para a prática do tiro, conforme anúncio da casa *America, Armazem de Ferrragens*. No aviso, o empreendimento divulgava a oferta de diversas armas, como espingardas, revólveres e garruchas, vendidas a 40\$000 (quarenta mil réis), e de “legítima carabina Galland com as competentes balas e graduadas para o tiro ao alvo”. (O PHAROL, 1892, p. 2).

Há, portanto, uma reorganização por parte dos empreendimentos locais para atender ao surgimento de novos passatempos, ou seja, foram identificados alguns proprietários que viriam a atender a nova demanda de artefatos específicos para estas práticas, neste caso particular, aqueles destinados ao tiro.

Como evidências de casas e clubes que ofereciam esta atividade ainda no século XIX, cita-se alguns exemplos levantados na pesquisa ao jornal *O Pharol*: Jardim da Tapera (1895); Club Cynegético (1897); Club Fanáticos Carnavalescos

---

<sup>42</sup>Cf. PREFEITURA DE JUIZ DE FORA (MG). Arquivo Municipal de Juiz de Fora. 1892.

(1897); Club Internacional (1897); High Life (1900), entre outros, além das diversas festas realizadas e que incluíam o tiro ao alvo na programação. Já na primeira década do século XX, identificou-se tiro ao alvo sendo praticado no Café Floresta (1905); no *Club dos Graphos* (1905); *Club C. Graphocinematographicos* (1905) e no Eden Salão (1906).

Sobre a inauguração do divertimento no *Club Fanaticos Carnavalescos* encontra-se a seguinte notícia que traz detalhes sobre a organização do evento<sup>43</sup> e as particularidades dessa prática:

Tiro ao Alvo

O Club dos Fanaticos Carnavalescos inaugura hoje, na Colonia de S. Pedro, o tiro ao alvo, com dous grandes torneios.

As partidas começarão ao meio-dia, realizando-se o primeiro torneio, denominado "Fanatico", ás 2 horas da tarde, e o segundo " Amadores" ás 3 horas.

Ao vencedor do primeiro torneio será offerecido um bello revólver pela directoria do club. Aos tres primeiros vencedores do segundo torneio serão entregues tres premios offerecidos á directoria por tres exmas. Senhoras.

Só poderão tomar parte no primeiro torneio os socios do club.

A distancia do atirador para o alvo é de 15 metros. Cada atirador terá direito a dez balas, divididas em duas séries de cinco balas.

Antes do torneio qualquer socio ou amator poderá atirar, pagando cem réis por bala. As armas e as balas, para o torneio, serão offerecidas pelo club. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897, p. 2)

A presença de mulheres nos torneios era notada com objetivos diferentes dos homens, semelhante ao papel desempenhado nos prados, até que, em 1903 constatou-se sua participação no tiro ao alvo na condição de praticante, com chegada à cidade da *Trupe de Tiro ao Alvo*. Este grupo teve como um de seus destaques as atiradoras Elvira e Amparo, que vinham de apresentações na cidade de São João Del Rei, Minas Gerais.

A Trupe não agradou a todos, e um desses descontentes, que não se identificou, externou, em matéria de jornal, sua opinião a respeito da participação feminina. Sublinha-se aqui a ênfase dada aos termos "mulheres e senhoritas" pelo autor anônimo, o que leva a concluir que, para ele, a participação feminina em tal

---

<sup>43</sup>Além desse torneio, foram realizados outros dois pelo mesmo clube no parque da Cervejaria José Weiss, nos dias 11 e 18 de julho de 1897, também com premiação aos vencedores. As partidas destinadas aos sócios e amadores tiveram suas inscrições antecipadas realizadas nas casas de comércio Grippi & Irmãos e Bazar Lion. (O PHAROL, 1897; 1897). Informou-se que esse clube ainda realizou diversos outros torneios de tiro ao alvo naquele ano na cervejaria.

atividade de tiro teria afetado o real sentido da atividade, sendo tais palavras empregadas em tom preconceituoso, comum para a época.

Tiro ao alvo-tiro aos bolços

Deixou finalmente e felizmente esta cidade, na terça-feira, o grupo de *mulheres* atiradoras, ditas *senhoritas*, dirigido ou antes explorado pelo sr. Fonfreda.

Cessou assim, ainda que não sem demora, a jogatina que se desenvolveu, por mais de um mez, á custa dos paspalvos, no teatro público, e da qual não houve outro que contasse vantagens a não ser o empresário do celebre grupo.

O tiro ao alvo das taes *senhoritas* não acertou senão no bolso dos tolos, que pagaram com alguns contos de réis a sua ingenuidade [...]. (O PHAROL, 1903, p.1, grifos do jornal).

Todavia era um atrativo à parte a participação feminina no tiro ao alvo, chegando a se revestir de uma espetacularização, diferente da prática exercida pelos homens. Tanto que, em 1905, chegava a Juiz de Fora uma “grande companhia de gentis senhoritas atiradoras ao alvo, com vendas de *poules* simples e duplas. A maior novidade européia”. (O PHAROL, 1905, p. 2).

O tiro ao alvo foi, portanto, de forma gradativa, inserindo-se no gosto dos juiz-foranos via diferentes influências, seja pelos imigrantes europeus aqui instalados ou por outras formas. Esse novo gênero de *sport*, através de seus *sportmen* ou até mesmo pelos simples espectadores motivou um grupo a fundar um clube especializado para a prática do tiro, em um espaço já conhecido e explorado pelos habitantes daquela cidade: uma cervejaria. Foi assim que, em 1907, nas instalações do Velódromo Internacional na Cervejaria José Weiss, fundou-se um clube de características associativas, o *Club de Tiro aos Pombos*.

A motivação para fundação desse clube foi a crescente simpatia a este divertimento por parte de alguns visitantes da cervejaria e de amadores desta prática. Dentre os sócios, havia imigrantes europeus e seus descendentes, como alemães e italianos, e também de brasileiros. O primeiro torneio do *Club de Tiro aos Pombos*<sup>44</sup> na cervejaria ocorreu em novembro de 1907, com competições abertas a quem se interessasse pela prática. (O PHAROL, 1907): “Este genero de sport, que conta em nossa cidade muitos amadores, será dóra avante cultivado pelos nossos mais eximios

---

<sup>44</sup>Entre os concorrentes, o jornal *O Pharol* destacou nomes de pessoas eminentes na sociedade como “dr. Accacio Teixeira, F. Grippi, Jorge Parquino, dr. H. de Beauclair, B. de Castro, Etori Corrieri, Carlos Betolletti, José Banducci”. Alguns desses nomes chegaram a constituir a diretoria do clube, sendo que em 1909 assumiu a presidência H. Beauclair. (Cf. edição de *O Pharol*, de 14 ago. 1909).

atiradores os quaes já foram convidados para fazerem parte da aggremação sportiva para tal fim fundada. ” (O PHAROL, 1907, p. 2).

Eram frequentes as notícias em jornais sobre os torneios de tiro e sobre seus vencedores, principalmente nos jornais *O Pharol e Jornal do Commercio*. Esse fato mostra a preocupação da diretoria em afirmar socialmente o clube nas atividades esportivas da cidade, exaltando os nomes dos vencedores, construindo, assim, a imagem de um clube diferenciado através da distinção de seus atiradores.

Instalados em um espaço dedicado também para as corridas de bicicletas, o Velódromo Internacional, o *Club de Tiro aos Pombos* organizava seus torneios com provas<sup>45</sup>que, inicialmente, apenas usavam o pombo como alvo (alvo vivo) e posteriormente acrescentaram o prato, conhecido também como “pombo artificial”. (O PHAROL, 1910, p. 2).

O prato é uma invenção por certo humanitaria, mas que só em tirocinio de tiro se usa na Europa. Os concursos celebres de Monaco, Nice, San Sebastian, Onstende, Trouville e Biarritz empregam os pombos: único meio de tornar o tiro emocionante, cousa que não se consegue com o movimento automatico de pratos. (REVISTA DA SEMANA, 1914).

Na festa de aniversário promovida pelo clube no dia 04 de setembro de 1910 (O PHAROL, 1910) foram disputadas quatro provas de tiro, sendo a primeira chamada de “Abertura” com provas de 10 pratos (“doublées”) e as outras que foram denominadas “Grande prêmio sete de setembro”, “Consolação” e “Grande Campeonato 1910”, esta última, uma das mais importantes. Os prêmios, em sua maioria, eram objetos relacionados à prática do tiro: jogo de ferramentas para caçador; um cento de cartuchos “Greener”; lata de pólvora “Schutze”; carabina; canivete para caçador; cadela *pointer*, medalhas, entre outros.

Para cada pombo, deveria ser pago o valor de 700 (setecentos) réis; o regulamento da competição a ser seguido pelos atiradores e juízes era o “*Hurlingham*”, tradicionalmente utilizado em Londres. Vários foram os atiradores presentes e que depois se mantiveram por um longo tempo associados ao clube,

---

<sup>45</sup>Geralmente, cada prova recebia um nome relacionado a alguma data festiva, personalidades da cidade ou vencedores de torneios.

como Carlos Hugo Becker<sup>46</sup>, Zeferino de Andrade<sup>47</sup>, Romeu Mascarenhas, Paschoal Senatore e Theodorico de Assis<sup>48</sup>.

Já para participar de cada torneio era pago um valor de inscrição que se diferenciava de acordo com a dificuldade do mesmo, pelo número de pombos e pratos envolvidos e/ou pela distância entre atirador e alvo. Além disso, entre os espectadores eram permitidas também apostas através de *poules*, mas estas, geralmente, tinham uma destinação social, não retornando ao clube. Tanto que, conforme informava a edição de *O Pharol*, em 03 de setembro de 1910: o “producto será em benefício dos mendigos e desvalidos da cidade”, repasse este sob a responsabilidade direta do diretório do clube. (O PHAROL, 1910, p. 2).

A programação do evento gratuito constou de provas de tiro e *poules*, de um *buffet* preparado pelo dono da Cervejaria José Weiss, e de música com a banda Euterpe Mineira, além da presença de ‘praças’ para a manutenção da ordem. “A festa correu muito animada, havendo grande concorrência”. (O PHAROL, 1910, p. 3).

Era comum também a exposição, em casas de comércio da cidade, dos prêmios e das ‘taças’ que seriam oferecidos aos vencedores como a que foi exposta na casa Andrade e doada pelo sócio Bento Caldas. (O PHAROL, 1910). Para atender ao maior número de sócios, a logística do transporte até o *stand* do clube era resolvida com a disponibilização de bondes especiais saindo do centro da cidade.

A presença de famílias era identificada principalmente nas festas anuais de aniversário e nas disputas finais. A dificuldade de muitas pessoas em assistir e/ou concorrer nas disputas estava relacionada a diversos fatores, como a exigência de posse de armas e, principalmente, a falta de condições financeiras para se associar ao clube; ao problema para deslocamento até o *stand*; ao valor cobrado para entrada nos eventos; o pagamento de inscrição, entre outras despesas. Pode-se ainda avaliar que o refinamento e a distinção, característicos desse tipo de evento, também

---

<sup>46</sup>Natural da Alemanha, técnico em fabricação de cerveja da Cervejaria Germânia, Cônsul da Alemanha em 1925. Um dos fundadores do Clube de Tênis D. Pedro II e do *Turnerschaft Club Gymnastico*. (PROCÓPIO FILHO, 1979).

<sup>47</sup> Brasileiro, comerciante de tecidos e modas; membro da Assembleia Municipal Republicana de 1891. Aficionado do tiro ao voo. (Id. 1979).

<sup>48</sup> Brasileiro, industrial, cafeicultor, pecuarista, foi presidente da Companhia de Fiação e Tecelagem João Evangelista, Diretor e fundador da Companhia Agrícola de Juiz de Fora em 1908. Campeão de Tiro ao Voo. (Id. Ibidem).

constrangesse os populares, que não possuíam nem mesmo as vestimentas apropriadas ao divertimento.

A fotografia abaixo ilustra o momento da inauguração do novo *stand* em 1912, resumindo o perfil dos associados e dos espectadores.

FIGURA 13 – Vencedores do Torneio anual de tiro aos pombos - 1912



Fonte: Arquivo particular

Nas palavras do memorialista Pedro Nava (1973), esta “elegância” não passou despercebida.

Tia laiá quando estava em Juiz de Fora e os via passar assim para piar inhambu-chororó no Botanágua, ria muito daquelas elegâncias do *Bicana*, lembrava a simplicidade da botica da Rancharia e insinuava que talvez esse gosto por armas de fogo viesse dalgum carcamano de escopeta e brinco, lá da Calábria ou da Sicília. Já os luxos, dizia era para imitar as panóplias e as equipagens do Alto dos Passos, as do Luís Eugênio, do Teodorico de Assis, do João Penido.... Ah! mas não chegava nem aos pés... Também causava muita hilaridade o cachênê de seda e o boné escocês do carabina de dois canos para as *partidas de tiro aos pratos, de tiro aos pombos*, em *Mariano Procópio*. (NAVA, 1973, p. 38).

A inauguração do novo *stand* no parque da Cervejaria José Weiss trouxe uma característica até então não constatada em outros torneios: a autorização de não associados a participarem de dois eventos, chamados de “Minas Geraes” e “Juiz de Fóra” e reconhecidos pela diretoria como “tiros populares”. Era também uma forma de buscar novos sócios para esse clube que “renascia” com seu novo espaço e que podia “rivalizar com os melhores da Europa”. (O PHAROL, 1912, p. 2). Novamente, houve



apostas no formato de *poules*, só que, desta vez, em benefício do Albergue dos Pobres.

Para esse torneio, os prêmios foram patrocinados por diversas pessoas, casas comerciais e indústrias, uma forma também de se aproximarem do clube e de criarem uma imagem positiva de seus estabelecimentos. Doaram os prêmios: Gaz-Motoren Fabrik Deuyz; Hopkins Causer & Hopkins; Pantaleone Arcuri & Spinelli; Grippi & Irmãos; Herman Erhardt; Cervejaria Germâniae Cervejaria José Weiss entre outros.

A participação em campeonatos interestaduais, principalmente entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, já era uma realidade para o clube de tiro mineiro em 1912, que estava sempre presente entre os primeiros colocados nas disputas em São Paulo, em que saíram vencedores os sócios Bernardo José de Castro (campeão em 1912), Albino Machado, Zeferino de Andrade, Denis Rivers Andrews e Antenor Marques.

Esse campeonato paulista foi realizado no dia 11 de setembro de 1912 no *stand* de *Tiro ao Vôo Mineiros* e foi destaque no *Jornal do Commercio* da cidade, exaltando a participação mineira:

Justo e natural era esperar de tão excelente 'five' as bellissimas victorias que honrosamente conquistaram para esta cidade, cobrindo de renome os atiradores do Club de Tiro os Pombos de Juiz de Fôra. Os prognosticos não falharam e ahi está o resultado, ensinando quanto póde a perseverança e o amor pelo 'sport'.

Com um programma intelligentemente organizado, conseguiu o Club de Tiro aos Pombos Mineirense desempenhar-se com galhardia no penoso encargo de apresentar á culta população paulista d' áquella zona o magnífico espetaculo de um torneio interestadual.

Destacava-se do excelente programma a prova 'Premio Mineiros' cujo vencedor receberia uma bellissima medalha de ouro e 40% das entradas e os outros quatro collocados medalhas de prata e 24-16-12-8% das entradas. (JORNAL DO COMMERCIO, 1912, p.1)

Notável como já se registrava em Juiz de Fora, assim como em outros lugares do país, o conceito de modernidade e desenvolvimento reinante em São Paulo, cidade moderna, industrial e refinada, onde as pessoas eram diferenciadas e reverenciadas como cultas, ou seja, civilizadas. Na mesma notícia percebe-se também a diferença quanto à premiação, pois enquanto em Juiz de Fora a premiação era feita com brindes, em São Paulo nota-se as quantias em dinheiro, calculadas pela porcentagem de pagantes, formato ainda inédito no clube mineiro. Ou seja, diferentemente de São Paulo, em Juiz de Fora a profissionalização que pode ser

identificada a partir da classificação dos tipos de prêmios, não estava tão presente ainda.

Com o crescimento dessa prática na cidade, e quiçá no Brasil, notas de repúdio começaram a circular, em 1914, nos meios de comunicação contra a utilização de pombos como alvos, sendo considerada uma atividade “desumana”. É importante citar estas duas notícias: uma contrária e outra em resposta a primeira, defendendo o tiro aos pombos, para que se possa entender com mais clareza as motivações e justificativas de ambos lados.

Pouca prosa...

Se eu pudesse fazer agora um pedido a todos os jornaes da cidade, com a certeza de ser atendido, não lhes iria pedir muita coisa. Iria pedir-lhes apenas que fechassem as suas collunas, intransigentemente, ás noticias relativas ao desumano *sport* que infelizmente aqui se está praticando com muita frequencia.

Mas eu não posso fazer tal pedido, nem os jornaes, por sua vez, o poderiam receber benevolmente.

Entretanto, não me é impossível, desta columna, clamar contra o cruel passatempo, a que tanta gente, entre nós, gostosamente se entrega.

Bem sei que o entusiasmo sportivo não consente, aos amigos do tiro aos pombos, pensar na maldade que praticam. Porque, se elles reflectissem na desumanidade de que são autores, logo abandonariam a tristíssima diversão. Bem sei que assim é.

Mas isso não impede que lembremos, de quando em quando, aos entusiastas de tal *sport*, a incompatibilidade em que se encontra o homem civilizado com semelhante divertimento. Não impede que lhes lembremos a crueldade que commettem.

E a verdade é que elles não poderão, em resposta, affirmar que não carecem de conselhos e sabem o que estao fazendo.

Não, não o poderão.

Não o poderão porque, se soubessem o que estão fazendo, positivamente não o fariam.

G. de A. (O PHAROL, 1914, p.1).

As palavras escritas por Gilberto de Alencar traziam certo peso perante os leitores, pois este possuía um papel de destaque na sociedade com personalidade intelectual, como membro da Academia Mineira de Letras, jornalista de jornais como *O Pharol*, *A Batalha* e *Diário Mercantil* e professor do Instituto de Educação. (PROCÓPIO FILHO, 1979). Crê-se que sua posição contrária à prática de tiro aos pombos tenha conquistado diversos adeptos, principalmente aqueles que saíam em defesa da causa dos animais. Observa-se que próprio autor da notícia utilizou diferentes nomenclaturas para designar a prática: esporte/divertimento/passatempo/diversão.

De qualquer forma, esta diferenciação era comum no período, pois, ao se observar as notícias dos jornais, percebe-se que eram incluídas em colunas distintas, como exemplo, no *O Pharol* aparecem nas colunas ‘*Annuncio*’ (1888); ‘*Diversões*’ (1897) e ‘*Notas & Novas*’ (1912); no *Jornal do Commercio* as colunas ‘*Onde se Diverte*’ (1897) e ‘*Secção Livre*’ (1908).

Não tardou vir a resposta, pelas palavras do sócio do clube, Accacio Teixeira, no mesmo jornal no dia 14 de maio de 1914. Escreveu o seguinte:

Li com atenção a deliciosa secção *Pouca prosa d’ O Pharol* sobre a desumanidade dosportcynegetico do tiro aos pombos.

Tem razão o amigo em verberar esse *sport*, pois nada mais deshumano e brutal.

Porque esses cynegeticos não cuidam de cousa mais util? Não seria melhor que elles se dedicassem á catechese suave de indios bravos, que fossem amansar onças, tigres, crear com carinho pulgas, bicho de pé, dando-se a estes e a outros *sports* de maior ou menor risco?

Estes desalmados só querem enfrentar os pobres pombos inoffensivos, porque sabem que não correm perigo algum. Acho difficil conseguir o amigo o que pretende. Será mais facil conseguir-se o maior absurdo, do que evitar que os *Newrods*, Bernardo, Accacio, Becker, Zeferino, Penido, Theodorico e outros animaes daninhos quedem-se extaticos e mudos com as suas certas “Greenérs” ensarlhadas diante do vôo de ponta de aza (um dos tiros difficeis) de um bluerock!..Não meu caro Gilberto, é impossível conseguir o que deseja. Allegar estes exterminadores de pombos que não tem v. o *fogo sagrado* do cynegetismo, pois de contrario seria tambem apreciador do ‘*sport*’.

Dizem mais estes barbaros que maior deshumanidade é cortar-se o pescoço á gallinha e come-la de molho pardo, é ‘choupear-se’ o boi e transformal-o e carne de vacca, é metter-se a faca no porco e transformal-o em fiambre, lombo assado ou chouriço.

Veja meu caro Gilberto, como discutem estes malvados; será a mesma cousa comer uma *fera* de molho pardo como seja gallinha, animal que só serve para dar-nos prejuizos, que matar-se um pombo?

Quem não vê logo que entre uma gallinha e um pombo há uma grande differença?

O pombo não presta a molho pardo e por isso se o poupa, sacrificando-se as gallinhas.

De há muito vem o amigo batendo-se contra a perversidade do tiro aos pombos e em retribuição a esse beneficio será agraciado com o diploma de honorario da sociedade humanitaria proximo a ser organizada e que denominar-se-á: Sociedade Protectora contra todos os inimigos da alma: [...], diabo e... pombos. (O PHAROL, 1914, p.1)

Analisando a questão da utilização do pombo como alvo, o sócio afirma ser a ave de pouca utilidade para o homem em relação aos animais referidos, além de não apresentar risco aos diversos atiradores. Ao enumerar alguns nomes de eminentes praticantes da modalidade, que gozavam de boa posição social na cidade, busca a legitimação para a matança que justifique a “autorização” da prática.

Não obstante a discussão interna desse *sport*, *ele* continuou a figurar nos meios de comunicação, chegando até à Câmara dos Deputados, resolvendo o Congresso Nacional, em sessão do dia 01 de dezembro de 1914, através de um projeto apresentado pelo deputado Elysio de Araujo, colocar em análise propostas de proteção aos animais como cães, touros, galos, pombos entre outros, envolvidos nestas disputas.

No documento apresentado defende o reconhecimento de algumas práticas como “divertimentos e tradições seculares herdados da península ibérica”, alegando que esse projeto interromperia as mesmas como um “golpe”, mas que prestaria benefícios à civilização, “tal qual deve ser entendida, isto é, no sentido da elevação dos nossos sentimentos altruístas”. (O PHAROL, 1914, p.1). Não há, pelo autor do projeto, um reconhecimento da associação direta desta prática com o povo alemão, mas sim de sua origem no continente europeu, demonstrando também que era uma atividade já inserida culturalmente naquele território.

Mesmo com toda essa movimentação de proteção aos animais, a atividade continuou a ser praticada pelo clube em Juiz de Fora, assim como permaneceu em outros estados. Cada vez mais o Club de Tiro aos Pombos mineiro crescia, recebendo mais adeptos e aumentando a participação nos torneios.<sup>49</sup>

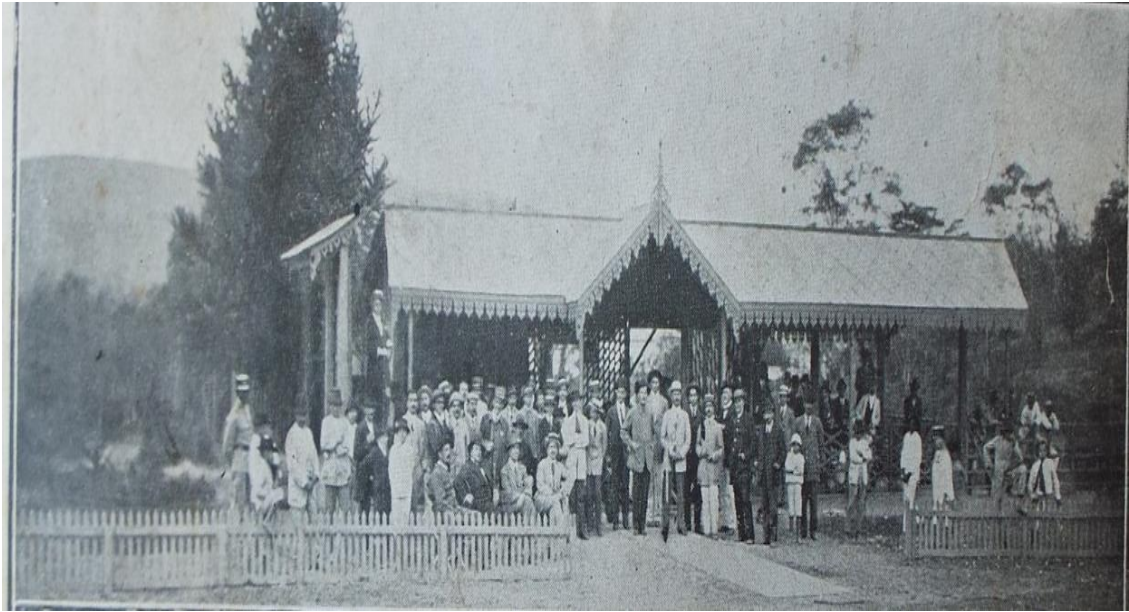
No Parque José Weiss, os torneios aconteceram ativamente, sendo a programação e os resultados divulgados nos principais jornais da cidade e periódicos de outros estados, como a revista *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro. Em um dos campeonatos brasileiros realizados em Juiz de Fora, clubes do Rio de Janeiro e São Paulo estiveram presentes. Nesta revista, são encontrados registros fotográficos que enalteciam os vencedores, diretorias e seus *stands*.

A seguir, destaca-se a fotografia de um campeonato realizado em outubro de 1915, no Club de Tiro aos Pombos, em Juiz de Fora.

---

<sup>49</sup>O único registro fotográfico da diretoria foi encontrado na Revista *Fon-Fon* de 1914. Entre os sócios estavam Albino Machado, Bernardo José de Castro, Zeferino de Andrade, Denis Andrews e Romeu Mascarenhas.

FIGURA 14 - Campeonato Brasileiro no stand do Club de Tiro aos Pombos



Fonte: REVISTA FON-FON, 1915

Geralmente, participavam dos campeonatos anuais os melhores atiradores, envolvendo os mesmos clubes, como o *Revolver Club* do RJ e *Tiro aos Pombos de Mineiros* de São Paulo. Detectou-se também a participação de clubes do Rio Grande do Sul no Campeonato Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, em dezembro de 1915. Neste evento, as primeiras colocações foram ganhas pelos *sportmen* de Juiz de Fora: o campeão brasileiro Bernardo de Castro, Denis Rivers Andrews e Zeferino de Andrade.

A seguir, a ilustração dos participantes deste campeonato, exibindo troféu.

FIGURA 15 – Atiradores - Campeonato Brasileiro do RJ



Fonte: REVISTA REVOLVER CLUB, 1915

Até o ano de 1917, as atividades desenvolvidas pelo Clube de Tiro aos Pombos se mantiveram semelhantes aos anos anteriores, com a realização de torneios locais e campeonatos nacionais, e do intercâmbio com outros clubes congêneres. A exposição dos prêmios que seriam oferecidos aos vencedores ainda era um costume comum, e os prêmios eram diferentes daqueles oferecidos nas competições atuais, que premiavam através de medalhas. Na ocasião do torneio, que seria realizado em setembro de 1917, os “ricos” prêmios foram expostos na Casa Zeferino de Andrade, e constavam de “um rico bronze representando um caçador, uma bellissima taça, um despertador, duas jarrinhas e uma cigarreira de prata”. (O PHAROL, 1917, p. 2).

Com a Primeira Guerra Mundial, diversas foram as leis nacionalizadoras que atingiram diretamente os clubes de origens étnicas germânicas, principalmente no sul do Brasil, e, de acordo com Assmann (2010), muitas sociedades de tiro tiveram suas atividades paralisadas, “abrasileiradas”, enfrentando variados problemas ou mesmo fechando as portas. Além disso, segundo Ramos (2000), uma das ações nacionalizadoras foi a Lei 3.361, de 26 de outubro de 1917, que, para ela, transformou as associações de atiradores em Tiros de Guerra.

Funcionando na cidade a partir do início do século XX, um novo clube de origem militar começava a se destacar na prática de tiro: o Tiro Affonso Penna, sob a direção do tenente Jesus de Oliveira e instrução do também tenente José Luiz de Medeiros. (O PHAROL, 1915). Nota-se uma atividade mais voltada a atender os objetivos militares do que à simples satisfação ou prática da pontaria, como ocorria com o Club de Tiro aos Pombos, perdendo, assim, sua característica de divertimento e a finalidade social, já que se voltava, agora, para fins militares e limitava-se aos civis.

Com a necessidade de mudança na nomenclatura dos clubes, o Club de Tiro aos Pombos passou a se chamar, no final da década de 1910, Club de Tiro de Juiz de Fora, mantendo as atividades iniciais e acrescentando o tiro ao disco (acreditava-se ser o mesmo prato, embora não haja mais informações a respeito), o intercâmbio com outros clubes, como o Sport Club Tiro ao Vôo do Rio de Janeiro e ainda conservando o seu *stand* no parque José Weiss. Associados conhecidos ainda estavam ativos na década de 1920, como Zeferino de Andrade, Theodorico de Assis e Carlos Hugo Becker. Estes dois últimos estavam sempre presentes às atividades

que envolviam alemães e teuto-brasileiros como no *Turnerschaft Club Gymnastico*, *Kegel Club*, além das festividades nas cervejarias, e, claro, do tiro aos pombos.

FIGURA 16 – Club de Tiro de Juiz de Fora - 1923



Fonte: Arquivo pessoal de Jakeline Lisboa

### 2.3 Ciclismo

Definido como a prática de corrida de bicicletas, o ciclismo se difundiu no Brasil principalmente nas décadas finais do século XIX com a importação deste “artefato”, fazendo uso do termo adotado por Melo e Schetino (2009). Reveladora de novos hábitos e experiências públicas, o uso da bicicleta permitiu aos seus usuários alternativas de diversão, uma nova possibilidade de passeio e chegou até mesmo ser identificadacomo demarcadora social.

Pedro Nava (1977) reporta a uma experiência vivenciada por ele, onde a bicicleta permitia a ampliação e o conhecimento de novos lugares, oportunizando assim uma nova experiência de mobilidade pública:

[...]nela eu fugia sobre o macadame da Rua Direita, ampliava minha zona de conhecimentos urbanos, ia até ao Desinfetório, contornava, de volta, o Largo do Riachuelo, voava à Estação, subia Espírito Santo, Galgava o Alto dos Passos. Um dia, fazendo letras em frente à casa do Dr. Fernando Lobo, a roda dianteira entrou num buraco e eu fui projetado espetacularmente! por

sobre o pescoço do meu bucéfalo. Da janela, as duas lindas moças quase morreram de rir. Eram a Carmem Moretzhon e a Ruth Lobo, divertidas com o tombo do garoto que um dia ia ser médico das duas. (NAVA, 1977, p. 61).

Apresentada pela imprensa como símbolo da modernidade (SILVA, 2013), aos poucos a bicicleta passou por um processo de ‘esportivização’, incorporando novas características e ressignificando outras. Em Juiz de Fora, o ciclismo foi incorporado mais intensamente em 1897, quando foi construído o primeiro espaço dedicado especificamente à prática, o velódromo. Em outros estados, o período coincide com a realização de investimentos em infraestrutura para a prática do novo hábito, como foi a construção do Velódromo União Velocipédica, em 1898, localizado na rua da Consolação, em São Paulo. (SILVA; CARMONA; MAZZO, 2015), e a construção do Velódromo Nacional no Rio de Janeiro, por volta de 1895. (MELO; SCHETINO, 2009).

Porém, é provável que as corridas de bicicletas já existissem na cidade, a se ver por anúncio com a divulgação do evento no Jardim da Tapera, no espaço destinado ao *rink* de patinação, datado de 10 de novembro de 1895. (O PHAROL, 1895). No caso do ciclismo era comum as provas em forma de páreos, disputadas nos prados, juntamente com as corridas de cavalos. Esta informação conduz a evidências do ciclismo ainda na década de 1880, em diversas disputas, como ocorreu posteriormente no Prado Mineiro, fundado em 1897.

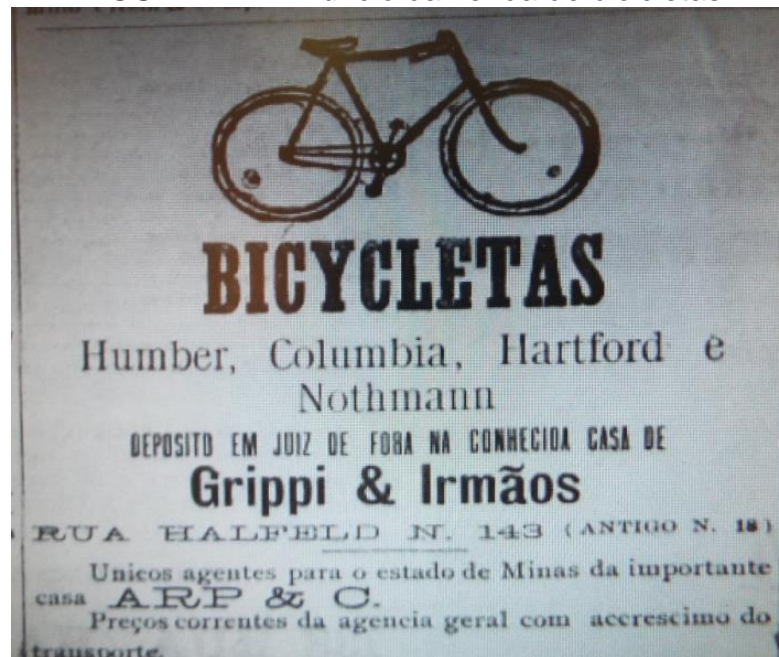
Para a inauguração do Prado Mineiro, em dezembro de 1897, de um total de oito páreos, três foram agendados com corridas de bicicletas. Nota-se a influência das competições turfísticas no ciclismo com a presença de páreos e venda de *poules*. Não foi possível identificar os nomes de competidores, tendo sido organizado um páreo apenas para meninos, diferentemente do que foi verificado no Rio de Janeiro, onde foram encontrados anúncios de páreos de corridas para meninas em jornais da época. (MELO; SCHETINO, 2009).

Ainda para os mesmos autores, a participação feminina na condição de competidora era uma realidade carioca, ocorrendo diferentes manifestações de apreensão, fosse pela exaltação da beleza da atleta, ou pela desconfiança e estranheza que esta participação causava, já que o ciclismo era considerado então um esporte exclusivamente masculino. Em Juiz de Fora, as mulheres também se fizeram presentes, mas, principalmente, como usuárias do “artefato”.



Na cidade mineira de Juiz de Fora, os anos finais do século XIX foram de crescimento e aumento do gosto pela prática do ciclismo, assim como do uso da bicicleta de modo geral, fosse como meio de transporte, para fins de trabalho ou de passeio. Surgia neste processo um novo comércio voltado para atender a esses novos *velocemen*, com a venda de bicicletas de diferentes marcas e geralmente importadas da Europa. Abaixo, um anúncio de venda do veículo por uma firma de Juiz de Fora.

FIGURA 17 - Anúncio da venda de bicicletas



Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 1897

A informação sobre o primeiro velódromo da cidade data de agosto de 1897, quando Alfredo Amaral e Carlos Alberto Nunes Amaral encaminham solicitação à Câmara Municipal para a construção das pistas. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897). Com a aprovação para a edificação, deu-se início às obras do Velódromo Mineiro, localizado à rua Barão de São João Nepomuceno, o qual teria duas pistas, de velocipédia e de patinação e duas bancadas para o povo, com iluminação a gás acetileno.

Marcada para dia 28 de agosto de 1897, a inauguração, por causa das chuvas, só pôde ser realizada no mês seguinte, no dia 8 de setembro, com entrada franca. (JORNAL DO COMMERCIO, 1897). O acesso livre para os interessados teve vida curta, pois, em provas posteriores, foi efetuada a cobrança de entrada, variando

o preço de acordo com o lugar a ser ocupado - geral ou varandas. Havia também um espaço reservado para os trabalhos da imprensa, para a diretoria e a polícia.

Reconhecido pela imprensa por expressões como um “soberbo ponto de recreio”, “ponto de divertimento”, o velódromo, além do ciclismo e da patinação, abrigava atividades e competições de tiro ao alvo, funcionando todos os dias. O Velódromo Mineiro passou a receber amadores de outras cidades e estados para suas disputas, com a distância das pistas variando entre 750m, 1200m, 1500m e 1700m. Os nomes também eram divulgados nos jornais, principalmente no *Jornal do Commercio*, conforme se pode se ver em anúncio abaixo.

FIGURA 18 - Divulgação de atividade no Velódromo



Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 1897

Diante de tal cenário, houve uma mudança na dinâmica social da cidade, influenciada também pelas importantes transformações ocorridas no período pós-república, e com os habitantes exaltando a novidade. Essa animação pode ser ratificada pela nota no *Jornal do Commercio*, em finais do século XIX, quando um colunista conhecido como Vaugirard descreve um pouco da sua percepção sobre o uso da bicicleta na cidade, ao divulgar o franqueamento do Velódromo Mineiro.

O destaque é dado para o reconhecimento do Velódromo como um lugar que acolhia diversões úteis, ou seja, o ciclismo era visto não apenas como divertimento, mas também como uma atividade que oferecia certa utilidade, talvez, aqui, relacionada às possibilidades de locomoção e mobilidade.

O Velódromo Mineiro vae ser de novo franqueado ao publico. Esta noticia me agrada e deverá ser igualmente agradável aos frequentadores daquelle magnifico centro de diversões uteis.

O cyclismo desenvolveu-se de modo prodigioso em nossa cidade, que não [sic] há um anno talvez não tivesse uma duzia de cyclistas e que hoje conta mais de duzentos, incluindo dez ou vinte senhoras.

Esse desenvolvimento é devido unicamente ao Velodromo Mineiro que, se fechasse definitivamente suas pistas, faria grande falta, o que aliás é facil de verificar pelo tempo em que deixou de haver corridas. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898, p. 1).

Com base nas informações contidas nas fontes, concluiu-se que houve, portanto, uma desaceleração das atividades do velódromo devido, em parte, à oferta de outras oportunidades de divertimento no mesmo local, como o tiro ao alvo, jogo da bola, corrida de cavalos, patinação, disputando assim a atenção do público. Também a localização central do Velódromo Mineiro talvez tenha sido um dos motivos declínio naquele momento, pois, como já foi exposto, as cervejarias se tornaram nas décadas finais do século XIX um ponto de encontro privilegiado da sociedade juiz-forana.

As atividades do Velódromo novamente não obtiveram sucesso, e seus proprietários Leal & Amaral anunciaram que iriam “traspassar” o estabelecimento “convenientemente montado para corridas de bicyclettes e patinação. O terreno presta-se para Frontão de pelota, Boliche, etc., divertimentos novos nesta cidade”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898, p. 3).

Contudo, um grupo de pessoas, entre elas, alguns alemães e teuto-brasileiros, resolveu “encampar” o Velódromo Mineiro sob a responsabilidade de um novo clube, o Velo-Club. Dentre os nomes figuram Pedro Weidt, Roberto Holt, José Schubert, Felipe Griese, Mateus Kascher, Guilherme e Christiano Griese, este último sendo eleito vice-presidente em 1898. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898).

A adesão da sociedade a esse novo “artefato” fez com que o comércio do produto fosse incrementado, aumentando o número de usuários de bicicleta. Desponta aí, por exemplo, o mercado de leilão, como atesta, em 25 de abril de 1899, a realização no *Bazar Lion*, um “importantíssimo leilão de bicycletas”, principalmente da marca Peugeot e Concordia, e que poderiam ser utilizadas por homens ou senhoras, para passeio ou corridas, além de outros itens. (JORNAL DO COMMERCIO, 1898, p. 2).

Sob nova direção, renascem as atividades do Velódromo Mineiro, sendo este fato divulgado em jornais e publicações da cidade e de outros estados, como na revista *Semana Sportiva* do Rio de Janeiro. Segundo esta, para a inauguração,

Foram organizados oito pareos, tendo sido todos bem disputados. [...] O velodromo apresentava bellissimo aspecto pelo gosto da ornamentação. A concorrência foi enorme e o movimento da casa de poule bem regular. Durante as corridas tocou a banda Garibaldina. Reina grande entusiasmo entre os amadores, o que faz prever que não faltará aos proprietários do velodromo o auxilio poderoso de tão bons rapazes, dispostos sempre a proporcionar ao povo de Juiz de Fóra tão bello divertimento. (SEMANA SPORTIVA, 1900, p. 1)

A reinauguração ocorreu em 21 de janeiro de 1900, quando, além dos páreos de bicicletas, houve apresentação de ginástica em barras fixas. Os ingressos variaram de valor, sendo para a entrada geral (1\$000 réis), varandas (2\$000 réis), camarotes (10\$000 réis) e menores de 10 anos (\$500 réis). (JORNAL DO COMMERCIO, 1898). Nota-se que além das corridas, reconhecidas pela revista como um bonito divertimento, outras atividades foram programadas e também “divertiam” o público, como música, ginástica, além da organização do espaço, que por seu diferencial, atraía maior número de pessoas.

Toda essa movimentação em torno das competições na cidade levou um grupo de ciclistas a organizar, em 1906, um clube específico para esta prática, incentivando na construção de um novo velódromo, o Velódromo Internacional (naquele momento, o Velódromo Mineiro já havia encerrado suas atividades), agora funcionando no Parque da Cervejaria José Weiss. O nome escolhido refletia, talvez, as características étnicas de seus associados, que, além de brasileiros, eram também alemães, portugueses e italianos. A inauguração, no dia 15 de dezembro, foi responsabilidade de diretor proprietário, Orestes Piloto. (IDEM, 1906).

Para manter a adesão do público às atividades desenvolvidas no Velódromo Internacional, eram oferecidas atrações diversificadas e com objetivos distintos, como foi o caso da corrida em benefício da Sociedade Umberto I, realizada em 14 de março de 1907, segundo o jornal *O Pharol* HAROL (1907); e a ascensão do Balão Granada, pela “valente e arrojadissima e esbelta aeronauta d. Maria Aida, a verdadeira pomba mensageira, que executará, á hora da partida, uma batalha de flores. Aprestem-se todos, pois, para a ascenção de amanhã [sic]”. (O PHAROL, 1908, p. 2). As atividades do velódromo Internacional deixaram de ser anunciadas em 1909, o que supõe seu fechamento.

### CAPÍTULO 3 - TURNERSCHAFT-CLUB GYMNASICO JUIZ DE FORA

A ginástica—que não a matéria inserida nos currículos escolares dos espaços formais de ensino—, esteve presente em Juiz de Fora inicialmente como atividade circense, encontrada principalmente nas décadas finais do século XIX. Podia ser vista dos picadeiros dos circos até as apresentações nos teatros como a realizada no palco do *Theatro Perseverança pela Companhia Gymnastica e Acrobática do sr. M. Kuhn*. (O PHAROL, 1878, p. 1).

A atividade envolvia um enorme número de exercícios corporais. Em Soares (2010), encontra-se o conceito remetendo à concepção antiga: “São exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e de nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, danças e canto.” (SOARES, 2010, p.20)

Durante muitos anos, diversas companhias circenses estiveram em Juiz de Fora demonstrando ao público suas “habilidades ginásticas”, tendo sido registradas por várias edições do jornal *O Pharol, Jornal do Commercio e DIÁRIO Mercantil*, abaixo enumeradas: Circo Pery (O PHAROL, 1882); Circo Equestre (1882); Companhia Europeia (1885); Circo Anglo Brasileiro (1886); Circo das Variedades (1887); Circo Europeu (1888); Circo Universal (1888); Circo Pavilhão Americano (1888); Circo Estados Unidos Norte Americanos (1890); Circo Lusitano (1891); Circo Peruano (1892); Circo Cruzeiro do Sul (1892); Circo Zoológico Brasileiro (JORNAL DO COMMERCIO, 1899); Circo Zoológico Francez (1901); Circo Irmãos Temperani (DIÁRIO MERCANTIL, 1930); Circo Holdelm (1929); Circo Imperial Japonéz (1930); Circo Wasnel (1934). Nota-se entre estes registros uma lacuna temporal na apresentação de companhias na cidade nas primeiras décadas do século XX, o que de fato justifica-se pelo surgimento de outras diversões, como o cinema e os clubes esportivos.

Entretanto, tal ausência não confere com a análise de Nakayama (2016), transcrita abaixo. Segundo a participação circense, escreve a autora,

[...] a primeira década dos Novecentos é marcada principalmente pela presença de companhias circenses na cidade, movimentando-a. A população presente parecia ser suficiente para ocupar diferentes circos que ali se instalavam ao mesmo tempo, tal como ocorrera com o Circo Chileno e o Circo Zoológico Frances, ambos instalados na primeira quinzena do mês de julho de 1900, em locais distintos da cidade: o primeiro no Largo do Riachuelo e o outro na Rua Halfeld, no Velódromo [...]. (NAKAYAMA, 2016, p. 80).

Nascidas em um período turbulento da Europa dos séculos XVIII e XIX, as primeiras sistematizações dos exercícios físicos concretizados pelo *Movimento Ginástico Europeu* foram utilizadas em países como a Alemanha, França e Suécia, principais responsáveis pelo desenvolvimento neste campo. (LANGLADE; LANGLADE, 1970).

A concepção previa uma forma de educação moral e higiênica da população, se preocupando também com a formação de novos hábitos, além de melhoria do nível de saúde. (SOARES, 2001). No Brasil, práticas corporais como a ginástica serviram de modelo aos dirigentes governamentais de distintas épocas que idealizaram, através da importação europeia de uma mentalidade de exercitar o corpo, a possibilidade de construir aqui uma Europa.

Vamos encontrar farto material em discursos políticos e científicos, sobre a necessidade de adotar-se para o povo brasileiro, ora o Método Francês, ora o Método Sueco de Ginástica, às vezes nos dando a sensação de que esta prática corporal era predominantemente difundida entre a população. (MORENO, 2001 p. 2)

Desse modo, no início do século XX, a ginástica já havia conquistado seu espaço, compondo-se como uma “pedagogia do signo e do gesto” conforme Soares (2010, p. 29) e se afirmando como forma específica de treinamento do corpo e da vontade do homem. No visível, era uma forma de cultivar um novo corpo que (re) surgia dentro de uma nova estética imaginada pela República, exigindo da sociedade um novo refinamento de suas sensibilidades “com prescrições de novos hábitos, atitudes e comportamentos [...]”. (MORENO, VAGO, 2011, p. 67)

Essa transformação também influenciou no desenvolvimento de modelos de conhecimento que deram base à formação de um projeto médico, por meio do qual houve uma “penetração da medicina na sociedade, incorporando o meio urbano como alvo da reflexão e da prática médica, e a situação da medicina como apoio científico indispensável ao exercício do poder do Estado”. (SILVA, 2004, p.98). Assim, políticas de saúde foram elaboradas para a sociedade, criando novas formas de concepção corporal a partir do saber médico, que utilizava a ginástica como ferramenta de medicalização da sociedade.

A defesa da *Gymnastica* realizada pelos médicos brasileiros ao longo do século XIX foi tema de vários estudos. No campo dos trabalhos da História da Educação Física é comum a visão de que esta ação esteve atrelada ao (re)ordenamento da sociedade brasileira desencadeado pela implantação do

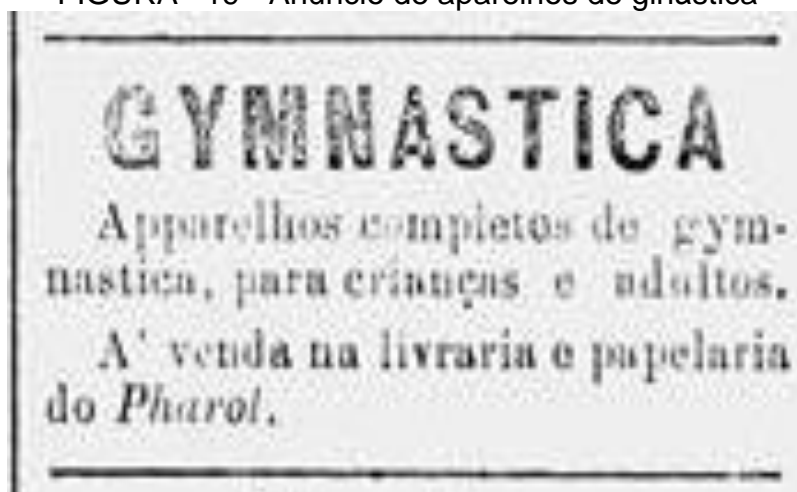
capitalismo no país. Dessa forma entendida no âmbito de um projeto-social, de formação moral e disciplinar, de regeneração/ aperfeiçoamento da raça, de construção/inculcação de um sentimento de identidade nacional, de desenvolvimento e aprimoramento do físico e da saúde. (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 127).

Pelo número de companhias trabalhando com a ginástica, pode-se inferir que a sociedade juiz-forana de certa maneira se mostrava receptiva a este tipo de atividade/espetáculo, e tal reação pode ter sido um aspecto positivo para a afirmação e aprendizado de uma ginástica mais sistematizada, oferecida pelas sociedades e clubes ginásticos que surgiram principalmente na primeira década do século XX.

Um dos principais motivos do desenvolvimento, afirmação e criação de um gosto pela ginástica ensinada em clubes na cidade está associado à presença dos imigrantes europeus na cidade. Inicialmente, os alemães, e depois os italianos, estes dois grupos desenvolveram a atividade, sobretudo nos parques da cervejaria, ao ar livre, utilizando-se de solo ou de aparelhos instalados.

A Tapera foi identificada nas fontes documentais como primeira cervejaria a instalar aparelhos de ginástica, em 1890, seguida da cervejaria Dois Leões, em 1905. Anteriormente a estas datas, a ginástica já fazia parte da cultura cidadina local, com a organização de um mercado consumidor específico, como se pode ver no anúncio abaixo:

FIGURA 19 - Anúncio de aparelhos de ginástica



Fonte: O PHAROL, 1885

Já o primeiro clube de ginástica foi o Club Gymnastico Riachuelo, que funcionava no salão Escudero da Cervejaria Winter e oferecia “ensaios” de ginástica

quatro vezes por semana. (O PHAROL, 1890). Assim, a ginástica, enquanto “espetáculo”, foi encontrada também no intervalo dos páreos de corridas no Velódromo Mineiro, com um trabalho realizado em “3 barras fixas”. (O PHAROL, 1900, p. 3).

Com a instalação dos aparelhos de ginástica na Cervejaria Dois Leões, como já mencionado, um grupo de ginastas de origem italiana passou a utilizar aquele ambiente para apresentações de ginástica, chegando a organizar a *Sociedade Gymnastica Força e Coragem*, conforme consta na notícia: “Parque Stiebler- Haverá hoje, como de costume, retreta neste aprasível logradouro de diversão, devendo se exhibir nos aparelhos gymnasticos ali installados para este fim, os artistas da *Sociedade Gymnastica Força e Coragem*” (O PHAROL, 1905, p. 2).

Essa sociedade esteve em atividade até 1907, apresentando movimentos no chão, barra fixa, argolas, escada melindrosa, *waksinton* a quatro (não foi possível identificar o significado do termo) e as três escadas, retornando, em 1915, sob o nome de *Centro de Cultura Physica Força e Coragem*, mantendo, entretanto, o mesmo presidente: Santi Conforti. (O PHAROL, 1906).

Outro grupo de amadores da ginástica, após anos de prática nos recintos das cervejarias, resolveu fundar, em 1909, no mesmo local do *Força e Coragem*, o *Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora*.

### 3.1 Processo de Criação no Parque da Cervejaria Dois Leões

Como já foi descrito, os imigrantes alemães juntamente com os teuto-brasileiros formaram diferentes instituições, muitas delas com caráter associativo. E, para este estudo, foram eleitas aquelas que ofereceram à sociedade, de um modo geral, a oportunidade de divertimento através de diferentes práticas.

Neste sentido, contribuem os estudos de Kilpp; Mazo; Lyra (2010), que ao analisarem as associações esportivas em Porto Alegre identificaram os imigrantes alemães como o principal grupo étnico responsável pela constituição de sociedades e clubes. “Além da parte social, o foco principal da associação esportiva era a prática de ginástica, além do atletismo e de outros esportes e, na mesma medida, promoviam eventos sociais, culturais e de lazer.” (KILPP; MAZO; LYRA, 2010, p. 8)

Na busca pela manutenção dos laços e tradições históricas e culturais que reforçassem a identidade grupal, alguns imigrantes e descendentes alemães



conservaram como hábito, principalmente aos domingos, se divertir no parque de recreio da Cervejaria Dois Leões. Toda esta movimentação associativa culminou com a fundação de um clube, inicialmente voltado para a prática da ginástica, o *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra* em 18 de abril 1909.

A esta altura, além da ginástica e do futebol - que marcaria o cenário esportivo do país -, diversas outras práticas já estavam em processo de organização e começariam a cair no gosto popular, principalmente a partir de 1920. Entre estas modalidades, podem ser listadas: o atletismo, o jogo da bola, a natação, a patinação, o tênis, o basquetebol, o voleibol e a luta (por exemplo, o boxe). Fazendo uso das palavras de Melo (2015), “de qualquer maneira, o esporte já se constituía em uma das práticas de diversão para todos os estratos da população”. (p.63)

O *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra* foi um clube semelhante a outros já existentes em todo o Brasil, como o *Deutscher Turnverein*, hoje conhecido como Sogipa, fundado em 1867, no Rio Grande do Sul; a *Turnverein Neu Hamburg*, fundado em 1894, em Novo Hamburgo/ RS; a Sociedade Ginástica São Leopoldo, fundada em 1885, também no Rio Grande do Sul; a Sociedade de Ginástica *Junerbund*, fundada em 1892, em Porto Alegre/RS; a *Deustcher Turnverein*, fundada em 1888, em São Paulo; o *Turnerschaft 1890*, fundado em 1890, em São Paulo; e o *Turnverein*, fundado no Rio de Janeiro, também em 1890. (LISBOA, 2010).

Observa-se que foram instalados principalmente na Região Sul e Sudeste do país, sendo que muitos deles (ou todos talvez) seguiram os ideais e objetivos balizados pelo movimento ginástico idealizado por Johann Friedrich Ludwig Christoph Jahn<sup>50</sup>na Alemanha, o qual denominou de *turnen*. Para autores como Elias (1997), este movimento não trazia apenas características da ginástica essencialmente, pois segundo ele, o *turnen* era mais político do que propriamente ginástico.

Esta dimensão política da ginástica, apresentada pelo autor, é sublinhada devido ao contexto vivido na Alemanha ainda fragmentada do início do século XIX, desprovida de uma unidade política, contando apenas com a língua como elemento de coesão entre os estados, e tendo concretizado seu processo de unificação apenas em 1871.

---

<sup>50</sup>Johann Friedrich Ludwig Christoph Jahn, denominado ‘pai da ginástica alemã’, nasceu na vila de Lanz, nos arredores de Lenzen, uma aldeia de Brandemburgo, próxima de Elbe, na planície de Prignitz (região da Prússia), em 11 de agosto de 1778. (MINCIOTTI, 2010). Morreu aos 75 anos, no dia 15 de outubro de 1853, na cidade de Freyburg, na Alemanha, vítima de pneumonia, (TESCHE, 1996).

Para Krüger (2011), o enredo do *turnen* com a história nacional da Alemanha pode ser demonstrado em diversas fases de desenvolvimento. O autor dialoga com os estudos de Düdding (1984), que dividiu o movimento do *turnen* no século XIX em três “períodos de desenvolvimento”: o antigo movimento do *turnen* pré-março, fortemente cunhado por Jahn, que ocorreu anos antes da “revolução de março” de 1848; o movimento do *turnen* que “desabrochou” em sociedades em torno da revolução de 1848/1849 e, por último, o período de fundação do império alemão.

Na década da fundação do Reich pode-se constatar uma transformação da função do movimento do *turnen*, partindo da política e voltando-se à cultura ou cultura corporal, respectivamente. *Turnen* já não era sinônimo de ideia político-oposicionista da liberdade, senão de uma cultura e pedagogia afirmativa, nacionalista e defensora do Estado do corpo, da postura do corpo e do movimento. (KRÜGER, 2011, p. 31).

Segundo Tesche (2012), o *turnen* de Jahn tinha um embrião político bem caracterizado que se confundia com a história política de seu tempo. Foi um movimento que ganhou muito adeptos na Alemanha, imbuído pela busca da “pureza” cultural alemã. (QUITZAU, 2014). Para tal, Jahnse utilizou do termo para referir aos exercícios físicos, substituindo o termo *gymnastik*, de origem grega, por *turnen*, como forma de proteger a cultura alemã através do idioma.

Institucionalizado em 1816, com a publicação da obra *Die Deutsche Turnkunst* (A Ginástica Alemã), o *Turnen* elegeu a prática dos exercícios físicos para a formação da nacionalidade alemã e resgate da cultura germânica, trazido para o Brasil pelos milhares de imigrantes na tentativa de manter viva a nação de origem.

Muitos dos exercícios ginásticos do *turnen* tiveram como influência outros que haviam sido criados por Guts Muths, conforme aponta Ramos (1982). Para Minciotti (2006), “a prática do *Turnen* – atividades culturais e físicas como saltos, lutas, equitação, natação, esgrima e Ginástica, entre outros –, preconizada pelo mestre Jahn, era uma forma de amor à pátria e de preservação cultural”. As características deste movimento serão mais discutidas no próximo capítulo deste trabalho.

No Brasil, as associações e clubes de imigrantes e teuto-brasileiros se tornaram pontos de reunião, favorecendo as novas sociabilidades e passando a exercer a função de mediadoras entre a tradição e a cultura alemã e o meio social brasileiro, como observou Hofmann (2011), da mesma forma como também ocorreu nos Estados Unidos.

Comparativamente, a presença de brasileiros na fundação de clubes alemães não ocorreu da mesma forma em outros estados, principalmente no sul do Brasil, devido à dificuldade de assimilação da cultura brasileira e ao processo de enquistamento sofrido pelos imigrantes, conforme assinala Willens (1980). Em sociedades como o *Deutscher Turnverein* de Porto Alegre/RS, Sociedade Ginástica São Leopoldo/RS, Sociedade Ginástica Novo Hamburgo/RS, *Turnerschaft 1890/SP* entre outros, nota-se a composição de sócios fundadores<sup>51</sup> onde constam apenas nomes estrangeiros, o que leva a inferir que eram imigrantes ou teuto-brasileiros.

Em Juiz de Fora, da mesma forma como ocorreu nos Estados Unidos, a história é pontuada por nomes alemães, sendo este um dos grupos mais representativos do ponto de vista numérico no século XIX. (HOFMANN, 2011). Alemães e teuto-brasileiros passaram rapidamente pelo processo de “abrasileiramento”, ou seja, aculturaram-se gradativamente, principalmente por causa da política anti-alemã dos períodos belicosos, que acabou por gerar a “antipatia” a tudo que era germânico e uma imagem negativa do grupo.

O *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra*, num primeiro momento, foi anexado à Sociedade Teutonia, uma congregação que cuidava dos interesses culturais dos alemães. A primeira referência a este clube foi encontrada no jornal *O Pharol*, onde se identifica os nomes de alguns de seus fundadores, como Augusto Degwert e Gustavo Nitzsch, este último, o primeiro professor de ginástica do clube.

Por motivo do aniversário de sua magestade Guilherme II, passado hontem, a colônia allemã desta cidade promoveu brilhantes festas, em regosijo da auspiciosa data do natalício de seu rei, que lhe é tão caro.

Às 11 horas na sêde do consulado allemão, houve a recepção official, a que compareceram, entre muitas outras pessoas as comissões seguintes: José Weiss, pelo culto cathólico de Mariano Procópio; Christiano Griese, João Krambeck e Henrique Surerus pelo Culto Evangélico; Augusto Degwert e Gustavo Nitzsch pelo Club Teutônia; Rodolpho Neubauer, Henrique Griese, Rodolfo Engel, Felipe Griese pela Escola do Culto Evangélico; comissões das sociedades allemã de Beneficencia e Brasileira Allemã. (O PHAROL, 1909, p. 2).

Tal era a organização do clube que foi criado um fundo com o qual os ginastas deveriam contribuir todo mês com a quantia de 1000 (mil) réis, destinado ao fundo social e à aquisição de materiais, segundo ata de reunião do clube, datada de 05/08/1910. Com total de 16 ginastas, o clube, já nos seus anos iniciais movimentava

---

<sup>51</sup>Para mais detalhes neste quesito, ver estudos de Quitau (2014); Müller (1986) e, Silva (1997).

a cidade com apresentações artísticas em eventos organizados ou não por eles, como o programa realizado no *Cinema Pharol*, em 12 de novembro de 1910, em benefício do clube; ou também com as programações para angariar verbas a serem destinadas ao caixa, como anunciou o jornal na coluna *Diversões*: “Club Gymnastico- Domingo, às 3 horas da tarde, no Parque Stiebler, haverá uma festa promovida pela Sociedade Turnerschaft. Serão executados exercicios gymnasticos. ” (O PHAROL, 1910, p. 2)

Naquele ano, já estava constituída a primeira diretoria do *Turnerschaft*, formada no dia 5 de junho e aclamada em reunião, por votação entre os 15 presentes. A diretoria estava assim composta: Presidente: Matheus Kascher; Vice-Presidente: Gustavo Nietzsche; 1º Secretário: Joaquim Ferreira Primo; 2º Secretario: Augusto C. Bastos; Tesoureiro: Carlos Stiebler; 1º Diretor de Ginástica: Gustavo Nietzsche e como 2º Diretor de Ginástica: Hans Rappel.

A eleição de diretoria, que ocorria anualmente no mês de janeiro, foi transferida, em 1917, para todo mês de abril, período em que se comemorava o aniversário do clube.

FIGURA 20 - Primeira diretoria do Turnerschaft e alunos -1910



Fonte: LIVRO ARQUIVO, 1909

Nota-se que a formação da diretoria era predominantemente de imigrantes alemães<sup>52</sup>, de credo luterano, já consolidados na cidade, atuando nas áreas de cervejarias (Matheus Kascher e Carlos Stiebler), malharias (Carlos Stiebler), e fotografia (Hans Rappel e Gustavo Nietzsche<sup>53</sup>) entre outras ocupações. Estas informações ratificam a hipótese de ser este clube, principalmente no seu período germinal, frequentado por estrato urbano elitizado, que via neste tipo de atividade uma forma de se promover e se destacar na sociedade. Tanto que muitos associados também participavam de outras instituições, como sócios ou até mesmo compondo diretorias.

Patricia Gomes Furnaletto (2011) aponta algumas características e objetivos encontrados na constituição de diretorias de instituições associativas. Para a autora, e semelhante ao que ocorreu no *Turnerschaft*,

Aparentemente, a presença de um número significativo de membros ligados a atividades comerciais (pequenas e médias oficinas ou diversas profissões qualificadas) que compunham as diretorias destas sociedades encontrava nas relações diplomáticas estabelecidas com a elite local e na reconstrução e manutenção de um sentimento patriótico, objetivos mais desejados do que propriamente o benefício de mútuo socorro, compondo estratégias que demonstram o quanto eles eram componentes importantes na construção da pátria adotiva, sem com isso, deixar de alimentar a 'preservação' de uma continuidade com o passado deixado na pátria distante. (FURNALETTO, 2001, p. 157).

Dentre os diversos associados protestantes, destacam-se nomes de dois pastores luteranos: Fritz Bliedner e Victor Schwaner. Esta característica religiosa dos partidários do movimento é ratificada por Krüger (2011), ao analisar o *turnen* na Alemanha. Segundo ele,

No que diz respeito à maioria de seus adeptos e centro, o movimento do *turnen*, em suas origens desde Jahn, sem dúvida era marcado pelo protestantismo. O elemento católico, apesar das existentes referências ao catolicismo alemão, era sub-representado. Destaca-se o engajamento de diversos pastores evangélicos, seus filhos e professores, em sociedades e federações. (KRÜGER, 2011, p. 41).

---

<sup>52</sup>João Freesz, proprietário da cervejaria Poço Rico; José Weiss, proprietário da cervejaria que leva seu nome e Bernardo de Castro, da cervejaria Germânia também foram sócios do clube.

<sup>53</sup>Na obra do memorialista Pedro Nava (1983) identificou-se apenas uma referência ao clube, através do nome de Gustavo Nietzsche, que, segundo o autor, "era um ensaísta ali no Botânica [...]". (NAVA, 1983, p. 142). Já Hans Rappel foi nos anos iniciais de existência do clube o principal representante em competições no Rio de Janeiro, organizadas principalmente pelo Club Gymnastico Portuguez. (LIVRO ARQUIVO, 1910).

O discurso em prol do trabalho na Alemanha também encontrava espaço através da ginástica preconizada pela *Deutsche Turnerschaft*<sup>54</sup>, entidade fundada em 1860, e que congregava os clubes ginásticos dentro e fora daquele país. Segundo Quitze (2011), o objetivo seria formar o cidadão, equilibrado de corpo e espírito, apto para o trabalho, contribuindo para a prosperidade da nação.

Em 13 de novembro de 1910, foi aprovado o primeiro estatuto do clube. A comissão de elaboração do documento ficou assim definida: Matheus Kascher, Gustavo Nietzsche, Will Kremer, Rodolpho Stiebler e Hans Rappel. Este estatuto não foi encontrado em nenhum arquivo pesquisado, mas identificou-se no jornal *O Pharol*, algumas características, como a utilização da língua oficial a “portuguesa” e a realização de passeios e exposições públicas. (O PHAROL, 1913, p. 2).

Como se vê, a organização de comissões reforça ainda mais a característica associativa do clube, além de ser um dos objetivos preconizados no trabalho de Jahn, quer sejam, os passeios e as excursões, conforme aponta Quitze (2011). Outra característica associativa presente era a preocupação da diretoria em repassar aos associados os balanços de cada evento, disponibilizando também algumas decisões em assembleia. Mesmo entendida como uma das obrigações de qualquer diretoria presente nas diferentes instituições, esta transparência também era um dos preceitos contemplados da prática associativa.

Num esforço de tentar identificar algumas informações que poderiam constar no primeiro estatuto, Lisboa (2010) descreve de forma breve algumas “regras”:

Pagamento de mensalidades que era realizado trimestralmente; realização anual de assembleia para eleição, em cédulas fechadas, da nova diretoria; pedidos de exoneração de cargos e o desligamento do Clube deveriam ser feitos formalmente e apresentados à diretoria; eram estabelecidas categorias de sócios: passivo, ativo, honorário<sup>55</sup>; obrigatória a frequência nas atividades de ginástica para os sócios entre 18 e 25 anos, portanto, enquadrados na categoria de ativos.; lucros com as festas realizadas eram destinados ao fundo do Clube; durante as festas, era obrigatório organizar atividades de

---

<sup>54</sup>Formalmente datada do ano de 1868, a *Deutsche Turnerschaft* (DT) foi uma confederação na Alemanha que possuía na sua estrutura organizacional diversas sociedades de *turnen*, e representou, no século XIX, a “maior e mais poderosa para os exercícios físicos.” (KRÜGER, 2011, p. 22).

<sup>55</sup>De acordo com as leituras é possível concluir que os sócios ativos eram aqueles que participavam das atividades ginásticas. Os sócios passivos eram aqueles que tinham mais de 25 anos e não participavam da ginástica. Os sócios honorários eram aqueles que participaram da fundação do Clube ou receberam esta nomeação por mérito, através de votação da diretoria.

exercícios ginásticos, o que indica a necessidade de afirmar a principal função do Clube<sup>56</sup>.

Diferentemente de outras sociedades, como a Germânia, do Rio Grande do Sul (SILVA, 1997), o uso da língua alemã no *Turnerschaft Club Gymnastico* não era impeditivo para se associar, mas acredita-se que entre alguns associados a comunicação na língua natal ainda tenha existido por um tempo, haja vista que, por muitos anos, o quadro de sócios contou predominantemente com imigrantes e teuto-brasileiros com domínio do idioma, tendo este fato se alterado ao longo do tempo.

Tomando-se, por exemplo, os sobrenomes dos 100 primeiros sócios entre 1909 e 1911) foram identificados 48 imigrantes e teuto-brasileiros, sendo que dentre os outros 52 restantes, 10 são de origem italiana, demonstrando a importância étnica do grupo e seus descendentes. Com base nos dados, chega-se ao percentual de 42% de associados brasileiros, indicando a abertura do clube à sociedade local, assim como a assimilação, pelos sócios do *Turnerschaft* e da cultura alemã através da ginástica.

Todavia, não era qualquer pessoa que poderia se associar. Conforme apontam as atas do clube, havia a obrigatoriedade de aprovação da diretoria após análise de uma comissão de sindicância. Ocorria da seguinte forma: um sócio quite apresentava um interessado à diretoria, que, em reunião, discutia a autorização ou não do mesmo. Se aprovado, era enviado um ofício ao interessado, tendo o sócio que o apresentou a responsabilidade de zelar pela conduta do inscrito nas dependências do clube. São regulamentos similares àqueles identificados por Annette Hofmann (2011) nas sociedades da América do Norte.

A organização de festas, exposições públicas em eventos e intercâmbios com outras sociedades no Rio de Janeiro e São Paulo (que eram divulgadas nos jornais da cidade), promoveu um crescimento no número de associados, que chegou a oitenta e cinco nos dois primeiros anos depois da fundação do clube, sendo estes classificados de contribuintes e ginásticos, e devendo participar de reuniões às quartas-feiras à noite e aos domingos pela manhã. (O PHAROL, 1911).

---

<sup>56</sup>No ato da posse da diretoria do clube, os sócios deveriam realizar o seguinte juramento: “Juro servir bem e fielmente o cargo de (\_\_\_\_) do Club Gymnastico Juiz de Fora” (ATA DE DIRETORIA DO CLUBE, 1922).

Consequência deste crescimento foi a tentativa de mudança do clube para um local mais central, já que o Parque Stiebler, na visão da própria diretoria, “era fora do centro da cidade” - conforme o Livro Arquivo (1909) -, sendo que, desde os anos iniciais, já se reconhecia que o espaço estava em “um lugar provisório”. (O PHAROL, 1911, p. 2).

Para tanto, foi eleita uma comissão com o intuito de localizar algum local na cidade, tendo sido escolhido o Club João Caetano, situado onde atualmente é a rua Espírito Santo, conforme foi divulgado na imprensa: “Club Gymnastico – Os sócios do T. Club Gymnastico Juiz de Fora farão exercícios agora no salão do Club João Caetano” (O PHAROL, 1911, p. 2).

Porém, esta proposta não teve prosseguimento, pois o prédio onde funcionava o Clube João Caetano foi vendido neste meio tempo, tendo o Clube Ginástico permanecido nas dependências da cervejaria. Um ano depois, novamente, almejaram um novo local, ficando esta tarefa a cargo de Matheus Kascher – de acordo com Ata de 11 de fevereiro de 1912 -, e que por não ter sido aprovada em assembleia, acabou por permanecer o clube na cervejaria. (ATA, 1912).

A vontade de possuir uma sede própria era recorrente nos discursos da diretoria, que procurava destinar recursos obtidos nos eventos para um fundo social, como foi discutido em reunião de abril de 1911. Durante toda a história do *Turnerschaft* (1909-1979) isto não foi possível, mas o desejo em adquirir um imóvel próprio para a sede do clube permaneceu entre os associados, conforme consta no artigo 46 do estatuto de 1937.

A carência de um espaço próprio foi resolvida momentaneamente através do convite<sup>57</sup> realizado pelo médico e sanitarista Eduardo de Menezes, diretor da Liga Mineira Contra Tuberculose<sup>58</sup>, que possibilitou ao clube sair da cervejaria para uma área mais central. Com o passar do tempo, houve um aumento no número de

---

<sup>57</sup>Cf. Ata de 28 de janeiro de 1912, de acordo com Jornal da Tarde (s.d), a motivação para que o Dr. Eduardo de Menezes criasse a escola D. Maria do Carmo e convidasse o *Turnerschaft* para se responsabilizar por ela está ligada ao fato de que ele viajou para a Alemanha para tentar se curar de uma tuberculose e, quando chegou ao Brasil, reconhecendo o valor da ginástica para a promoção da saúde fez o convite ao *Turnerschaft*. (LISBOA, 2010, p.95). Foi aceito como sócio no clube em 28 de janeiro de 1912. (ATA, 1912)

<sup>58</sup>Instituição esta fundada em 2 de fevereiro de 1901, com sessão solene realizada na Câmara Municipal e aberta “[...] ao público, em especial às exmas. Famílias e pessoas gradas desta cidade e suas visinhanças para abrilhantarem com sua presença aquella solemidade”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1901, p.1).



associados já que suas atividades passaram a estar mais em evidência para a sociedade juiz-forana.

A Liga Mineira, preocupada com o desenvolvimento de uma profilaxia social para prevenção e cura da tuberculose, entendia que, através de uma “educação physica”, os fins higiênicos assim como morais seriam atingidos e a ginástica, que naquele momento se destacava nos discursos médicos como um dos instrumentos e caminhos para tais objetivos, ganhava novos significados e espaços na sociedade, uma possibilidade de elevar a saúde da população.

Ela tornar-se-ia uma das principais atividades da *Escola de Educação Physica D. Maria do Carmo*, instituição organizada pela Liga Mineira Contra Tuberculose, que tinha como objetivo fundamental desenvolver um trabalho profilático contra esta doença através da educação física. Surge então o convite, através de Eduardo de Menezes, para que o *Turnerschaft Club Gymnastico* se instalasse no prédio da Liga, com a missão de desenvolver a ginástica, ficando a atividade “sob os auspícios do Club”, segundo Ata de 22 de junho de 1912, que encontrava, assim, a “nova casa” nos termos do documento. Ainda sobre o local, registrava a Ata: “Turnerschaft-Club Gymnastico Juiz de Fora-Funciona no edifício da Escola d. Maria do Carmo Menezes, próximo ao Dispensário Eduardo de Menezes, tendo sob suas vistas todo o material do Instituto de Cultura Physica da mesma escola”. (ATA, 1912, p. 54).

FIGURA 21 - Entrada do Clube Ginástico - Juiz de Fora, anos de 1920



Fonte: Arquivo particular de Salcio Del Duca

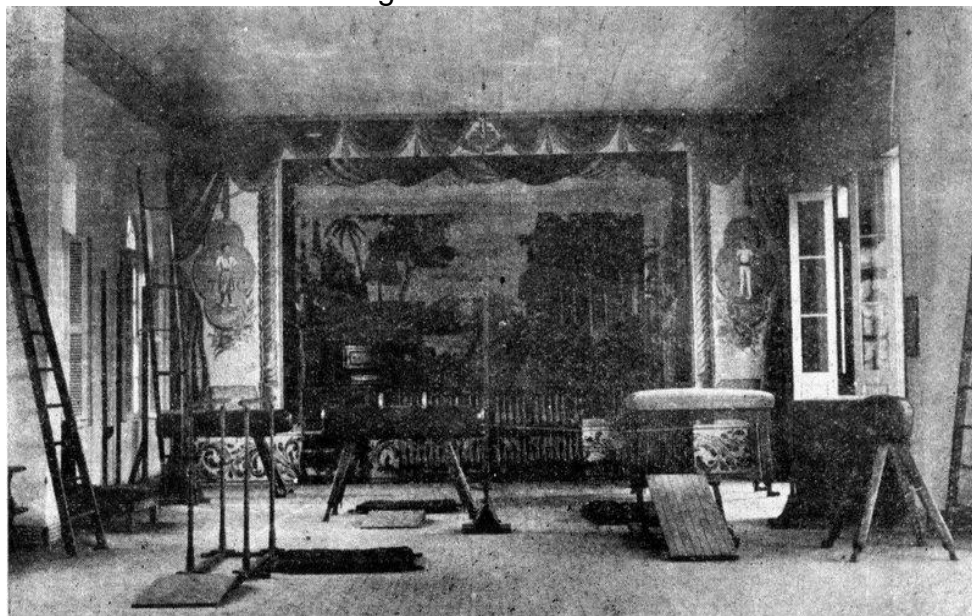
Analisando os materiais e equipamentos que foram adquiridos pela escola observa-se um investimento para a prática da ginástica como descreveu a notícia no jornal *O Pharol*:

Escola D. Maria do Carmo Menezes

Já se acham installados na Escola aparelhos de gymnastica, que farão dela uma cousa inigualável no Estado, mesmo em estabelecimentos officiaes. Assim, vimos, ali ante-ontem, os seguintes aparelhos: três barras fixas, três barras paralelas, três cavalos, uma batuta de molas, quatro batutas pequenas, cinco colchões para lutas, uma amarração de duas mesas, dois pares de estantes para pular, argolas, trapézios, cordas, duas escadas grandes, duas colocadas na parede com movimento automático, alteres de 5 até 100 kilos, medidor de altura, um passo gigante, 100 garrafas de madeira, 100 ferros, 100 alteres pequenos, para exercicios flexiveis, quatro cadeiras para pyramides, três obstáculos para corrida, um jogo para lança, uma gangorra, diversos aparelhos de natação, dois bancos para gymnastica sueca, varas para pulso de altura, um cavallette para equilíbrio e muitos outros diversos aparelhos. (O PHAROL, 1910, p.1)

A maior parte deste material ficava acomodada em um salão, o que pode ser observado na imagem da Revista de sétimo aniversário do clube, abaixo:

FIGURA 22 - Sala de ginástica da Escola D. Maria do Carmo



Fonte: REVISTA DO TURNERSCHAFT, 1916

Efetivamente, a mudança só aconteceu em dezembro de 1913. Como de costume, foi eleita uma comissão para organizar a programação de inauguração da Escola de Educação Physica D. Maria do Carmo, realizada no dia 7 de dezembro de 1913 na então rua da Gratidão, atual avenida dos Andradas.

O discurso de abertura foi realizado por Eduardo de Menezes, que exaltou a importância da cultura física (ou seja, a ginástica), entendida por ele como uma das mais nobres e interessantes diversões. (LIVRO ARQUIVO, 1909). Nota-se que, além do conhecimento sobre os benefícios da ginástica, o médico ainda destacava uma característica pouco mencionada pelos intelectuais - a ginástica como divertimento. Era a busca da cultura do corpo através da diversão.

Já o discurso oficial realizado por Themistocles Halfeld, então presidente da Câmara Municipal, trouxe interessantes informações sobre os conceitos vigentes a respeito do desenvolvimento da cultura física. Segundo ele, houve um tempo em que havia um preconceito contra a ginástica, pois se acreditava que ela atrofiava as faculdades físicas e mentais. Na ocasião, ele completa:

A Gymnastica é um tonico do corpo, fortalece- o, aguça a inteligência e contribui para a formação moral do homem. O corpofraco e doentio não pode ser um bom meio onde se desenvolve aquellas faculdades, assim proclama, hoje a moderna, sciencia. [...]. A cultura physica tem a propriedade de, fortalecendo o corpo aprimorar a intelligencia e formar a moral do homem, tornando-o afável, calmo e generoso- assim dizem os precusores desses novos conhecimentos. (O PHAROL, 1913, p. 1).

Mudanças importantes aconteceram após a instalação do clube nos terrenos da Liga Mineira. Entre elas, podem ser destacadas, em 1917, a alteração do nome da instituição para Clube Ginástico de Juiz de Fora, como forma de minimizar as hostilidades da Primeira Guerra Mundial; e a inserção de atividades esportivas como o voleibol e basquetebol no ano de 1923.

Conforme a ata de 29 de março de 1923, estes esportes fortaleceram o clube, aumentando assim o número de associados, pois conforme declara o primeiro secretário da diretoria à época, Adolpho Mattos Filho, em anos anteriores houve “pouca animação às aulas de gymnastica”. A admissão de novos esportes foi decorrência da necessidade das sociedades de *turnen* se adaptarem às tendências modernas, como afirma Pfister (2011), crescendo, portanto, o espírito esportivo dentro do movimento. Para a autora “o esporte tornou-se a religião mundial do século XX”. (PFISTER, 2011, p. 66).

Com a inclusão das novas modalidades, a ginástica perdia importância, dando lugar a outros esportes. O clube, reconhecido pela imprensa, já em 1925, como “verdadeira jóia do desporto nacional” mantinha o perfil de seus associados, pois, as “principais famílias da cidade lá estavam representadas”. (O PHAROL, 1925). Outros

diários, como o *Jornal do Commercio*, em edição de 06 de junho de 1927, o classificava como “Sociedade Sportiva”, e ainda como “uma das mais perfeitas organizações do gênero no País. (JORNAL ESPORTIVO, 1930).

Para Melo (2015), que estudou o cenário do divertimento carioca, o esporte seria cada vez mais apresentado como um substituto de antigas práticas-como as touradas e a capoeira - tradicionais entre a população. Situação não muito diferente da encontrada em Juiz de Fora, pois, conforme Nakayama (2016), a capoeiragem esteve presente em alguns processos-crime na década de 1910 - reflexo do Código Penal de 1890, que através do Decreto nº 847 preconizava estar “[...] estabelecido o entendimento perante a lei e a justiça do que seriam ‘os vadios e os capoeiras’ naquele período e, ainda, a maneira de enquadrá-los como crime de contravenções contra a pessoa e a propriedade”. (NAKAYAMA, 2016, p.136).

Interessante que nas décadas iniciais do século XX estas diversas atividades estiveram em evidência na imprensa de Juiz de Fora, dentre elas, o futebol, a ginástica, o boxe, a luta romana, a patinação, o tiro ao alvo, o ciclismo, o atletismo, o basquetebol, o voleibol, e outras. É uma dimensão fundamental para se compreender o contexto da cidade que tentava se aproximar do cotidiano das experiências vividas na capital federal, e que semelhante a ela buscava através de diferentes divertimentos as marcas de progresso e civilidade.

Acompanhando estas mudanças, o clube se consolidava na cidade como pioneiro em atividades para mulheres, que além da ginástica, na década de 1910, jogariam voleibol e basquetebol em espaços não-formais de ensino a partir de 1923. Também ofereceria atividades como o atletismo, esgrima e pingue-pongue. A presença de crianças também contribuiu para seu crescimento.

O fato de estar localizado numa região de grande circulação de pessoas, o Largo do Riachuelo, era um facilitador para a sua divulgação. “Por ser local de passagem e acesso a localidades de concentração de trabalhadores, como o bairro Mariano Procópio, como a Fábrica Industrial Mineira, a região da cervejaria Weiss e o curtume Krambeck em direção a Creosotagem, e ainda a região do bairro Manoel Honório e Pito Aceso (atual bairro Bonfim).” (NAKAYAMA, 2016, p. 86).

FIGURA 23 - Largo do Riachuelo- década de 1910



Fonte: ESTEVES; LAGE, 1915

Com a extinção da Liga Mineira Contra Tuberculose, em 1930, os alicerces do Clube se estremeceram, e tanto a edificação quanto os equipamentos esportivos passaram a pertencer ao estado de Minas Gerais. Entretanto, todas as despesas permaneceriam sob a responsabilidade do clube.

O Presidente do Club comunica que a Liga Mineira Contra Tuberculose doou todos os seus bens da sede, ao Estado de Minas Geraes, para que este realise os fins da instituição; o que o Director nomeado pelo Governo, Dr. Cícero Tristão consentiu até ulterior deliberação, os serviços de gymnastica continuam a cargo deste Club, permanecendo os aparelhos de gymnastica emprestados ao Club. (ATA, 22/04/1930, p.7).

Nota-se que a defesa pela continuidade e a valorização das atividades do Clube Ginástico foi notícia nos jornais da cidade, que solicitavam, principalmente, em 1934, que se tornasse bem de utilidade pública, pensando já em possíveis investimentos pelo poder público: “A imprensa local que se mantem sempre ao lado das causas elevadas, já tem, por mais de uma vez, apelado para as autoridades competentes afim [sic] de que o Clube Ginástico seja considerado de Utilidade Pública [...]” (CORREIO DE MINAS, 1934, p.1).

Este movimento provavelmente deflagrou a criação do Decreto nº 134/39, de 18 de julho de 1934, que dava o título de instituição de utilidade pública ao Clube Ginástico, por ter “[...] prestado relevantes serviços à cidade, cuidando com carinho

da educação física da mocidade juizdeforense”. (JORNAL DO COMMERCIO, 1934, p. 3). Segue ilustração de parte do decreto:

Artigo único- é considerado instituição de utilidade pública municipal o Clube Ginástico Juiz de Fora, com séde á Avenida dos Andradas, nesta cidade, revogadas as disposições em contrato.  
Paço da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, 18 de julho de 1934  
Menelick de Carvalho-Prefeito

Grandes expectativas surgiram com a possibilidade de haver injeção de recursos no clube por parte do estado, principalmente após o título auferido, mas até 1935 não se tinha notícias sobre qualquer investimento. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1935). No jornal *O Pharol*, há até mesmo uma crítica à Sub-Liga Mineira de Desportos na crônica “*Vida Sportiva*” “[...] por parecer apenas gerir o futebol”. (O PHAROL, 1925, p.1).

Percebe-se que o clube estava mesmo fora deste contexto de investimentos, talvez por não trabalhar com o esporte que à época arrecadava mais recursos, pelo caráter profissional e popularidade que vinha alcançando - o futebol. Ginástica, voleibol, atletismo, basquetebol não se destacavam como ocorre atualmente, e o clube preferiu desenvolver um trabalho amador, assim como ocorreu com o Minas Tênis Clube, de Belo Horizonte em Minas Gerais. (RODRIGUES, 1997).

Houve então a necessidade de realizar melhorias, utilizando verbas oriundas da cobrança das mensalidades e de doações. Apenas a partir de 1950 passou a receber suporte financeiro da Diretoria de Esportes do Estado, pela sua classificação em sexto lugar no quadro de clubes subvencionados pelo estado, mostrando a qualidade do trabalho do Clube Ginástico. (LISBOA, 2010).

O esporte, representado principalmente pelo basquetebol e voleibol, se tornou mais abrangente devido ao crescimento no número de alunos, que, em 1935 somava 563 inscritos, conforme a ata do clube de 28 de fevereiro de 1936, um número bem maior se comparado aos 168 alunos em 1922 - conforme ata do clube, de 20 de março de 1922 -, quando estas modalidades ainda não eram oferecidas.

Este período de grande movimentação social acabou por incentivar a direção do clube a reorganizar os estatutos, o que ocorreu no ano de 1937. Algumas regras dos estatutos anteriores se mantiveram, tais como:

- a) Abertura para sócios de qualquer nacionalidade e crença pois desde seus primórdios notamos a presença de nomes de origem italiana e pessoas de credos diferentes como católicos e protestantes;
- b) Utilização do escudo dos 4 efes alemães que significavam *Frisch* (jovial), *Fromm* (devotado), *Frolich* (alegre) e *Frei* (livre) e que esteve presente entre os ideais preconizados pelas sociedades em todo o mundo que seguiam a ginástica de Jahn;
- c) Desejo em se obter uma sede própria destinando para isso 20% dos valores arrecadados com mensalidades para o fundo social;
- d) Preocupação em manter a boa conduta dos associados assim como da imagem do clube;
- e) Novas classificações de associados em ginastas, contribuintes, remidos, ausentes, beneméritos e honorários e não mais apenas divididos em ativos e passivos;
- f) Mudança na idade de classificação de sócios ginastas que passou para aqueles com idade inferior a 40 anos, pois anteriormente eram 25 anos. (ESTATUTO DO CLUBE, 1937).

Na década seguinte, novamente diminuiu o número de sócios ginastas, que passaram a somar 276 participantes (ata do clube, de 28 de abril de 1942), ou seja, quase a metade do número de associados de sete anos antes. Esta queda é justificada em ata da mesma assembleia geral pelos diretores do clube, que apontam a inclusão da educação física nas escolas como responsável pelo declínio da procura pelas atividades do clube, uma vez que com a constituição de 1937 a disciplina passa a ser considerada obrigatória em âmbito federal. (CASTELLANI FILHO, 2000).

### 3.2 A Ginástica como Prática Inicial Principal

Foi a partir da instalação dos aparelhos de ginástica e com a possibilidade da vivência esportiva no parque Stiebler, na Cervejaria Dois Leões, que a criação de um clube de ginástica, iniciativa principalmente de imigrantes alemães- que gostavam de se divertir com o jogo da bola ou “bolão alemão”-, se tornou realidade. Estes, provavelmente já desfrutavam destas experiências de lazer, e acabaram por estender a cultura e oportunizá-la a mais pessoas, só que agora em terras brasileiras.

Muitos deles estavam ainda imbuídos do sentimento patriótico e político surgido com o movimento nacionalista, principalmente ao final da primeira metade do século XIX, que teve como marco a Revolução de 1848, reivindicando a unificação da Alemanha. Este cenário culminou na organização de diversos movimentos, dentre eles o *Turnen*.

O movimento do *turnen* havia adquirido significativa força cultural na Alemanha. Para Krüeger (2011), no decorrer da vida, todo alemão do sexo masculino, de alguma forma se depararia com o *turnen* e o movimento do *turnen*, fosse na escola,

no exército ou nas sociedades de *turnen*. “*Turnen* era o exercício físico nacional dos alemães.”. (KRÜGER, 2001, p. 35).

Estreitamente ligado às ideias de Jahn, surgia o *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra*, uma sociedade ginástica que poderia ser também entendida como “emanação da comunidade” dada suas características tradicionais originais. (FARCY, 2005, p. 305). Seria também uma maneira de reunir os imigrantes e teuto-brasileiros, fomentando assim a sociabilidade, cultivando os costumes e a maneira de ser alemã.

Como outras sociedades congêneres, o clube utilizou como emblema os quatro ‘efes’ em formato de cruz, que segundo Tesche (2012) foi idealizado no ano de 1846 pelo alemão *Henrich Felsing*, durante uma festa de ginástica organizada na cidade de *Heilbronn*, Alemanha. Ainda segundo o autor, o símbolo é adotado até hoje pelas sociedades ginásticas em todo o mundo e tem como significado *Frisch-Fromm-Fröhlich-Frei*, ou seja, Vigoroso-Devoto-Alegre-Livre.

As cores sociais do clube eram o branco e o vermelho, com o emblema disposto em forma de,

[...] quadrilongo, que tem ao centro a letra F, desdobrada em quatro, em forma de cruz. Essas letras, monogramma de prata, servem de distintivo aos socios, que em seus exercicios usam o uniforme calça branca, camisa de m [ilegível], tambem branca, e largo cinto encarnado. (O PHAROL, 1911, p.2)

Além disso, “tinham a força de *gritos de guerra* e sintetizavam a essência da cultura ginástica de então.” (SILVA, 1997, p.17, grifos da autora). A seguir, segue o emblema do *Turnerschaft* de Juiz de Fora encontrado no estandarte, bandeira e uniforme. Os primeiros símbolos foram adquiridos na Alemanha em 1913, por intermédio do sócio Hermann Erhardt que havia representado o clube no festival ginástico em Leipzig, e vento que contou com a presença de oitenta mil ginastas. (ATA, 1913).



FIGURA 24 - Quatro efes alemães



Fonte: Arquivo particular de Climene Evangelista de Almeida.

A organização desses símbolos, como diploma, estandarte, bandeira foram rapidamente pensadas e executadas, e trouxeram uma tradição comum a diversas entidades congêneres, “que encontrava na sua organização um espaço de formalização de estratégias para conseguir uma posição social cada vez mais solidificada”. (FURNALETTO, 2011, p. 118). Os símbolos conferiam ao clube representatividade e tradição, enquanto o reconhecimento social era viabilizado com as homenagens rendidas à elite local.

Na fotografia abaixo, ilustra-se a bandeira, localizada ao centro do grupo, tendo ao redor os membros da diretoria do clube e outros associados, tanto homens quanto mulheres, observando que a presença feminina já era realidade em 1913, e também ratificava o protagonismo da associação ao oferecer atividades de ginástica e esportes para o sexo feminino na cidade.

FIGURA 25 - Diretoria e sócios do Turnerschaft - 1914



Fonte: Arquivo particular de Jakeline Lisboa.

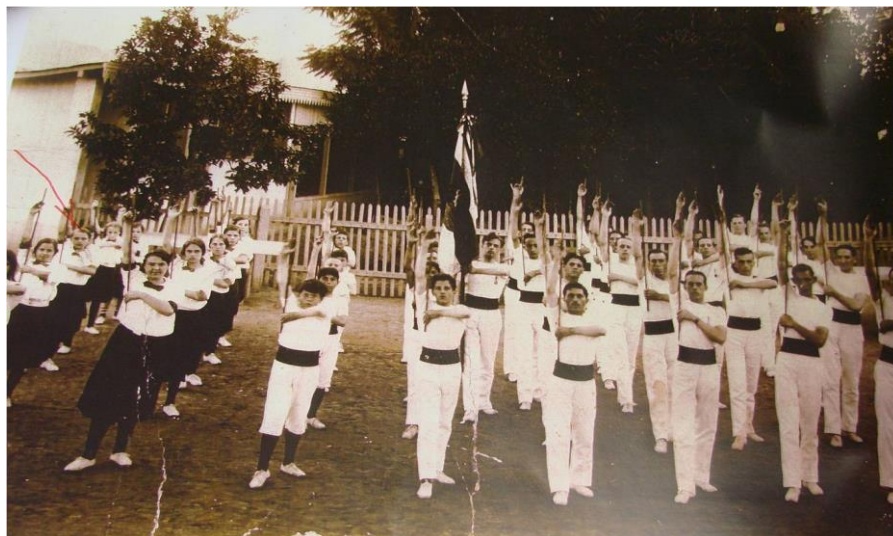
Os primeiros professores do clube foram Gustavo Nietzsche e Hans Rappel, imigrantes alemães que se estabeleceram na cidade na área comercial, através da *Photografia Paris*, empreendimento do qual eram sócios (O PHAROL, 1911) e que foi vendido a Francisco Friesz em julho de 1912. (O PHAROL, 1912).

O “ensaísta do botanágua” - fazendo novamente uso das palavras de Nava (1984) para se referir a Gustavo Nietzsche -, ficou no cargo de principal diretor ginástico até os primeiros anos da década de 1910, quando assume o segundo diretor, Hans Rappel, que, já em 1911, havia conquistado prêmios na Alemanha e no Rio de Janeiro, principalmente em concursos do *Club Gymnastico Portuguez*. (O PHAROL, 1911).

Esta informação ratifica a hipótese que os imigrantes já tinham conhecimento da ginástica, transplantando-a, desta forma, para Juiz de Fora, que, já em 1878, a prestigiava nos parques de cervejarias (O PHAROL, 1878), além de ter um comércio local para suprir a demanda para a atividade. (O PHAROL, 1885).

O ensino da ginástica foi oferecido inicialmente a homens e crianças (meninos e meninas). As fotografias registram os exercícios ao ar livre, a execução de movimentos estáticos, como a parada de mãos, pirâmides e uso de aparelhos, como o bastão e halteres. No período em que foi criado, o clube já havia instalado naquele local equipamentos de ginástica como as barras assimétricas, trapézio e argolas. (DIÁRIO MERCANTIL, 1961) mas houve a necessidade de adquirir novos, mais modernos, diretamente da Alemanha. (O PHAROL, 1911).

FIGURA 26 - Alunos durante exercícios com bastão - década de 1910



Fonte: Arquivo particular de José Tomaz Andrade Surerus.

As festas e exibições ginásticas realizadas pelo *Turnerschaft* ganhavam espaço em artigos escritos para os jornais, como aquele divulgado no jornal *O Pharol*, em 24 de janeiro de 1911, sob o título “*O Sport*” sendo redigido por J. Costablle. Segundo ele escreveu à época, a ginástica, assim como a patinação e os jogos atléticos ao ar livre “devem receber a atenção de nossos jovens conterrâneos, que lucrariam imenso empregando nelles uma pequena parte de seu tempo.” (O PHAROL, 1911, p. 2).

J. Costablle ainda completa falando de suas impressões sobre a festa realizada pelo clube no parque Stiebler, onde é possível perceber a relação estabelecida por ele entre a ginástica e sua prática nas horas vagas, ou seja, no intervalo de tempo de “não-trabalho”, característica do lazer, defendida por autores como Dumazedier (1976) e Marcellino (1996).

A rapaziada que o compõe apresentou-se luzidamente ao publico, fazendo exercicios de gymnastica apreciadissimos, que por muitas horas deliciaram os innumeros assistentes que se reuniram n'aquelle formoso logradouro. É digno de imitação o exemplo desses valorosos moços, que utilmente aproveitam as horas vagas desenvolvendo a musculatura em exercicios ao ar livre, cujos resultados só lhes trarão beneficios pela rigeza e aperfeiçoamento que adquire o seu physico nesses magnificos exercicios. (O PHAROL, 1911, p. 2).

As competições e exibições de ginástica nos anos iniciais do clube aconteceram principalmente de forma interna, inseridas na programação de diversos festejos como se observa abaixo. Nota-se a descrição das provas a serem

executadas, confirmando a utilização de alguns aparelhos, como barra fixa, barras paralelas, cavalo, além de algumas provas do atletismo como saltos em altura e com vara. Esta informação indica o ensino da atividade juntamente com a ginástica.

Turnerschaft Club – Esta sympathica associação esportiva realizará no dia 17 uma esplendida festa, no Parque Stielber. O programa que será executado é o seguinte: 1° pulos em altura; 2° pulos com vara; 3° exercícios flexíveis; 4° exercícios na barra fixa; 5° exercícios na paralela; 6° pyramides; 7° pulos (Cavallo); 8° exercícios à vontade. A noite haverá grande baile nos confortáveis da cervejaria. (O PHAROL, 1911, p. 2)

Percebe-se que após a criação do clube, e com o passar dos anos, dado o reconhecimento que alcançou a prática da ginástica ali desenvolvida, buscou-se estabelecer intercâmbios com outras entidades, como o que foi realizado no Rio de Janeiro, através de um campeonato de ginástica.

Partiu hontem para o Rio uma comissão do T. Club Gymnastico Juiz e Fóra composta dos srs. Hans Rappel, Franz Nietchz, Selman Herling, Oscar Meurer, Antonio Costa Neves e Henrique Surerus Sobrinho, afim de tomar parte do grande campeonato que ali se realiza hoje, organizado pelo Club Gymnastico Portuguez. (O PHAROL, 1911, p.1).

Além deste, podem ser ressaltados os encontros com o *Turnverein/RJ*, o *Turnerschaft Von 1890 in São Paulo/SP* e o *Centro Cultura Physica Força e Coragem de Juiz de Fora/MG*. (O PHAROL, 1919).

Em 1913, a diretoria, em reunião, destacou o aumento do número de associados, mas identificou, todavia, a diminuição da frequência de alunos à ginástica. Para superar esta situação a diretoria propôs que os sócios com idade entre 18 e 25 anos que fossem admitidos passassem então a ser considerados ativos e assim sendo “obrigados” a frequentar os exercícios de ginástica. Além disso, preocupado com esta questão, o clube, em nota no jornal *O Pharol*, fez um “pedido especial de comparecimento da infância e da mocidade de ambos os sexos aos estabelecimentos de ensino”. (O PHAROL, 1913, p. 1).

A abertura, no mesmo ano, da primeira turma de moças, pode ser entendida também como uma “estratégia” da diretoria para aumentar o número de associados, aliada a discussões em voga sobre a importância da ginástica também para as mulheres, divulgadas, por exemplo, por Fernando de Azevedo e Rui Barbosa. As primeiras alunas, em sua maioria, filhas de associados, eram: Laura Meurer, Natalina Surerus, Carola Stiebler, Cecília Engel, Maria Luiza Erhardt, Hedvig Engel,

Jeanette Trieper, Augusta Stiebler, Erminia Monte, Carlota Neves, segundo informações contidas na ata da diretoria do clube, de 26 de dezembro 1913.

Uma ata do clube que registra as discussões da diretoria sobre o assunto, passa a descrever as características do uniforme feminino a ser adotado pela turma de mulheres, visando atender a sugestão das próprias associadas, numa demonstração de autonomia de suas ações e de busca de espaço dentro de um corpo de sócios composto majoritariamente, até então, de membros do sexo masculino:

A senhorita Maria Luisa Erhardt apresenta-se fardada de calção de casemira azul-marinho e blusa branca, sendo o mesmo adaptado e concedido o prazo de 15 dias para que as demais gymnastas se mandem confeccionar-o para se dar então início à instrução. (ATA DO CLUBE, 26/12/1913).

O uniforme feminino de ginástica, adotado à época pelo clube para ser usado pela primeira turma de alunas do *Turnerschaft-Club Gymnastico*, pode ser ilustrado na fotografia que segue.

FIGURA 27 - Primeira turma de alunas do Turnerschaft com uniforme -1913



Fonte: REVISTA TURNERSCHAFT, 1916.

Parte da sociedade brasileira não via com bons olhos a participação feminina em atividades físicas, já que neste período, início do século XX, não havia se iniciado de forma intensa as discussões de intelectuais brasileiros sobre os benefícios da ginástica para a população feminina e sua relação com engrandecimento geral da nação. Este processo de participação da mulher nas

atividades físicas e, posteriormente, nas práticas esportivas não produziu um perigo para a hegemonia masculina, ocorrendo de forma lenta e progressiva. (LISBOA, 2014, p.361-362).

Reflexo de toda esta preocupação com a inclusão e presença de mulheres no clube foi o critério estabelecido para a sua aceitação, ou seja, a aluna só seria admitida na condição de associada e com autorização dos responsáveis. Para tanto, ficou deliberado que esta seção ficaria sob as ordens dos diretores, observando-se que, para admissão: “[...] a pretendente a tomar parte na *gymnastica* deve apresentar proposta por escrito assinada por um dos seus pais ou tutores aos diretores de *gymnastica* que por sua vez deverão apresentar esta proposta à mesa para discussão”, conforme registrava ata do clube, de 22 de janeiro de 1914.

Segue abaixo, parte do contrato realizado entre a Liga Mineira Contra Tuberculose e o *Turnerschaft*, divulgado no *Diário Mercantil*, na coluna “*A Pioneira*”.

CONTRATO. A Liga Mineira Contra Tuberculose, como comondante e o Turnerschaft Club de Juiz de Fora, como commodatario, representados respectivamente por seus presidentes e seus directores abaixo assignados, contractam o seguinte: o commodante dá por empréstimo gratuito ao commodatario, o uso do edificio em que foi instalada a ESCOLA DE EDUCAÇÃO PHYSICA DONA MARIA DO CARMO, à rua da Gratidão, n. 266, e o terreno anexo até a cerca que o separa do Instituto Pasteur de Juiz de Fora, com os móveis e aparelhos. (DIÁRIO MERCANTIL, 1961, p. 6).

Pelo contrato, a Liga ficava responsável pelo pagamento das despesas do clube, tais como luz elétrica, impostos e reparos, devendo o clube apenas “realizar, com eficiencia, os fins hygienicos e moraes da Escola de Educação Physica Dona Maria do Carmo e zelar cuidadosamente pela conservação do prédio e moveis”. (DIÁRIO MERCANTIL, 1961, p. 6).

Hans Rappel continuou sendo responsável pelo ensino da ginástica ao lado de Gustavo Nietzsche, de forma gratuita, pois durante todos os anos à frente das aulas (1909-1917) recebeu apenas uma gratificação pelo seu trabalho no valor de 200\$000 (duzentos mil réis), segundo ata de 07/10/1915. Esta, ao que se conclui não seria a sua única atividade profissional, pois possuía investimentos no comércio da cidade e contribuía através da ginástica com a manutenção de laços culturais alemães.

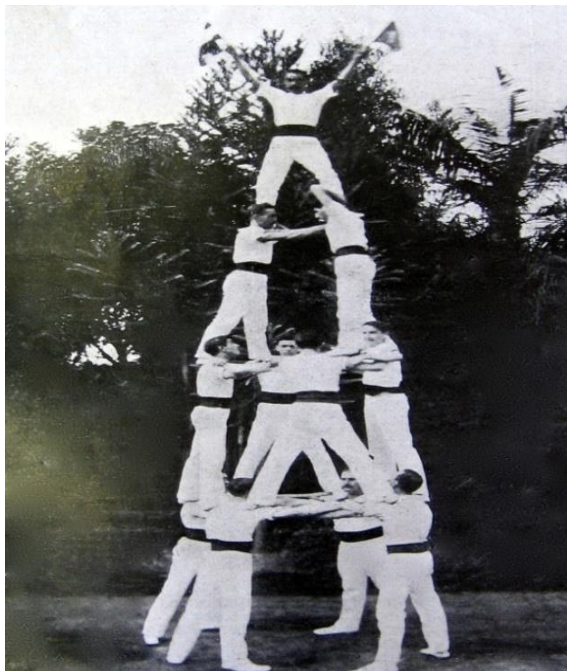
Continuando os festejos tradicionais no clube, foi eleita uma comissão para a organização do seu 5º aniversário. Nota-se, com base nas informações coletadas à página 45 da ata de 03/06/1915, uma maior preocupação da diretoria com a

preparação do evento, no intuito de transmitir uma imagem positiva para a comunidade local, e para tanto passou a proibir, em 1915, por exemplo, as festas particulares, permitindo apenas as de cunho familiar e cujos lucros fossem revertidos para seus cofres. (ATA, 1915).

Outros divertimentos foram vivenciados pelos associados do clube de forma familiar, como o piquenique realizado no bosque da cervejaria Germânia, em junho de 1914 (O PHAROL, 1914) e na caixa d'água de São Mateus (ATA, 1915), ou seja, os associados buscavam com estas atividades novas maneiras de se divertir em lugares diferentes.

Para o evento comemorativo acima citado, realizou-se uma passeata que percorreu algumas ruas da cidade, culminando com exercícios ginásticos no final do trajeto- obrigatórios em “momentos oficiais” -, <sup>59</sup>nas dependências do clube, merecendo divulgação pela *Revista Fon-Fon*, conforme imagem a seguir, que ilustrado a formação da pirâmide alemã por ginastas do *Turnerschaft*.

FIGURA 28 - Ginastas do Turnerschaft -1914.



Fonte: REVISTA FON-FON, 1914<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup>Um destes momentos foi a marcha executada nas ruas da cidade pelos sócios ginastas, que acompanhados da diretoria foram até a casa de Eduardo de Menezes entregar o diploma de sócio benemérito. (ATA, 02/11/1914). Este, juntamente com outros sócios, como Hans Rappel, João Penido e Gustavo Nietzsche, tiveram seus retratos colocados na parede do salão de ginástica.

<sup>60</sup>Mais informações respeito do evento podem ser encontradas na Revista Fon-Fon. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1914/fonfon\\_1914\\_022.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1914/fonfon_1914_022.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2016.

Havia até mesmo por parte da diretoria a preocupação com o desenvolvimento correto e atualizado da ginástica, assim como com a instrução de associados. Em reunião realizada no dia 08 de julho de 1914, foram deliberadas as providências de aquisição, por parte de Hans Rappel, de livros de ginástica e melhoramentos na biblioteca do clube. O clube tornou-se até mesmo sócio da *União Turnerschaft da Allemanha (Deutscher Turnerschaft Leipzig)*. (ATADO CLUBE, 08/07/1914).

Comparativamente, o cronograma de festejos em comemoração ao 6º aniversário recebeu mais atenção por parte do corpo de associados do que aqueles dos anos anteriores, consequência do crescimento e afirmação do clube. Houve uma marcha dos associados pelas principais ruas da cidade com acompanhamento da banda de música Carlos Gomes, realização de concurso ginástico masculino com premiação de medalhas e baile com “as principais famílias da cidade” (conforme ata de 03/05/1915), refletindo aqui a característica elitista do clube.

Sobre o concurso ginástico, o clube na imprensa divulgou como ele seria realizado: “Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fora – Concurso ginástico para comemorar o sexto aniversário. Condições: exercícios flexíveis, paralelas, saltos, exercícios de peso, subir e descer corda, suspender um peso de 40 kg, etc.” (O PHAROL, 1915, p. 2).

Segundo *O Pharol* (1914), não deixando de lado a ligação das atividades do clube com os objetivos da Liga Mineira, o orador oficial, Dr. Francisco Prados, em seu discurso, lembrava “[...] os relevantes serviços que o Turnerschaft JF tem proporcionado ao povo da cidade, considerando-o como um poderoso factor de desatrofiação espiritual e physica do homem”. (O PHAROL, 1914, p. 1) Nesta mesma comemoração, foi deliberado pela diretoria que o clube nomeasse como padrinhos os sócios Maria Carolina de Assis Penido e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

Os primeiros relatórios de atividades datam de 1915. Neste ano, havia no quadro de ginastas 134 sócios homens, somando 3.715 frequências. A turma de ginastas mulheres contava com 38 sócias, com total de 1.440 frequências. Um ano depois, eram 227 sócios no total, dos quais 118 considerados ativos e 109 passivos. Na turma de moças, o número de sócias ativas permanecia contabilizado em 38 mulheres. Segundo Lisboa (2015), não houve um aumento de matriculas na turma feminina, mas, de forma geral, quase dobrou o número de sócios em apenas um ano.



A inauguração de um palco teatral no salão do clube, no dia 31 de dezembro de 1915, chama a atenção. Além de exhibições de ginástica (entre elas alemã e sueca) como parte do programa festivo, houve apresentações de música, teatro, canto e dança, abertas ao público mediante pagamento de entrada.

Percebe-se a presença de outras ginásticas sendo exibidas pelos sócios, mostrando, assim, que o clube, mesmo tendo suas bases na escola alemã, se apropriou também de outras escolas que estavam sendo defendidas e praticadas no Brasil, como a de origem sueca.

Era uma forma também do clube se movimentar, oportunizando em seu espaço diferentes atividades em conformidade com o trabalho ginástico nele desenvolvido. Além disso, era uma forma de angariar renda para pagamento de despesas extras, como a aquisição de chapéus para os sócios ginastas, confecção de estandartes e de bandeira, além de constituir um fundo de viagem.

Em 1916, o *Turnerschaft* já havia consolidado o ensino da ginástica, obtendo importantes resultados em competições como a do Rio de Janeiro, com Caetano Evangelista<sup>61</sup>, Alfredo Surerus, Carlos Grunewald e Felipe Kascher, que ocuparam os 2º; 4º, 6º e 8º lugares respectivamente, conforme ata de 02/03/1916.

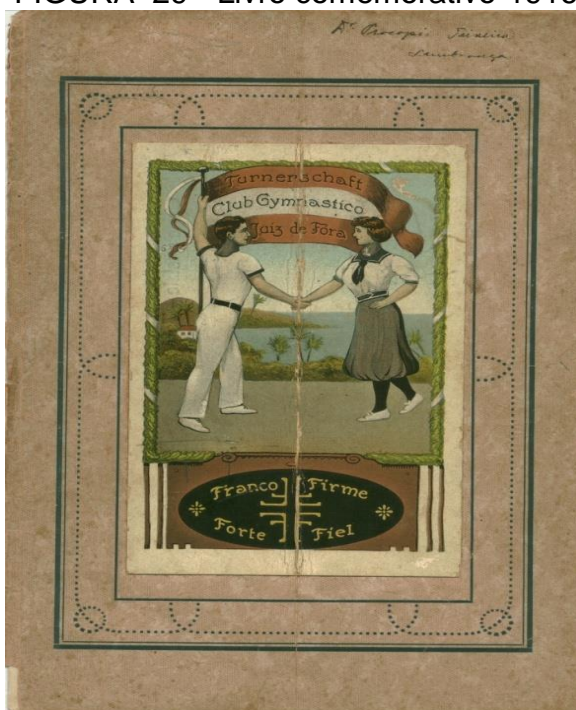
Neste mesmo ano, na festa de aniversário, foi impressa uma revista para os sócios contando a história do clube e com informações sobre as atividades desenvolvidas pela entidade. Ratificando este crescimento e notoriedade do clube, os exercícios ginásticos foram realizados também por ginastas dos clubes *Turnverein* de São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis/RJ. (ATA, 1916).

Abaixo, ilustração da capa da revista comemorativa do aniversário do Clube Ginástico, em 1916, na qual se observa também a presença dos 'quatro efes' na parte central inferior da figura estampada.

---

<sup>61</sup>Nasceu na Bologna, Itália, em 15 de agosto de 1893 e veio para o Brasil aos cinco meses de idade, sendo registrado em Juiz de Fora. Segundo sua filha, Climene Evangelista de Almeida, ele trabalhava perto do clube, na Oficina George Grande, o que facilitou sua entrada no *Turnerschaft*: a proximidade e a convivência com os alemães e teutos, já que era um empreendimento que pertencia a um germânico e estava localizado em um local de movimentação deste grupo étnico. (LISBOA, 2010, p. 74).

FIGURA 29 - Livro comemorativo-1916



Fonte: Arquivo particular de Jakeline Lisboa.

Conforme ata do clube, de 5 de novembro de 1917, com a Primeira Guerra Mundial, Hans Rappel se afasta da direção das atividades ginásticas, se mantendo apenas como associado. Assumiram as aulas seus auxiliares Alfredo Surerus (com pouco tempo de atuação à frente da ginástica) e Caetano Evangelista que estava no clube desde 13 de novembro de 1913, quando foi aceita pela diretoria a sua proposta de se associar. Meses depois da saída de Rappel, conforme ata de 03/02/1918, este passou a residir com sua família nas dependências do clube com a condição de zelar por todos os aparelhos de ginástica.

Percebe-se que para a posse das diretorias existia todo um ritual solene, envolvido de certo simbolismo (como a apresentação de retratos), com preocupação de seguir corretamente o cronograma proposto e divulgado aos associados previamente.

O presidente da sessão era sempre um convidado escolhido pela então diretoria do clube, e, assim, no ano de 1917, ela foi conduzida por José Procópio Teixeira que atuava como presidente da Câmara Municipal. Cumprida todas as pautas, prestação de contas e eleição, era comum haver um discurso do novo presidente, seguido de seu juramento solene.

Foi assim que Theodorico de Assis, eleito presidente para aquele ano, fez um discurso onde projetou, em um dado momento, o futuro do clube, a partir daquela data, sob sua responsabilidade. Desejou ele que “o Turnerschaft em seu novo ano de existência, continuasse, como nos anos anteriores a viver feliz e próspero no seu papel de fortificar o corpo e, portanto, de fortificar a alma daqueles que aos seus serviços recorressem.” (ATA, 1917, p.70). Nota-se que ainda estava fortemente presente na sociedade o reconhecimento da ginástica como capaz de promover ao homem uma mente sã em um corpo são, ou melhor, *mens sana in corpore sano*.

Para os festejos de aniversário do clube, em abril de 1919, foram organizados dois momentos ginásticos: um aberto à participação de convidados de associados, e outro para os sócios que não participaram do primeiro. Os convites do concurso enviados aos diversos clubes de ginástica foram encaminhados através de ofícios formais emitidos pelo secretário do Clube Ginástico. Na ocasião foram então convidados os clubes *Turneverein de Petrópolis/RJ*, *Club Gymnastico Portuguez*, *Turnerschaft von 1890 in São Paulo* e o *Centro de Cultura Física Força e Coragem*.

Sobre o concurso, após confirmação de participação, cada equipe recebia a programação do evento, além das regras de uso para cada aparelho e para realização dos exercícios chamados flexíveis (acredita-se que estes seriam os movimentos no solo). Em geral, cada prova valia dez pontos. Para os associados que não participaram foram propostos exercícios flexíveis nas barras paralelas e formação de pirâmides. (ATA, 1919).

Em reunião da diretoria, do dia 28 de maio de 1919<sup>62</sup> foi colocada em discussão a possibilidade de mudar do distintivo do Clube - os “quatro eses” -, com a alegação, por parte de um dos diretores de que este era muito utilizado pelos ginastas na Europa. Na ocasião, Caetano Evangelista defendeu sua posição contrária a tal alteração, o emblema deveria acompanhar a bandeira do clube. Ou seja, havia mesmo que indiretamente, a preocupação por parte do diretor com uma possível associação

---

<sup>62</sup>Na década de 1920, o clube teve a possibilidade de participar das Olimpíadas da Antuérpia mas de acordo com as atas o resultado não foi o esperado. Houve até mesmo um pedido para que o clube atendesse ao convite feito pela Confederação de Desportos Terrestres, por intermédio da Sub-Liga Mineira de Desportos Terrestres, de apresentar alguns ginastas para representar a instituição dentre eles Caetano Evangelista. Este juntamente com o sócio Francisco Garcia de Lacerda Junior participaram de reuniões da Sub-Liga e o clube chegou a participar de todo o processo, mas não foram comunicados pela Confederação a respeito do resultado deste processo. (ATA, 1920).

da imagem do clube com a Alemanha, e talvez se tenha aqui uma tentativa de “apagar” as origens germânicas.

Depois de discussão da diretoria foi aprovada a manutenção do emblema dos “quatro efes” em vermelho sobre o escudo de esmalte branco com iniciais C.G sobre ele, e abaixo, o nome da cidade de Juiz de Fora, na cor vermelha (ATA, 1919). Mesmo com uma pequena mudança no distintivo havia ainda a identificação com as atividades do *turnen* desenvolvidas na Europa do pós-guerra.

Semelhante ao discurso de profissionais da medicina no século XX que defendiam o papel da ginástica em prol da melhoria da sociedade brasileira, diversas vezes, se identificou nas atas falas de membros da diretoria, destacando os objetivos do Clube Ginástico com o ensino visando o desenvolvimento físico, mental e moral dos associados. No exemplo abaixo, destaca-se trecho do discurso proferido pelo secretário Adolpho Mattos Filho na reunião do dia 10 de agosto de 1920,<sup>63</sup> quando estava em discussão o festival ginástico que iria ser realizado no Cine Theatro Paz:

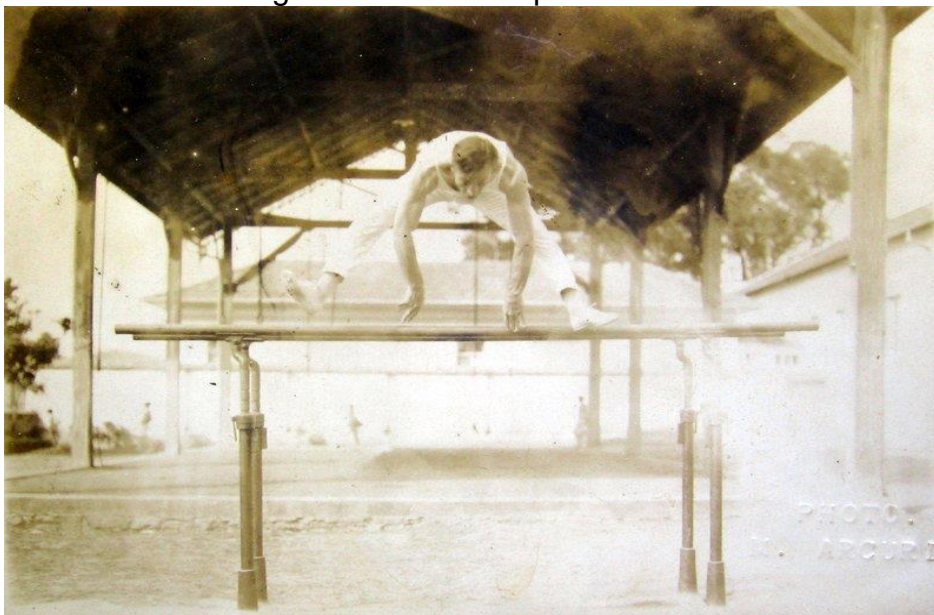
Fica encarregado a organização do programma de gymnastica, e os demais membros da directoria tudo quanto for a bem do festival, que deverá reverter-se do brilho e pompas que tragam ao Clube não só resultado material, mas Victoria em manter sua justa reputação como verdadeiro centro que visa o patriótico fim de dar a mocidade uma cultura physica, solida, que lhe robusteça e desenvolva os músculos, desafiando assim a tarefa penosa da cultura intellectual e moral, que encontrando um organismo fort, vence as dificuldades e se concretiza-se. (ATA DO CLUBE, 1920, p. 7).

Abaixo, Caetano Evangelista executando um exercício nas barras paralelas simétricas no espaço do clube. Neste espaço, na década de 1930, foi construída a quadra de esportes, e os aparelhos foram reinstalados em outro local do clube. Esta quadra, nas palavras de Evangelista “era o melhor campo de basket da cidade”. (ATA, 1930).

---

<sup>63</sup> Neste mesmo ano, o clube participou de um campeonato de ginástica realizado no Rio de Janeiro se destacando e demonstrando, desta forma, que a ginástica ali ensinada acompanhava daquele estado. Interessante que diversos resultados obtidos pelo Clube Ginástico foram anunciados nos jornais da cidade. Sobre o Campeonato de 1920, escreveu o Jornal Correio de Minas: “Caetano Evangelista, que foi infeliz em duas provas, foi quem mais se destacou entre os nossos e não fora o azar que o perseguiu, nos teria trazido a belíssima taça Turnverein. Assim mesmo o querido gymnasta alcançou o 3º lugar”. (CORREIO DE MINAS, 1920, p. 2). Neste campeonato, o clube foi representado por outros atletas também com bons resultados: Carlos Grünwald, Antonio Bechara, Honorio Carvalho Filho e José Grünwald. (ATA, 30/10/1920). Caetano Evangelista chegou a participar de outros campeonatos no Rio de Janeiro, como o que foi realizado pelo *Turnerverein/RJ* em 1921, onde obteve o segundo lugar. (ATA, 1922).

FIGURA 30 - C. Evangelista nas barras paralelas simétricas- anos 1920.



Fonte: arquivo particular- Climene Evangelista de Almeida.

Nota-se, nas consultas às fontes, que a partir da introdução de esportes coletivos - basquetebol e voleibol -, em 1923, as informações referentes à ginástica diminuíram, especialmente os exercícios com aparelhos, sendo as atividades registradas apenas nos relatórios anuais elaborados pelo então diretor de ginástica, Caetano Evangelista, ou referidas na programação das festas do clube, haja vista que, de acordo com estatuto, a apresentação de ginástica nestes eventos era obrigatória. Em contrapartida, já em 1924, houve uma melhoria no quadro de associados conforme registra a ata do dia 27 de março daquele ano, tendo, em 1925, alcançado “esplendido resultado”. (ATA, 1925).

Entre as mudanças no cenário ginástico do clube, sejam elas avaliadas como positivas ou negativas, de certo que a compra de um piano dá indícios da presença de novas metodologias de ensino de exercícios físicos. Este instrumento musical viria a ser utilizado tanto nas marchas dos atletas quanto para atividades de calistenia, estas últimas principalmente direcionadas às associadas. “É digno também de especial menção o facto de ter este club implantado no seu methodo educacional as aulas de gymnastica calisthenica, musicada, acompanhadas ao piano [...]”. (DIÁRIO MERCANTIL, 1937, p. 3)

Segundo Lisboa (2010), quem tocou o instrumento inicialmente foi Celio Evangelista e depois Climene Evangelista, ambos filhos de Caetano. Este piano,

[...] situado estrategicamente nos limites entre a sala familiar e o acesso à quadra coberta, dá início aos acordes de uma canção que ditará o ritmo dos movimentos simultâneos de braços troncos e pernas [...]. Marchas militares no melhor estilo American patrol e Fox-trots em compasso acelerado... (YAZBECK; GAMA, 1996. p. 22).

No livro “*Educação Física: Memórias e Narrativas em Juiz de Fora*” (2003), Ítalo Paschoal Luiz,<sup>64</sup> que foi um dos auxiliares de Caetano Evangelista ao assumir o cargo de diretor de ginástica com o seu falecimento, em 1961, revela, em depoimento dado a Cunha Junior (2003), algumas características das aulas de ginástica do clube. Nota-se no depoimento a questão disciplinar, tanto do professor quanto dos alunos, além de uma curiosa descrição de aspectos da aula, assinalando os tipos de exercícios executados ao som do piano.

Revejo o salão do Clube Ginástico de Juiz de Fora com mais de 100 alunos, todos garbosamente perfilados. Numa saleta, próxima ao salão nobre, os seus filhos, Célio e Climene, revezavam-se juntos no piano. O professor dá um sinal e inicia-se a aula de ginástica. O aquecimento com evoluções, marchas e desenhos variados. Seguem-se os exercícios de cabeça, tronco e membros nas mais variadas posições, e todos com acompanhamento musical [...]. No centro do salão, estava a figura central e responsável por tudo que acontecia. Sim, o professor Caetano Evangelista era o regente da orquestra. O insigne mestre, com um uniforme branco impecável. Com gestos firmes e concisos, um sorriso carismático a conduzir mais uma sessão de educação física. (CUNHA JUNIOR, 2003, p. 370).

Certamente, esta mudança trouxe novos alunos para as aulas de ginástica. E, por outro lado, é interessante observar que também a introdução dos esportes alavancou o desenvolvimento da ginástica, sendo que esta era a atividade inicial do dia para todos os sócios. Assim, todos os participantes deveriam primeiramente fazer a ginástica com o mestre Caetano, para, seguidamente, passar aos jogos com bola. Entre abril de 1931 e abril de 1932 registrou-se uma frequência de 12.060 pessoas às aulas. (ATA, 1932).

Mesmo com o espaço reservado na imprensa aos assuntos esportivos, relacionados principalmente ao futebol, basquetebol, tiro ao alvo, entre outros, a ginástica de aparelhos ainda se sobressaía em notícias do clube. Uma informação que chamou a atenção foi identificada no Jornal Esportivo, de 11 de maio de 1931.

---

<sup>64</sup> Nasceu em Juiz de Fora, em 15 de fevereiro de 1927, filho de italianos, e dedicou sua vida ao esporte e à ginástica. Durante o período em que esteve à frente do Clube, como Diretor de Ginástica (1961-1979) e Presidente (1972-1979), ocupando dois cargos simultaneamente, direcionou suas atividades, em alguns períodos, principalmente para a prática de ginástica de solo e voleibol. Atuou como professor em algumas escolas e também como preparador físico do *Tupi Football Club*.

A notícia escrita por Marcilio Gonzaga registrou a sua impressão ao visitar as dependências do Clube Ginástico. Dentre as diversas observações feitas, apontava o “ambiente de pura alegria” de grande organização e “esplendidamente aparelhado” do clube, pois, segundo o colunista, “Com extraordinária agilidade vimos, distintas senhorinhas, fazerem arriscados e interessantes numeros”. (JORNAL ESPORTIVO, p. 2). Ou seja, a ginástica de aparelhos não somente resistia no tempo, como passava a contar com a participação das mulheres. Outro aspecto que chama atenção, era o uso, à época, do vocábulo *Frölich*, ou melhor, ‘alegria’, elemento integrante dos ‘4 efes’, pronunciado em alemão e ainda sendo mantido pelos ginastas.

O número de alunos em 1936 era, segundo os registros das atas, de 563 sócios. Esse quantitativo aumentou, em 1940, com a abertura de uma turma para senhoras, passando a totalizar, naquele ano, 984 sócios; ou seja, quase o dobro, se comparado ao total de participantes contabilizados em 1936. O esporte, cada vez mais, se sobressaía, assim como a possibilidade da prática da ginástica para as mulheres.

TABELA 1 - Relatório de turmas de 1940

<b>Turma</b>	<b>Número de aulas</b>	<b>Número de alunos</b>	<b>Frequência média</b>	<b>Frequência geral</b>
<b>Rapazes</b>	92	246	24,3	1932
<b>Meninos</b>	90	204	18,2	1814
<b>Moças</b>	86	186	19	1472
<b>Meninas</b>	86	180	17	1404
<b>Senhoras</b>	122	168	13	1708

Fonte: LISBOA (2010), cf. Ata do /clube de 19/07/1940

A aceitação social e a intensificação na divulgação dos trabalhos desenvolvidos fizeram com que o clube, aos poucos, fosse proporcionando aos associados melhorias no espaço físico de suas dependências. Entre estes melhoramentos está a construção de uma arquibancada, em 1944, e a organização de diversos campeonatos e apresentações em outros locais. Além disso, surgiu, por parte da diretoria, a preocupação em oferecer a ginástica aos operários da cidade por intermédio do *Rotary Club* (ATA, 1940), ou seja, criando uma oportunidade para que grupos de trabalhadores usufruíssem da atividade.

### 3.3 A Inserção de Novas Atividades

A partir da década de 1920, o clube passou a oferecer aos seus associados novas atividades que ao longo do tempo se destacaram no cenário esportivo local e nacional. Destaca-se nos próximos tópicos a modalidade de basquetebol, que passou a ser naquele momento a atividade referência do clube, a se notar pela quantidade de notícias divulgadas na imprensa e que destacavam a participação de seus sócios em diversos campeonatos e disputas locais. Ainda são descritos o voleibol, a esgrima e o pingue-pongue, embora que de forma mais breve, pois a impossibilidade de acesso as fontes não permitiu o levantamento de maiores informações. O atletismo também é abordado, embora esta seja uma prática que começou a ser desenvolvida ainda na década de 1910.

#### 3.3.1 Basquetebol<sup>65</sup>

O esporte da “bola ao cesto”, como era conhecido o basquetebol nos jornais, foi introduzido no Clube em 1923, de acordo com a Gazeta de Notícias de 1935, em recorte de jornal encontrado no Livro Arquivo que contém informações históricas desde a sua fundação, em 1909. Assim, surgia após a ginástica e o atletismo outra modalidade esportiva que deu notoriedade ao Clube Ginástico.

Importante sublinhar que as associações e clubes esportivos foram primordiais para a inserção e afirmação de determinadas modalidades esportivas em diversos locais no Brasil, como aponta Tesche (1996), ao analisar a prática do *turnen* e a introdução de esportes em algumas sociedades ginásticas na década de 1920 no Rio Grande do Sul.

Ainda segundo Kilpp; Mazo; Lyra (2010), que também analisaram a presença de esportes nestes tipos de instituição, o basquetebol, enquanto esporte

---

<sup>65</sup>Conforme destaca Brauner (2010), o basquetebol chegou ao Brasil através de Augusto Shaw, no final do século XIX, mais precisamente, em 1896. O missionário norte-americano, convidado a lecionar em São Paulo no Mackenzine College, juntamente com seus livros havia trazido uma bola de basquetebol. O Brasil foi o primeiro país da América do Sul a introduzi-lo (DAIUTO, 1991) e a adotá-lo, entre outras diversas atividades já praticadas no período, como o futebol, por exemplo, que chegou em São Paulo em 1894, através de Charles Müller, e de Oscar Cox, em 1896, no Rio de Janeiro. (MORORÓ, 2012). Segundo consta no *site* oficial da Federação Carioca de Basquetebol, este esporte foi apresentado inicialmente às mulheres, fato este que atrapalhou a difusão do basquete entre os homens, principalmente pela forte concorrência com o futebol, que segundo Brauner (2010) se tornou uma “coqueluche” (grifo do autor) entre aquele público.



moderno, surge na SOGIPA, antiga *Deutscher Turnverein*, em 1926, e na Sociedade Ginastica Estrela na década seguinte, ambos os clubes tendo origem germânica como já mencionado.

Em Juiz de Fora, uma sociedade ginástica também de origem germânica, o *Club Gymnastico*, foi primordial para o desenvolvimento do basquetebol na cidade, principalmente na década de 1930. Mas esta prática já estava sendo desenvolvida na cidade desde a primeira década do século XX, restrita inicialmente a instituições educacionais, como se observa na notícia divulgada pelo jornal *O Pharol*, sobre uma disputa ocorrida no Colégio Mineiro-Americano<sup>66</sup> em uma solenidade de comemoração de seu aniversário.

Na programação estava “a’s [sic] 4 ½ horas da tarde teve lugar um interessante *match de basketball*, vencendo as alumnas internas.”(O PHAROL, 1911, p. 2). Estas informações ratificam a prática do esporte pelas mulheres, assim como também posteriormente pelos homens do *Granbery Basket-Ball-Club* (O PHAROL, 1914).

Esta atividade adotada pelo Colégio Mineiro-Americano foi até mesmo registrada, conforme se observa na imagem abaixo, extraída do Álbum do Município, supostamente uma disputa de basquete, a notar pela disposição das alunas, a professora ao centro e o tipo de bola. A identificação inicial deste esporte como modalidade para as mulheres ainda era comum na década de 1920, e de acordo com o jornal *O Pharol*, na sua coluna “*Vida Sportiva*”, ele era um “difícil e encantador jogo feminino” (O PHAROL, 1922, p. 2). Disputas masculinas foram verificadas entre o D.Pedro II Sport Club e o Machado Sobrinho Basketball Club. (O PHAROL, 1923).

---

<sup>66</sup> Instituição particular fundada em 1890, situada na avenida Rio Branco, com instalações próprias. (ESTEVEZ; LAGE, 1915).

FIGURA 31 - Jogo de basquete no Colégio Americano-Mineiro - anos de 1910



Fonte: ESTEVES; LAGE, 1915.

Além desta notícia, outras<sup>67</sup> foram encontradas e também divulgavam o basquete, como o registro da realização de “um interessante ‘match’ de ‘basketball’” pela Escola Mixta da Tapera. (O PHAROL, 1918, p. 2). Foi um evento aberto ao público e com a programação de diferentes atividades, entre as quais as apresentações de atletas do Clube Ginástico. Estes registros já indicavam uma aproximação, ainda que tímida, com o esporte da bola ao cesto, tanto pelos ginastas quanto pela comunidade juiz-forana.

Neste mesmo ano, o jornal *O Pharol*, novamente na coluna “*Vida Sportiva*”, divulgava uma nova partida do jogo da bola ao cesto. É possível perceber a utilização da expressão “interessante” a fim de convencer o público para a qualidade do evento.

BASKET-BALL- No ‘ground’ do Collegio Mineiro Americano, sito á Avenida Rio Branco, realiza se amanhã, ás 4 horas da tarde um interessante ‘match’ deste Sport entre um bem treinado ‘team’ de alumnos do referido collegio e um outro não menos exercitado de alumnos da Escola Normal Santa Cruz. A prova promete grande successo. O ingresso ao ‘field’ custa 600 réis para cada pessoa, devendo o producto que for apurado reverter em benefício da ‘Associação Brasileira de Auxilios á Cruz Vermelha dos Alliados’. (O PHAROL, 1918, p.2).

Vale ressaltar, tendo por base estas inovações, a mudança no contexto de divertimento da cidade - a se tomar por parâmetro a constância de notícias relacionadas ao esporte e veiculadas pelos jornais (e que no caso do basquete, cresciam a cada ano) -, que passava, naquele momento, a reconhecer a prática como

---

<sup>67</sup> Mais notícias tendo o basquete como atividade principal foram resgatadas, ou apenas veiculando a programação de algum evento pelo jornal o *Pharol*: inauguração da arquibancada do Tupy Football Club (03/06/1919); Festa esportiva da Industrial Mineira Football Club (30/09/1919); encerramento da temporada esportiva do Colégio Machado Sobrinho (20/08/1922); festejos em homenagem a São Mateus (01/10/1922).

mais uma opção desportiva. Inicialmente restrito a instituições educacionais, a bola ao cesto passou a obter cada vez mais adeptos e espaço, observando-se um aumento no número de clubes interessados em desenvolvê-lo e que acabou se tornando uma opção de divertimento para toda a sociedade.

Nota-se, já na primeira década do século XX, que as pessoas passavam também a assistir partidas de basquetebol, por simples “gosto” ou afinidade, ou até mesmo talvez pelo desinteresse com outro esporte considerado de massa, no caso o futebol. Ou seja, cultivar o gosto pelo novo jogo, ou simplesmente se fazer presente nos eventos esportivos de bola ao cesto, poderia dar a seus seguidores determinado *status* social, através da aproximação com um esporte considerado mais elitizado.

Foi então este movimento crescente de valorização do basquetebol na sociedade local que levou a diretoria do Clube Ginástico a incluir a atividade em seus quadros, oferecendo-a aos associados e apresentando-a na cidade. Tendo em vista este cenário, passa a se discutir na sequência algumas questões a respeito deste processo, na tentativa de compreender as motivações e as razões que favoreceram para a chegada do “novo” esporte ao clube.

A primeira seria a presença de sócios com currículo de experiências em outros locais; a segunda, em decorrência da proximidade de Caetano Evangelista com a Associação Cristã de Moços (ACM), no Rio de Janeiro (LISBOA, 2010), o qual, segundo Gaudin (2007), praticava o basquete desde 1912; e, por último, a necessidade de atualização e de introdução de novos esportes para atrair associados, percebendo-se no basquete—que existia desde a década de 1920 -, mais uma opção de prática esportiva.

Para tanto, foi necessária, a adaptação da infraestrutura do clube para desenvolvê-lo assim como para receber os espectadores presentes nas partidas. São questões vistas como reveladoras para se acompanhar a história da introdução de novos esportes em clubes da cidade, mais especificamente, o basquetebol.

A introdução do basquetebol no clube não atraiu inicialmente a atenção da diretoria, assim como dos associados, podendo-se verificar, pelas atas das reuniões, poucas discussões fazendo referência ao esporte. Apenas são citadas a mudança de rouparia de jogo (ata de reunião do clube - 29/03/1924); a necessidade de alteração da nomenclatura festa ‘íntima’ (realizada internamente entre associados) para festa ‘atlética’ (ata de reunião do clube - 14/08/1924) - uma forma talvez de atrair mais

associados com a obrigatoriedade, além da ginástica, de participar de “momentos esportivos” nestes eventos; a aproximação com clubes do Rio de Janeiro, que não tinham na ginástica sua prática principal, como era o caso do Clube Vasco da Gama (ata de reunião do clube de 20 de março de 1924). É possível se destacar, alguns anos depois, um aumento do entusiasmo manifestado pelos sócios com relação às novas atividades (conforme ata de reunião do clube datada de 20 de maio de 1927).

O primeiro registro fotográfico de um time de basquetebol do Clube Ginástico foi feito em 1929. No uniforme dos praticantes se observa a manutenção do símbolo ostentando os quatro ‘efes’, mesmo após a Primeira Guerra Mundial. Tal procedimento revela o ideal de manter a tradição e o vínculo com a origem germânica, cuja ginástica era reconhecidamente a base para a criação e o desenvolvimento do clube.

FIGURA 32 - Equipe de basquete e prof. C. Evangelista (em pé, à direita) - 1929



Fonte: Arquivo particular de C. Evangelista.

Nota-se, pela análise das notícias nos jornais, que foi um período de crescimento do clube e de fortalecimento desta prática na cidade, sendo que até um grupo de atletas filiados ao clube - o Grupo dos 13 - veio a ser formado. (DIÁRIO MERCANTIL, 1931). O clube foi também responsável pelos primeiros torneios promovidos entre times da cidade e pela organização das regras da Associação Mineira de Esportes. (1934). Anteriormente a estas atividades externas, a

movimentação esportiva se restringia aos torneios internos, quase sempre divulgados de forma detalhada, principalmente pelo jornal *Diário Mercantil*.

Um destes eventos esportivos foi divulgado pelo jornal supracitado, em 1931, quando jornalistas já informavam haver na cidade o início do gosto pelo esporte de bola ao cesto. Para esta disputa, os sócios se organizaram em cinco times que foram nomeados da seguinte forma: Caetano Evangelista; A. C. M; Os 5; Abacatinho e Duque. Outro campeonato interno foi registrado pelo Correio de Minas, em 13 de março de 1934, agora para as turmas infantis.

Na fotografia a seguir, figura alguns alunos de basquete que participaram de um dos campeonatos internos na década de 1930 na cidade.

FIGURA 33 - Alunos da turma de basquetebol infantil - década de 1930



Fonte: Arquivo particular de Climene Evangelista de Almeida.

À época, o basquete ainda era um esporte mais difundido entre as classes sociais com melhores condições financeiras, e neste ínterim, o clube mantinha traços elitistas notados pela imprensa, como o *Jornal Esportivo*, que na edição do dia 11 de maio de 1930, atestava que “as principais famílias da cidade lá estavam representadas”; na mesma notícia, é avaliada a presença de mulheres no basquetebol como “perfeitas jogadoras” (JORNAL ESPORTIVO, 1930, p. 1). O artigo do jornal ainda descreve a divisão dos espaços do clube, utilizados após a sessão de ginástica

ministrada por Caetano, como o campo de bola ao cesto, a sala de aparelhos, galpão e alguns equipamentos como o trapézio, barra e balanço.

Infelizmente, não foram encontrados nas fontes pesquisadas registros fotográficos de equipes femininas de basquetebol, podendo-se inferir que a atividade não fosse tão comum no meio feminino do clube, ou tão valorizada quanto a dos homens, a se tomar pela quantidade de fotografias disponíveis dos times masculinos, que somam quase 50 registros. Outra hipótese aventada para esta falta de registros pode ser a migração das alunas para as aulas de voleibol, já que neste caso há mais registros e informações a respeito.

Cada vez mais o basquetebol era noticiado nos jornais, o que denota a aceitação do esporte pela sociedade, pois as partidas<sup>68</sup> de basquete se tornaram um divertimento constante na vida de muitas pessoas, e chegaram a ocupar em certa ocasião uma página inteira no *Diário Mercantil*.

Este destaque é comprovado por uma “narração<sup>69</sup>” do jogo disputado entre o Clube Ginástico e os Alvi-Negros. O jogo foi vencido pelo Clube Ginástico pelo placar de 41 a 26 pontos, registrando-se a presença de um árbitro externo aos dois times, Adelino Notaroberto. (DIÁRIO MERCANTIL, 1932, p.3)

A cidade, já na década de 1930, passava a trilhar outros terrenos. Alguns desportistas se deslocavam do campo de futebol para as quadras de basquetebol. O cenário construído por diversos times dava à população oportunidades de divertimento, fosse com as disputas “acirradas” entre times tradicionais como o Sport Club e Olímpico, ou com os “espetáculos” esportivos protagonizados por atletas do Clube Ginástico e por famosos times visitantes do Rio de Janeiro, como Flamengo, Botafogo, Tijuca e Fluminense. Foi uma década em que o Clube Ginástico teve a responsabilidade de representar o estado de Minas Gerais no Campeonato Brasileiro de Basquetebol de 1935. (DIÁRIO MERCANTIL, 1935).

---

<sup>68</sup>Além da imprensa escrita, os rádios passaram também a oferecer uma nova forma de vivenciar os esportes com as transmissões das partidas, não apenas de futebol, mas também de basquetebol. “As rádios Sociedade de Juiz de Fora (PRB-3) e Industrial (ZYT-9) abriam seus microfones para transmitir os jogos com emoção”. (YAZBECK; GAMA, 1996, p. 25).

<sup>69</sup>Logo de início, Geraldo, do quadro visitante, abre o “score”. Decorrem alguns minutos e Ernesto, em bonito estilo, conseguem as duas primeiras cestas para os ginásticos. Moacir ao cobrar uma penalidade, consegue um ponto. [...]. O quadro visitante pede dois minutos de descanso. Reiniciado o prelo, termina logo o primeiro quarto de tempo com a vantagem de 9 x 2 a favor dos ginásticos. [...]. (DIÁRIO MERCANTIL, 1932, p. 3).

Paralelamente ao basquetebol crescia outra prática esportiva, que assim como este, obteve grande aceitação entre os sócios, principalmente entre mulheres, que, de imediato, passaram a se identificar com o esporte: o voleibol<sup>70</sup>, embora não tivesse muito destaque da imprensa. Poucas foram as informações coletadas a respeito do esporte, com notícias relacionadas, na maioria das vezes, a partidas realizadas entre times de colégios locais como *Escola Normal* e *Stella Matutina* além de disputas com o *Clube Ginástico*.

### 3.3.2 Atletismo

As corridas a pé, como eram conhecidas pela imprensa no século XIX, e depois atletismo,<sup>71</sup> na primeira década do século XX, têm sua origem nos primórdios dos Jogos Olímpicos na Grécia, em 776 a. C. Além disso, os movimentos característicos podem ser entendidos como base para outras atividades humanas, como o andar, correr, saltar, lançar, entre outras, sendo, portanto, impossível identificar o ano em que chegou ao Brasil e, principalmente, ao *Turnerschaft Club Gymnástico*. Entretanto, para Melo e Turco (2006) sua prática aparece sob forma recreativa, em meados do século XIX.

O que se pode afirmar, certamente, é que as corridas a pé, ou melhor, o atletismo, fazia parte do conjunto de atividades da ginástica alemã e, portanto, muitas vezes não eram descritas de maneira individualizada. Conforme a descrição que faz Tesche (2002) de algumas atividades incluídas neste movimento ginástico percebe-

---

<sup>70</sup>O início das atividades de voleibol se deu juntamente com o basquetebol, em 1923 (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1935) e mesmo oportunizado para homens e mulheres, foram estas últimas que se identificaram com o esporte. O vôlei foi incluído nas atividades do clube alguns anos após sua chegada ao Brasil, por volta de 1916 e 1917, através da Associação de Moços de São Paulo sendo trazido para o país 22 anos depois de sua criação nos Estados Unidos, em 1895. (DAIUTO, 1980).

Além das partidas realizadas internamente, os times de voleibol também se faziam presentes em eventos realizados na cidade, como as festividades de 1937, no Jockey Club, que teve dois times mistos participando do “espetáculo” esportivo. Neste momento, já havia se constituído no clube o Departamento Feminino, que se reunia em dias diferentes dos homens, tendo os portões dos clubes fechados para estes. Poucas foram as informações registradas em ata sobre as atividades de voleibol, pois a prioridade era a ginástica e principalmente o basquetebol. Registros posteriores a 1945 comprovam a manutenção da atividade pelas associadas e a participação em diversos campeonatos locais e regionais.

<sup>71</sup>Durante os Jogos Olímpicos de Estocolmo, é fundada a Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF) com 12 países signatários, com o fim de codificar regras estáveis para o esporte e homologar recordes mundiais. O Brasil é filiado desde 1914, quando a IAAF aceitou a inscrição da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Em 2001, o nome foi mudado para Associação Internacional das Federações de Atletismo, mantida a sigla IAAF. (MELO; TURCO, 2006).

se dentre as dezessete lições do Manual de Ginástica de *Jahn*, os exercícios de andar/caminhar; correr; saltar e arremessar/lançar.

Em Juiz de Fora, esta atividade, com base nas fontes analisadas, estava incluída em diversos eventos organizados por instituições como o Club Democrático Primeiro de Janeiro (O PHAROL, 1886) e pela Sociedade Beneficente Brazil-Allemanha (O PHAROL, 1906).

As instituições educacionais também contribuíram para a evolução do atletismo na cidade, seja no âmbito interno ou até mesmo externo, através da organização de clubes esportivos formados por alunos como do *Collegio São Salvador*, que fundou o *Club Atlético São Salvador*. Para Cunha Junior *et al.* (2011) “este era um clube de corridas a pé, organizado com objetivo de realizar provas abertas à população juiz-forana. O clube organizou quatro corridas no ano de 1886, nos meses de março, abril, maio e agosto.” (CUNHA JUNIOR *et al.*, 2001, p.20). Para a competição de 28 de março de 1886 foram organizados sete “pareos” destinados a moços, meninos e moças, com provas de 100m, 120m, 150m e 300m, e com a presença da “banda dos alemães”. (O PHAROL, 1886, p. 2) .

Não há o registro dos alunos deste clube, mas pela sua localização na antiga Escola Agrícola D. Pedro II (1885), na colônia dos alemães, acredita-se que a cultura do grupo tenha sido apropriada e reafirmada também pelo Clube Ginástico, através dos alunos que posteriormente se tornaram sócios. O nome do aluno Theodorico de Assis foi identificado à época, posteriormente sócio e diretor do clube e participante de outras instituições, como o Clube de Tiro aos Pombos na Cervejaria José Weiss.

É um registro importante que contradiz a afirmação de Xavier e Pinto (2011), para os quais, a prática do atletismo se inicia em Minas Gerais, no final da década de 1920, em instituições escolares como o *Instituto Gamon*, atualmente localizado em Lavras, um dos primeiros da década de 1930 a oferecer “condições elementares para a prática do atletismo como caixas de areia, sapatos de prego e varas para salto com vara.” (XAVIER; PINTO, 2011, p. 38).

O fato do *Club Athletico São Salvador* se dedicar ao atletismo e ter sido fundado por alunos do *Collegio São Salvador*, explica a presença da modalidade no clube, representado pelas corridas a pé. Anterior a este período, mais precisamente,



em 1883, o *Colégio Granbery* de Juiz de Fora já desenvolvia atividades de saltos e corridas. (SOARES, 2010).

Na pesquisa sobre os divertimentos habituais à época, as corridas a pé também chamavam a atenção do público em geral, como destacou ainda a autora (2010) ao analisar um anúncio divulgado em 15 de agosto de 1886 no jornal *O Pharol*, convidando para apresentação da Família Bargossi, no *Hotel Renaissance*, que organizou o jardim para o evento.

Segundo Soares:

Vieram a Juiz de Fora a viúva e o filho do famoso corredor Achille Bargossi, conhecido na Europa como o “homem locomotiva”. Bargossi era italiano e era considerado como o “pai” das corridas de longa distância. Ele se apresentou em diversos países da Europa e da América do Sul, sempre desafiando outros corredores e até animais. O corredor treinou sua mulher para provar a eficiência do seu método e introduzi-lo no exército italiano. Após sua morte, sua mulher e seu filho continuaram percorrendo o mundo e promovendo espetáculos de corrida. (SOARES, 2010, p.101)

As notícias sobre as corridas a pé foram deixando as páginas dos jornais para dar espaço à ginástica e, posteriormente, a esportes como futebol e basquetebol, que cada vez mais ganhavam adeptos e apreciadores.

Na pesquisa aos jornais foi encontrado o primeiro registro do atletismo como atividade desenvolvida pelo então *Turnerschaft Club Gymnastico*. Em uma das festas do clube, realizada no Parque Stiebler, a obrigatoriedade do momento ginástico pode ser observada no programa, reproduzido a seguir, e divulgado pelo *Pharol*, do dia 14 de setembro de 1911. Nota-se que não há distinção entre atletismo e ginástica, sendo o primeiro considerado como atividade da segunda, no caso, a ginástica alemã: 1º: pulos de altura; 2º: pulos com vara; 3º: exercícios flexíveis; 4º: exercícios na barra fixa; 5º: exercícios na paralela; 6º: pirâmides; 7º: pulos sobre cavalo; 8º: exercícios à vontade.

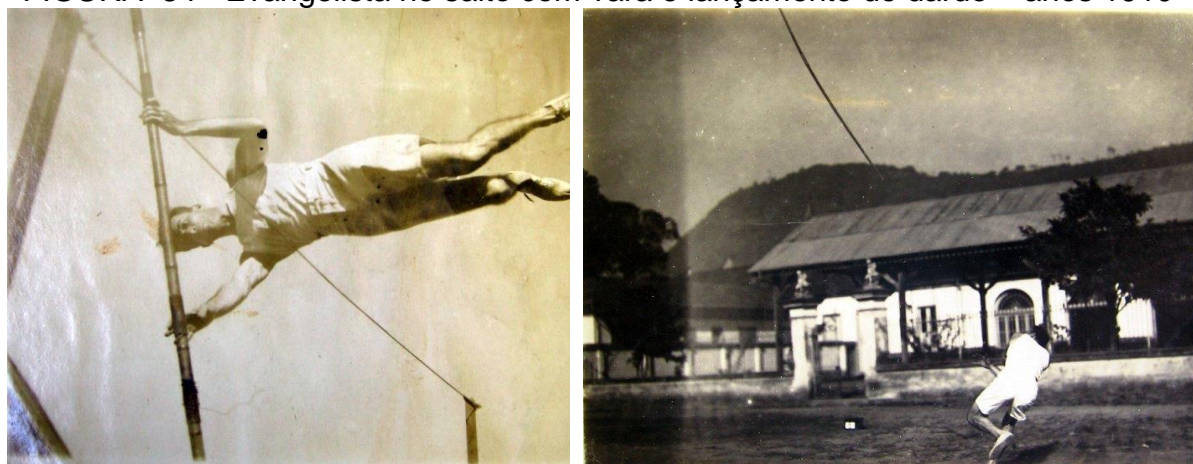
Já nas atas, a primeira referência feita ao atletismo ocorreu em reunião de diretoria, no dia 6 de abril de 1913, quando foi proposta a realização de uma corrida a pé na cidade; o registro na sequência era parte das programações da posse da diretoria, prevista para o ano de 1916, conforme ata de reunião do clube, de 20 de fevereiro de 1916.

Todo este trabalho alcançou resultado na década de 1920, quando, o mesmo documento fica claro a participação do clube nas competições de 1922; na

comemoração do Centenário da Independência (29/04/1921); na festa do 4º Regimento Militar (04/10/1922); no pedido para compras de materiais de atletismo (04/10/1922); na compra de barreiras para as corridas (14/08/1924); e na aquisição de disco para lançamento (13/01/1925).<sup>72</sup>

A seguir, seguem registros fotográficos de dois momentos do atletismo no clube, representado em geral por modalidades como corridas, salto com vara, salto em altura, salto em distância, arremesso de peso, lançamento de disco, lançamento de dardo e corrida com barreiras.

FIGURA 34 - Evangelista no salto com vara e lançamento de dardo – anos 1910



Fonte: Arquivo particular de C. Evangelista

Na imagem que capta o momento do lançamento de dardo, pode-se observar, no segundo plano, as dependências do clube, já instalado junto à Liga Mineira Contra-Tuberculose, com o “barracão” onde ficavam os aparelhos de ginástica. Note-se que o local onde estava sendo arremessado o dardo era a principal avenida da cidade, rua da Direita, atual avenida Barão do Rio Branco.

Organizada pelo Departamento de Atletismo, foi registrada uma corrida rústica na noite de São João, em 24 de Junho de 1936. Esta recebeu o nome de

---

<sup>72</sup> Estes resultados confirmam o crescimento do atletismo dentro do Clube, que chegou até mesmo a cogitar uma participação nos Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922, tendo o Rio de Janeiro como sede, e que foi inserido no calendário de eventos em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil. Além disso, o clube foi representado em competições no *Turnverein* por Caetano Evangelista (04/10/1922) que também o disputou em eventos realizados pelo Clube de Regatas Flamengo (06/10/1925) e no Campeonato Brasileiro de 1935. Para o jornal Correio de Minas, o Clube Ginástico representava, na década de 1930, a “expressão máxima do atletismo no Estado” (CORREIO DE MINAS, 05/03/1936), sendo um dos responsáveis pela fundação, em 1937, da Federação Mineira de Atletismo, ao lado dos clubes Américo, Atlético mineiro, Cruzeiro, Minas Tênis Clube, Payssandu. Cf. *site* da Federação Mineira de Atletismo. Disponível em: <<http://www.atletismomg.org.br/>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

*Corrida do Balão* e contou com grande divulgação do jornal Diário Mercantil, um dos patrocinadores do evento. O jornal estampava páginas de suas edições com a notícia do evento, na coluna “*Todos os Sports*”, durante vários dias da semana - tanto antes, com a divulgação do regulamento, quanto depois da corrida, com os resultados.

Foi noticiada de várias formas, como se vê a seguir: “Empolgante corrida rústica, uma grande atração esportiva” (27/05/1936); “A grande Corrida do Balão” (10/06/1936); “Empolga a grande corrida, um verdadeiro acontecimento” (11/06/1936); “Maior prova athletica realizada no Estado de Minas Gerais” (19/06/1936). A corrida mereceu até mesmo uma reestruturação das ruas da cidade, e os espectadores que presenciaram o evento - segundo estimativa do Diário Mercantil – somaram 15 mil pessoas (25/06/1936). A seguir, segue o mapa confeccionado para orientar corredores<sup>73</sup> e a população quanto ao trajeto da corrida nas ruas centrais, uma forma de ordenar o fluxo das pessoas envolvidas.

FIGURA 35 - Mapa da Corrida do Balão -1936



Fonte: DIÁRIO MERCANTIL, 1936

<sup>73</sup>Cf. informação do Diário Mercantil, de 26 de fevereiro de 1936, participaram 62 concorrentes da corrida do balão, sendo registradas 53 inscrições de pagantes pelo Clube Ginástico. O primeiro colocado, Geraldo Carraca, foi premiado com uma medalha de ouro ficando o segundo lugar com Elysio Pereira. (LISBOA, 2010).

Aos participantes foi obrigatório saltar sobre uma fogueira, e o primeiro a transpô-la levaria uma tocha acesa para acender outra, localizada no final da corrida, onde estava localizado um balão, segundo o jornal “o maior que já se tem feito nesta cidade” [...]. Ainda de acordo com o periódico “Nunca em Juiz de Fóra uma prova de atletismo, despertou tanto interesse [...]”. (DIÁRIO MERCANTIL, 1936, p.4), sendo conferido o título de “Campeão Mineiro” ao vencedor.

### 3.3.3 Outras práticas

A esgrima, atividade que estava inserida no conjunto de práticas corporais entendidas como ginástica, conforme afirma Soares (2010), tem suas raízes atreladas à criação da espada, que foi um dos principais instrumentos utilizados para a defesa pessoal dos povos antigos, passando depois a ser empregada em exposições, duelos e guerras. (RIBEIRO; CAMPOS, 2007). Com a criação das armas de fogo, ela perde seu valor enquanto arma e passa por um processo de esportivização.

Segundo Cantarino Filho (2006), esta prática foi desenvolvida inicialmente pelos militares durante o século XIX e a partir daí surgiram as salas de armas, a obrigatoriedade de ensino nos centros militares e a criação de clubes específicos e sua inserção como atividade nos clubes e associações.

A título de ilustração em Juiz de Fora já era possível nas décadas finais do século XIX a possibilidade de prática da esgrima conforme anúncio: “Abre-se a 1 de Junho, á rua do Imperador, nesta cidade, uma aula de esgrima, dirigida por um ex-official do exercito francez. A aula funcçionará ás quintas-feiras e domingos. Achão-se, desde já, abertas as inscripções.” (O PHAROL, 1883, p.2).

O manejo da espada nas salas também foi identificado em aulas particulares (O PHAROL, 1895); foi inserida como atividade em diversas instituições de ensino, podendo-se mencionar duas delas: o *Centro Philothechnico Mineiro* (05/02/1890) e *Externato Hermes* (25/05/1895). O desenvolvimento da prática incentivou a fundação de um *Club de Esgrima*, em 1903, o qual teve vida efêmera, fechando suas portas um ano após a inauguração (26/08/1904), dados estes que confirmam as informações de Cantarino Filho (2006).

Os registros da presença da esgrima no Clube Ginástico constam de ata com discussão da proposta apresentada pelo Major Valério Falcão, do 2º Corpo de Trene, que solicitou permissão para exercitar a esgrima com sócios do Clube, em

aulas gratuitas (ATA de reunião do clube, 19/05/1919). Além disso, a compra de medalhas para a prova de esgrima “*Coronel Valério Falcão*” a ser realizada pelo clube também está documentada. (ATA, 1922).

A imprensa contribuía para a manutenção e valorização da esgrima, pois, divulgava a atividade. Conforme a crônica de Manoel Garcia Bernardez intitulada “*O Sport do Futuro*”, a esgrima apurava “nos homens a ligeireza dos braços, a elasticidade das pernas e a valentia para provocar alguém para um duello sem sangue e com muita chronica”. (O PHAROL, 1924, p. 1).

Já o boxe, passou a ter maior divulgação pela imprensa principalmente na década de 1930, quando surgiu na cidade o primeiro ringue de lutas, o *Ring Club*, mas, em 1920 já se identifica notícias em nível mundial relacionadas ao esporte (DIÁRIO MERCANTIL, 1920).

Sobre a criação de um *club* pugilíssimo coordenado por Waldemar Prins, escreveu o mesmo jornal: “Com a fundação de um club pugilistico é bem possível que a nossa cidade assista alguns encontros reaes entre lutadores daqui com os de Bello Horizonte, Rio e São Paulo. [...] Um genero de desporto que está modernizado e constitui mesmo, em outras cidades, um motivo de attracção”. (DIÁRIO MERCANTIL, 1936, p. 4).

Isto denotava já a existência, mesmo que tímida, do gosto pela prática, até mesmo uma busca por mais leitores, uma vez que se percebe o uso mais frequente de imagens retratando momentos das lutas, assim como de lutadores, atingindo com isso até mesmo o público não alfabetizado, apurado em grande número na cidade. (CHRISTO, 1994). Outras lutas também foram noticiadas, como a romana (DIÁRIO MERCANTIL, 1929); jiu-jitsu (1936) e a luta livre (1937).

Na década de 1910, foram computadas apenas duas notícias sobre o boxe, divulgadas em 1914 pelo jornal *O Pharol*, não sendo este um período de destaque para o esporte. Segundo Cunha Junior *et al.* (2011), que identificaram a existência de lutas romanas em diversas localidades na cidade, a prática não permaneceu muitos anos nas páginas do jornal. Elas foram noticiadas e comentadas pelo *O Pharol* entre 1876 e 1885, voltando a ser notícia somente na década de 1930, sobretudo pelo *Diário Mercantil*.

Acompanhando a escassez de fontes, o boxe do Clube Ginástico, participou apenas de uma competição no Rio de Janeiro, envolvendo alguns atletas

mineiros, como o evento promovido pelo *Turnverein*, em 1922, quando o clube local saiu vitorioso com o atleta José Fontes. (ATA, 1922). Ou seja, pode-se concluir que a luta sobressaiu-se apenas no período em que a cidade estava, de certa forma, “desanimada” com esta atividade. Se a importância de uma atividade esportiva está relacionada à quantidade de notícias veiculadas no jornal sobre ela, pode-se dizer que apenas em 1936: “reanima-se o box na cidade”. (DIÁRIO MERCANTIL, 1936).

Outra atividade que chama a atenção é o pingue-pongue, hoje conhecido como tênis de mesa. Conforme o jornal *Gazeta*, de 1935, foi criado um departamento específico no clube, mas as atas não têm indícios de tal prática. A existência da atividade foi ratificada também por meio de uma notícia de jornal com o seguinte enunciado: “Club Gymnastico Juiz de Fóra-Uma organização que honra os sports da cidade”; e ainda: “possue tambem duas optimas mesas e regulares equipes masculinas e femininas, para esta classe de jogo, tendo já conquistado magnificos tropheos nos diversos campeonatos da cidade.” (DIÁRIO MERCANTIL, 1937, p. 3).

O *Diário Mercantil* constantemente divulgava as competições em coluna dedicada especialmente ao esporte praticado tanto por homens quanto pelas mulheres, como foi o Campeonato Feminino realizado pelo Centro Excursionista. (DIÁRIO MERCANTIL, 1933).

Houve uma movimentação no meio esportivo de Juiz de Fora, principalmente a partir de 1935, com diversas disputas, campeonatos e participação de vários clubes, quando verificou-se até mesmo a presença de árbitros, como Ernesto Evangelista, atleta do Clube Ginástico, apitando a disputa entre a equipe do Granbery e da Academia Litero-Recreativa Machado de Assis (DIÁRIO MERCANTIL, 1932). Dentre os times destacam-se também: Tupi F.C; Excursionistas; Tupynambás, Minas Gerais e Associação dos Empregados do Comercio (A.E.C). À época, havia até mesmo um departamento específico sob a coordenação da Associação Mineira de Esportes, (D.M, 1933), entidade esportiva máxima do Estado (D.M., 1936).

### 3.4 Aspectos Culturais: identidade, símbolos e rituais

Acredita-se que os imigrantes alemães e teuto-brasileiros tenham desde sua chegada ao Brasil mantido laços com a *Heimat*<sup>74</sup> através das lembranças, da

---

<sup>74</sup> Palavra de origem alemã, que traz o significado de terra natal, “casa”, país de origem.

língua, da gastronomia, dos costumes do dia a dia, entre outros fatores que contribuem para a construção de uma identidade étnica. Muitos elementos se mantiveram, outros precisaram ser substituídos e, em alguns momentos, houve a necessidade de adaptá-los.

Visando minimizar as dificuldades dos imigrantes com o “transplante cultural”, tendo em vista que pertenciam a grupos distintos, oriundos de diversos locais da Alemanha, e que não possuíam necessariamente uma unidade cultural, eles procuraram viver em sociedade de maneira harmonizada. E para tanto, espaços como clubes, associações, organizações religiosas, instituições educacionais, passaram a representar estratégias de sobrevivência, mantendo vivas as tradições. Mas, ao mesmo tempo, também buscaram formas de se integrar à sociedade local, procurando espaços para favorecer a sociabilidade na nova terra.

A relação entre os imigrantes alemães com a Alemanha se tornou ainda mais sólida e próxima com a transferência do Consulado Alemão para a cidade - que até então se localizava na Província, então Ouro Preto -, motivada, segundo se crê, por ser esta uma região com grande contingente de imigrantes germânicos se comparada a outras localidades mineiras, como a cidade de Teófilo Otoni, a primeira no estado a receber o grupo, em 1852, concentrado na Colônia Nova Filadélfia, mas em número menor que a colônia de Juiz de Fora.(STEHLING, 1979).

Mesmo antes da chegada do vice-consulado, os imigrantes já desenvolviam diversas ações culturais semelhantes às do seu país de origem, mas a presença de um vice-cônsul, representando a etnia alemã como um todo, reforçaria o elo Brasil-Alemanha. Isto talvez tenha feito com que alemães e seus descendentes se sentissem mais seguros e acolhidos no país estrangeiro desde então, pois a presença da repartição significava proteção e apoio de seus interesses fora de casa.

Esse fato permitiu a manutenção dos laços étnicos, sejam eles políticos ou fraternos, e acabou também por recriar uma “nova identidade alemã,” possibilitando novas experiências em um país distante de sua terra natal e do continente europeu-o Brasil.

Para Stehling (1979), o consulado foi estabelecido após o ano de 1889, na cidade mineira de Ouro Preto e foi transferido para Juiz de Fora em 1904, sendo nomeado para cônsul o descendente alemão George Francisco Grande, que já estava

na cidade desde 1877. Esse imigrante desenvolveu atividades relacionadas ao comércio e indústria, além da função de Juiz de Paz (O PHAROL, 1888, p. 1)

As datas acima descritas pelo autor (1979) são díspares àquelas encontradas no jornal *O Pharol*. Em evento realizado pela Escola de Santa Catarina, George Grande é um dos convidados sendo este descrito como agente consular da Alemanha. (O PHAROL, 1900). No mesmo jornal, novamente George Grande é referenciado como vice-cônsul da Alemanha. (O PHAROL, 1901). Com base nos dados apresentados, acredita-se que o vice-consulado pode ter sido instalado em data anterior à informada por Stehling (1979), que é 1904.

A insatisfação causada pelo fato do vice-consulado estar sediado em outra cidade é mencionada em notícia no jornal, quando foi nomeado para vice-cônsul Bruno Von Sperling, em 1888. Esse descontentamento agravou-se ainda mais, pois estrangeiros de outras nacionalidades - portugueses e italianos- já possuíam agências consulares em Juiz de Fora. Em carta direcionada ao redator do jornal, escreveu um leitor anônimo:

[...] pergunto qual a utilidade deste vice-consulado em Ouro Preto, onde não existem cidadãos da nacionalidade alemã, deixando de nomear uma pessoa edonea no Juiz de Fôra, logar de uma colonia a muito numerosa, de mais de 2.000 pessoas, cujos interesses de certo o encarregado não póde zelar em tão grande distancia como muitos casos urgentes e repentinos. [...] existirem em Juiz de Fôra alemães que já deram provas inequívocas de dedicar-se aos interesses de seus compatriotas, residentes neste logar, todas as vezes que lhes foi pedido seus concurso e auxilio. (O PHAROL, 1888, p. 2).

A importância desse vice-consulado<sup>75</sup> é confirmada pelas presenças de alguns cônsules que visitaram a cidade, como o cônsul-geral da Alemanha, G. Fraytag (O PHAROL, 1906) e o representante da Majestade Guilherme II no Brasil, barão von Norderflyckul. (Idem, 1909).

Induz-se que a presença deste órgão, juntamente com as associações estrangeiras, como a *Deutscher Kranken-Unterstützungs-Verein* (Sociedade Alemã de Beneficência) e a *Deutsch Schule* (Escola Alemã) permitiram a afirmação e (re) construção da identidade alemã, trazendo aos imigrantes um novo sentido de pertencimento.

---

<sup>75</sup>O vice-consulado alemão foi fechado em 1917, tendo o vice-consul se retirado da cidade. No edifício do vice-consulado foram retirados a bandeira e escudo alemães. (O PHAROL, 1917).



Nesse ínterim, tiveram papel importante as festividades realizadas em referências às datas comemorativas do povo alemão, produzindo novas sociabilidades, visto que eram eventos que recebiam convidados de instituições estrangeiras e nacionais, assim como de instituições alemãs da cidade.

Diversas foram as notícias relacionadas às festividades. O que chama atenção é a permanência, durante muitos anos, de comemoração do aniversário do imperador Guilherme II entre os germânicos de Juiz de Fora, divulgando esta história, e também como forma de destacar o grupo através da cultura, afirmando sua identidade, sem deixar, entretanto, de reconhecer as suas novas características como cidadãos brasileiros. Ainda no século XIX, não foram todos que aceitaram a nacionalização, pois, em 24 de abril de 1890, o jornal *O Pharo!* registrava o nome de dois alemães que resistiam à aculturação.

Com um cronograma diversificado, as festas eram sempre acompanhadas de música, com a execução do hino alemão, repertórios de dança, discursos entre outras atividades.

#### GUILHERME II

Conforme o programma noticiado, realizou-se hontem, nesta cidade, entusiastica festa da colônia allemã, pelo anniversario de s.m. Guilherme II. Pela manhã, em bonds especiaes, precedidos pela banda de musica Garibaldina, que executara o hymno allemão e outras peças escolhidas, e aos espocan (SIC) de girandolas, a comissão dos festejos, acompanhada de diversas famílias da laboriosa colônia, percorreu a cidade.

De volta, á rua das Escolas (colônia), formaram-se o meninos e meninas da escola que alli funciona, sendo distribuídos premios aos que mais se distinguiram. Pronunciaram-se diversos e eloqüentes discursos.

Dalli seguiu toda a colônia, incorporada, para a fabrica José Weiss, onde, após vários cânticos e hymnos, foi servido chocolate á creanças.

Ergueram-se então muitos vivas á Allemanha, ás s.m.m. e ao Brasil. (O PHAROL, 1900, p. 2).

Acompanhando as comemorações que colocavam em destaque características relacionadas ao *jus sanguinis* contrariando o *jus soli*, realizou o *Turnerschaft Club Gymnastico* uma “sessão solemne em honra á data natalícia do imperador da Allemanha.”(O PHAROL, 1911, p.1). Observa-se que, mesmo depois de 50 anos de sua chegada à cidade, o grupo ainda mantinha relações estreitas com a Alemanha.

De acordo com o que foi já exposto, o primeiro registro da presença do clube na cidade foi justamente em um destes momentos de afirmação da identidade étnica germânica, quando dois de seus mentores estiveram presentes à reunião do

vice-consulado realizada em comemoração ao aniversário do imperador Guilherme II. ( O PHAROL, 1909).

Isto não quer dizer que as festividades comemorativas de datas cívicas brasileiras não fossem realizadas pelo clube, sendo uma delas, por exemplo, a Proclamação da República, citada pela imprensa:

Passou quase que por completo despercebida nesta cidade a data de hontem. Não houve festejos em honra ao anniversario da proclamação da Republica. Apenas o Turnerschaft Club realizou á tarde uma bella passeata pelas ruas centraes da cidade [...] (O PHAROL, 1915, p. 1).

Segue um registro do desfile cívico.

FIGURA 36 - Desfile cívico de alunos do Turnerschaft Club Gymnastico-1915



Fonte: LIVRO ARQUIVO, 1909.

Sobre este dia, escreveu o Diário Mercantil (1915),

Esta útil sociedade de educação physica, hontem, em commemoração ao anniversario da Republica, realizou uma passeata pelas principaes ruas da cidade.

Os sócios, em numero superior a cem, sahiram da séde do "Turnerschaft" ás 16h. Com muito garbo, divididos em columnas, precedidos de uma turma em bicycletas e seguidos por vários automoveis conduzindo os directores da sociedade, deram uma prova da efficacia de sua instrução physica. O seu exemplo é dos de máximo alcance, insinuando o prosseguimento em sua feliz iniciativa.

Louvamos o "Turnerschaft Club" pela perfeição com que seus associados revelaram as vantagens dos exercícios physicos. (DM, 1915, p.1).

Ao escolherem um nome em alemão para a sociedade, assim como a escolha do símbolo dos “4 efes”, tradicional em diversas sociedades ginásticas no mundo atual, os fundadores do clube queriam expressar a existência de seu laço étnico, reforçado também na compra dos primeiros equipamentos, distintivos e diplomas diretamente da Alemanha.

Mas a Primeira Guerra Mundial trouxe ao clube a necessidade de realizar mudanças. A principal delas foi a mudança do nome *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra* para *Clube Ginástico Juiz de Fora* assim como o afastamento de alguns diretores de origem germânica.<sup>76</sup>A proposta, em caráter provisório, partiu do presidente Eduardo de Menezes Filho, que propôs aos presentes à reunião de diretoria que fosse autorizada a tradução para a língua vernácula. (ATA DE DIRETORIA, 1917).

Na coluna “*Sports*”, do jornal *O Dia*, foi publicada uma nota de repúdio ao comportamento de algumas pessoas da sociedade juiz-forana que atacavam a instituição.

Nas últimas manifestações hostis ás propriedades do allemaes nesta 'cidade, foi injustamente attingido esse clube que teve seus vidros todos partidos, alem de outros pequenos prejuizos.

Dizemos injustamente porque não havia e nem houve um motivo que justificasse aquelle excesso. Esse club fundado ha muitos annos por elementos brasileiros teve sempre muita freqüência pelos descendentes de allemaes porque é justamente na Allemanha onde se cultiva com maior seriedade o exercicio physico, nada tende ligação com allemães, e a actual directoria é composta unicamente de brasileiros, tendo sido substituído, a seu pedido, o seu instructor, que era allemão. (O DIA, 1918, p. 3)

A Segunda Guerra Mundial não implicou em mudanças no clube, tanto que em seus documentos não constam nenhuma referência a tal momento. A esta altura a única identificação com a cultura alemã ainda estava estampada nos uniformes dos sócios: os “4 efes” alemães.

---

<sup>76</sup>Muitos sócios do clube se afastaram após a Primeira Guerra e alguns deles tentaram manter suas atividades tradicionais, como o bolão, que culminou com a fundação de um clube específico para a prática, em 1919, tema do capítulo 4. Muito havia se perdido, e esta pode ter sido uma forma, ou até mesmo uma estratégia, de tentar manter os traços culturais da comunidade germânica.

### 3.5 O Clube e as Organizações Festivas

As associações de imigrantes alemães promoveram festividades em diferentes espaços, com objetivos de arrecadar fundos com as exposições de ginástica, quermesses, tómbolas, leilões, bailes, além das celebrações de datas nacionais, fossem brasileiras ou alemãs, e nas quais a participação não era exclusiva do grupo.

No clube, diversos foram os motivos para tais eventos: angariar fundos para compra de material esportivo ou institucional, como bandeira e estandarte; para comemorar a presença de ex-ginastas na cidade ou a despedida deles; para as confraternizações de final de ano, bailes de sócios, posse de diretoria, enfim, diversos os objetivos.

Como forma de organizar as festas e assim determinar algumas regras, categorias foram criadas. Desde a fundação do clube as festas recebiam adjetivos que indicam as características principais de cada uma delas, classificadas em atas como 'recreativa' (13/11/1910), 'familiar' (15/01/1911), 'íntima' (25/08/1911), 'ginástica dançante' (27/09/1927) e 'festa esportiva' (20/06/1938). Cada nome refletia, de certa maneira, o momento em que o clube vivia, a se tomar como exemplo de análise os dois últimos; mas as festas de aniversário do clube eram as mais organizadas, tendo sempre a presença de comissões e divulgação nos jornais.

Mantendo seu caráter associativo, o clube organizou os preparativos para a festa de comemoração ao seu 4º aniversário, e dentro da programação estava incluída uma corrida a pé com oferta de prêmios pela manhã, almoço ao ar livre, divertimento para as crianças à tarde, com distribuição de brinquedos, e à noite com baile no Parque Weiss. (ATA, 1913). Geralmente, as festas eram realizadas nos parques das cervejarias, nas próprias dependências do clube, principalmente após a saída da Cervejaria Stiebler, exceção o evento realizado no *Cinema Polytheama*. (O PHAROL, 1916).

Além dos divertimentos, foi identificado um piquenique familiar aberto a sociedade juiz-forana, realizado na Cervejaria Germânia como já citado no primeiro capítulo da tese. Para este dia, foram programadas diversas atividades como observa-se no convite divulgado no jornal:

A Directoria do Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra, tem o maximo prazer em convidar-vos e a exma. família, para abrilhantardes com a vossa

significativa presença, o *pic nic* que esse club fará, no dia 21 deste mez no bosque da Cervejaria Germania.

Para maior alegria reinar durante este *pic nic*, a commissao convidou uma completa banda de musica, contando com o auxilio da quantia de 1\$000 (um réis) dos socios e 2\$000 (dois réis) das pessoas estranhas ficando comtudo isentos d'esta contribuição as senhoras, meninas e meninos.

A sahida realizar-se á as 8 horas da manhã, na sede do club á rua da Gratidão, onde deverão se reunir e partirem acompanhados da banda de música.

Jogos athleticos, com prêmios e demais divertimentos próprios para crianças, etc., etc. Todos ao pic-nic! A Directoria.

N.B.- Cada concorrente deverá levar consigo a merenda, que desejar; as bebidas se acham no local do convescote, á venda. (O PHAROL, 1914, p. 2).

Outro momento festivo, mas de cunho patriótico alemão foi programado para a comemoração do 25º aniversário de governo do imperador alemão Frederico Guilherme II, que seria realizado no morro do Imperador no dia 15 de junho do mesmo ano. (ATA, 1913). Interessante que os imigrantes e teuto-brasileiros mesmo passados tantos anos longe de sua terra natal ainda rememoravam datas nacionais e exaltavam sua cultura.

Nota-se a regra que permaneceu durante algumas décadas em relação à programação das festas: a obrigatoriedade do momento ginástico, uma forma de manter o enfoque e evitar o distanciamento dos objetivos da instituição. Esta exigência além de ser diversas vezes lembrada em reuniões da diretoria ainda era reforçada em estatuto.

Para as festas, vitrine das atividades desenvolvidas pelo clube e valorizadas pela diretoria (já que o assunto é um esclarecido na primeira página do referido documento) os sócios deveriam seguir algumas normas, tendo como objetivo principal a divulgação do trabalho. Nos eventos não oficiais, como festas a pedido de associados, havia também certa preocupação por parte da diretoria com a manutenção da ordem e da disciplina:

Capítulo 1- Da Sociedade e seus fins

Art. 2º - Parágrafo 1º- A Directoria promoverá festas, afim de que se faça sentir que esta sociedade não poupa esforços em implantar e desenvolver a cultura physica, effectivando exercicios gymnasticos e athleticos.

Art. 2º - Parágrafo 2º- Outras diversões, que não a gymnastica, far-se-ao quando a Directoria as promover ou consentir que os socios as promovam, desde que haja uma parte de gymnastica.

Art. 2º - Parágrafo 3º- É permitida a realização de diversões sem pompas, uma vez por mez, a cargo da Directoria e a expensas da sociedade, dando-se a essa reunião a denominação (nesta sociedade tradicional) de 'Festa Intima', desde que as condições financeiras da sociedade o permittam. (ESTATUTO DO CLUBE, 1936, p. 3).

Foi possível identificar uma das festas íntimas, em notícia da imprensa. Observa-se, pelo trecho abaixo, a ênfase dada à ginástica na programação, que era exibida antes de qualquer outra atividade, seguida de baile e música. Além disso, o uso da palavra “forçosamente” dá um tom de valorização e “magnitude” ao evento, uma forma de convocar o leitor quase que obrigatoriamente a estar presente.

Além de um lindo e variado programma de gymnastica, parte muitissimo apreciada pelos seus freqüentadores, haverá em seguida um baile, tocando excellente orchestra. Esta festa terá forçosamente a concorrência das anteriores, pois está despertando muito interesse, e terminará deixando as mais gratas recordações a todos os presentes. ” (O PHAROL, 1924, p. 2).

Ao longo do tempo, com a ascensão de outras atividades e com o distanciamento dos objetivos preconizados desde a fundação do clube, a participação da ginástica na programação das festas foi cedendo lugar a outro tipo de agenda. Buscava-se, cada vez mais, agradar aos associados e ao mesmo tempo conseguir novos sócios, podendo-se considerar, portanto, a mudança de perfil das festas do clube uma estratégia da diretoria para preencher as lacunas tanto financeiras quanto no corpo de associados.

Com o clube na sua maioria formado por brasileiros, festas nacionais e tradicionais passaram a fazer parte do calendário, como as comemorações nacionais típicas dos meses de junho e julho. Abaixo, o registro da ornamentação da quadra esportiva do clube para uma festa junina e a presença de alguns associados.

FIGURA 37 - Festa junina-década de 1940



Fonte: Arquivo particular de Jorge Magaldi.

Percebe-se através das fontes pesquisadas que o *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fôra* procurava manter seu aspecto associativo mesmo implementando as diversas mudanças que foram necessárias com o tempo. Ofereceu aos seus associados diferentes práticas de diversão: ginástica, esgrima, boxe, pingue-pongue, basquetebol, voleibol, além das diversas festas, ajudando na construção de uma “cidade sportiva”, fazendo uso da expressão de Vitor Melo (2011).

Os imigrantes alemães, teutos-brasileiros e também brasileiros, deram um novo dinamismo e novas oportunidades de diversão à sociedade de Juiz de Fora, e com suas iniciativas desempenhou um papel no cotidiano da cidade, participando da construção de uma imagem positiva da comunidade, como expressão de desenvolvimento cultural mineiro nas décadas iniciais do século XX, reflexo também do processo de fortalecimento e diversificação socioeconômica que aqui ocorreu.

## CAPÍTULO 4 - JOGO DA BOLA OU BOLÃO ALEMÃO?

Na busca por fontes bibliográficas e documentais foram identificadas poucas pesquisas com interesse nesta atividade - o bolão ou jogo da bola. Uma das explicações para tal lacuna pode ser a percepção de que a prática buscava o simples divertimento de seus praticantes (característica esta marcante nos discursos da diretoria do *Kegel Club Juiz de Fóra*); ou, quem sabe, por ter sido visto apenas como repetição de uma vivência típica da cultura germânica, que produzia a integração social, reforçando a identidade do grupo e disseminando a língua materna, as práticas esportivas, os costumes e tradições.

Este nome “jogo da bola” também se referia a outra prática semelhante ao bolão. Segundo Melo (2016), brincadeiras e jogos com pelotas existem há séculos, mas a modalidade que havia chegado ao Rio de Janeiro veio da Península Ibérica no século XVIII e guardava semelhanças com o boliche. “Uma pelota de madeira era atirada, por uma pista de terra ou tábua, para derrubar pinos que tinham diferentes pontuações.” (MELO, 2016, p. 3)

Foi uma atividade desenvolvida em regiões por onde passaram os imigrantes alemães, e até hoje pode ser encontrada em algumas cidades do Brasil. É uma espécie primitiva de boliche que recebeu o nome de *KegeIn*, composto de uma pista de madeira, bolas de arremesso feitas de madeira ou resina, além de nove pinos de plástico ou madeira. Segundo Kilpp; Assmann; Mazo (2014), o bolão é praticado na Alemanha desde 1768.

O sul do país se destaca como o local de prática do bolão, pois conforme Kilpp; Mazo; Lyra (2010) ele é praticado desde o início da colonização, sendo sempre mencionado como esporte característico teuto-brasileiro. Ainda segundo as autoras, o jogo foi desenvolvido nas canchas construídas pelos proprietários de armazéns comerciais, que visavam o lucro com a venda de produtos para os adeptos.

A partir de 1880, foram criados os grupos de bolão, sendo o mais antigo fundado em 1883, no Rio Grande do Sul, conhecido por *Separate* filiado à Sociedade Orfeu, de São Leopoldo. (KRELING, 1984). Acompanhando o processo de mudanças e reestruturação da prática, Kreling (1984) destaca o mais antigo grupo feminino, o *Grupo de Bolão Violeta Arco Íris* da Associação Leopoldina Juvenil de Porto Alegre, fundado em 1914. Com o crescimento do jogo, os bolonistas passaram a reivindicar canchas e muitas delas foram construídas dentro de outros clubes. Conforme Kilpp;



Mazo; Lyra (2010) o único clube específico de bolão foi *Club Unicum de Bolão*, criado em 25 de dezembro de 1921 em Porto Alegre.

Para Becker (1987) esta prática foi reconhecida apenas no início do século XIX, “possuindo três divisões, de acordo com a cronologia do seu surgimento: as *Kegelbahnen* (canchas de bolão), os *Kegelgruppen* (grupos de bolão) e os *Kegelvereine* (clubes de bolão).” (p. 249). As mudanças foram influenciadas pelo contexto social e esportivo, e pelo momento histórico vivido pelos imigrantes, que ao longo do tempo, podendo se reestruturar economicamente, fizeram novos investimentos no jogo e nos espaços onde era praticado, surgindo, assim, diversos clubes, por exemplo.

Mas,

[...] a prática do bolão, apesar de ser hoje conhecida como tradicional dos grupos étnicos alemães, sempre teve [sic] associada a sua nomenclatura a [sic] palavra *club* que era característica norte americana. Apesar disto, poucos clubes dedicavam-se apenas a prática do bolão, sendo, a maioria, vinculados a uma sociedade esportiva. (KILPP; ASSMANN; MAZO, 2014, p.11).

Sobre a utilização do termo *club*, escreveu Melo (2014)

O club é uma forma de organização social relativamente recente. Embora a palavra exista desde o século XIII, é somente na Inglaterra do século XVIII que ganhou a acepção de associação de pessoas para um fim em comum. Estruturou-se como uma importante base de conformação da sociedade civil, ao redor do qual se delinearam múltiplas identidades (de categoria profissional, de classe, nacional, regional, local, entre outras). (MELO, 2014, p. 204).

Em Juiz de Fora, a presença do jogo da bola, como era reconhecido inicialmente pela sociedade e mencionado na imprensa, era marcante nos parques das cervejarias, sobretudo na José Weiss e na Dois Leões com registros de sua prática já em 1902, por exemplo, como parte da programação da festa de caridade promovida pela Sociedade Beneficente Brasileira-Allema na Cervejaria José Weiss. (O PHAROL, 1902).

Observa-se que as cervejarias citadas foram fundadas por imigrantes alemães como já descrito no capítulo 1 deste texto. Além disso, percebe-se na notícia acima a realização de um evento organizado por uma instituição de origem germânica, o que reforça a relação do jogo com este grupo étnico.

Identificado como diversão pelos ‘bolonistas’, o jogo da bola fez parte também da programação de outras festividades realizadas nas cervejarias, como

aquelas do Club dos Graphos (O PHAROL, 1905), da Sociedade Ginástica Força e Coragem (1906), da Cervejaria Dois Leões (1903), e os festejos em benefício das escolas de Santa Catharina, na Cervejaria José Weiss (1907).

Esta atividade antes praticada principalmente nos parques das cervejarias nas décadas finais do século XIX ampliou-se já no início dos novecentos para outros espaços da cidade. Pode-se inferir que a mesma tenha sido apropriada pelos frequentadores das cervejarias, crescendo, desta maneira, o gosto pela atividade. Tanto que “foram inaugurados hontem, ao meio dia, á rua Halfeld, 99 e 101, um café, atelier de modas, bilhares, jogo da bola e botequim, de propriedade dos srs. Avedonio Zaboli & Filho.” (O PHAROL, 1908, p. 2).

Diversas vezes o jogo era mencionado nos jornais como boliche, mas pelos locais onde era vivenciado e pelas pessoas envolvidas, pode se chegar à conclusão de que se tratava realmente do “bolão alemão”: “Sociedade Beneficente Brasileira-Allemã-Continuarão no próximo domingo os festejos em benefício desta sociedade, constando de tômbola, **boliche** [grifo meu] e kermesse. Avisa-se aos portadores de cartões da ultima tômbola que os premios se acham no escriptorio da fabrica de cerveja do Sr. José Weiss [...]”. (O PHAROL, 1909, p. 2)

O local em que o jogo da bola foi mais praticado e desenvolvido, adquirindo, desta maneira, novos adeptos, foi no parque da Cervejaria Dois Leões. A importância dada à atividade fica clara no planejamento da infraestrutura, onde foram construídos caramanchões, “uma casa de jogo da bola, montada com muito capricho e asseio.” (O PHAROL, 1903, p. 2)

Para um dos eventos realizados na cervejaria, além da banda de música, estava previsto o jogo da bola, sendo anunciado: “[...] os bravos *sportmen* exhibirão a sua habilidade, mostrando com quantos pinos se disputa uma partida puxada a sustancia e regada a Stiebler-Braus”. (O PHAROL, 1903, p. 2). Fica evidente aqui a busca pela diversão através desta prática, principalmente quando aliada ao consumo da cerveja. Kreling (1984) reforça o caráter “recreativo” encontrado no desenvolvimento do bolão, reafirma que o consumo da bebida era comum em muitos jogos no sul do país.

Abaixo, segue um registro fotográfico de ‘bolonistas’ e familiares, onde pode ser percebido, ao centro, um barril de cerveja, tendo ao seu redor arranjadas as

peças do jogo de bolão, como pinos e bolas, além da caneca tipicamente alemã, colocada sobre a bola e também nas mãos dos associados.

FIGURA 38 - Bolonistas e familiares - década de 1930



Fonte: Acervo particular de Climene Evangelista de Almeida.

Arides Braga (1977) apresenta um pouco do ambiente do clube:

As típicas tertúlias noturnas a que tivemos o ensejo de assistir deixaram em nosso espírito uma sensação agradabilíssima do ambiente de franca camaradagem que reinava naquela casa, onde costumam reunir-se duas vezes por semana representativas figuras do comércio e da indústria local. Ambiente de família, pode-se dizer, é o que se respira naquela casa. Entre piadas de bom gosto e pegadas engenhosas, os sócios do 'Kegel Club' passam horas ao jogo da bola, na qual há sempre um motivo qualquer para eliminar o 'splenn'. [...] Pois o 'leigo', embora desconheça a técnica do jogo da bola, é convidado a jogar após a sua apresentação e só recebe seu 'diploma' de sócio, depois que tiver feito os 9 pontos clássicos, que impreterivelmente o levam até o balcão do 'chopp'. (BRAGA, 1977, p.100-101).

Aos poucos, o jogo da bola se inseriu no ambiente de divertimento da cidade, estando presente em diversos eventos e casas comerciais. Acredita-se que o aumento da procura pela prática, principalmente nos parques das cervejarias, foi um dos motivos para que um grupo de bolonistas, constituídos por imigrantes alemães de credo protestante, fundassem um clube especializado neste tipo de lazer em outro local, ainda ligado ao grupo alemão.

Também não se descarta a hipótese da necessidade de criação de um novo ambiente “tipicamente germânico”, já que, com a Primeira Guerra Mundial, associados do *Turnerschaft Club Gymnastico* se afastaram, e anos depois, três deles fundaram o clube do jogo da bola como se verá mais adiante. Foi assim que, em 1919, surgiu o *Kegel Club Juiz de Fóra*, de características associativas, sediado nos terrenos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, tendo como um de seus objetivos principais o divertimento.

#### 4.1 O Surgimento do Kegel-Club

Não foram encontradas nas fontes selecionadas informações detalhadas sobre o processo de fundação do *Kegel Club*, uma vez que o primeiro livro de ata não foi localizado. Provavelmente, esta perda pode estar relacionada ao caos provocado pela Segunda Guerra Mundial, que afetou profundamente as atividades do clube. Assim como aconteceu com o *Turnerschaft Club Gymnastico*, as fontes do *Kegel Club* estão dispersas, principalmente entre as mãos de familiares de ex-associados e pesquisadores da imigração alemã em atividade na cidade, o que tornou o levantamento documental ainda mais difícil e lento, mas não menos estimulante.

O Kegel foi fundado em 31 de agosto de 1919 por três imigrantes alemães de credo luterano: Phelippe Kaehler, João Surerus e Oscar Surerus (ATA, 1939). Estes três “germânicos”, já haviam se estabelecido profissionalmente na cidade e participavam de outras associações, como a Sociedade Beneficente Alemã e o *Turnerschaft-Club Gymnastico*. Segundo Stehling (1979), eles receberam autorização através do Pastor Fritz Bliedner para a construção de uma pista de boliche nos terrenos do culto evangélico e a partir daí foi colocada a primeira base para a fundação do *Kegel Club Juiz de Fóra*.

Sobre os motivos que levaram a fundação do clube, pode-se até mesmo inferir na possibilidade de uma motivação causada pela perda no cotidiano dos imigrantes e descendentes de elementos característicos da sua cultura. Com o abrasileiramento do *Turnerschaft*, por exemplo, pode ter havido a necessidade de erguer uma nova instituição que desenvolvesse alguma atividade para ajudar a fortalecer a relação com a pátria-mãe. Além disso, os imigrantes e teuto-brasileiros possuíam uma formação cultural que valorizava a prática de atividades físicas.

O jogo da bola era tão marcante como elemento daquela cultura que até mesmo alguns 'bolonistas' possuíam nas suas próprias casas as canchas de bolão, como Pedro Weckmüller, sócio do clube, que em comemoração ao seu aniversário realizou em sua residência várias partidas do jogo. (DIÁRIO MERCANTIL, 1932).

Era uma maneira de aproximar e estar em constante contato com a cultura original do país, reforçando a "predisposição" do alemão às atividades de cunho associativo, assim como o desenvolvimento da "cultura *physica*", uma herança também do movimento ginástico de Janh. E como bem destaca Willems (1980), "à primeira vista parece ser na esfera recreativa da vida dos teuto-brasileiros que as influências da cultura originária persistem em maior número e com mais tenacidade." (WILLENS, 1980, p. 403).

De acordo com notícia do jornal Diário Mercantil (26/01/1939), dentre várias características do clube, ele se apresenta como uma sociedade ao mesmo tempo familiar, esportiva e recreativa. Observamos que mesmo após duas décadas, algumas características ainda se mantinham desde a fundação. Nas leituras das atas percebe-se a ênfase dada a elas, sobretudo ao divertimento com o jogo da bola e a constante presença da família nas atividades, se mantendo até mesmo durante a Segunda Guerra Mundial como um "centro de diversões esportivas e sociais". (ATA, 1946).<sup>77</sup>

A identificação como centro social é justificada pela integração existente entre os bolonistas (na sua maioria imigrantes e teuto-brasileiros), além das diversas festas realizadas internamente ou com a presença de convidados do município e de outras regiões, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, quando eram disputadas as partidas com clubes congêneres destes lugares.

Uma festa tradicional realizada anualmente era a comemoração do aniversário do clube, quando eram organizadas comissões para elaborar a programação da mesma, como foi o caso do aniversário de dezesseis anos de fundação:

O 16º aniversario do Kegel Club  
O Kegel Club de Juiz de Fôra, com séde á avenida Pedro II, commemora a 29 do corrente, o 16º aniversario de sua fundação.

---

<sup>77</sup> Estas informações foram encontradas em um relatório feito pela diretoria que esteve à frente do clube, de 1942 a 1945 (apresentado em assembleia no dia 15 de agosto de 1946), período em que o Brasil participou na guerra, quando reuniões e assembleias estavam suspensas, retornando apenas em 1946.

Para solemnizar as datas, o kegel promove varias festas, que terão inicio á 1 ½ da tarde, figurando entre as atrações um grande torneio. Recebemos gentil convite. (DIÁRIO MERCANTIL, 1935, p. 1).

A apropriação de elementos culturais brasileiros e (re)estruturação de antigos costumes e tradições germânicas acabaram por modificar aos poucos os tipos de atividades desenvolvidas e oferecidas pelo *Kegel*. Exemplificam este fato a realização de festas em homenagens a datas comemorativas da cultura alemã – como o aniversário do Imperador Guilherme II, já tradicional entre o grupo de Juiz de Fora -, e com as tradicionais festas de carnaval brasileiras, como a que aconteceu em 1941. (ATA, 1941).

Com o advento da Primeira Guerra Mundial a língua alemã foi deixando de ser falada pelos imigrantes e teuto-brasileiros. Mesmo assim, muitas pessoas ainda se comunicavam em alemão seja nas próprias comunidades, no cotidiano, ou dentro das instituições, como as religiosas e de lazer. Tanto que em 1939, ou seja, mais de vinte anos do pós-guerra, identificamos a necessidade da leitura das atas das assembleias do *Kegel Club*, tanto em português quanto em alemão.

Foi encontrada, no conteúdo do convite transcrito em nota de rodapé e ilustrado na imagem a seguir, a preocupação do grupo em atender aos associados que tinham resistência à aculturação<sup>78</sup>. Impresso<sup>79</sup> em língua alemã na década de 1920, o convite fazia uma chamada aos associados para participar de torneio em companhia de um bolonista que, no período, retornaria à sua terra natal: Alemanha.

---

<sup>78</sup>Cf. Voigt, “[...] o estudo da aculturação será, para Willems, muito importante para medir o grau de assimilação do imigrante e descendente, de modo que um dos fatores mais relevantes para o autor na análise da aculturação está na “língua realmente falada” e nas suas transformações lingüísticas, oriundas do contato entre o idioma do país de origem e o idioma do país adotivo”. (VOIGT, 2007, p.192).

<sup>79</sup> Cf. tradução do convite realizada por Elcio Cornelsen: “Kegel-KlubJuiz de Fora. VENHA participar de nosso grande evento em razão da despedida de nosso irmão de boliche e segundo presidente Johannes Krambeck, que em breve partirá rumo a nossa velha pátria. O evento contará com um belo TORNEIO DE BOLICHE, que se iniciará no domingo, 24 de abril, às 14h00.”

FIGURA 39 – Convite aos associados do Kegel-Club, década de 1920



Fonte: Acervo particular-Salcio Del Duca.

A mais antiga fotografia encontrada dos bolonistas e do divertimento, data do ano de 1927, e vem ilustrada a seguir. Nela, pode se observar muitos pinos e bolas de madeira dispostos aos pés dos participantes e onde aparecemos sócios participantes do *Kegel Club*, bem como os equipamentos utilizados no jogo e o objetivo principal do clube: o jogo da bola. Ao fundo, a primeira cancha de bolão, que foi reestruturada em 1939. (DIÁRIO MERCANTIL, 1939).

FIGURA 40 – Bolonistas e familiares em 1927



Fonte: Acervo particular – Salcio Del Duca.

Mantendo a característica presente nas outras instituições de origem germânica da cidade mineira, o clube participava de eventos em alusão a datas comemorativas daquele país, assim como daquelas surgidas já no Brasil. Uma destas datas, festejadas em comum e encontradas nas diversas colônias, era o Dia do Colono, comemorado em 25 de julho, dia da chegada dos primeiros imigrantes alemães em 1824, na Região Sul.

Como iniciativa da Federação 25 de julho, “instituição que tem por nobre finalidade intensificar as relações amistosas entre o Brasil e a Alemanha” foi organizado o seguinte programa: às 13h-desfile da Jungschar (Mocidade Teuto-brasileira) de Petrópolis e Juiz de Fora; 13h30-diversas disputas esportivas na Escola Alemã; às 14h- torneios de boliche no *Kegel Club* e às 19h- sessão comemorativa e representações teatrais. (DIÁRIO MERCANTIL, 1936, p. 1).

Interessante o fato de o *Kegel Club* e a Escola Evangélica Alemã se localizarem próximos, permitiu que o jogo da bola se inserisse nas atividades da escola. Tanto é que na programação dos festejos de Páscoa de 1935, as crianças participaram de um torneio de boliche. (DIÁRIO MERCANTIL, 1935, p.1). Tal fato demonstra a preocupação em proporcionar atividades tradicionais alemãs também aos descendentes de imigrantes, numa tentativa de manutenção de laços culturais.

Além desta instituição escolar, o *Kegel* também mantinha contato com outra sociedade de origem alemã formada por senhoras, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, com sede à rua D. Pedro II, a *Fraunverein*, hoje conhecida como Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE) - até mesmo porque se localizava nos terrenos do clube. Tal era a relação que, em uma das festas promovidas por esta sociedade religiosa, houve um torneio “de boliche entre sócios do *Kegel Club*, vencendo o sr. Carlos Stiebler, colocando-se em segundo lugar o sr. Caetano Evangelista.” (DIÁRIO MERCANTIL, 1932, p. 4)

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, a diretoria viu a necessidade de abasileiramento do nome do clube, sendo alterado para *Sociedade Esportiva Jogo da Bola*, em 1942, retornando, apenas em 1955, para seu nome original. (ATA, 1955). Como se verá mais a frente, o clube ficou fechado por alguns meses, mas por iniciativa de alguns associados que procuraram as autoridades competentes, as atividades foram autorizadas a ter seguimento.



## 4.2 Perfil Social dos Associados

A constituição do corpo de associados do *Kegel* tinha como característica a presença, em maioria, de imigrantes e teuto-brasileiros, permanecendo este quadro até mesmo após a Segunda Guerra Mundial. Fato este que não apresenta semelhanças ao ocorrido com o *Turnerschaft Club Gymnastico*, pois conforme já se demonstrou, muitas pessoas desta nacionalidade se afastaram daquela instituição principalmente em 1917, em decorrência da Primeira Guerra Mundial.

Uma relação interessante é observada quando se verifica os nomes dos fundadores do *Kegel*, que também eram sócios do *Turnerschaft*, com atuação marcante nas atividades. Entre os bolonistas e ginastas, podem ser citados os nomes de Henrique Surerus Sobrinho, Oscar Surerus, Hermann Zahn e Caetano Evangelista<sup>80</sup>.

Mas no corpo de associados foram identificados diversos nomes de origem italiana e portuguesa, o que reforça a análise de Willems (1980) segundo a qual este tipo de participação na vida recreativa de teuto-brasileiros podia ser observado em quase todas as zonas de colonização germânica. Dentre eles destacam-se Antonio Mozzato, Ferrucio Marchiori, Zeferino de Castro Andrade, Werner M. Preu, que ocupavam posições sociais destacadas, sobretudo este último, que se tornou proprietário na década de 1940 da Cervejaria Americana.

Mesmo com as atividades abertas à comunidade, poucos eram os interessados que poderiam efetivamente pertencer ao quadro de sócios do clube. Além dos impeditivos linguísticos - conforme se verificou através da leitura das atas - eram cobradas uma mensalidade e uma inscrição por jogo, o que leva a inferir que o acesso fosse realmente restrito. Pode-se dizer que o perfil dos associados do clube era o de um estrato social mais alto.

Em relação à participação feminina, apesar de ser permitida, não se conseguiu identificar através das atas os nomes das associadas, isto porque o vínculo de muitas “senhoras” e “senhoritas” com o clube era feito através de um nome

---

<sup>80</sup>Vice-campeão sul-americano e campeão brasileiro de ginástica na década de 1910, defendendo o *Turnerschaft-Club Gymnastico*. Foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento das atividades do clube, dirigindo-o de 1917 a 1961. É também um dos fundadores do Clube de Tênis D. Pedro II fundado em 1927. (LISBOA, 2010). Em 1935, Caetano Evangelista também foi um dos diretores do *Kegel Club* Juiz de Fora, tendo sido responsável pela construção das novas canchas no mesmo ano. Mesmo sendo um brasileiro se identificou com os clubes de origem germânica, tendo se destacado em cada um deles.

masculino, fosse o marido ou o pai. Poucos foram os nomes que puderam ser identificados apenas em uma tabela que registrou jogo realizado como parte da programação dos festejos do 21º aniversário do *Kegel Club*, e que teve a presença do clube de Belo Horizonte.

O formato dos jogos em ocasiões de intercâmbio aconteceu em alguns destes momentos de maneira diferenciada. Enquanto para os homens havia a formação de grupos que representavam seus clubes específicos, para as mulheres identificamos com base nos nomes de uma tabela de jogo de 1940, a disputa individualizada, ou seja, não havia, portanto a formação de equipes e nem disputas entre clubes. Percebe-se a existência de um agrupamento de mulheres, algumas delas, esposas de sócios. Em relação a Juiz de Fora, foi identificado o nome de Anneliese, esposa do pastor e bolonista Victor Schwaner, e Martha Surerus, esposa do bolonista Henrique Surerus Sobrinho.

O comportamento da mulher de origem germânica talvez tenha se defrontado com as expectativas criadas para elas no contexto da cidade mineira, herdado da cultura portuguesa, que ainda sustentava valores de submissão, estética, feminilidade e um padrão doméstico de trabalho. Enfim, o comportamento da mulher estaria atrelado a papéis específicos de mãe, esposa e filha.

Conforme Mazo; Silva; Lyra (2010), “a cultura dos imigrantes alemães não impunha muitos obstáculos às práticas corporais por mulheres, costume preservado nessa comunidade.” (p.12). Podemos aqui utilizar como exemplo a prática da ginástica desenvolvida para as mulheres dentro do *Turnerschaft Club Gymnastico* ainda em 1913, num ambiente predominantemente masculino, mas que permitiu a participação delas como sócias ativas.

#### 4.3 Características Estatutárias

A preocupação com a organização de normas e regras a serem cumpridas estiveram em pauta desde a formação da primeira diretoria do clube, em 1919, sendo estas registradas em estatuto. Não foi possível localizar este primeiro documento impresso, mas pela leitura das atas alguns aspectos foram observados:

a) Era permitida a participação de qualquer pessoa, deste que apresentada por um sócio, e aprovada pela diretoria, o que demonstra a preocupação com a posição

e origem do proponente a sócio, assim como da diretoria em conhecer as atividades que estavam acontecendo de forma geral no clube;

b) A idade mínima exigida para participação dos homens (18 anos) e mulheres, (acima de 21 anos) nos jogos, mediante pagamento de mensalidade. Vê-se que apesar da abertura para a participação feminina, a idade mínima exigida para elas era maior do que a dos homens, e não era permitido a elas, ainda, o direito de voto nas assembleias.

c) As reuniões eram realizadas uma vez por mês, tendo a convocação divulgada principalmente pelo jornal *Diário Mercantil*. Dessa forma, os associados podiam ficar cientes das atividades administrativas do clube através de um veículo de comunicação;

d) Realização anual de assembleia geral para formação de nova diretoria;

e) Deveria ser evitada qualquer manifestação de caráter político ou religioso, e ainda, relativa a questões de raça, cor ou nacionalidade;

Com a inauguração da nova sede, em 1939, novos estatutos foram impressos para os associados. Estes, sofreram poucas alterações em relação ao vigente na época, sendo impresso em alemão e português, com tradução para o alemão feita pelo pastor Victor Schwaner. (ATA, 1939).

Neste mesmo ano, foi eleita uma nova diretoria que manteve em seu quadro maior número de pessoas de origem alemã e teuto-brasileira, como pode-se observar através dos nomes de seus membros: Presidente: Henrique Surerus Sobrinho; Vice-presidente: Caetano Evangelista; Tesoureiro: Hermann Zahn; Secretário: Phelippe Kaehler; Conselheiros: Joaquim Simeão de Faria, Oscar Meurer, Albreck Zser, Pedro Weckmüller; Comissão de jogos: Oscar Surerus, Godofredo Erhardt, Zeferino de Castro Andrade; Conselho Fiscal: Ruy Magalhães, Raul W. Correa e Castro. (ATA, 1939).

Além disso, nota-se a organização de várias comissões e cargos, tendo a comissão de jogos a importante função de manter vivo o principal objetivo do clube: desenvolver e incentivar a prática do Kegel (jogo do bolão ou boliche) e ainda organizar os jogos internos, assim como os intercâmbios com outras entidades.

Novamente, na década de 1940, um novo estatuto foi entregue aos associados. Este foi organizado também com poucas alterações em relação ao

anterior - pelo que se pôde perceber com base nas comparações feitas entre os dois documentos. Neste, destacam-se algumas questões.

Capítulo I- Da constituição, sede, duração e objetivos:

Art. 2º- A sociedade, cujo prazo de duração é indeterminado, terá por fim:

[...] b) Promover reuniões e diversões de caráter esportivo, estético, social e educativo em geral.

Além do objetivo principal do clube em manter a prática do bolão, era destacado o caráter do divertimento das atividades esportivas; a preocupação com a forma como esta seria desenvolvida, assim como em garantir momentos de integração social entre associados e a sociedade de uma forma geral.

Capítulo II- Da classificação dos sócios

Art.8º - Os sócios de qualquer categoria poderão requerer direito de freqüência para esposa e filhos de ambos os sexos, menores, desde que devidamente inscritos.

§1º – Também terão direito à freqüência do clube as filhas, irmãs, cunhadas, solteiras, maiores, desde que vivam sob o mesmo teto do associado.

§2º – Os filhos masculinos dos sócios, que atingirem 18 anos, de idade, deverão, se quiserem continuar nos quadros sociais, ingressar na “Classe Masculina B”, com dispensa da joia, passando a pagar as mensalidades respectivas.

Os sócios eram organizados em quatro categorias: beneméritos, honorários, proprietários e contribuintes. A maioria estava enquadrada na categoria de sócio-contribuinte, que pagava uma joia além de uma contribuição, paga mensalmente, trimestralmente ou anualmente. Cada sócio poderia participar com toda a família ou residentes no domicílio, pagando o valor referente a uma pessoa, o que demonstra a facilidade oferecida pelo clube para a afirmação de seu perfil familiar.

Capítulo V- Das penalidades

Art.24º- Incorrerá na pena de suspensão, até um ano, o sócio que:

- a) reincidir em infração já punida com admoestação por escrito;
- b) atentar contra o conceito público do clube, por ações ou omissões;
- c) promover discordia entre os associados, atentando contra a disciplina social;
- d) fizer declarações falsas ou de má fé, em propostas de admissão de sócio;
- e) faltar ao devido respeito a qualquer membro da Diretoria, no exercício de suas funções, bem como a representantes desta ou consócios regularmente autorizados.

As questões apresentadas no artigo 24 do estatuto refletem a preocupação do clube em manter internamente a conduta moral, evitando que desvios no

comportamento social gerassem efeitos negativos, tanto entre os associados quanto na sociedade juiz-forana. Este fato é ainda mais sublinhado quando se identifica, na leitura das atas a existência também de um regulamento interno, além da comissão de sindicância, formada geralmente por três pessoas.

Sobre este regulamento, algumas regras chamaram atenção: a cobrança de taxa nos dias de jogo, para pagamento de armadores e manutenção das canchas e a permissão aos associados de levar amigos ou visitantes, desde que apresentados à diretoria. São pontos interessantes que refletem a organização do clube e sua constante preocupação com o andamento das atividades.

#### 4.4 Infraestrutura

A fundação, em 1919, nos terrenos da Igreja Luterana, do *Kegel Club*, nos permite afirmar com base em pesquisas a respeito do jogo do bolão no Brasil, de ser este clube juiz-forano um dos dez primeiros especializados no país. Conforme destaca Kreling (1994), o primeiro clube foi fundado em 1905, em Rio Prado/RS, seguido de outros: Kegel Klub Riopardinho/RS (1912); Kegel Klub Agudo/RS (1914); Kegel Klub U9/RS (1915); Kegel Klub 14 de julho/RS e Kegel Klub U53/RS (1918).

A falta de pesquisas sobre esta temática nas regiões de imigração alemã do sudeste brasileiro não permitiu realizar outras comparações, e sobra ainda, aos pesquisadores, um terreno fértil para novas descobertas. Mas esta informação sobre a fundação do clube é importante pois de acordo com historiografia, a região sul é a que mais recebeu imigrantes alemães e que em relação aos divertimentos característicos deste grupo, ela se destacou. Porém observamos que o *Kegel Club* é o primeiro clube específico da prática do bolão fundado fora desta região, sendo provavelmente o primeiro da região sudeste.

Ao longo do tempo, com o crescimento no número de associados, a diretoria resolveu realizar, em 1939, uma grande obra no clube. Para a comemoração destas mudanças estruturais foi organizada a inauguração da “nova sede” e de suas canchas. A presença de um número grande de famílias conforme a notícia abaixo nos auxilia a afirmar esta característica do clube, presente em estatuto.

As novas instalações do Kegel Club Juiz de Fora  
Foram inauguradas domingo último, com grande solemnidade e um  
excellente programma desportivo, qual terminou segunda-feira, as novas

instalações do Kegel Club Juiz de Fóra. Essa solemnidade foi abrilhantada com a presença de delegações dos Kegel Club de Bello Horizonte e de Petropolis, sendo a mesma ocasião disputada uma partida amistosa, da qual saiu vencedora a equipe local.

A inauguração da nova sede decorreu debaixo de grande entusiasmo e com o comparecimento de elevado numero de famílias e associados. (DIÁRIO MERCANTIL, 1939, p.4, grifos do jornal).

No mesmo dia, Simeão de Faria<sup>81</sup>ressaltou em seu discurso a importância do clube para a divulgação e desenvolvimento do jogo da bola na cidade, sendo identificado também o seu reconhecimento enquanto espaço destinado a atividades esportivas, assim como de divertimento. Ressalta o orador a importância do corpo de associados para a concretização dos objetivos do clube, reafirmando, desta maneira, também o *Kegel* enquanto um espaço associativo.

Isto pode ser reforçado ao se reconhecer os esforços da diretoria e associados para o evento de inauguração. Foram emitidos debêntures<sup>82</sup> aos sócios mas, aos poucos, estes realizaram doações de seus títulos ao clube de acordo com ata de reunião do clube, de 27 de maio de 1939.

[...] Mas, senhores, em Juiz de Fóra tudo progride...

E esta variedade de sports, fazendo mais prosélytos, florindo e crescendo dia a dia, logo entenderam seus associados que suas instalações já não comportavam o seu desenvolvimento.

A sede era pequena para contel-os.

Não só por isso, como também com o propósito alevantado de dotar Juiz de Fóra de mais um centro de sport e recreativo á altura de seu desenvolvimento, deliberou-se a contrucção da sede que hoje inauguramos.

Com tal propósito, nenhum dos seus associados mediu sacrifícios nem poupou esforços. (p. 4)

A fotografia a seguir ilustra o espaço destinado ao jogo da bola, onde aparecem as canchas de bolão construídas/revitalizadas pelo então diretor de jogos, Caetano Evangelista. Pode ser visualizado o sistema de retorno de bola ao fundo, com o armador de pinos, duas pistas (direita e esquerda) e o “relógio de marcação” das jogadas. A primeira cancha, construída em 1919 possuía apenas uma pista.

---

<sup>81</sup> Médico, farmacêutico, professor da Escola Normal e da Escola de Farmácia da UFJF, um dos fundadores da Casa de Saúde e Maternidade de Juiz de Fora. Atuou como vereador de 1955 a 1963. (FUNALFA, 2004).

<sup>82</sup> Título de crédito ao portador que, caracterizando uma dívida emitida por uma empresa a troca de juros, pode ser garantida pelo patrimônio daquele que o emite. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/debentures/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

FIGURA 41 - Novas canchas de bolão - 1939



Fonte: Acervo particular de Salcio Del Duca.

No dia da inauguração também estiveram presentes pessoas de notoriedade social, demonstrando assim, a imagem positiva do clube na sociedade - ao mesmo tempo, possibilitava a sua visibilidade, seja pela importância do espaço no cenário esportivo da cidade ou pelas pessoas que ali frequentavam para o divertimento. A imprensa destacou-se além destas pessoas, a presença dos associados do *Kegel*, entidades convidadas e representantes de outros clubes da cidade, (DIÁRIO MERCANTIL, 1939).

Identificou-se também a construção de um salão para recepções, pois conforme consta em relatório das atividades realizadas no período de 28/11/1942 a 31/07/1946, estavam se fazendo necessárias algumas obras e melhorias, como a colocação de vidros naquele espaço.

#### 4.5 Intercâmbios com Sociedades Congêneres

Desde a fundação do clube, além da manutenção de aspectos germânicos culturais tradicionais, outros elementos culturais e esportivos foram incorporados. De maneira geral, prevaleceu a valorização dos primeiros, a se ver pela constante prática do jogo do bolão ou pelos elementos do cotidiano do grupo, como o idioma falado, ou cânticos e hinos, conforme se observou na visita de Orpheon Portugal ao *Kegel*,

companhia do Rio de Janeiro que veio a Juiz de Fora fazer apresentações de canto, música e arte dramática. (DIÁRIO MERCANTIL, 1937).

Neste dia, durante a visita da companhia portuguesa foram executados vários “numeros pelo côro e pela orchestra, destacando-se as canções regionais brasileiras e portuguesas, ao passo que o *Kegel Club*, em honra dos visitantes, fez entoar os seus hymnos de saudação.” (DIÁRIO MERCANTIL, 1937, p. 1). Não se pode deixar passar em branco o constante contato com instituições alemãs como a Escola Alemã, a OASE, a Sociedade Beneficente Brasil-Alemanha e Sociedade Alemã de Beneficência.

Confirmando o parecer acima, reforça Stehling (1979, p. 336): “[...] varias vezes a sede foi visitada por altas personalidades estrangeiras como embaixadores, cientistas e, entre outros, o Orfeão Português de Coimbra e o Circo de Anões”.

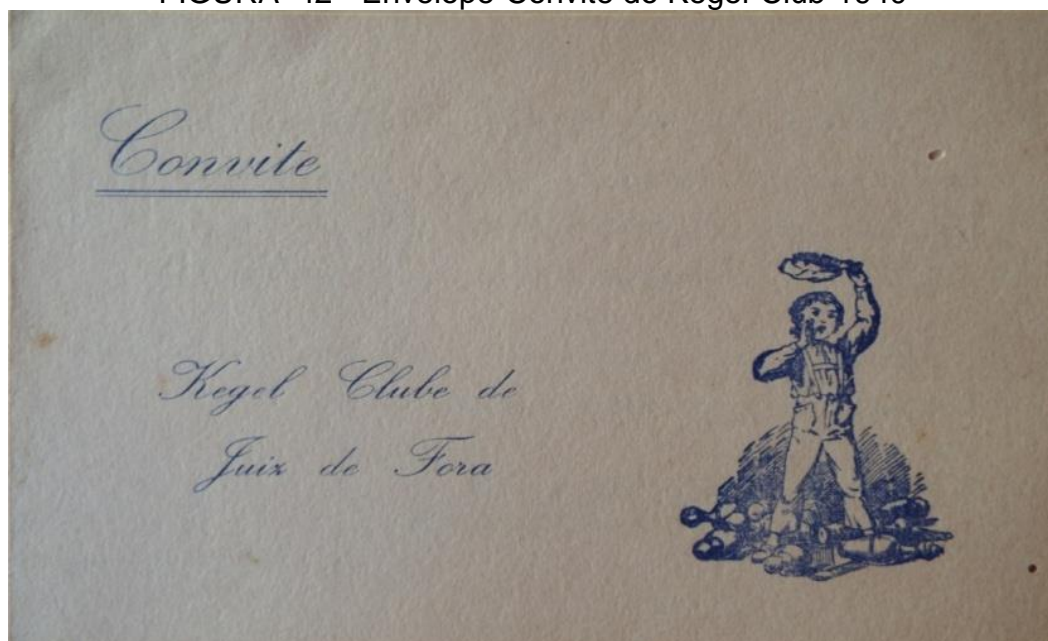
Não se localizou, ao longo da história do clube, a idealização e/ou confecção de um estandarte ou bandeira, o que endossa a característica de clube que tinha no divertimento um de seus objetivos principais. Foi encontrado apenas um distintivo que era utilizado nos uniformes do clube durante as competições, a partir de 1940. Anterior a esta data, acredita-se não ter havido qualquer iniciativa entre os associados neste sentido, ou seja, durante as competições era utilizado um uniforme distinto e adequado à prática, em geral calça, sapato e camisa. O uso da gravata completava a indumentária em alguns momentos sociais e esportivos especiais.

O distintivo do *Kegel* possuía as cores oficiais do clube: azul e branco. Como foi fundado por luteranos, acredita-se que a escolha das cores tivesse relação com o símbolo do luteranismo: uma rosa formada por cinco elementos e que possuíam estas cores.

Havia uma interação constante do *Kegel* com clubes da cidade e de outras regiões. Além disso, o clube mantinha contatos com a imprensa local, enviando convites para participar de eventos esportivos e festivos, comunicando estes eventos aos jornais. Para personalizar o convite, foi confeccionado um envelope com timbre de um menino de uniforme, com equipamentos do bolão dispostos ao seu redor, no chão, numa atitude de mensageiro, remetendo principal prática do clube.



FIGURA 42 - Envelope-Convite do Kegel-Club-1940



Fonte: Arquivo particular Salcio Del Duca.

Este tipo de movimentação social era uma prática constante entre os associados e clubes congêneres. Encontros promoviam o divertimento dos associados, sendo através das disputas de bolão, de momentos de bate-papo acompanhados da tradicional cerveja, ou nas festas realizadas como parte das atividades de encerramento da programação em determinados eventos.

A equipe juiz-forana participou de diversos campeonatos juntamente com outras sociedades e clubes, tais como: Coral Concórdia/Petrópolis; Clube Ginástico e Desportivo 1909/ RJ; Clube Teuto-Brasileiro/BH-MG; *Kegel Club* Roland; C.S.M. Barreiro e Sociedade Esportiva Friburguense. Segundo Stehling (1979), foram realizadas nas décadas de 1920 e 1930 diversas disputas entre equipes de Petrópolis, Rio de Janeiro, Friburgo e Belo Horizonte:

QUADRO 1 - Jogos disputados pelo *Kegel Club* nas décadas de 1920-1930

ANO.	LOCAL	VENCEDOR
11928	Petrópolis	Petrópolis
11929	Juiz de Fora	Juiz de Fora
11930	Petrópolis	Juiz de Fora
11931	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
11933	Petrópolis	Juiz de Fora
11934	Rio de Janeiro	Juiz de Fora
11935	Juiz de Fora	Juiz de Fora
11940	Belo Horizonte	Belo Horizonte
1940	Juiz de Fora	Juiz de Fora

Fonte: STEHLING, 1979; ATA, 1935; 1940.

Abaixo, segue imagem onde está reunido um grupo grande de pessoas, entre as quais equipes de bolonistas e famílias, frequentadoras do antigo parque Crémérie Buisonn, sediado na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Ao fundo, o detalhe de parte da infraestrutura da pista cancha do jogo da bola. Esses eventos se destacavam entre os imigrantes germânicos por se tratar de uma prática cultural comum àquele grupo e que possibilitava o divertimento aos jogadores assim como aos expectadores das partidas.

FIGURA 43 - Bolonistas e familiares em Petrópolis (RJ), década de 1930



Fonte: Acervo particular de Climene Evangelista de Almeida.

Nas atas estão informados os quadros de pontuação das duas equipes que participaram em 22/01/1939 da disputa da Taça *Albinkluge*<sup>83</sup> - Belo Horizonte e Juiz de Fora -, demonstrando assim a preocupação da diretoria do clube com o registro das atividades e com a sua divulgação para os demais associados. Cada equipe foi composta de quatorze bolonistas, que tiveram o direito a lançar a bola vinte vezes (por pessoa), sendo que dez em cada um dos dois lados da cancha. Ao final, era feito um somatório dos pinos (paus) acertados em cada lado, por participante. Finalmente era realizado outro somatório total de pontos para definir o vencedor do jogo, sendo a equipe do *Kegel*, a ganhadora da Taça, com a diferença de 423 pontos de vantagem em relação à equipe belorizontina.

A se tomar pelos nomes dos componentes das equipes de Juiz de Fora, percebe-se que o time era formado por bolonistas mais velhos, com mais experiência neste tipo de evento, como é o caso de Oscar Surerus, um dos fundadores do clube, empresário, proprietário de estabelecimentos como fábrica de carroças e carruagens, comércio de secos e molhados, entre outros, o que vem reforçar a característica elitista apresentada por alguns sócios e conseqüentemente pelo clube. Não foram encontradas anotações de disputas de grupos de bolonistas mais jovens, e, com base neste fato, acredita-se que as equipes fossem formadas por sócios mais experientes, talvez organizadores de times.

No dia 29 de março de 1940, a equipe de Juiz de Fora embarcou para a cidade de Belo Horizonte para a disputa das Taças *Albino Kluge e Ernest Von Sperling* - esta também disputada com o clube da cidade de Petrópolis, o Coral Concórdia -, com total de 33 sócios. Nas duas disputas a equipe de Belo Horizonte foi campeã. Foi dado ao evento grande destaque, tanto que houve a inauguração do *Kegelbahn* (pista de boliche) além de passeata pelos bolonistas em automóveis pelas ruas da cidade. (ATA, 1940).

Neste mesmo ano, estas duas taças foram novamente disputadas na cidade de Juiz de Fora, em comemoração ao 21º aniversário do *Kegel Club*. Foram impressos convites e encaminhados a todos os associados com a programação para os dias 7 e 8 de setembro de 1940, que contou ainda com jantar no Hotel Renascença, baile e jogo “das senhoras”.

---

<sup>83</sup>Taça em homenagem a um dos presidentes do Kegel Club, Albin Kluge que atuou na década de 1930.

#### 4.6 Questões Cívicas: nacionalização e repercussões à II Guerra Mundial

Assim como ocorreu com outras instituições no Brasil, o *Kegel Club*, no período do Estado Novo, através do projeto de nacionalização, teve que adotar as práticas “abrasileiradas”. Todas as atividades relacionadas a este grupo passaram a ser alvo de grande interesse, tanto que em Juiz de Fora, a Escola Alemã foi denunciada às autoridades fiscais e órgãos educacionais competentes por estar, segundo um denunciante, realizando propagandas nazistas.

Segundo consta no *Diário Mercantil*, este fato chegou ao diretor da Educação Municipal, Gilberto de Alencar, que vistoriou o edifício assim como os documentos da escola, não tendo na ocasião verificado nada que atestasse tal “pretensa actividade nazista”. (DIÁRIO MERCANTIL, 1939, p. 2). Ele identificou nas paredes da escola diversos quadros de Hitler, Hindenburg e do ex-kaiser Guilherme II. Em destaque, havia a bandeira alemã, com a suástica, “os emblemas do actual governo germânico.” (DIÁRIO MERCANTIL, 1939, p. 2). Foi solicitado pelo então diretor de educação do município a retirada dos quadros e da bandeira.

Trilhando os caminhos do “abrasileiramento”, no dia da inauguração da nova sede, em 1939, foram alçados retratos do Governador Benedicto Valladares e do Presidente Getúlio Vargas, sendo estes homenageados com uma salva de palmas, sendo em seguida entoado o Hino Nacional Brasileiro. Este comportamento demonstra que o clube acatou o processo de nacionalização do Estado Novo, sem resistência.

Com esta demonstração cívica de fé patriótica o Kegel Club, além de render um preito de justiça e admiração a esses dois grandes vultos, pelo muito que vêm fazendo em prol do engrandecimento de nossa cara Patria, O Kegel Club repito, também se solidariza às idêas e princípios que vêm norteando o Estado Novo.(...) Dest’arte, senhores, o Kegel Club, que é uma sociedade ao mesmo tempo familiar, esportiva e recreativa, freqüentada pelas famílias de seus associados, inaugura hoje sua nova séde e, ao fazel-o, quis dar expansão aos sentimentos patrióticos, homenageando os dois vultos que, no momento, culminam no scenario politico de nosso caro Brasil. ( DIÁRIO MERCANTIL, 1939, p.2)

Manifestações aconteceram na cidade, em 1942, com a confirmação da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, tendo as ruas, instituições e casas comerciais de imigrantes alemães, seus nomes de origem modificados para escapar das especulações da guerra, do fechamento de escolas, igrejas e clube se até de

prisões. Este cenário indicava características de intolerância e violência maiores com relação ao contexto da I Guerra Mundial.

Muitas foram as dificuldades e resistências dos alemães e teuto-brasileiros durante os momentos de guerra, resultando na perda gradual de sua identidade, visto que, a entrada do Brasil nas guerras, aliada ao processo de nacionalização, resultou na inibição das manifestações culturais e étnicas do grupo.

O *Kegel Club*, pela sua identidade étnica, assim como aconteceu com outros clubes de origem germânica, precisou se “adequar” à nova ordem de nacionalização vigente no Brasil, introduzindo mudanças em suas práticas, aparentemente, sem demonstrar qualquer resistência a este processo. Inicialmente, constata-se a primeira consequência da guerra para o clube, ou seja, a decretação de seu fechamento, em 15 de agosto de 1942, e a consequente suspensão das atividades, como consta em ata.

Como é de conhecimento de todos, por fatos de repercussão internacional, em 15 de agosto de 1942, o Snr. Presidente achou de bom alvitre suspender por prazo indeterminado o funcionamento desta Sociedade, assim julgando evitar contrariedades futuras, acautelando n/Patrimônio (SIC) e aborrecimento para cada um dos sócios.

Neste ambiente hostil de guerra, foram encontrados nomes de dois sócios do clube que foram identificados pela polícia brasileira como sendo “simpatizantes do partido nazista”: Hermann Zahn e o pastor Victor Schwaner. Este último foi acusado de enviar um jovem para a Alemanha para trabalhar na Frente de Trabalho Alemã e ainda de propaganda ideológica nazista, sendo preso de acordo com decreto-lei 383, de 1938.<sup>84</sup> Esta última acusação ocorreu principalmente devido uma fotografia que registrava o pastor realizando um culto em memória do presidente da República de Weimar, na Alemanha - Paul Von Hindenburg, morto em 2 de agosto de 1934. Na dita foto havia uma bandeira do partido nazista<sup>85</sup> - que na época se tornara a bandeira da Alemanha - no altar.

---

<sup>84</sup>Para mais informações, ver *site* BRASIL/CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

<sup>85</sup>Uma expressão associativa com objetivos políticos também foi desenvolvida pelos imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora através da organização de uma célula da N.S.D.A.P. (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), isto é, do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores, conhecido como partido nazista. Não identificamos pesquisas que pudessem nos fornecer mais informações a respeito, lacuna esta que acreditamos ser devida à falta de fontes, muitas delas “perdidas” durante a II Guerra Mundial.

Era uma comunidade que naquele momento chamava a atenção das autoridades, até mesmo porque já havia sido formado, sob a coordenação deste mesmo pastor, um grupo de jovens teuto-brasileiros chamado *Deutsch-Brasilianische Jugend* ou Juventude Teuto-Brasileira. Com uma proposta voltada para a prática e manutenção de costumes e tradições alemãs, o grupo se dedicava a diversas atividades de lazer, sendo este um de seus principais objetivos. Diversos também são os registros documentais encontrados sobre os passatempos do grupo, fosse a passeios no Morro do Cristo, na Cervejaria Americana, em sítios de familiares, como os pertencentes a Oscar Surerus e Henrique Surerus Sobrinho, além de acampamentos em Sacra, local onde o grupo se voltava para divertimentos variados, como teatro, dança, jogos, caminhadas, entre outros.

Abaixo, a foto do grupo de jovens da *Jugando*, registrada no sítio de Henrique Surerus Sobrinho, em 1936, na qual pode ser observada uma semelhança entre o uniforme vestido pelo grupo e aqueles comuns na Alemanha. Ao centro do grupo, se encontra o pastor Victor Schwaner.

FIGURA 44 – Grupo de jovens do Deutsch-Brasilianische Jugend - 1936



Fonte: Acervo particular de Salcio Del Duca.

Os associados do *Kege!* não aceitaram o fechamento do clube já que não viam o vínculo do mesmo com qualquer situação política que justificasse o cancelamento de suas atividades. Assim, três meses depois, organizaram uma

comissão para conversar com o delegado especial, Davidson Pimenta, tentando reverter tal medida. Esta comissão foi formada pelos sócios Godofredo Erhardt, Raul Correa e Castro e Ruy Vaz de Magalhães. A continuidade das atividades foi autorizada com algumas observações:

[...] foi dito não haver impedimento algum para a sua reabertura, desde, naturalmente, que se tratasse de reuniões esportivas e sociais, declarando ainda, que seria essa comissão responsável perante ele, pelo que pudesse haver no caso de se disvirtuar (SIC) o fim alegado, o que a Comissão concordou e deu a garantia de sua conduta e o empenho de sua palavra. (ATA, 1946).

Para o retorno a diretoria convidou seus associados

Para uma reunião em que seriam expostas todas as circunstâncias e ficar resolvido o que deveríamos fazer. Todos os que compareceram foram unânimes em que se reabrisse a Sociedade, tendo então, ficado deliberado a sua reabertura o que se deu em 28 de Novembro de 1942, e o seguimento de sua vida dentro do que sempre foi: centro de diversões esportivas e sociais. (ATA, 1946).

Outra consequência deste período belicoso da Segunda Guerra Mundial foi a necessidade de abasileiramento do nome e de planejamento de novo estatuto. Por ocasião, o nome *Kegel Club* teve que ser modificado para Sociedade Esportiva Jogo da Bola, pois como já se informou “os alemães eram vistos como inimigos estrangeiros” (MAGALHÃES, 1998, p.113).

A vida social continuou. Mesmo em um estado de preocupação, pois qualquer irregularidade poderia ser interpretada de maneira suspeita e, assim, ocasionar problemas de ordem política, o clube comunicava a realização de seus “tradicionais bailes de carnaval, nossos torneios e festas. Em meados de 1943, tivemos a satisfação de receber, de surpresa, uma embaixada da Sociedade Coral Concórdia, de Petropolis, em visita de cordialidade.” (ATA, 1946).

Contudo, em 1945, não aconteceram os jogos com outras sociedades, talvez pelas consequências da guerra, quando muitos clubes deviam ainda estar em processo de restabelecimento das atividades. Registra-se, apenas, a organização de um torneio, em novembro de 1946, entre a velha guarda e a nova guarda. (ATA, 1946), constituindo assim a formação de grupos de bolão, como aconteceu em clubes do sul do país. Não foi possível identificar o critério de distinção entre os dois grupos, mas

acredita-se, tendo por base os nomes dos participantes, que os primeiros bolonistas foram “enquadrados” no grupo da velha guarda com em 1939.

O retorno ao nome *Kegel Club* aconteceu somente em 1955, por iniciativa da diretoria, com aprovação em assembleia. Esta mudança é associada à possibilidade de que diversas pessoas que se dedicavam ao bolão “se verem reunidos por laços mais fortes” (ATA, 1955). A recuperação do direito à antiga denominação poderia aproximar os alemães e teuto-brasileiros desta prática comum na cultura germânica uma vez que houve afastamento de alguns associados.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese percorreu caminhos que levaram ao diálogo com as mais diversas fontes. Muitas indagações e questões foram levantadas, algumas das quais puderam ser respondidas, enquanto outras não encontraram resolução. Pelo fato do trabalho ser um dos primeiros a tratar do associativismo alemão e teuto-brasileiro em Juiz de Fora/MG, e o primeiro a analisar os divertimentos nestes espaços, foram encontradas algumas dificuldades no decorrer da pesquisa, entre elas a escassez de documentação. Entretanto, tal questão não chegou a prejudicar a análise.

Os trabalhos utilizados como referencial teórico de suporte para a compreensão do processo de imigração alemã, assim como das questões políticas, econômicas, sociais e culturais relacionadas ao grupo, fosse ainda na Alemanha ou já aqui no Brasil, circunstanciaram a investigação do diálogo com as fontes e documentos. Fizeram parte da explicação algumas referências históricas e documentais que mostraram os motivos da vinda dos imigrantes para o país, suas justificativas para tal escolha e sua organização em sociedades e instituições com uma perspectiva associativa e como forma de reforçar os laços de identidade.

Frente a todas estas questões, foi possível atingir os objetivos propostos: analisar o divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros no período compreendido entre o último quartel do século XIX e o fim da II Guerra Mundial, paralelamente à tentativa de entender como estas práticas de diversão produziram uma sociabilidade urbana, promovendo um dinamismo cultural, já que, à época, como diz Christo (1994, p.1) “como cidade do século XIX, Juiz de Fora não participa da vida colonial mineira”.

Estabelecido em dois períodos principais, 1856 e 1858, como se viu no capítulo 1, este grupo étnico contribuiu com sua força de trabalho e seu “pioneirismo” em diversas áreas (STEHLLING, 1979; GIROLLETTI, 1988; ARANTES, 2000) e para a futura conformação da cidade, que respirou ares do projeto de modernização idealizado no período republicado, quando o divertimento passa a ser identificado como símbolo da modernidade.

As mudanças na organização e estruturação de Juiz de Fora, a abertura de ruas, os projetos de modernização, os projetos de saneamento, a efetivação de códigos de posturas, o aparecimento de cafés e teatros sugerem que a

cidade passou a respirar ares modernos [...]. (CUNHA JUNIOR *et al.*, 2011, p. 15).

Neste processo, os divertimentos se tornaram parte do cenário citadino, fossem pagos ou gratuitos, localizados em diferentes locais e oferecidos por diversas instituições e estabelecimentos. Os espaços associativos de imigrantes tiveram importante papel na promoção de divertimentos, enquanto abriam a possibilidade para a manutenção e afirmação da identidade germânica e, ao mesmo tempo, representavam uma alternativa comercial, como bem destaca Nakayama (2016), já que muitas destas práticas estavam ao alcance apenas das classes mais abastadas.

Lembra-se aqui dos rótulos de bebida da Cervejaria Americana, que produziu marcas de cerveja com nomes de times de futebol, na tentativa de se aproximar do esporte que mais alcançava popularidade: o futebol. Seria talvez uma maneira de atingir, com o produto, as camadas mais populares da sociedade, que nem sempre tinham condições financeiras para frequentar o bosque, as festas e os piqueniques. Além disso, essa mesma cervejaria se utilizou do carnaval para organizar estratégias de vendas, produzindo até mesmo paródias e marchinhas com temas de sua marca.

No que diz respeito a estes espaços associativos - denominados neste estudo como indiretos-, as cervejarias oportunizaram, através dos seus parques, jardins e bosques, várias opções de divertimentos, aliados também aos interesses de comercialização do produto, já que, como foi visto, o sistema de alta fermentação exigia que a cerveja fosse consumida rapidamente, sendo as práticas de diversão a estratégia encontrada para seu pronto escoamento, fechando, assim, a relação produção-consumo-divertimento.

No capítulo 2, deu-se ênfase às cervejarias José Weiss, Dois Leões e Poço Rico, pois, neste cenário do divertimento, proporcionavam à sociedade juiz-forana as atividades de corridas de cavalo, bicicleta, tiro ao alvo, ginástica, boliche, teatro, música, dança, entre outras. Interessante que, por se localizarem em pontos diferentes e distantes do centro da cidade, elas expandiram as possibilidades de uso do espaço urbano, incentivando o aparecimento de um novo hábito de locomoção, sendo necessária até mesmo uma nova reestruturação do transporte urbano para atender o público frequentador das cervejarias.

Foi perceptível o “incômodo” sentido por parte de alguns diretores da companhia de bondes Ferro & Carril com a demanda de concretizar a extensão das linhas dos bondes visando atender o público frequentador do Parque José Weiss, ao usarem a justificativa de que teriam prioridade os reparos nas linhas centrais da cidade, onde funcionava o comércio.

Outro elemento importante em relação às práticas de diversão foi que algumas delas passaram a ser vivenciadas em clubes específicos, como se descreveu nos capítulos 3 e 4, através da fundação do *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fóra*, em 1909, e do *Kegel Club Juiz de Fora*, em 1919, ambos com a participação de imigrantes alemães e teuto-brasileiros, frequentadores dos parques das cervejarias.

Num primeiro momento, o *Turnerschaft Club Gymnastico* se constituiu como um espaço de representação da identidade cultural da comunidade germânica, através da vivência e ensinamento de diferentes atividades, com destaque para a ginástica, que acabou por se inserir no cenário de divertimentos da cidade, seja com a prática dos associados ou com as apresentações externas. Esta se destacou a nível nacional, tendo um de seus sócios auferido os títulos de campeão brasileiro e vice-campeão sul-americano na década de 1920.

Nesta perspectiva, as informações levantadas levam a afirmar que o clube contribuiu de forma significativa para a formação do gosto esportivo da sociedade local, para práticas como basquetebol, voleibol e atletismo, levando através delas o divertimento para a cidade. Foi visto que o time de basquetebol chegou até mesmo a representar Minas Gerais no Campeonato Brasileiro de 1935, sendo responsável também pela organização de competições na cidade. O técnico do time, professor Caetano Evangelista, foi quem elaborou o regulamento esportivo do esporte na Associação Mineira de Esportes, tal era o reconhecimento do clube. Sua quadra recebeu várias partidas de basquetebol e voleibol, movimentando, principalmente, os finais de semana e as noites da sociedade juiz-forana, que tinha, ali, uma oportunidade certa de divertimento, sempre divulgada na imprensa local.

No capítulo 4 foi enfocada a fundação de um dos dez primeiros clubes brasileiros especializados na prática do jogo da bola - ou bolão alemão -, iniciativa de imigrantes alemães luteranos e teutos, que se crê, com o término da Primeira Guerra Mundial, fosse uma forma de manter viva a prática tradicional trazida da Alemanha, através, mais uma vez, da cultura associativa.

Analisando seus estatutos, identificou-se ser este clube “fechado” para parte da sociedade, já que em muitos casos o uso da língua alemã funcionava como impeditivo, assim como o pagamento de mensalidades e de ingressos para as partidas de bolão. Como ocorreu em outras sociedades, as consequências da Segunda Guerra Mundial ecoaram dentro do clube, sentindo este a necessidade de realizar mudanças e se reorganizar, modificando o nome e estatuto.

Neste processo de pesquisa, identificamos novas possibilidades de estudo que não foram abordadas neste trabalho. Outros pesquisadores poderiam pensar, por exemplo, nos divertimentos vivenciados nos diferentes grupos étnicos que emigraram para Juiz de Fora como os italianos, sírios, libaneses e portugueses. Em relação aos alemães, identificar práticas em outros espaços como as escolas, as igrejas, as sociedades de socorro mútuo, as fábricas e nesta esteira a forma de divertimento dos trabalhadores imigrantes e sua inserção no ambiente citadino. Pode-se até mesmo apontar os tipos de divertimento destes grupos étnicos realizando uma análise comparativa. São questões para os novos pesquisadores.

Assim, se conclui este trabalho, reconhecendo a riqueza deste tema, com o qual foi possível perceber que os divertimentos oferecidos nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros promoveram a sociabilidade urbana local levando a diferentes pontos da cidade, práticas de diversão. Da mesma forma, através das diversas atividades oportunizadas em seus parques, impulsionaram um dinamismo cultural à cidade que já no início do século XX se destacava por sua expressividade industrial e desenvolvimento cultural.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.F.O. Os trabalhadores e suas formas de luta na Primeira República em Juiz de Fora. In: VISCARDI, C.M.R; OLIVEIRA, M.R. (Orgs.). **À margem do caminho novo**: experiências populares em Juiz de Fora. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ANDRADE, S. M. B. V. **Classe operária em Juiz de Fora**: uma história de lutas (1912-1924). Juiz de Fora: EDUFJF, 1987

ARANTES, L. A. V. Caminhos incertos, conflitos religiosos e empreendimentos: a trajetória dos alemães na cidade. In: BORGES, Célia M. (org.) **Solidariedades e Conflitos**: Histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Edufjf, 2000.

ASSMANN, A.B. **As associações de tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul**: da fundação à nacionalização. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31366/000775421.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

\_\_\_\_\_; MAZO, J. Z.; As Schützenvereine. Sociedades de Atiradores – de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n. 20, set. 2012. Disponível: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es2006.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2016.

BASTO, F. L. B. **Síntese da História da Imigração no Brasil**. Rio de Janeiro: [s.n.] 1970.

BASTOS, W. L. Do Caminho Novo dos Campos Gerais à estrada de rodagem União e Indústria e Estrada de Ferro D. Pedro II. In: **História Econômica de Juiz de Fora**. [Juiz de Fora]: IHGJF, 1987.

BATALHA, C. H. M. Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: In: BATALHA, C. H. M.; SILVA, F. T.; FORTES, A. (Orgs.) **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

BECKER, K. O esporte do bolão no RS. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RS, 4. **Anais...** São Leopoldo: Gráfica UNISINOS, 1987. p. 249 264.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAGA, A. **Futebol, futebolistas e etc.** Juiz de Fora: Esdeva Gráfica, 1977.

BRAUNER, D. **A prática do basquetebol em Porto Alegre: da emergência dos clubes à organização federativa**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Pará. Porto Alegre, 2010.

CANTARINO FILHO, M.R. A esgrima brasileira: 200 anos. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.  
Disponível: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

CASTELLANI FILHO, L. **A educação física no Brasil: a história que não se conta**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2000.

CASTRO, N. B. A contribuição dos imigrantes alemães na industrialização de Juiz de Fora. In: **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: IHGJF, 1987.

CHRISTO, M. C. V. **A europa dos pobres: Juiz de Fora na belle- époque mineira**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

\_\_\_\_\_. Trabalho, Enriquecimento e Exclusão: italianos em Juiz de Fora (1870-1940). In: BORGES, Célia Maia (Org.). **Solidariedades e conflitos: história de vida e trajetória de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2000.

CID, W. Visão da imprensa sobre o processo de desenvolvimento. In: **História Econômica de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: IHGJF, 1987.

CORBIN, A. 2001. As metamorfoses do divertimento cidadão na Itália unificada (1870-1915). In: CORBIN, A. (Org). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Ítalo Paschoal Luis: Uma vida dedicada à ginástica em Juiz de Fora. In: CUNHA JUNIOR, Carlos; MARTIN, Edna; ZACARIAS, Lidia. (Orgs.). **Educação Física: memórias e narrativas em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

\_\_\_\_\_ *et al.* Esporte e práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). In: **Histórias e Memórias do Esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

DAIUTO, M. **Voleibol**. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **Basquetebol**. São Paulo: Editora IGLU, 1991.

DIAS, C. A. G. Primórdios do *sport* em terras brasileiras: um debate em aberto? In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 1, p. 265-271, jan/mar. 2011. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/590/638>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/575>>. Acesso em: 12 fev. 2015

DIEGUES JUNIOR, M. **Imigração, urbanização, industrialização**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARCY, J. C. O tempo livre na aldeia (1830-1930). In: CORBIN, A. (Org). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001.

FAZOLATTO, D. **Juiz de Fora: imagens do passado**. Juiz de Fora: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, 2001.

FERREIRA, E.F. **A história do tiro ao alvo**. Porto Alegre: Pallotti, 1986.

FLORES, H. A. H. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FURLANETTO, P. G. **O Associativismo como Estratégia de Inserção Social: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-**

1920). 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GASPARETTO JUNIOR, A. **Direitos Sociais em Perspectiva: segurança, sociabilidade e identidade nas mutuais de imigrantes em Juiz de Fora (1872-1930)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

GAUDIN, B. O basquete no país do futebol. **Revista de Ciências Sociais**, v. 38, n. 1, 2007. Dossiê. Disponível em: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10181/1/2007\\_art\\_bcpgaudin.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10181/1/2007_art_bcpgaudin.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

GERTZ, R. Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica. **Textos de História**, v. 16, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.renegertz.com/arquivos/UnB2008.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

GIACOMINI, S. M. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIROLETTI, D. **A Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Juiz de Fora: Edufjf, 1988.

GOELLNER, S. V; MAZZO, J.M. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, V. A. (Org.). Os **sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XIX**. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/celar/?main=biblioteca&id=4>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

GOMES, T. M. **Um espelho no palco: identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

HOFMANN A.R. “Uma mente sã num corpo são”: o movimento do turnen teuto-americano. In: TESCHE, L. (Org.) **Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América**. Ijuí: Unijuí, 2011.



KILPP, C. E; MAZO, J.Z; LYRA; V.B. Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia, no Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 13, n. 1, p. 116, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/7719/6676>>. Acesso em: 7 abr. 2015.

\_\_\_\_\_; ASSMANN, A. B.; MAZO, J. Z. (2014). Turnverein Estrela: ginástica e esportes (1907-1930). **Revista Contemporânea - Dossiê História e Esporte**. v. 4, n. 4, 2014. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/8\\_turnverein\\_estrela\\_ginastica\\_e\\_esportes\\_1907-1930.pdf](http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/8_turnverein_estrela_ginastica_e_esportes_1907-1930.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

KRELING, H. M. **O Bolão: o esporte nas colônias alemãs do RS**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

KRÜGER, M. Turnen na Alemanha- Do movimento nacional de uma cultura físico motora ao moderno movimento do esporte de lazer. In: TESCHE, L. (Org.). **Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América**. Ijuí: Unijuí, 2011.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. v. 1.

LESSA, J. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Esdeva, 1985.

LEWALTER, M. **Transcrição das listas de passageiros de Hamburg/ Alemanha** (Hamburger Schiffs-um Passagierlisten). Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWVpbnxsaGVpdGVyZXJ8Z3q6N2YwNDc2OWI2MDc5MjY2NQ>>. Acesso em: 14 maio 2015.

LIMA, E.L.C; LACERDA, L.M.A. Pietro Biancovilli, o pioneiro da Litografia Comercial em Minas Gerais. **Estudos em Design**. Rio de Janeiro: v. 21, n. 2, 2013, p. 1-19. Disponível em: <file:///D:/Documentos/Downloads/132-261-1-SM.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

LISBOA, J.D.M. Cultura alemã e teuto-brasileira em terras mineiras: a história do Turnerschaft Club Gymnastico (1919-1979). **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1- 17, jul./ dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/2714/2272>>. Acesso em: 10 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

LUCENA, R.F. **O Esporte na Cidade**. Campina: Autores Associados, 2001.

MAGALHAES, M. B. **Pangermanismo e Nazismo**. Campinas: Unicamp, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARQUES, T.C.N. **A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro de 1888 ao início dos anos de 1930**. Brasília: Paco Editorial, 2014.

MELO, V. A. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, V.A (Org.) **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do império (1825-1851). In: **Projeto História**, São Paulo, n. 49, p. 197-236, abr. 2014. Disponível: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/18308>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 49-66, set./ dez. 2015. Disponível: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/1869>>. Acesso em: 15mar 2017.

\_\_\_\_\_; SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. In: **Estudos Feministas**: v. 17, n. 1, p. 296, jan./ abr. 2009.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n1/a07v17n1>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851–1857). **Tempo**, Niterói. 2015. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2015/10/victor.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Mudanças nos padrões de sociabilidade e diversão: o jogo da bola no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). **História**, São Paulo, v. 35, 2016.

\_\_\_\_\_. SCHWAN, T. P. **Bebida, comida, diversão e arte: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do século XIX (1856-1884)**. [S.l.]: [s.n.], 2016. (No prelo).

MELO, R. G; TURCO, B. Atletismo. In: DACOSTA, L. (ORG.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

MINCIOTI, A. N. **A prática do turnen na cidade de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<file:///D:/Downloads/DissertacaoFinalcomfotos.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

MORENO, A. Corpo e ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos. **Motrivivência**. Florianópolis, V. 11, n. 15, ago. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5591/5362>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. VAGO, T.M. *Nascer de novo* na cidade-jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos (1891-1930). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 67-80, set./dez. 2011.

MORORÓ, A. **O futebol em Juiz de Fora: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MULLER, T. L. **Colônia alemã, 160 anos de história**. São Leopoldo: Rotermond, 1984.

MUSSE, C.F. A trajetória do Diário Mercantil: alter ego da cidade de Juiz de Fora. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0491-1.pdf>>. Acesso: 05 abr. 2015.

NAKAYAMA, M. F. B. **Divertimentos e tempo livre: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900 – 1924)**. 2016. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NAVA, P. **Balão Cativo: memórias 2**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

\_\_\_\_\_. **Baú de Ossos: memórias 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NORBERT, E. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

OBERACKER JUNIOR, C. H. **A Contribuição Teuta à formação da Nação Brasileira**. Rio de Janeiro: Presença, 1968.

OLIVEIRA, L. E. **Os Trabalhadores e a Cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)**. Juiz de Fora: FUNALFA; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

OLIVEIRA, M. Taborda de. A educação dos sentidos na história: o tempo livre como possibilidade de formação. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, S. R. da. **Estudos do Lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

OLIVEIRA, P. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Dias Cardoso, 1966.

\_\_\_\_\_. **Crônicas**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2001.

PEREIRA, E. L.; MAZZO, J.Z.; LYRA, V. B. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. **Revista da Educação Física**. Maringá, v. 2, n. 4. p. 655-666, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/8164>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

PFISER, G. Moças e mulheres no movimento do turnem alemão-dos inícios até a República de Weimar. In: TESCHE, L. (Org.). **Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América**. Ijuí: Unijuí, 2011.

PROCOPIO FILHO, J. **Salvo erro ou omissão: gente juiz-forana**. Juiz de Fora, 1979.

QUITZAU, E.A. A ginástica alemã na cidade de são paulo: o turnerschaft von 1890 in são paulo (1890-1938). In: CONGRESO ARGENTINO Y 4 LATINOAMERICANO DE EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIAS, 9., La Plata. **Anais...** La Plata: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. A Ginástica Alemã: Aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 501-514, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/2149>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Educação do corpo e vida associativa: as sociedadesginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeirasdécadas do século XX)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://unicamp.sibi.usp.br/handle/SBUR/14181>>. Acesso em: 10 out. 2015.

RAMBO, A. O associativismo teuto-brasileiro e os primórdios do cooperativismo no Brasil. **Perspectiva Econômica**, v. 23, n. 62, jul./ dez. 1998.

RAMOS, E. **O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais comoespaços de representações das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras emSão Leopoldo 1850/1930**. Tese (Doutorado em História) – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RAMOS, J. J. **Os Exercícios Físicos na História e na Arte: do Homem Primitivo aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1982.

REISER, A. C. P. **Frederico Augusto Ritter: de cervejeiro a doceiro**. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2009. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/fredericoritter.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

RIBEIRO, J. C. C.; CAMPOS, F.K. D. História da esgrima, da criação à atualidade. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro, n. 137, p. 65-69, 2007.

ROCHE, J. **A colonização alemã e Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, M. A. A. Esporte, cidade e modernidade: Belo Horizonte. São Paulo. In: MELO, V. A. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XIX. Rio de Janeiro: Apicuri: FAPERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. O Esporte Minas Tênis Clube: um olhar sobre a trajetória de sua institucionalização. In: SOUSA, E. Salvador; VAGO, T. Mauro. (Org.) **Trilhas e Partilhas**: educação física na cultura escolar e nas práticas sócias. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

RUAS da Cidade: Juiz de Fora. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.

SANTANA, A. M. C. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões**, v. 25, 2010, p. 235-248. Disponível em: <[file:///D:/Documentos/Downloads/DialnetcolonizacaoAlemaNoBrasilUmaHistoriaDeIdentidadeAss-3638002%20\(1\).pdf](file:///D:/Documentos/Downloads/DialnetcolonizacaoAlemaNoBrasilUmaHistoriaDeIdentidadeAss-3638002%20(1).pdf)>. Acesso: 26 jan. 2015.

SANTOS, S. P. **Primórdios da Cerveja no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 2 ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SEYFERT, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ulbra, 1994.

\_\_\_\_\_. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>>. Acesso: 14 nov. 2015.

SILVA, E. A teatralidade circense no Rio de Janeiro do século XIX. In: MARZANO, A.; MELO, V. A. (Orgs.). **Vida Divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

SILVA, C. F.; CARMONA, E.K; MAZZO, J. Z. História do ciclismo em Porto Alegre: os altos e baixos de uma prática. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, p. 39-46, 2015. Disponível: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/5998>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

SILVA, H. R. K. **Sogipa**: uma trajetória de 130 anos (publicação comemorativa). Porto Alegre: Palloti, Editores Associados, 1997.

\_\_\_\_\_. Antes do futebol...a ginástica, o remo e o ciclismo. In: GOELLNER, V. S.; MÜLLEN, J. C. (Orgs.). **Memórias do Esporte e do Lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FUNDERGS, 2013.

SILVA, M. C. de P. A Educação Física escolar/saúde: o discurso médico no século XIX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 97-112, jan. 2004.

SOARES, C. L. **Raízes Europeias e Brasil**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imagens da Educação no Corpo**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SOARES, P. G. **Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG**: o discurso do jornal O Pharol (1876 - 1915). 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SOUZA, R. L. Cachaça, Vinho e Cerveja. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 33, p. 56-75, jan./ jun., 2004. Disponível em: <<file:///D:/Documentos/Downloads/2211-3690-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

STEHLLING, L. J. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora: FUNALFA edições, 1979.

TERRA, C. G. O prazer nos jardins. In: MARZANO, A.; MELO, V. A. (Orgs). **Vida divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

TESCHE, L. **O Turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul (1852-1940)**. Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. O turnen como elemento cultural no Rio Grande do Sul/Brasil- a trajetória dos esportes do imigrante alemão. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL DEPORTE, 3., 2012. **Anais...** [S.l.]: [s.n.], 2012. Disponível: <<http://www.alesde.ufpr.br/Actas%20ALESDE%202012.pdf#page=129>>. Acesso em: 09 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Turnen**: transformações de uma cultura corporal europeia na América. Ijuí: Unijuí, 2011.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAZQUEZ, P. K. **Fotógrafos alemães no Brasido século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000.

VOIGT, A. F. Emílio Willems e a invenção do teuto-brasileiroentre a aculturação e aassimilação (1940-1946). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 46, p. 189-201, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/4656/7887>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

XAVIER, J. F. S.; FREITAS, G. S; RIGO, L. C. Dos aplausos às ruínas: uma construção das memórias do turfe no hipódromo da cidade de Rio Grande/RS. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2. Jun. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/582>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

XAVIER. M. C; PINTO, J. F. Olhares sobre a Prática e o Ensino dos Esportes em Minas Gerais. In: CUNHA JUNIOR, C. F. (Org.). **Histórias e Memórias do Esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Ed. Nacional, 1980

YAZBECK, I.; GAMA, M. **O Espírito do São Roque**. Juiz de Fora: Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, 1996.



**FONTES**

## Jornais

DIÁRIO MERCANTIL. 16 nov. 1911

\_\_\_\_\_. 06/04/1920  
\_\_\_\_\_. 23/04/1929  
\_\_\_\_\_. 30/07/1929  
\_\_\_\_\_. 13/01/1930  
\_\_\_\_\_. 26/05/1930  
\_\_\_\_\_. 01/10/1930  
\_\_\_\_\_. 13/02/1931  
\_\_\_\_\_. 17/12/1931  
\_\_\_\_\_. 07/07/1932  
\_\_\_\_\_. 07/10/1932  
\_\_\_\_\_. 03/12/1932  
\_\_\_\_\_. 31/12/1932  
\_\_\_\_\_. 22/06/1933  
\_\_\_\_\_. 29/11/1933  
\_\_\_\_\_. 12/01/1934  
\_\_\_\_\_. 30/06/1934  
\_\_\_\_\_. 08/02/1935  
\_\_\_\_\_. 22/04/1935  
\_\_\_\_\_. 23/09/1935  
\_\_\_\_\_. 11/05/1936  
\_\_\_\_\_. 27/05/1936  
\_\_\_\_\_. 08/06/1936  
\_\_\_\_\_. 10/06/1936  
\_\_\_\_\_. 11/06/1936  
\_\_\_\_\_. 12/06/1936  
\_\_\_\_\_. 25/06/1936  
\_\_\_\_\_. 26/06/1936  
\_\_\_\_\_. 28/07/1936  
\_\_\_\_\_. 21/11/1936  
\_\_\_\_\_. 09/12/1936  
\_\_\_\_\_. 19/12/1936  
\_\_\_\_\_. 21/01/1937  
\_\_\_\_\_. 23/01/1937  
\_\_\_\_\_. 06/05/1937  
\_\_\_\_\_. 15/11/1937  
\_\_\_\_\_. 17/11/1937  
\_\_\_\_\_. 26/01/1939  
\_\_\_\_\_. 17/02/1939  
\_\_\_\_\_. 25/03/1939  
\_\_\_\_\_. 19/05/1961

## JORNAL DO COMMERCIO. 04 ago.1895

\_\_\_\_\_.08/01/1897  
\_\_\_\_\_.14/03/1897  
\_\_\_\_\_.20/05/1897  
\_\_\_\_\_.12/06/1897  
\_\_\_\_\_.27/06/1897  
\_\_\_\_\_.29/06/1897  
\_\_\_\_\_.06/08/1897  
\_\_\_\_\_.22/10/1897  
\_\_\_\_\_.23/10/1897  
\_\_\_\_\_.28/11/1897  
\_\_\_\_\_.11/12/1897  
\_\_\_\_\_.12/12/1897  
\_\_\_\_\_.13/12/1897  
\_\_\_\_\_.17/12/1897  
\_\_\_\_\_.09/01/1898  
\_\_\_\_\_.16/01/1898  
\_\_\_\_\_.17/01/1898  
\_\_\_\_\_.21/01/1898  
\_\_\_\_\_.27/01/1898  
\_\_\_\_\_.28/01/1898  
\_\_\_\_\_.25/04/1898  
\_\_\_\_\_.03/05/1898  
\_\_\_\_\_.14/05/1898  
\_\_\_\_\_.?/07/1898  
\_\_\_\_\_.15/03/1899  
\_\_\_\_\_.20/12/1900  
\_\_\_\_\_.03/05/1901  
\_\_\_\_\_.27/06/1901  
\_\_\_\_\_.05/08/1905  
\_\_\_\_\_.15/08/1908  
\_\_\_\_\_.11/09/1912  
\_\_\_\_\_.06/02/1927  
\_\_\_\_\_.19/07/1934

## O PHAROL. 27 fev.1876

\_\_\_\_\_.22/06/1876  
\_\_\_\_\_.16/09/1877  
\_\_\_\_\_.04/10/1877  
\_\_\_\_\_.21/03/1878  
\_\_\_\_\_.25/07/1878  
\_\_\_\_\_.08/05/1879  
\_\_\_\_\_.13/09/1879  
\_\_\_\_\_.25/05/1882  
\_\_\_\_\_.08/07/1882  
\_\_\_\_\_.27/07/1882  
\_\_\_\_\_.28/08/1882

\_\_\_\_\_.02/09/1882  
\_\_\_\_\_.31/10/1882  
\_\_\_\_\_.25/11/1882  
\_\_\_\_\_.16/12/1882  
\_\_\_\_\_.31/12/1882  
\_\_\_\_\_.15/03/1883  
\_\_\_\_\_.12/05/1883  
\_\_\_\_\_.31/05/1883  
\_\_\_\_\_.21/05/1884  
\_\_\_\_\_.25/05/1884  
\_\_\_\_\_.08/01/1885  
\_\_\_\_\_.07/04/1885  
\_\_\_\_\_.23/06/1885  
\_\_\_\_\_.31/10/1885  
\_\_\_\_\_.15/11/1885  
\_\_\_\_\_.02/12/1885  
\_\_\_\_\_.07/05/1885  
\_\_\_\_\_.27/05/1886  
\_\_\_\_\_.30/05/1886  
\_\_\_\_\_.16/02/1886  
\_\_\_\_\_.05/12/1886  
\_\_\_\_\_.08/12/1886  
\_\_\_\_\_.09/02/1887  
\_\_\_\_\_.10/02/1887  
\_\_\_\_\_.06/07/1897  
\_\_\_\_\_.12/10/1887  
\_\_\_\_\_.07/04/1888  
\_\_\_\_\_.04/05/1888  
\_\_\_\_\_.29/06/1888  
\_\_\_\_\_.22/07/1888  
\_\_\_\_\_.04/10/1888  
\_\_\_\_\_.31/07/1888  
\_\_\_\_\_.01/08/1888  
\_\_\_\_\_.17/11/1888  
\_\_\_\_\_.21/11/1888  
\_\_\_\_\_.22/11/1888  
\_\_\_\_\_.31/10/1889  
\_\_\_\_\_.26/11/1889  
\_\_\_\_\_.05/02/1890  
\_\_\_\_\_.12/02/1890  
\_\_\_\_\_.23/02/1890  
\_\_\_\_\_.07/05/1890  
\_\_\_\_\_.03/06/1890  
\_\_\_\_\_.19/07/1890  
\_\_\_\_\_.22/07/1890  
\_\_\_\_\_.05/04/1891  
\_\_\_\_\_.23/04/1891  
\_\_\_\_\_.25/07/1891  
\_\_\_\_\_.26/09/1891

\_\_\_\_\_.15/02/1892  
\_\_\_\_\_.16/05/1892  
\_\_\_\_\_.16/07/1892  
\_\_\_\_\_.09/09/1892  
\_\_\_\_\_.02/10/1892  
\_\_\_\_\_. 16/11/1892  
\_\_\_\_\_. 05/07/1894  
\_\_\_\_\_. 28/07/1894  
\_\_\_\_\_. 06/12/1894  
\_\_\_\_\_. 09/05/1895  
\_\_\_\_\_. 25/05/1895  
\_\_\_\_\_. 01/07/1895  
\_\_\_\_\_. 08/08/1895  
\_\_\_\_\_. 24/08/1895  
\_\_\_\_\_. 08/11/1895  
\_\_\_\_\_. 26/07/1897  
\_\_\_\_\_. 06/07/1897  
\_\_\_\_\_. 20/07/1897  
\_\_\_\_\_. 04/09/1897  
\_\_\_\_\_. 29/09/1897  
\_\_\_\_\_. 21/11/1897  
\_\_\_\_\_. 28/01/1900  
\_\_\_\_\_. 31/01/1900  
\_\_\_\_\_. 01/05/1900  
\_\_\_\_\_. 20/12/1900  
\_\_\_\_\_. 23/12/1900  
\_\_\_\_\_. 13/12/1901  
\_\_\_\_\_. 29/07/1902  
\_\_\_\_\_. 21/03/1903  
\_\_\_\_\_. 24/03/1903  
\_\_\_\_\_. 23/06/1903  
\_\_\_\_\_. 05/07/1903  
\_\_\_\_\_. 09/07/1903  
\_\_\_\_\_. 13/12/1903  
\_\_\_\_\_. 26/08/1904  
\_\_\_\_\_. 08/01/1905  
\_\_\_\_\_. 18/06/1905  
\_\_\_\_\_. 27/05/1906  
\_\_\_\_\_. 30/09/1906  
\_\_\_\_\_. 08/01/1909  
\_\_\_\_\_. 14/07/1912  
\_\_\_\_\_. 10/05/1914  
\_\_\_\_\_. 01/11/1904  
\_\_\_\_\_. 05/01/1904  
\_\_\_\_\_.14/04/1904  
\_\_\_\_\_. 14/04/1904  
\_\_\_\_\_. 03/12/1904  
\_\_\_\_\_. ?/05/1905  
\_\_\_\_\_. 16/05/1905

\_\_\_\_\_. 21/07/1905  
\_\_\_\_\_. 25/08/1905  
\_\_\_\_\_. 10/09/1905  
\_\_\_\_\_. 26/11/1905  
\_\_\_\_\_. 03/05/1906  
\_\_\_\_\_. 05/05/1906  
\_\_\_\_\_. 17/06/1906  
\_\_\_\_\_. ?/08/1906  
\_\_\_\_\_. 26/09/1906  
\_\_\_\_\_. 04/10/1906  
\_\_\_\_\_. 15/01/1907  
\_\_\_\_\_. 31/01/1907  
\_\_\_\_\_. ? /02/1907  
\_\_\_\_\_. 07/03/1907  
\_\_\_\_\_. 14/04/1907  
\_\_\_\_\_. 08/07/1907  
\_\_\_\_\_. 09/10/1907  
\_\_\_\_\_. 20/11/1907  
\_\_\_\_\_. 26/11/1907  
\_\_\_\_\_. 22/06/1908  
\_\_\_\_\_. 05/07/1908  
\_\_\_\_\_. 11/09/1908  
\_\_\_\_\_. 08/01/1909  
\_\_\_\_\_. 15/07/1909  
\_\_\_\_\_. 22/07/1909  
\_\_\_\_\_. 14/08/1909  
\_\_\_\_\_. 12/08/1910  
\_\_\_\_\_. 03/09/1910  
\_\_\_\_\_. 04/09/1910  
\_\_\_\_\_. 06/09/1910  
\_\_\_\_\_. 25/09/1910  
\_\_\_\_\_. 12/11/1910  
\_\_\_\_\_. 30/12/1910  
\_\_\_\_\_. 01/01/1911  
\_\_\_\_\_. 13/01/1911  
\_\_\_\_\_. 24/01/1911  
\_\_\_\_\_. 26/01/1911  
\_\_\_\_\_. 08/02/1911  
\_\_\_\_\_. 31/08/1911  
\_\_\_\_\_. 11/09/1911  
\_\_\_\_\_. 12/09/1911  
\_\_\_\_\_. 14/09/1911  
\_\_\_\_\_. 17/10/1911  
\_\_\_\_\_. 05/11/1911  
\_\_\_\_\_. 03/03/1912  
\_\_\_\_\_. 30/04/1912  
\_\_\_\_\_. 16/10/1912  
\_\_\_\_\_. 25/07/1913  
\_\_\_\_\_. 30/09/1913

\_\_\_\_\_ .04/12/1913  
 \_\_\_\_\_ .11/12/1913  
 \_\_\_\_\_ .19/04/1914  
 \_\_\_\_\_ .20/06/1914  
 \_\_\_\_\_ .08/08/1914  
 \_\_\_\_\_ .29/11/1914  
 \_\_\_\_\_ .23/03/1915  
 \_\_\_\_\_ . 03/06/1915  
 \_\_\_\_\_ . 16/11/1915  
 \_\_\_\_\_ . 21/12/1915  
 \_\_\_\_\_ . 22/10/1916  
 \_\_\_\_\_ .22/04/1917  
 \_\_\_\_\_ .03/09/1917  
 \_\_\_\_\_ . 03/09/1918  
 \_\_\_\_\_ . 11/10/1918  
 \_\_\_\_\_ . 05/12/1918  
 \_\_\_\_\_ . 20/04/1919  
 \_\_\_\_\_ . 03/06/1919  
 \_\_\_\_\_ . 30/09/1919  
 \_\_\_\_\_ . 10/05/1922  
 \_\_\_\_\_ . 01/10/1922  
 \_\_\_\_\_ . 16/05/1923  
 \_\_\_\_\_ . 31/05/1923  
 \_\_\_\_\_ . 08/05/1924  
 \_\_\_\_\_ . 26/08/1924  
 \_\_\_\_\_ . 04/09/1924

#### Jornais Diversos

CORREIO DE MINAS. 06 nov. 1898

\_\_\_\_\_ .13/10/1920

\_\_\_\_\_ .12/07/1934

GAZETA DE NOTÍCIAS. 1935.

JORNAL ESPORTIVO.11 maio 1930

O DIA.29 jan. 1918

#### Revistas

ARQUIVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

FON-FON, 30 maio 1914.

\_\_\_\_\_ . 17 dez. 1915

REVISTA DA SEMANA, 25 maio1912

\_\_\_\_\_. 24 out. 1914

REVISTA SEMANA SPORTIVA. Jan. 1900.

REVISTA REVOLVER CLUB, 19 dez. 1915.

#### Documentos

TURNERSCHAFT- Club Gymnastico Juiz de Fóra (**Ata**).05 ago. 1910.

\_\_\_\_\_. 05/08/1910

\_\_\_\_\_. 13/11/1910

\_\_\_\_\_. 15/01/1911

\_\_\_\_\_. 25/08/1911

\_\_\_\_\_. 28/01/1912

\_\_\_\_\_. 11/02/1912

\_\_\_\_\_. 07/06/1912

\_\_\_\_\_. 11/06/1912

\_\_\_\_\_. 22/06/1912

\_\_\_\_\_. 02/03/1913

\_\_\_\_\_. 06/04/1913

\_\_\_\_\_. 08/06/1913

\_\_\_\_\_. 26/12/1913

\_\_\_\_\_. 22/01/1914

\_\_\_\_\_. 08/07/1914

\_\_\_\_\_. 03/05/1915

\_\_\_\_\_. 04/08/1915

\_\_\_\_\_. 07/10/1915

\_\_\_\_\_. 20/02/1916

\_\_\_\_\_. 02/03/1916

\_\_\_\_\_. 04/05/1916

\_\_\_\_\_. 18/04/1917

\_\_\_\_\_. 05/11/1917

\_\_\_\_\_. 03/02/1918

\_\_\_\_\_. 14/03/1919

\_\_\_\_\_. 19/05/1919

\_\_\_\_\_. 28/05/1919

\_\_\_\_\_.05/07/1920

\_\_\_\_\_.10/08/1920

\_\_\_\_\_.30/10/1920

\_\_\_\_\_.29/03/1921

\_\_\_\_\_.29/04/1921

\_\_\_\_\_.20/03/1922

\_\_\_\_\_.22/04/1922

\_\_\_\_\_.04/10/1922

\_\_\_\_\_.31/12/1922

\_\_\_\_\_.20/03/1924

\_\_\_\_\_.29/03/1924

\_\_\_\_\_.14/08/1924  
 \_\_\_\_\_.14/08/1924  
 \_\_\_\_\_.13/01/1925  
 \_\_\_\_\_.12/03/1925  
 \_\_\_\_\_.06/10/1925  
 \_\_\_\_\_.20/05/1927  
 \_\_\_\_\_.27/09/1927  
 \_\_\_\_\_.22/04/1930  
 \_\_\_\_\_.26/04/1932  
 \_\_\_\_\_.28/02/1936  
 \_\_\_\_\_.20/06/1938  
 \_\_\_\_\_.19/07/1940  
 \_\_\_\_\_.28/04/1942

KEGEL CLUB JUIZ DE FÓRA (**Ata**). 27 março 1939

\_\_\_\_\_. 27/05/1939  
 \_\_\_\_\_. 28/08/1939  
 \_\_\_\_\_. 22/10/1939  
 \_\_\_\_\_. 28/05/1940  
 \_\_\_\_\_. 28/01/1941  
 \_\_\_\_\_. 15/08/1946  
 \_\_\_\_\_. 03/12/1946  
 \_\_\_\_\_. 04/12/1955

ARQUIVO CENTRAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA/Comissão de Arquivos Permanentes. Setor de Memória Social.

\_\_\_\_\_. **Inventário**. Processo 2, caixa 138, id-716, 1878.  
 \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Processo 37, caixa 13, ID-1806; 1903.  
 \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Processo 13, id: 2659, caixa 92, 1918.

ALMANAK DE JUIZ DE FORA. 1891.

\_\_\_\_\_. 1897.  
 \_\_\_\_\_. 1898.

ARQUIVO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA.1892

\_\_\_\_\_.1895  
 \_\_\_\_\_.1898/1900

LIVRO DE REGISTRO DE CASAMENTO DO CURATO DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, 1858-1881.

Fontes Primárias

\*Arquivo particular de Clímene Evangelista de Almeida



CAETANO Evangelista nas barras paralelas simétricas - década de 1920.

QUATRO efes alemães

ATLETAS de basquetebol e professor Caetano Evangelista (de pé à direita) -1929

ALUNOS da turma de basquetebol infantil- década de 1930

SALTO com vara realizado por Caetano Evangelista- década de 1910

LANÇAMENTO de dardo por Caetano Evangelista-década de 1910

BOLONISTAS e familiares-década de 1930

BOLONISTAS e familiares em competição na cidade de Petrópolis/RJ- década de 1930.

\*Arquivo pessoal de Jakeline Lisboa

CARLOS Stiebler à esquerda de chapéu e amigos-década de 1900

VENCEDORES do torneio anual de tiro aos pombos de 1912

ATIRADORES do Club de Tiro Juiz de Fora.1923

SALA de ginástica da Escola D. Maria do Carmo

DIRETORIA e sócios do Turnerschaft Club Gymnastico . 1914

PRIMEIRA turma feminina do *Turnerschaft-Club Gymnastico*.1913

LIVRO comemorativo do aniversario do Clube Ginástico.1916.

\*Arquivo particular de Jorge Magaldi

FESTA junina-década de 1940

\*Arquivo particular de José Maria Tomaz Surerus

ALUNOS do clube realizando exercícios com bastões- década de 1910

\*Arquivo particular de Nelson Weiss

DIVERTIMENTO na Cervejaria José Weiss- década de 1910

\*Arquivo particular de Salcio Del Duca

JORNAL em alemão produzido em Juiz de Fora.1913

VISITA do Presidente de Estado ao Bosque

PROPRIETÁRIOS da Cervejaria Poço Rico-década de 1900

ENTRADA do Clube Ginástico de Juiz de Fora- década de 1920

CONVITE aos associados do Kegel-década de 1920

BOLONISTAS e familiares em 1927

NOVAS canchas de bolão-1939

ENVELOPE. Convite emitido pelo Kegel Club.1940

GRUPO de jovens da *Deutsch-Brasilianische Jugend*.1936